

EXPERIÊNCIAS DE EXTENSÃO NA PANDEMIA

Organizadores(as):

Maria do Socorro Barbosa e Silva

Dauci Pinheiro Rodrigues

Rochane Villarim de Almeida

Ivonildes da Silva Fonseca

Rostand de Albuquerque Mélo

Kalina Naro Guimarães

Antonio Augusto Pereira de Sousa

Ana Isabella Arruda Meira Ribeiro

Paulo Eduardo e Silva Barbosa

Sibele Thaise Viana Guimarães



Maria do Socorro Barbosa e Silva	Dauci Pinheiro Rodrigues
Rochane Villarim de Almeida	Ivonildes da Silva Fonseca
Rostand de Albuquerque Mélo	Kalina Naro Guimarães
Antonio Augusto Pereira de Sousa	Ana Isabella Arruda Meira Ribeiro
Paulo Eduardo e Silva Barbosa	Sibele Thaise Viana Guimaraes

Organizadores(as)

EXPERIÊNCIAS DE EXTENSÃO NA PANDEMIA



Campina Grande-PB | 2023



Universidade Estadual da Paraíba

Prof^a. Célia Regina Diniz | *Reitora*

Prof^a. Ivonildes da Silva Fonseca | *Vice-Reitora*



Editora da Universidade Estadual da Paraíba

Cidoval Morais de Sousa | *Diretor*

Conselho Editorial

Alessandra Ximenes da Silva (UEPB)

Alberto Soares de Melo (UEPB)

Antonio Roberto Faustino da Costa (UEPB)

José Etham de Lucena Barbosa (UEPB)

José Luciano Albino Barbosa (UEPB)

Melânia Nóbrega Pereira de Farias (UEPB)

Patrícia Cristina de Aragão (UEPB)



Editora indexada no SciELO desde 2012



Associação Brasileira
das Editoras Universitárias

Editora filiada a ABEU

EDITORA DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA

Rua Baraúnas, 351 - Bairro Universitário - Campina Grande-PB - CEP 58429-500
Fone: (83) 3315-3381 - <http://eduepb.uepb.edu.br> - email: eduepb@uepb.edu.br



Editora da Universidade Estadual da Paraíba

Cidoval Morais de Sousa (*Diretor*)

Expediente EDUEPB

Design Gráfico e Editoração

Erick Ferreira Cabral

Jefferson Ricardo Lima A. Nunes

Leonardo Ramos Araujo

Revisão Linguística e Normalização

Antonio de Brito Freire

Elizete Amaral de Medeiros

Assessoria Técnica

Carlos Alberto de Araujo Nacre

Thaise Cabral Arruda

Walter Vasconcelos

Divulgação

Danielle Correia Gomes

Comunicação

Efigênio Moura

Depósito legal na Câmara Brasileira do Livro - CDL

E96 Experiências de extensão na pandemia / organização, Maria do Socorro Barbosa e Silva et al. – Campina Grande : EDUEPB, 2023.
290 p. : il. ; 15 x 21 cm ; 8,0 MB.

ISBN: 978-85-7879-859-8 (E-book)

ISBN: 978-85-7879-858-1 (Impresso)

1. Covid-19. 2. Síndrome respiratória aguda. 3. Intervenção social – pandemia. I. Título.

21. ed. CDD 616.2

Ficha catalográfica elaborada por Ana Patrícia Silva Moura – CRB-15/945

Copyright © EDUEPB

A reprodução não-autorizada desta publicação, por qualquer meio, seja total ou parcial, constitui violação da Lei nº 9.610/98.

CONSELHO EDITORIAL DE EXTENSÃO

Maria do Socorro Barbosa e Silva

Dauci Pinheiro Rodrigues

Rochane Villarim de Almeida

Ivonildes da Silva Fonseca

Rostand de Albuquerque Mélo

Kalina Naro Guimarães

Antonio Augusto Pereira de Sousa

Ana Isabella Arruda Meira Ribeiro

Paulo Eduardo e Silva Barbosa

Sibele Thaise Viana Guimaraes

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	11
---------------------------	-----------

CULTURA EM REDE E DEMOCRATIZAÇÃO MUDIÁTICA: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA DO PROJETO CAMPINA CULTURAL	19
---	-----------

Deivide Eduardo de Souza Gomes
Bruna da Silva Araújo
Emanuelly Lucena Batista
Wanderson Gomes de Oliveira
Ada Kesea Guedes Bezerra

ANTI-HORÁRIO E ESTUDANTES DE ESCOLAS PÚBLICAS DESENVOLVEM NARRATIVAS POSITIVAS EM CONTRAPONTO AO NOTICIÁRIO SOBRE COVID-19	37
---	-----------

Antonio Simões Menezes

SOCIALIZANDO EM REDE: ADAPTAÇÃO E SUPERAÇÃO ACADÊMICAS EM MEIO À CRISE SANITÁRIA DO SÉCULO XXI	53
---	-----------

Manuela Eugênio Maia
Liliane Braga Rolim Holanda de Souza
Danielle Harlene da Silva Moreno
Jacqueline Echeverría Barrancos
José Wilker de Lima Silva
Milena Borges Simões de Araújo
Palloma Raphaely Carvalho Alves

COMUNICAÇÃO E INTERPROFISSIONALIDADE NA PANDEMIA: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA SOBRE O PROJETO ATIVA IDADE	77
---	-----------

Jarda Eduarda Mendes Jerônimo
Josineide da Silva Barbosa
Williane Vitória Santos de Lima
Vânia Maria Oliveira de Farias
Renata Cardoso Rocha Madruga

**PROJETO DE EXTENSÃO MAIS ACESSIBILIDADE:
UM RELATO DA EXPERIÊNCIA EM TEMPOS
DE PANDEMIA EM 2021 91**

Débora Regina Fernandes Benício
Géssica Quênia de Oliveira Alves
Janielly Petrúcia Matias de Lima

**EM MEIO À COVID-19, CONSTRUINDO POSSIBILIDADES:
EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA SOB O CHÃO DA CIDADE 105**

Maria Jackeline Feitosa Carvalho

**QUANDO A ESCUTA CHEGA: DIÁLOGO,
SUBJETIVIDADE E CONSCIENTIZAÇÃO NA PANDEMIA 121**

Rita de Cássia da Rocha Cavalcante
João Faustino dos Santos

**EDUCAÇÃO E CIDADANIA: OS DIREITOS HUMANOS
E O ECA NO CURRÍCULO ESCOLAR 141**

Lenilda Cordeiro de Macêdo
Adna Berardo da Costa
Marizete Araújo dos Santos
Maria Franciele Mouzinho Martins
Maria Lívia Gomes de Almeida

**ESCRITA CRIATIVA E PRODUÇÃO DE SABERES
DE ESCRITORES(AS) PARAIBANOS(AS):
UM RELATO DE EXPERIÊNCIA DO CÂMPUS III 159**

Verônica Pessoa da Silva
João Matias de Oliveira Neto
Mirella Karla Bezerra Crispim de Souza

**TELEATENDIMENTO NA CEFALEIA TENSIONAL E ALGIAS
NA COLUNA DURANTE O PERÍODO PANDÊMICO 169**

Taís Santos Vieira
Elivelton Duarte dos Santos
Wilza Aparecida Brito de Oliveira
Kelly Soares Farias
Maria do Socorro Barbosa e Silva

**RELATO DE EXPERIÊNCIA PROJETO ATIVA IDADE:
INTERDISCIPLINARIDADE EM TEMPOS DE PANDEMIA..... 185**

Lívia Maria Almeida de Araújo
Ricarly Almeida de Farias
Vânia Maria Oliveira de Farias
Renata Cardoso Rocha Madruga
Claudia Holanda Moreira

**CONECTIV-IDADES 60+: PROMOVENDO SAÚDE MENTAL
E INCLUSÃO DIGITAL DE PESSOAS IDOSAS..... 197**

Josevânia da Silva
Elayne Cristina de Sousa Chagas
Amanda Kilse Macedo da Silva
Marcela Tavares Silva Ribeiro
Anadja Michelly dos Santos Souza
Maria Clara da Silva Nascimento
Inaiê Caldas Lins Volta

**GERONTOTECNOLOGIA: INTERVENÇÕES
EM PSICOEDUCAÇÃO..... 217**

Maria Gabriela Pereira da Silva
Victória Maria de Freitas Nunes
Mirella Raquel Alves de Araújo Rodrigues
Virgínia Maria Bezerra Silva
Maria do Carmo Eulálio

**ESTRATÉGIAS DE MARKETING DIGITAL
PARA ALAVANCAGEM DE NEGÓCIOS..... 237**

Sandra Maria Araújo de Souza
Ana Beatriz Silva de Farias
Bruna Rodrigues Monteiro
Elissandra Gonçalves dos Santos
Emerson Gonzaga da Silva
Maria Eduarda Ferreira de Farias

**APRENDER A EMPREENDER: DESAFIOS
E CONQUISTAS NO PERÍODO DA PANDEMIA..... 251**

Jacqueline Echeverría Barrancos

Manuela Eugênio Maia

Viviane Barreto Motta Nogueira

Keila Silva de Macedo

Kethlyn Queiroz Lourenço

Natasha Rosana Silva Santos

Wanderley Junior da Silva

**PLANO DE CLASSIFICAÇÃO DO ARQUIVO DA EECI COMPOSITOR
LUIZ RAMALHO-JOÃO PESSOA/PB..... 271**

Viviane Barreto Motta Nogueira

Aline Cristina da Silva

APRESENTAÇÃO

“Ir além dos muros da universidade”. Está é, provavelmente, a primeira definição que virá à sua mente quando nos propomos a falar sobre extensão. A expressão, usada de modo recorrente, revela o caráter dialógico e comprometido da extensão universitária. Mas como cumprir o objetivo de intervir positivamente nas comunidades em um contexto de isolamento social? Este foi o desafio imposto pela Covid-19 às universidades públicas do Brasil a partir de março de 2020.

Durante a pandemia, a metáfora do “muro” foi resignificada. Não se tratava apenas da ideia de romper as barreiras entre academia e comunidade. Ou a provocação necessária para estimular o compartilhamento de todo o saber produzido nos laboratórios e salas de aula, traduzindo-o de modo sensível para que seja efetivamente apropriado nas demandas da vida cotidiana. O “muro” deixou de ser um obstáculo apenas institucional, pois vivíamos uma experiência de isolamento extremo, onde o recolhimento individual se tornou um ato coletivo de preservação da vida.

Como manter aberto o canal de diálogo com a comunidade quando as universidades estavam vazias? Como seria possível estar próximo dos atores sociais no momento em que a relação entre professores e estudantes estava sendo mantida através das telas de computadores e celulares? Como traduzir corretamente os conceitos da produção acadêmica se ainda tentávamos dominar a linguagem das tecnologias de informação usadas no trabalho remoto?

Apesar dos obstáculos, a extensão não parou. Estratégias inovadoras foram sendo construídas criativamente, estabelecendo novas pontes e *links* com a comunidade. As barreiras de acesso aos dispositivos e até mesmo a conexão de boa qualidade não impediram que projetos e programas de extensão continuassem presentes na vida das comunidades atendidas. O que nos paralisou em um primeiro momento acabou nos “empurrando” para mudanças. A extensão, mais uma vez, exerceu o papel de resistência.

Apresentamos neste e-book “Experiências de Extensão na Pandemia” casos exitosos de ações extensionistas desenvolvidas durante a pandemia no contexto da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). A obra reúne 16 relatos de experiência relacionados a projetos e programas, abrangendo seis áreas temáticas: comunicação, direitos humanos, educação, saúde, tecnologia e trabalho.

Comunicação é o eixo temático de 4 relatos de experiência. A professora Ada Kesea Guedes Bezerra e os discentes Bruna da Silva Araújo, Deivide Eduardo de Souza Gomes, Emanuely Lucena Batista e Wanderson Gomes de Oliveira apresentam a experiência do projeto “Campina Cultural: A Cultura Como Inclusão Social na Região Imediata de Campina Grande”. A iniciática foi criada em 2020 com o objetivo de utilizar as mídias digitais para conferir visibilidade pública aos artistas e produtores culturais, atendendo um dos setores mais afetados pela pandemia. A criação de um site de jornalismo cultural e o uso da rede social *Instagram* estão entre as estratégias do projeto, além da realização de oficinas, palestras e encontros por meio do uso das plataformas digitais.

Outra iniciativa oriunda do curso de Jornalismo da UEPB é o projeto Anti-horário, coordenado pelo professor Antônio Simões Menezes. A proposta surgiu em 2018 com o objetivo de produzir conteúdo jornalístico pautado por histórias positivas, colocando em prática o conceito de “jornalismo de soluções”. A temática era abordada também em oficinas de escolas públicas. Com a pandemia, o projeto foi adaptado ao contexto das atividades remotas, realizando *lives* no *Instagram* e oficinas usando a plataforma *Google Meet*, além da construção de parcerias com o Instituto Federal de

Educação (IFPB) e a Feira Literária de Campina Grande (FLIC). O “Anti-horário” apresentou um contraponto ao noticiário negativo da Covid-19, com informações úteis e promovendo esperança.

O curso de Arquivologia do Campus V da UEPB também está presente entre os relatos da área de comunicação, com o artigo “Socializando em rede: adaptação e superação acadêmicas em meio à crise sanitária do século XXI”. O texto é de autoria das professoras Manuela Eugênio Maia (coordenadora do projeto) e Jacqueline Echeverría Barrancos, do professor José Wilker de Lima Silva, das bibliotecárias Danielle Harlene da Silva Moreno, Liliane Braga Rolim Holanda de Souza, Milena Borges Simões de Araújo e da bolsista Palloma Raphaely Carvalho Alves. No relato os autores apresentam uma avaliação quanti-qualitativa sobre duas palestras promovidas em formato on-line na pandemia, promovendo a divulgação do conhecimento científico.

Promovendo um diálogo entre comunicação e saúde, o projeto “Ativa Idade” apresenta os resultados do atendimento aos idosos da Unidade Básica de Saúde (UBS) do bairro Cinza, em Campina Grande. O projeto contribuiu no combate à desinformação sobre a Covid-19, promovendo a orientação correta para um dos principais grupos de risco. As informações foram difundidas por canais como *WhatsApp*, *Instagram* e com a produção de um *podcast*. O relato de experiência é de autoria da professora de Odontologia Renata Cardoso Rocha Madruga, das estudantes de enfermagem Jarda Eduarda Mendes Jerônimo e Williane Vitória Santos de Lima, da estudante de jornalismo Josineide da Silva Barbosa e da assistente social Vânia Maria Oliveira de Farias.

Na área de direitos humanos, o projeto “Mais acessibilidade” apresenta o relato das atividades desenvolvidas em 2021, ainda no contexto das atividades remotas. Vinculado ao curso de Pedagogia, o projeto promove a inclusão social de pessoas de deficiência ou mobilidade reduzida. A formação da equipe extensionista foi realizada por meio de plataformas virtuais, também utilizadas para a produção de conteúdo educativo, a exemplo da cartilha “Acessibilidade: uma questão de cidadania”, além de *podcasts* para

divulgação via *WhatsApp*, vídeos e palestras. O texto é de autoria da professora Débora Regina Fernandes Benício, coordenadora do projeto, e das ex-bolsistas Gêssica Quênia de Oliveira Alves e Janielly Petrucia Matias de Lima.

Outra ação vinculada à área de direitos humanos foi discutida no texto “Em meio à covid-19, construindo possibilidades: extensão universitária sob o chão da cidade”, de autoria da Maria Jackeline Feitosa Carvalho, do Departamento de Ciências Sociais. Com o objetivo de democratizar o debate e as decisões sobre a implementação das Zonas Especiais de Interesse Social (ZEIS) em Campina Grande, o projeto “Formas e expressão da participação popular nas ZEIS em Campina Grande” realizou oficinas, rodas de diálogo e debates abertos à sociedade civil organizada. Entre os resultados da ação extensionista está a produção do documentário “Sob o chão de cidade – espaço de vidas e memórias” e a elaboração da cartilha ZEIS.

Outros três relatos tratam de ações na área de educação. É o caso no relato “Quando a escuta chega: diálogo, subjetividade e conscientização na pandemia”, sobre as ações do projeto “Pra te escutar”, desenvolvido no Centro da Humanidades (CH) da UEPB em Guarabira. A professora Rita de Cássia da Rocha Cavalcante e o estudante João Faustino dos Santos apresentam as ações do projeto, que ofereceu o serviço de escuta on-line por meio do *Google Meet*, promoveu oficinas por meio da plataforma *Even* e realizou uma campanha de conscientização nas redes sociais. Além da comunidade do CH, foram atendidas pessoas da comunidade do entorno e de outros *campi*, com atendimentos até em outros estados como Pernambuco, Bahia e Goiás.

O artigo “Educação e cidadania: os direitos humanos e o ECA no currículo escolar” destacou a realização de um ciclo de debates com professores e docentes em formação sobre a obrigatoriedade da inclusão do estudo do Estatuto da Criança e do Adolescente no currículo escolar. A ação foi coordenada pela professora Lenilda Cordeiro de Macêdo, que assina o texto juntamente com as estudantes de Pedagogia Adna Berardo da Costa, Marizete Araújo dos

Santos, Maria Franciele Mouzinho Martins e Maria Livia Gomes de Almeida. Adaptado ao contexto pandêmico, o projeto promoveu oito encontros virtuais e síncronos, com periodicidade quinzenal, atendendo a um total de 55 pessoas dos estados da Paraíba e Pernambuco.

O terceiro relato da área de educação aborda a experiência de mais um projeto desenvolvido no campus III, em Guarabira. Trata-se do projeto “Aprofundando a escrita criativa e produção de saberes”, coordenado pela docente Verônica Pessoa da Silva, autora do texto ao lado da bolsista Mirella Karla Bezerra Crispim de Souza e o estudante João Matias de Oliveira Neto. Foram realizados 13 encontros virtuais com os participantes do projeto, contando ainda com a presença de escritores e escritoras da Paraíba, incluindo autores vinculados ao movimento negro, movimentos de mulheres e da comunidade LGBTQIAP+, considerando assim o lugar de produção do texto literário enquanto espaço político.

A saúde também foi tema de três textos do e-book. O relato “Teleatendimento na cefaleia tensional e algias na coluna durante o período pandêmico” apresenta o processo de adaptação da Oficina de Massagem da UEPB para realizar o monitoramento virtual dos pacientes com atendimentos semanais, via *WhatsApp* e *Google Meet*. O acompanhamento promoveu o autocuidado e estimulou a atividade física, resultando na redução do estresse e melhor qualidade de sono. O projeto é coordenado pela professora Maria do Socorro Barbosa e Silva, autora do texto em parceria com a professora Kelly Soares e os estudantes Tais Santos Vieira, Elivelton Duarte dos Santos e Wilza Aparecida Brito de Oliveira.

O projeto “Ativa Idade” foi destaque em mais um relato de experiência, desta vez com foco no caráter interdisciplinar da iniciativa que agrega estudantes dos cursos de Educação Física, Enfermagem, Farmácia, Fisioterapia, Jornalismo, Odontologia, Psicologia e Serviço Social. A atuação integrada de uma equipe tão plural contribuiu para a adaptação ao contexto pandêmico, garantindo a continuidade do atendimento aos idosos, além de estimular uma formação humanizada e cidadã de profissionais de áreas

tão diversas. O relato de experiência foi escrito pelas professoras Cláudia Holanda Moreira, Renata Cardoso Rocha Madruga, pela assistente social Vânia Maria Oliveira de Farias e pelos discentes Livia Maria Almeida de Araújo e Ricarly Almeida de Farias.

O cuidado com os idosos também é a prioridade do projeto Conectiv-Idades 60+ que promoveu ações de saúde mental e inclusão digital. Para mensurar os resultados, foi aplicado um questionário e uma entrevista semiestruturada com um grupo de nove pessoas com mais de 60 anos. Além de proporcionar um espaço virtual de acolhimento, a equipe contribuiu para o aprendizado dos idosos sobre as tecnologias digitais e para o combate à desinformação. O relato foi escrito pela coordenadora Josevânia da Silva, do Departamento de Psicologia, em coautoria com as estudantes Elayne Cristina de Sousa Chagas, Amanda Kilse Macedo da Silva, Marcela Tavares Silva Ribeiro, Anadja Michelly dos Santos Souza, Maria Clara da Silva Nascimento e Inaiê Caldas Lins Volta.

A área de tecnologia foi representada por dois relatos e o primeiro deles também destaca a preocupação com um dos principais grupos de risco da pandemia: os idosos. Em “Gerontotecnologia: intervenções em psicoeducação”, as autoras Maria do Carmo Eulálio (coordenadora), Maria Gabriela Pereira da Silva, Victória Maria de Freitas Nunes, Mirella Raquel Alves de Araújo Rodrigues e Virgínia Maria Bezerra Silva relatam o trabalho on-line de intervenção psicossocial desenvolvido com idosos da Universidade Aberta à Maturidade (UAMA) em 2021. O projeto realizou 15 oficinas apresentando ferramentas digitais que poderiam auxiliá-los no cotidiano, estimulando maior autonomia e impactando positivamente aspectos como sociabilidade e autoestima.

Já o projeto “Marketing Digital para Alavancagem de Negócios” busca estimular o empreendedorismo através da capacitação para o uso das ferramentas digitais. Na pandemia, muitos negócios foram obrigados a migrar rapidamente para as vendas on-line, mas sem experiência em comércio eletrônico e sem condições para custear uma consultoria. Diante desse cenário, o projeto realizou *workshops* com empreendedores, com quem pretendia empreender no futuro

e com estudantes do ensino médio que foram estimulados a construir propostas de *start ups*. O texto foi escrito por Sandra Maria Araújo de Souza, Ana Beatriz Silva de Farias, Bruna Rodrigues Monteiro, Elissandra Gonçalves dos Santos, Emerson Gonzaga da Silva e Maria Eduarda Ferreira de Farias.

O empreendedorismo também é o foco do projeto “Apreender a Empreender”, um dos dois relatos de experiência do eixo temático “trabalho”. Vinculado ao programa da Incubadora Universitária do Campus V de João Pessoa, o projeto promoveu palestras e oficina sobre temas como comportamento do empreendedor, modelo de negócios, análise de mercado e marketing para um público formado por empreendedores individuais e potenciais empreendedores. O relato foi escrito pelas professoras de Arquivologia Jacqueline Echeverría Barrancos (coordenadora), Manuela Eugênio Maia, Viviane Barreto Motta Nogueira e pelos discentes Keila Silva de Macedo, Kethlyn Queiroz Lourenço, Natasha Rosana Silva Santos e Wanderley Junior da Silva.

Por fim, o relato intitulado “Plano de classificação do arquivo da EECI Compositor Luiz Ramalho” discute o trabalho de reformulação da gestão documental da escola da rede estadual, localizada no bairro de Mangabeira, em João Pessoa. O projeto foi coordenado pela professora Viviane Barreto Motta Nogueira do curso de Arquivologia da UEPB, campus V, e contou com a participação da bolsista Aline Cristina da Silva, que dividem a autoria do texto apresentado no e-book. Mesmo no contexto de isolamento social, foram realizados encontros presenciais e remotos com a equipe da escola, permitindo o correto diagnóstico dos problemas e a criação de estratégias de limpeza, separação e controle dos arquivos e garantindo o direito de acesso ao arquivo público escolar.

Diante da diversidade de estratégias e linhas de atuação, acreditamos que os frutos gerados pela extensão na UEPB durante a pandemia são fonte de inspiração para iniciativas futuras. A aceleração de processo de incorporação das tecnologias de informação e da Comunicação (TICs) às práticas pedagógicas abriu novas possibilidades de atuação. Se por um lado o contato direto foi limitado

durante as medidas de isolamento social, por outro tivemos a ampliação da abrangência das ações, alcançando novos públicos de fora da universidade e até pessoas de outros estados, superando barreiras culturais e geográficas.

O uso de linguagens e plataformas características do ambiente digital permanecerá exercendo um papel de protagonismo, mesmo com a tão esperada retomada às atividades presenciais. As preocupações sociais, econômicas e políticas que caracterizam a atuação dos projetos e programas de extensão continuam apontando a direção para as novas propostas, em sintonia com as demandas das comunidades. Novos canais de diálogos foram abertos e devem ser mantidos, com o objetivo de estreitar laços e levar até a população os saberes e serviços produzidos e disponibilizados pela universidade na sua missão de transformação social.

Rostand de Albuquerque Melo

**Professor do curso de Jornalismo
e integrante do Conselho Editorial da UEPB.**

CULTURA EM REDE E DEMOCRATIZAÇÃO MIDIÁTICA: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA DO PROJETO CAMPINA CULTURAL

Deivide Eduardo de Souza Gomes¹

Bruna da Silva Araújo²

Emanuelly Lucena Batista³

Wanderson Gomes de Oliveira⁴

Ada Kesea Guedes Bezerra⁵

Introdução

Este relato de experiência contempla os fazeres de um projeto de caráter extensionista que surge durante e em decorrência da pandemia da COVID-19, em 2020, quando os discentes Deivide Eduardo de Souza Gomes e Bruna da Silva Araújo, então alunos do 2º

-
- 1 Aluno voluntário do Projeto de Extensão “Campina Cultural: a cultura como inclusão social na Região Imediata de Campina Grande” (PROBEX Cota 2022-2023) do Departamento de Comunicação Social (DECOM), Campus I – Campina Grande, da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)
 - 2 Aluna voluntária do Projeto de Extensão “Campina Cultural: a cultura como inclusão social na Região Imediata de Campina Grande” (PROBEX Cota 2022-2023) do Departamento de Comunicação Social (DECOM), Campus I – Campina Grande, da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)
 - 3 Aluna voluntária do Projeto de Extensão “Campina Cultural: a cultura como inclusão social na Região Imediata de Campina Grande” (PROBEX Cota 2022-2023) do Departamento de Comunicação Social (DECOM), Campus I – Campina Grande, da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)
 - 4 Aluno bolsista do Projeto de Extensão “Campina Cultural: a cultura como inclusão social na Região Imediata de Campina Grande” (PROBEX Cota 2022-2023) do Departamento de Comunicação Social (DECOM) da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)
 - 5 Doutora em Ciências Sociais (UFCG). Professora do Departamento de Comunicação Social (DECOM), Campus I – Campina Grande, da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). Coordenadora do Projeto de Extensão “Campina Cultural: a cultura como inclusão social na Região Imediata de Campina Grande” (PROBEX Cota 2022-2023)

período do curso de jornalismo, do Departamento de Comunicação Social, levantaram as seguintes problemáticas: Como trabalhar com jornalismo cultural de modo a democratizar o conhecimento e promover o caráter reflexivo sobre pautas que contemplem a complexidade da cultura de um povo, de sua identidade e fazeres diversos? E como realizar esse feito de forma extensionista e assim fomentar a democratização dos espaços de mídia junto a produtores culturais em tempos de pandemia?

Imersos no exercício criativo necessário à concepção de uma proposta desta natureza, os estudantes, que ainda não eram extensionistas, contataram dois de seus professores para fomentarem a discussão e então identificarem pressupostos teóricos, metodológicos e operacionais condizentes com a ideia que então se desenvolvia. Assim, os dois estudantes, juntamente com a professora do curso de jornalismo Ada Kesea Guedes Bezerra, que se tornou coordenadora do projeto e o professor e Pró-Reitor de Cultura, José Cristóvão de Andrade, que passou a atuar como colaborador, empreenderam exercício fundamentado nos preceitos freireanos, com escolhas metodológicas em uma perspectiva holística, dialógica e humanística, a partir de uma prática educativa alicerçada na valorização do saber do outro, como mostrou Freire (1996).

E assim, fruto da iniciativa e autonomia de discentes, em um fazer dialógico e colaborativo, emerge o *Campina Cultural: a cultura como inclusão social na Região Imediata de Campina Grande*. O objetivo geral do projeto consistia e ainda consiste em promover a prática do jornalismo cultural nas mídias digitais como estímulo à diversidade cultural presente na Região Geográfica Imediata de Campina Grande, bem como no reconhecimento midiático da cultura como fator de impacto para a inclusão de grupos e/ou indivíduos historicamente invisibilizados.

Na construção desta proposta de projeto, partiu-se, portanto, da premissa de que é possível a prática de um jornalismo consciente da necessidade de democratização de informação, conhecimento e bens culturais de forma acessível a todos. Uma missão que não é do produtor de cultura e sim daquele que comunica, que torna visível e

acessível aquilo que por vezes está invisibilizado ou está ao alcance de uma elite. Ou seja, ao jornalista cabe despertar a reflexão a partir de análises e críticas contundentes e não sectárias, sobretudo, através de conteúdos que façam o cidadão refletir sobre uma cultura, um povo, sobre identidade, realidades e manifestações que representam a condição humana, e, portanto, a diversidade. Um exercício capaz de provocar a valorização das culturas local e regional.

Está no cerne deste projeto a ideia de que a atuação consciente de profissionais da comunicação junto às culturas locais e regionais é capaz de provocar valorização em cadeia e mudar realidades também no âmbito econômico, político e social. É esse tipo de prática que se pretende estimular no público-alvo desta proposta, no sentido de contribuir para combater a invisibilidade de culturas minoritárias e grupos artísticos marginalizados, que conforme a Unesco (2009, p. 20), “em parte não tem acesso a cargos editoriais, de gestão, ou de tomada de decisão quanto ao que é publicado ou não nos veículos de mídia”.

Consciência que precisa ser despertada ainda por ocasião da formação do jornalista, tanto como profissional como enquanto sujeito, e a extensão universitária existe justamente para colaborar com tal conduta bem como para cumprir a missão de agregar, adquirir e compartilhar experiências e saberes para além dos muros acadêmicos.

Nesse sentido, como público-alvo, destacam-se três grupos ora alcançados: 1. Estudantes do curso de jornalismo, que através das ações são contemplados com uma formação mais crítica sobre os fazeres, as expressões e conjuntura sócio-política da cultura em nossa região; 2. Ativistas, artistas e produtores de cultura com quem se estabelece diálogo profícuo com ganhos multilaterais ao enriquecermos nosso repertório de conhecimento a partir das experiências desses sujeitos, bem como provocamos meios e espaços de divulgação de seus trabalhos através do jornalismo cultural em espaços de mídias digitais; 3. A sociedade em geral, alcançada pelo trabalho de divulgação da equipe do projeto em forma de conteúdo de caráter jornalístico e de infotenimento.

Uma interação que se efetivou e se efetiva de forma multifocada, mas articulada teórica e metodologicamente. Que concebe o público em sua função colaborativa e não meramente passiva. Que, sobretudo, tem se concretizado exclusivamente a partir do protagonismo dos extensionistas.

Os esforços para a democratização do acesso à informação em Cultura

O exercício do jornalismo bem como o respeito ao fazer cultural de nosso povo se relacionam desde muito cedo aos princípios democráticos do Estado Brasileiro. Tomando esta asserção como base, o projeto Campina Cultural buscou desenvolver um veículo de comunicação que concentrou esforços na produção de conteúdo jornalístico na perspectiva regional. Neste sentido, a equipe idealizadora da proposta fundamentou-se nos estudos do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) que definiu, no ano de 2017, o atual modelo de Divisão Regional do Brasil.

O estado da Paraíba possui, neste modelo, quatro Regiões Geográficas Intermediárias (João Pessoa, Campina Grande, Patos e Sousa-Cajazeiras) que correspondem a “uma escala intermediária entre as Unidades da Federação e as Regiões Geográficas Imediatas” (IBGE, 2017, p. 20). Neste formato, escolhemos como escopo de atuação a Região Geográfica Imediata de Campina Grande, localizada na Região Geográfica Intermediária de mesmo nome, composta por 47 cidades paraibanas. De acordo com o Instituto:

As Regiões Geográficas Imediatas têm na rede urbana o seu principal elemento de referência. Essas regiões são estruturas a partir de centros urbanos próximos para a satisfação das necessidades imediatas das populações, tais como: compras de bens de consumo duráveis e não duráveis; busca de trabalho; procura por serviços de saúde e educação; e prestação de

serviços públicos, como postos de atendimento do Instituto Nacional do Seguro Social - INSS, do Ministério do Trabalho e de serviços judiciais, entre outros. (IBGE, 2017, p. 20).

A escolha desta área para cobertura midiática de um projeto, feito inicialmente a tão poucas mãos, se mostrou preciosa para o entendimento dos articuladores da proposta nas problematizações sobre inclusão e exclusão social. Sabe-se, pois, que diferentes grupos ou indivíduos se desdobram em suas produções através de suas relações espaciais e socioeconômicas com os grandes centros urbanos.

Vale lembrar, a partir deste recorte regional, que o município de Campina Grande está classificado como Capital Regional C pelo estudo Regiões de Influência das Cidades (IBGE, 2018). Assim, este município é entendido como um centro urbano de forte influência nos municípios da região. Ao compreendermos que esta influência se estende na produção e veiculação de notícias pela grande mídia, optamos por escolher visibilizar iniciativas culturais desenvolvidas na Região aqui relatada e que cotidianamente fogem aos olhos da mídia tradicional local.

Entre os fatores que motivaram a cobertura midiática para além do município de Campina Grande destaca-se a necessidade imperiosa que a equipe do projeto buscou em contribuir para a redução dos impactos causados pelos desertos de notícias⁶

6 São nomeados desertos de notícias aquelas cidades localizadas longe de centros urbanos e que são afetadas de forma negativa pela falta de informações locais, isso ocorre porque é comum que nessas localidades, geralmente não existam veículo jornalístico. A partir dessa definição, o Atlas da Notícia começou a mapear esses locais no Brasil a partir de 2017, tomando como base um estudo existente nos Estados Unidos, o *"American's Growing News Deserts"* (Desertos de Notícias Crescentes da América) realizado com a finalidade de mapear os municípios que dispõem ou não de meios jornalísticos. Em 2018 Judith Miller, do Manhattan Institute, publica o artigo: "News Deserts: no news is bad News", ao mesmo tempo em que o fenômeno passa a ser debatido por institutos e acadêmicos em diferentes países.

(MILLER, 2018) e pelos quase desertos na Região Nordeste. De acordo com a Iniciativa Atlas da Notícia, no ano de 2021 o Norte e o Nordeste do país estavam enquadrados como as maiores concentrações de vazios de cobertura local⁷. Este cenário persistiu no ano seguinte, nos estudos publicados em 2022. Mesmo com iniciativas digitais e a presença de rádios como principais meios noticiosos, o Nordeste se manteve com o segundo maior percentual de desertos de notícias do país (64,4%), ficando um pouco atrás da Região Norte, com 63,1%.⁸

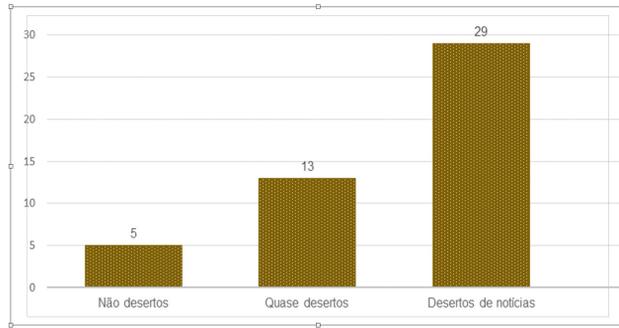
Em pesquisa exploratória, verificamos pela base de dados do Atlas da Notícia que, das 47 cidades da Região Geográfica Imediata de Campina Grande, apenas cinco municípios estão categorizados como não-desertos. Além disso, 13 municípios são considerados quase desertos enquanto 29 são desertos de notícias⁹. Mesmo com os veículos digitais capitaneando a redução dos desertos, o Campina Cultural é o único portal, entre os 129 veículos on-line ativos registrados pelo Atlas da Notícia e presentes na Região Geográfica Imediata de Campina Grande, que é especializado em cultura.

7 Fonte: CORREIA, M. Digital reduz desertos de notícias no Nordeste. **Atlas da Notícia**. [S.l.], 2 fev. 2021. Disponível em: <https://www.observatoriodaimprensa.com.br/atlas-da-noticia/digital-reduz-desertos-de-noticias-no-nordeste/>. Acesso em: 9 out. 2022.

8 Fonte: CORREIA, M. Internet e rádio encolhem desertos de notícias no Nordeste. **Atlas da Notícia**. [S.l.], 22 fev. 2022. Disponível em: <https://www.observatoriodaimprensa.com.br/atlas-da-noticia/internet-e-radio-encolhem-desertos-de-noticias-no-nordeste/>. Acesso em 9. out. 2022.

9 Estes dados foram coletados pelos autores deste relato através da base de informações do Atlas da Notícia em 9 de outubro de 2022. Disponível em: <https://www.atlas.jor.br/dados/app/>.

FIGURA 1 – Quantidade de municípios e sua classificação quanto à presença de veículos locais de comunicação



Fonte: Elaborado pelos autores com base nos dados do Atlas da Notícia (2022).

A escolha fundamentada em dados oficiais não foi suficiente para que o Campina Cultural, em seu primeiro ano de existência, não sofresse resistências dentro da estrutura institucional, em diferentes frentes, acerca do uso desta classificação como área de cobertura midiática. Como exemplo disso, verificamos que peças noticiosas tiveram nossa área de atuação alterada para Região da Borborema ou, até mesmo, em discussões sugeridas por pares, a proposta de mudança de atuação para a Mesorregião do Agreste Paraibano. Esta resistência foi superada, aos poucos, à medida que o projeto promovia ações conjuntas e dialógicas com docentes e discentes do Curso de Jornalismo, bem como na criação de seção específica em seu website para tratar do tema de forma elucidativa e atualizada.

Percurso metodológico do Campina Cultural

A metodologia utilizada pelo projeto consistiu na articulação transversal entre as diferentes competências já conhecidas e desenvolvidas no campo da educação midiática, que é definida como “um conjunto de habilidades para acessar, analisar, criar e participar de maneira crítica do ambiente informacional em todos os seus

formatos, dos impressos aos digitais” (FERRARI, MACHADO, OCHS, 2020, p. 54). As atividades aqui relatadas foram desenvolvidas entre os meses de janeiro de 2021 a janeiro de 2022.

Para fins de estruturação do projeto, foi utilizada a concepção metodológica proposta pelo Instituto Palavra Aberta, que explora três grandes eixos da educação midiática: ler, escrever e participar. Ferrari, Machado e Ochs (2020) apresentam um modelo que chamam de Mandala EducaMídia, que pode ser utilizado como suporte às ações de apoio à implementação da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) no Ensino Fundamental e no Ensino Médio.

Ao ver que o modelo permanecera em consonância com diversos elementos presentes na formação acadêmica do profissional de jornalismo, a equipe idealizadora realizou adaptações para que esta proposta se fizesse útil à realidade dos estudantes do Curso de Jornalismo da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), congregando-os às diretrizes para ações da Extensão Universitária.

Neste formato, o projeto se propôs a explorar, em suas atividades, a habilidade “escrever” em que os envolvidos exploram o desenvolvimento avançado da autoexpressão e da fluência digital. Neste eixo a atenção se deu para o público de estudantes extensionistas e alunos envolvidos nas ações do projeto. Houve, também, o enfoque na habilidade “participar” através da qual foi estimulado o exercício da “cidadania digital e a participação cívica” (FERRARI, MACHADO, OCHS, 2020, p. 58) para a promoção de conteúdo jornalístico atentos às narrativas de grupos culturais, coletivos e entusiastas que são ou atuam com a cultura na Região Geográfica Imediata de Campina Grande.

Para fins de gestão do trabalho e reconhecimento de quais habilidades deveriam ser exploradas no fazer extensionista do projeto, as atividades foram estruturadas em ações programáticas que se desdobraram em três Eixos, e redistribuídas via cronograma anual de execução. Foram eles:

- **Eixo 01 – Articulação projetual:** composto por ações que visaram o funcionamento interno do projeto, contemplando atividades obrigatórias e de acompanhamento e autoavaliação das ações: a) reuniões de apresentação da equipe e planejamento operacional; b) reuniões de avaliação interna; c) produção de relatórios parciais e relatório final; d) comunicação de resultados e investigações;
- **Eixo 02 – Autoexpressão midiática:** que corresponde à potencialização e desenvolvimento de habilidades de autoexpressão midiática e, por extensão, de fluência digital atentas para a produção de conteúdo em diversas linguagens com e para personagens da cultura na Região Geográfica Imediata de Campina Grande, sendo estruturado em: a) planejamento de mídia; b) planejamento visual das plataformas; c) imersão em conteúdo multimidiático, com atenção especial às indicações de artistas e ativistas locais; d) reuniões de pauta para a produção de conteúdo jornalístico; e) produção de matérias jornalísticas.
- **Eixo 03 – Participação cívica:** composto por ações dedicadas ao uso de recursos de mídia e promoção de narrativas. Este eixo foi composto por: a) veiculação de conteúdo jornalístico integrado aos personagens da cultura local; b) veiculação de conteúdo midiático em suporte à visibilização dos fazeres na cultura local; c) promoção e/ou mediação de encontros dialógicos com produtores culturais, ativistas, artistas e pesquisadores da cultura em diferentes frentes.

Contribuições do projeto à comunidade

Falar das contribuições à comunidade apenas do ponto de vista quantitativo, ou seja, citar quantos sujeitos foram envolvidos nas ações contradiz o que o próprio fazer extensionista orienta. Pensando nisso e sabendo que nosso impacto pode ser traduzido para além dos números, apresentamos resultados alinhados de

acordo com cada uma das cinco diretrizes para ações da Extensão Universitária, propostas pela Política Nacional de Extensão Universitária (FORPROEX, 2012).

Consideramos, para tanto: a) Interação dialógica; b). Interdisciplinaridade e Interprofissionalidade; c) Indissociabilidade entre Ensino, Pesquisa e Extensão; d) Impacto na formação do estudante; e) Transformação social. Em cada uma delas explanamos resultados que mostram o uso de habilidades de educação midiática intrínsecos ao estímulo da cultura como inclusão social. Além disso, segue também resultados quantitativos relacionados ao público-alvo do projeto. Reforçamos, contudo, que tais resultados não puderam ser alcançados através de blocos temáticos isolados e incomunicáveis, pois, foi o seu imbricamento que permitiu a ampliação da proposta em momento posterior ao relatado.

Interação Dialógica: não damos voz, reverberamos saberes

Os processos de interação dialógica se desdobraram em três frentes. A primeira delas se deu na concepção de encontros dialógicos, denominados Encontros & Diálogos, e organizados pela equipe de extensionistas. Foram realizadas duas edições on-line que envolveram pesquisadores e ativistas dos campos da Cultura e da Comunicação. A saber, em cada proposta foi possível colocar “em relevo a contribuição de atores não universitários em sua produção e difusão” (FORPROEX, 2012, p. 30).

O I Encontros & Diálogos teve como tema “Caminhos Conectados: saberes, mídia e ativismo cultural”. A proposta se articulou à I Edição do Programa Univer-CIDADE¹⁰, da UEPB, ocorrendo remotamente no dia 26 de julho de 2021. Teve a mediação dos extensionistas Eduardo Gomes e Bruna Araújo. Para a composição

10 O Programa Univer-CIDADE tem como proposta estabelecer o compartilhamento de práticas e saberes a partir da participação cidadã, coletiva e colaborativa visando o desenvolvimento de municípios do estado da Paraíba.

da mesa, tivemos ainda a participação do ativista cultural, então Contramestre de Capoeira Evaldo Batista dos Santos (Evaldo Morcego), da Coordenadora do Campina Cultural Dr^a Ada Guedes e do professor Dr. Antônio Roberto Faustino da Costa. O público-chave do encontro foi composto por estudantes dos componentes curriculares Jornalismo Impresso e Comunicação Comunitária.

Destacamos pautas importantes apresentadas nas falas de Evaldo Morcego. Com a apresentação “O ativismo cultural, a resistência da capoeira e das culturas populares no Brasil”, os discentes puderam discutir acerca da importância do ativismo cultural na Paraíba em diferentes frentes. Ele também promoveu reflexões sobre a representatividade da população negra no cenário da cultura local, destacando as representações da capoeira enquanto luta, jogo e dança.

O II Encontros & Diálogos foi concebido a partir do convite da Escola Cidadã Integral Técnica Agenor Clemente dos Santos, localizada no município paraibano de Alagoinha. O intuito da proposta foi a articulação da III Mostra de Literatura, Arte, Multiletramento e Cultura (III LAMCULT), intitulada “O Nordeste e sua cultura por toda parte”. O evento foi realizado em formato on-line entre os dias 21 e 24 de setembro de 2021. Na oportunidade também estiveram envolvidos o poeta e cordelista Chico Mulungu, a atriz paraibana Zezita Matos e o Diretor do Memorial Augusto dos Anjos, José Aderaldo Elias.

Os extensionistas promoveram a divulgação do evento entre os estudantes do Curso de Jornalismo da UEPB. Além disso, a extensionista Bruna Araújo e a coordenadora do projeto Ada Guedes apresentaram o tema “Redes Culturais – Estratégias de fortalecimento e visibilidade da cultura e seus representantes”. Nesta oportunidade mostramos como redes culturais existentes no contexto paraibano são importantes para a consolidação do próprio fazer cultural.

A segunda frente dialógica foi constituída através de demandas que não estavam previstas no projeto, mas que trouxeram contribuições significativas para a promoção de personagens e

saberes culturais. Entre estas atividades estão os convites recebidos pelo projeto para dialogar em disciplinas do Curso de Jornalismo, a exemplo do que ocorreu junto ao componente curricular Folkcomunicação e Cultura Popular, no qual o extensionista Eduardo Gomes foi requisitado pelo professor da disciplina, Dr. Luiz Custódio da Silva, para mediar um encontro com a turma, em parceria com um dos interlocutores e fonte jornalística do projeto, o professor, contador de histórias e ativista cultural Radamés Alves da Rocha Silva.

A terceira frente dialógica tomou como fundamento a entrevista, enquanto técnica jornalística, como meio para a promoção do conhecimento entre pessoas da cultura e estudantes extensionistas. A cada encontro, houve a promoção de novos conhecimentos e a ressignificação de saberes que estimularam olhares plurais para a cultura como inclusão social e para o jornalismo como instrumento da democratização da informação. Neste sentido, foram realizadas nove entrevistas com produtores culturais e artistas, e vale destacar que parte deles, se tornaram parceiros do projeto, sempre trazendo contribuições para o desenvolvimento de conteúdo jornalístico do projeto. Tais entrevistas culminaram em matérias publicadas no website Campina Cultural, com divulgação também via perfil do projeto na rede social Instagram para fins de engajamento para as páginas das redes sociais dos interlocutores.

Interdisciplinaridade e Interprofissionalidade: caminhos convergentes

Da concepção do projeto ao andamento de suas atividades, o Campina Cultural se propôs a manter abordagens interdisciplinares, sempre vislumbrando a busca pela transdisciplinaridade. Campos como o da Comunicação, da Sociologia e os estudos das Ciências da Informação foram articulados de tal modo que possíveis lacunas, geralmente encontradas em áreas superespecializadas, tal como é o jornalismo cultural, pudessem ser superadas no fazer extensionista. Buscamos ir além da simples aglutinação de

conhecimentos distintos, nos propomos a uma experiência formativa que não busca apenas uma hiperespecialização, mas, sobremaneira, o conhecimento técnico e científico plural.

Neste espectro, mãos parceiras se somaram ao desenvolvimento e continuidade da proposta e fomentaram a diretriz da interprofissionalidade (FORPROEX, 2012). Do ponto de vista da Sociologia, estabelecemos colaboração direta com o então Pró-Reitor de Cultura e Mestre em Ciências Sociais José Cristóvão de Andrade, que nos auxiliou no entendimento sobre cultura como elemento de inclusão social. Além disso, houve as contribuições do Doutor em Artes Visuais Radamés Alves Rocha da Silva, com sua experiência e estudos atentos a práticas de valorização da cultura em comunidades locais e do professor Doutor em Educação e Membro do Grupo de Pesquisa Comunicação, Cultura e Desenvolvimento (CNPq/UEPB) Antônio Roberto Faustino da Costa, que fomentou a exploração de conhecimentos relacionados aos estudos da Folkcomunicação.

Com cada uma destas contribuições, buscamos “imprimir às ações de Extensão Universitária a consistência teórica e operacional de que sua efetividade depende” (FORPROEX, 2012, p. 32). Assim, o conhecimento na produção jornalística especializada em cultura, que fundamenta as bases do projeto, foi capaz de alcançar resultados tanto na formação dos discentes envolvidos como no desenvolvimento de produtos experimentais que protagonizaram as pessoas da cultura na Região Geográfica Imediata de Campina Grande. São alguns dos produtos desenvolvidos o website, editorias especializadas em cultura e o perfil no Instagram.

A concepção do website¹¹ se deu a partir de um duplo interesse dos estudantes extensionistas do projeto: exercer a prática do jornalismo cultural no adverso contexto epidemiológico da COVID-19 no ano de 2021 e, ao mesmo tempo, mobilizar a sociedade para as demandas da cultura local a partir das vozes daqueles que atuam no

11 Ver em: www.campinacultural.com.

setor cultural. Houve investidas na identidade visual da proposta, perpassando pela criação do logotipo, seleção cromática, desenvolvimento de conceito-manifesto, além de investidas nos estudos da arquitetura da informação e de atualizações de SEO - *Search Engine Optimization* (otimização para mecanismos de busca).

Com o site criado, o projeto também foi capaz de desenvolver três editorias próprias de cultura: a Editoria Feito, composta por reportagens que tratam da força criadora, dos feitos de artistas e ativistas culturais, sobretudo, a partir da narrativa de seus idealizadores; a Editoria Fato, articulada em entrevistas temáticas no formato pingue-pongue e que evidenciam as relações entre cultura e aspectos sociais relacionados a grupos minorizados e populações vulneráveis; e a Editoria Gente, constituída por perfis jornalísticos com olhares para personagens que estão fora dos holofotes da mídia tradicional.

Diante destes resultados, os extensionistas desenvolveram uma rotina produtiva atenta à produção de conteúdo com caráter jornalístico, informativo e de entretenimento, publicizados, também, por meio de um perfil na rede social Instagram¹². Nesta plataforma, os estudantes desenvolveram produtos que não estavam previstos no texto do projeto, a exemplo das colagens digitais que “tornou-se exitosa de modo que contribuiu para que o perfil do projeto pudesse alcançar, antes de completar o terceiro mês de atividades on-line, o segundo maior número de seguidores” (ARAÚJO et al, 2021, p. 6) entre as atividades de Extensão nas quais tinham estudantes de Jornalismo envolvidos em seus fazeres.

Indissociabilidade e Formação do Estudante: autonomia e dignidade

As atividades do projeto Campina Cultural – trabalhadas em contato constante com produtores culturais, artistas e ativistas da região – nos fez reconhecer a importância do papel da cultura no âmbito acadêmico. Concordamos, pois, com o que reforça Souza et

12 Ver em: <https://www.instagram.com/campinacultural>.

al (2021, p. 29) que a compreende como “a quarta dimensão da tríade constitutiva” e seguem apontando que o Ensino, a Pesquisa, a Extensão e a Cultura são “dimensões articuladas que ampliam a compreensão da função social” da universidade.

O estímulo à autonomia e à dignidade do estudante com vistas a tal indissociabilidade possibilitou que o aluno extensionista deste projeto fosse compreendido como “protagonista de sua formação técnica” e, também, de sua “formação cidadã – processo que lhe permite reconhecer-se como agente de garantia de direitos e deveres e de transformação social” (FORPROEX, 2012, p. 32).

A sala de aula, portanto, esteve na comunidade e junto a ela. Buscamos construir caminhos para que o estudante extensionista do Campina Cultural pudesse adquirir um perfil profissional com “sólida formação acadêmica na especificidade do jornalismo e, igualmente, com formação cultural, ética, humana, crítica e científica que permita lidar com os fundamentos da profissão tanto no campo profissional quanto no campo científico” (UEPB, 2016, p. 35).

Transformação Social: a cultura como inclusão social

A partir do que foi relatado, o projeto Campina Cultural mostrou importantes conquistas em seu primeiro ano de atuação. A primeira delas é o empenho desenvolvido para que futuros jornalistas estejam cada vez mais atentos à democratização do acesso à informação para a cultura na Paraíba em meio a um cenário social e governamental tão adverso a própria democracia e inclusão. Os futuros jornalistas compreenderam a importância da função social do jornalismo em nossa sociedade.

A segunda conquista diz respeito à apropriação da Extensão Universitária e da Cultura no fazer jornalístico. Buscamos estreitar os laços com a produção cultural à medida em que cada entrevista jornalística articulada pelas alunas e alunos repórteres se constituiu em um processo de interação dialógica capaz de fortalecer vínculos

e aproximar o jornalismo da cultura. Em nossa rotina produtiva, a entrevista – fazer comum no jornalismo – foi o recurso estratégico de diálogo e de ênfase no aspecto de inclusão social visto nos feitos de nossa gente.

Uma terceira conquista é sem dúvida, o fato do projeto conseguir conceber um veículo experimental que, a cada dia, se fortalece como fonte jornalística, tanto para estudantes do Curso de Jornalismo como, também, para a própria mídia tradicional, que poderá acessar conteúdo especializado em cultura que possa escapar às suas pautas cotidianas e inseri-los em suas produções. Assim, novas oportunidades de midiaticização de saberes da cultura e valorização de artistas, ativistas e produtores culturais estarão disponíveis para acesso, produção e consumo na Região Geográfica Imediata de Campina Grande.

A quarta e última conquista se apresenta aqui como um constructo de resultados que contempla alcance de público, cobertura midiática e produtos desenvolvidos somente no primeiro ano de atuação do projeto. Com a criação de 01 website, 01 perfil na rede social Instagram, 20 cidades contempladas, 06 treinamentos internos, 04 produções técnicas/instrucionais, 04 participações/mediações de eventos, 07 produções artísticas, 09 matérias jornalísticas, 01 relato de experiência, 01 artigo científico, 42 notas sobre artistas/eventos, 458 peças gráficas e 587 pessoas envolvidas direta e indiretamente. Um trabalho, feito majoritariamente através de mídias digitais, capaz de fazer circular debate e reflexão sobre a cultura local e regional mesmo em tempos de distanciamento social.

Considerações finais

O Campina Cultural é projeto de extensão, mas é também um veículo de comunicação especializado em jornalismo cultural. É ainda um espaço de criatividade e afetividades, pois através da ação colaborativa e do protagonismo discente, tem forjado iniciativas, revelado talentos, e principalmente, suscitado autoestima e

auto reconhecimento de habilidades tanto dos estudantes envolvidos quanto dos artistas e produtores culturais locais. Uma iniciativa fruto dos esforços e protagonismo dos discentes envolvidos e do fomento do Programa de Concessão de Bolsas de Extensão (PROBEX), da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB).

Um trabalho que cresce e se fortalece a cada dia, a cada trabalho desenvolvido, não apenas interagindo com as redes culturais, mas sendo também um mecanismo de fortalecimento dessas redes. Assim, mesmo surgindo a partir da intenção de ser campo de visibilidade, o projeto hoje é agente do fazer cultural, integra uma rede de agentes culturais. De modo que, as bases iniciais não comportam mais as ideias que surgem, bem como as ações que se desenvolvem.

Neste trabalho, que é extensionista, se faz também pesquisa, se dialoga com o ensino de forma constante, se apresenta com múltiplas potencialidades e já busca ocupar novos espaços e implementar novos fazeres, numa emergente necessidade de ampliação de suas ações.

Referências

EDUCAMÍDIA. **Habilidades da Educação Midiática**. [S.l.], 2020. Disponível em: <https://educamidia.org.br/habilidades>. Acesso em: 25 nov. 2020.

FERRARI, A. C.; MACHADO, D.; OCHS, M. **Guia da Educação Midiática**. 1 ed. São Paulo: Instituto Palavra Aberta, 2020. Disponível em: <https://educamidia.org.br/guia>. Acesso em 9 out. 2022.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**. 25 ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FORPROEX. **Política Nacional de Extensão Universitária**. Manaus: [s.n.], 2012.

IBGE, Coordenação de Geografia. **Divisão Regional do Brasil em Regiões Geográficas Imediatas e Regiões Geográficas Intermediárias 2017**. Rio de Janeiro: IBGE, 2017. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/geociencias/organizacao-do-territorio/divisao-regional/15778-divisoes-regionais-do-brasil.html?=&t=acesso-ao-produto>. Acesso em: 14 out. 2022.

IBGE, Coordenação de Geografia. **Regiões de influência das cidades: 2018** / IBGE Rio de Janeiro: IBGE. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=2101728>. Acesso em 14 out. 2022.

MILLER, Judith. News Deserts: No news is bad news. In: **Urban Policy**. Manhattan Institute, 2018. Disponível em: <https://manhattan.institute/article/news-deserts-no-news-is-bad-news>. Acesso em: 09 out. 2022.

SOUZA, A. S. A. *et al.* Cultura e Universidade: a organização do campo cultural nas Instituições Públicas de Ensino Superior da Paraíba. **Revista Mundi Sociais e Humanidades**, Curitiba, v. 6, n. 2, ago/dez. 2021. Disponível em: <https://periodicos.ifpr.edu.br/index.php?journal=MundiSH&page=article&op=view&path%5B%5D=1743>. Acesso em: 29 set. 2022.

UNESCO, **Relatório Mundial da Unesco: Investir na diversidade cultural e no diálogo intercultural**. Paris. Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura, 2009. Disponível em: http://www.dhnet.org.br/dados/relatorios/r_edh/relatorio_unesco_cultura.pdf. Acesso em: 26 nov. 2020.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAIBA. Pró-Reitoria de Graduação. **Projeto Pedagógico do Curso (PPC): Jornalismo**. Campina Grande, 2016. Disponível em: <https://uepb.edu.br/prograd/ensino/cursos-de-graduacao-2/#1634217393434-e-870465a-11e2547c-7946495f-1637>. Acesso em: 29 de set. 2022.

ANTI-HORÁRIO E ESTUDANTES DE ESCOLAS PÚBLICAS DESENVOLVEM NARRATIVAS POSITIVAS EM CONTRAPONTO AO NOTICIÁRIO SOBRE COVID-19

Antonio Simões Menezes¹

Introdução

É provável que você já tenha deixado de acessar o noticiário para evitar o contato com uma série de narrativas desagradáveis. Cada vez mais, aumenta o número de brasileiros que tomam decisão semelhante, seja de forma esporádica ou cotidianamente. O *2022 Digital News Report*², relatório do *Reuters Institute for the Study of Journalism*, da Universidade de Oxford, revelou que 54% dos brasileiros ouvidos deixam de consumir as notícias muitas vezes ou às vezes. Há três anos, a chamada fuga das notícias era de 34% dos entrevistados. A pesquisa publicada em 2022 constata que o público sofre “fadiga de más notícias”.

De acordo com a pesquisa do *Reuters Institute*, as notícias sobre a pandemia da Covid-19 contribuíram para o crescimento do índice de pessoas que preferem manter distância dos produtos jornalísticos. Com base nesses dados, fica claro que o projeto Anti-horário acertou ao escolher permanecer a trabalhar na construção de narrativas inspiradoras e focadas em soluções mesmo diante do cenário de medo e incerteza que marcou os anos de 2020 e 2021,

1 Departamento de Comunicação Social/ Campus 1/ Campina Grande / Jornalismo móvel em escolas públicas: formação de produtores de narrativas inspiradoras (cota 2019/2020); Projeto Anti-horário fomenta os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável: Lives inspiradoras (cota 2020/2021).

2 Disponível em: <https://reutersinstitute.politics.ox.ac.uk/digital-news-report/2022/brazil>. Acesso em: 01 ago 2022.

período em que 619.056 brasileiros morreram³ em decorrência da Covi-19.

Não foi uma decisão fácil, em meio ao caos provocado pela pandemia, continuar com esse viés noticioso propositivo que marca o projeto Anti-horário desde a sua criação, em 2018. Mas, havia a percepção de que dar visibilidade para ações, projetos e demais respostas aos desafios sociais seriam essenciais para demonstrar que, mesmo no meio de um acontecimento tão avassalador e imponderável, há histórias inspiradoras para serem contadas e encherem o público de esperança

Com o claro objetivo de produzir conteúdos inspiradores e capacitar estudantes de escolas públicas de Campina Grande para produção de histórias positivas sobre seu cotidiano, o projeto tinha o desafio de jamais colocar em risco qualquer pessoa envolvida na execução de suas ações. No total, dez estudantes de graduação (sendo um bolsista e nove voluntários) participaram das ações do projeto, que capacitaram cerca de 60 alunos de escolas públicas.

Dessa forma, em julho de 2020, o projeto foi completamente adaptado para ser desenvolvido de forma remota. Em 2021, embora já houvesse a expectativa da vacinação contra a doença permitir o retorno das atividades presenciais nas instituições de ensino⁴, o projeto foi estruturado para ocorrer novamente de maneira remota.

Nos próximos tópicos, serão apresentadas as atividades de extensão, que tiveram como referencial teórico principal o gênero jornalístico Entrevista (LAGE, 2011), jornalismo *live streaming* (SILVA, 2008) e jornalismo de soluções (LOOSE, 2019), realizadas nesse período. Espera-se que este relato possa contribuir para a preservação da memória dos processos, narrativas e produtos midiáticos, materializados graças aos esforços de jovens universitários, de estudantes e de educadores de escolas públicas de Campina

3 Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/saude/brasil-encerra-2021-com-412-880-mortes-por-covid-19/>. Acesso em: 03 out 2022.

4 Na UEPB, as aulas presenciais só foram retomadas no dia 25 de abril de 2022.

Grande, que ousaram construir uma realidade inspiradora em meio ao caos da Covid-19.

Anti-horário capacita estudantes via internet

Em janeiro de 2020, a equipe do Anti-horário estava muito empolgada. Havia a possibilidade de publicar um artigo científico, sobre as ações do projeto, na revista *Leia Escola*, periódico do Programa de Pós-Graduação em Linguagem e Ensino, da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG). A maior parte do texto foi escrito naqueles primeiros dias do ano. O trabalho finalizado foi enviado, no mês seguinte, para apreciação com o título “Um smartphone nas mãos e algumas ideias na cabeça: Repórter Literário em ação”⁵.

Tudo fluía muito bem. Ainda em fevereiro, foram efetuadas as primeiras conversas sobre a composição integral da equipe para o ano de 2020. Também ficou combinado que a bolsista iria desenvolver propostas para melhorar a visibilidade do projeto nas redes sociais e o roteiro de um novo vídeo “institucional” do projeto. Finalmente, foi iniciada a análise da viabilidade de desenvolver material para ser submetido no 9º Congresso Brasileiro de Extensão Universitária (CBEU).

Porém, no dia 17 de março de 2020, foi iniciada a paralisação das aulas presenciais na UEPB. A interrupção, prevista para seguir até o dia 12 de abril daquele ano, buscava ajudar a evitar que a comunidade acadêmica fosse contaminada pelo novo coronavírus. Contudo, como o número de acometidos pela doença só aumentava, as aulas presenciais não foram retomadas sequer naquele ano tampouco em 2021. Apesar de todo o medo que a nova doença gerava

5 O artigo foi publicado na revista *Leia Escola* e está disponível em: <http://revistas.ufcg.edu.br/ch/index.php/Leia/issue/view/N%C3%BAmero%20Especial>. Acesso em: 03 out 2022.

na maior parte da população, o Anti-horário resistia e ainda em março elaborava e submetia, de forma remota, resumo ao 9º CBEU⁶.

Com o gradativo aumento da gravidade da pandemia, as atividades do Anti-horário ficaram suspensas durante os meses de abril, maio e junho. A única exceção foi a redação do artigo “Produção de narrativas audiovisuais em sentido anti-horário: empoderamento de estudantes de escolas públicas”, efetuada pelo coordenador e pela bolsista do projeto. Ele foi submetido e publicado no livro “Mídias sociais, gênero e política no cenário brasileiro”.

Mesmo sabendo da importância desse tipo de produção bibliográfica, havia o desejo de retomar o contato com a comunidade e desenvolver produtos e serviços para beneficiá-la diretamente. Em julho de 2020, a equipe do Anti-horário participou de uma videoconferência, por meio da plataforma *Google Meet*, para avaliar a retomada das atividades e ficou decidido o caminho para atingir esse objetivo: ministrar oficinas de jornalismo móvel, originalmente planejadas para ocorrerem presencialmente, via internet. Aliás, todo o processo, desde a preparação das oficinas até a apresentação dos trabalhos desenvolvidos pelos estudantes, ocorreu de forma remota. Antes, os professores de escolas públicas foram sondados sobre a pertinência da execução do treinamento na modalidade remota.

Com a resposta positiva dos profissionais das instituições de ensino, a equipe do projeto começou a definir a reconfiguração das oficinas. Elas seriam ministradas por meio da plataforma *Google Meet*. Esta foi escolhida por já ser adotada institucionalmente pela UEPB e, assim, facilitar o desenvolvimento das atividades pelos estudantes de jornalismo. Com relação aos secundaristas, a plataforma escolhida, por ser bastante intuitiva e amplamente conhecida, provavelmente melhoraria o engajamento e a participação desses adolescentes ao longo do curso.

6 O trabalho foi aceito, apresentado e faz parte dos anais do evento. Disponível em: <https://www.ufmg.br/cbeu/wp-content/uploads/2022/09/AnaisCBEU-ufmg-unifal-com.pdf>. Acesso em: 05 out 2022.

No mesmo mês de julho, também foi oficializada a parceria do projeto com a FLIC, por meio do Repórter Literário. Mais uma vez, os estudantes de jornalismo iriam capacitar adolescentes de escolas públicas para participarem da cobertura do evento. Mas, dessa vez, em acordo com a equipe da FLIC, ficou acertado que os secundaristas iriam ser capacitados por meio do ensino remoto e o produto final do treinamento seria uma série de entrevistas⁷ com autores paraibanos. Elas seriam produzidas por meio do *Google Meet* e publicadas em formato de texto no Blog da FLIC.

O conteúdo das oficinas de jornalismo móvel também precisava ser redefinido. Foram realizadas duas reuniões para debater ideias referentes ao novo formato do treinamento direcionado aos secundaristas. Uma com a bolsista e voluntários do Anti-horário e outra, para fechamento das propostas e encaminhamentos, dos universitários com o coordenador do projeto. Nela, foi definida a nova proposta para o produto final da oficina, o qual teria como tema central das narrativas, que seriam produzidas pelos adolescentes, a “Beleza nas pequenas coisas”. O objetivo era desafiar o adolescente a enxergar a beleza existente no cotidiano domiciliar, mesmo em pleno isolamento social. Em seguida, cada equipe usaria o conhecimento adquirido na oficina para construir um vídeo, com até um minuto de duração, sobre essas belezas “invisíveis”.

Betto (2018) garante que o processo de ensino e aprendizagem deve ir além do material didático convencional. O conteúdo audiovisual seria apresentado aos colegas de turma e havia a expectativa de ajudá-los a enfrentar a quarentena com mais suavidade, percebendo o belo que insiste em ficar escondido dos olhares menos atentos, mas que permeia a nossa vida todos os dias. A questão era como captar tudo isso sem sair de casa, construir uma narrativa caracterizada pela sensibilidade e com a intenção de levar à audiência para a reflexão sobre a invisibilidade desses episódios

7 Disponível em: <https://flicfeira.com.br>. Acesso em: 01 ago 2022.

cotidianos, os quais, paradoxalmente, são tão importantes para vida de cada pessoa.

Dessa forma, mais uma vez, o projeto buscou contribuir para a construção de narrativas que apresentem um lado da realidade quase que totalmente esquecido pela maioria da mídia hegemônica: a beleza inerente à vida social.

Como, por sua natureza, toda a informação é necessariamente seletiva, a câmara reproduz sempre a subjetividade do produtor e sua formação profissional. Segundo os cânones em uso, há que se filmar “imagens telegênicas”, reter o extraordinário, não o ordinário. O ordinário é a paz, o extraordinário é o escândalo e o conflito violento. Mas, ao acumular-se o extraordinário na tela e na prensa (notícia não é que o cão morda o menino, mas sim que o menino morda o cão), inverte-se a relação: a ação violenta e o conflito se convertem no ordinário. E a ordem pacífica fica de fora. É como se o “mundo” contasse unicamente de atos violentos e acionismo. (CONTRERA, 2002, p. 17).

Havia chegado o momento de traçar a estratégia de sensibilização dos estudantes para a importância da oficina. Principalmente nessa etapa e ao longo do restante da execução das atividades, o trabalho foi desenvolvido em parceria com professores das escolas, que ofereceram todo o suporte para a divulgação e execução das oficinas.

A equipe do Anti-horário criou um vídeo, denominado “Beleza nas pequenas coisas”, para apresentar a oficina e servir como referência para o conteúdo a ser produzido pelos secundaristas. Também elaboraram um formulário on-line para inscrição dos interessados em participar da capacitação. Apesar do formato de ensino remoto, as oficinas eram planejadas para estimular uma conversa com os secundaristas. Foram usados slides e materiais

jornalísticos como estratégias didáticas, mas, sobretudo, o diálogo e troca de saberes era a prioridade do processo de ensino oferecido. Partia-se do pressuposto de que ensinar não significa transferir conteúdo, mas gerar condições para a produção do conhecimento pelos próprios estudantes (FREIRE, 1996).

Assim, sempre houve o cuidado de levar em consideração e aproveitar o conhecimento que os estudantes já possuem, por exemplo, sobre a produção audiovisual com *smartphones*, um dos dispositivos digitais mais comuns na produção de conteúdo baseado na perspectiva do jornalismo móvel (SILVA, 2015). A ideia é que a aula fosse tão interativa quanto uma live⁸.

A oficina abordou conteúdos teóricos e práticos para a produção de narrativas jornalísticas audiovisuais, com uso de *smartphones*, dentro do escopo do projeto, que é o jornalismo propositivo, adequando a temática abordada ao período de isolamento social vivenciado. Ela ocorreu nos dias 01, 03 e 08 de setembro de 2020, na plataforma *Google Meet*.

Ao longo desse período, a equipe manteve o contato permanente com os adolescentes de forma remota, já que foi criado um grupo no *WhatsApp*, onde ficaram disponibilizados arquivos com o conteúdo sobre a oficina. No grupo, os universitários também acompanharam a produção dos vídeos pelos estudantes, sempre prontos para tirar dúvidas durante toda a execução do trabalho.

O conteúdo produzido foi apresentado e debatido pelos próprios estudantes. Sem dúvidas, um espaço enriquecedor para perceber que o belo resiste até mesmo em um momento tão doloroso da história da humanidade. As narrativas desenvolvidas pelos estudantes contribuíram para fazer um contraponto, junto à comunidade escolar, à avalanche de notícias perturbadoras sobre a Covid-19 e seus impactos econômicos, sociais e políticos. Embora estas

8 Transmissão audiovisual pela internet. Elas podem ser feitas por meio de plataformas específicas ou a partir de ferramentas disponíveis em redes sociais como, por exemplo, Instagram e *Facebook*.

notícias da grande mídia tenham sido relevantes para o combate da doença, os relatos de esperança desenvolvidos pelos adolescentes apresentavam uma espécie de luz no fim do túnel em meio ao caos.

Nos primeiros dias de setembro, simultaneamente, a equipe do projeto preparou a oficina a ser ministrada para estudantes do Ensino Fundamental que participariam da cobertura da FLIC. A oficina do Repórter Literário teve início no dia 10 de Setembro, também na plataforma *Google Meet*, contando novamente com a participação dos alunos beneficiados anteriormente e que, por isso, já possuíam habilidades necessárias para assumir uma nova missão: entrevistar autores paraibanos pela internet.

O primeiro conteúdo abordado foi a entrevista pingue-pongue⁹. Os adolescentes aprenderam noções básicas desse gênero clássico do jornalismo. Em seguida, foram apresentados elementos essenciais sobre a produção de perfil. Finalmente, experimentaram aplicativos e técnicas auxiliares que deviam ser usados na execução da entrevista. No segundo encontro, realizado em 15 de setembro, foram revisados os conceitos apresentados anteriormente e revelados os nomes dos escritores que os secundaristas iriam entrevistar. Em seguida, os adolescentes foram divididos em duplas para a execução das entrevistas.

Um terceiro encontro, ocorrido no dia 24 de setembro, foi dedicado para tirar todas as dúvidas dos adolescentes sobre a entrevista. Essa foi a estratégia encontrada para dar mais segurança aos estudantes, já que alguns ainda pareciam inseguros para dialogar com os autores, embora uma dupla já tivesse realizado a primeira entrevista no dia anterior. No quarto encontro, em primeiro de outubro, os estudantes aprenderam a fazer a edição das

9 Entrevista pingue-pongue é um formato jornalístico informativo caracterizada principalmente pela publicação de perguntas (realizadas pelo jornalista) e respostas da pessoa entrevistada.

entrevistas. Finalmente, foi estabelecido um prazo para a entrega das entrevistas¹⁰ editadas.

Depois da edição das entrevistas, a equipe do projeto de extensão, juntamente com uma das professoras dos secundaristas, revisou todo o material encaminhado pelos alunos e realizou os ajustes necessários para a publicação do material, que ocorreu ao longo da 3ª edição da FLIC, realizada on-line de 08 a 12 de outubro de 2020.

Ao final de todo esse processo, ficou evidente ser possível trabalhar com a extensão mesmo sem sair de casa. Sobretudo, apesar de um ano tão difícil, havia a doce sensação de dever cumprido e a alegria de contribuir para melhorar o ensino nas escolas públicas, além de construir narrativas positivas em plena pandemia da Covid-19.

Objetivos de Desenvolvimento Sustentável em pauta

O início da vacinação contra a Covid-19 no Brasil trouxe a esperança da retomada das aulas presenciais em 2021. Infelizmente, a realidade foi bem diferente das expectativas mais otimistas. A pandemia matou ainda mais brasileiros em 2021 e, por questão de segurança, não foi possível voltar a ter encontros presenciais com os estudantes. A única alternativa para continuar trabalhando era o ensino remoto.

O projeto foi preparado para ser desenvolvido totalmente on-line, sem a necessidade de ir presencialmente até a comunidade. A metodologia foi baseada na experiência positiva desenvolvida no ano anterior. Logo no início de 2021, integrantes do projeto foram convidados para ajudar a planejar a realização de mais uma edição da FLIC e propuseram uma oficina de fotojornalismo e mostra fotográfica sobre a temática do evento: “Todas as formas do ler”.

10 Durante todas as entrevistas, os alunos foram orientados pela equipe do projeto de extensão, além do acompanhamento diário através dos grupos de *WhatsApp*. Todas as entrevistas e a notícia foram publicadas no Blog da FLIC. Disponível em: <https://flicfeira.com.br/>. Acesso em: 01 ago 2022.

Estudantes da rede municipal de ensino de Campina Grande, mais uma vez, foram beneficiados. Com a parceria da Secretaria de Educação de Campina Grande (SEDUC), ficou mais fácil e rápido divulgar a proposta para o público-alvo. Com o *know-how* adquirido no ano anterior, a equipe do Anti-horário rapidamente desenvolveu o formulário de inscrição, que foi disponibilizado on-line. A divulgação do curso contou com material audiovisual e banners, desenvolvidos pelos integrantes do Anti-horário e da FLIC.

Na tarde de 9 de março de 2021, durante aproximadamente uma hora e meia, estudantes do curso de jornalismo apresentaram conceitos sobre fotojornalismo e, principalmente, informaram como usar smartphones e aplicativos para melhorar a produção de fotografias. Várias imagens foram usadas para inspirar os secundaristas. Afinal, eles teriam como missão, para colocar em prática o conhecimento construído coletivamente, registrar “Todas as formas do ler”.

Exatos 20 dias foram destinados para o trabalho ficar concluído. Houve, obviamente, a orientação para os estudantes não correrem riscos, como fazer aglomerações ou deixar de usar máscaras, na execução da atividade. O resultado apresentado demonstrou que as recomendações foram seguidas e que os adolescentes efetuaram um excelente trabalho sem correr riscos. Por exemplo, houve um percentual considerável de autorretratos. As fotos foram analisadas, selecionadas e publicadas por integrantes do Anti-horário e da FLIC, que compuseram a curadoria da mostra fotográfica¹¹.

Em paralelo, já estava sendo efetuado o mapeamento de possíveis entrevistados a participarem das “Lives inspiradoras”. O objetivo principal era dar visibilidade para ações que contribuem com a execução dos ODS. Assim, os integrantes do projeto praticavam o jornalismo de soluções, caracterizado por dar visibilidade

11 Com o objetivo de evitar qualquer tipo de risco de aumentar a contaminação pela Covid-19, a mostra foi planejada para ser realizada on-line. Ela continua disponível em: <https://flicfeira.com.br/mostra-fotografica-todas-as-formas-do-ler/>. Acesso em: 05 out 2022.

às respostas para problemas sociais (LOOSE, 2019), e o chamado jornalismo *live streaming*.

Conforme Silva (2008), este foi possível com o avanço dos dispositivos digitais e o contínuo processo de renovação do jornalismo amparado pela evolução tecnológica. O autor foi o primeiro a explicar essa nova modalidade jornalística.

Na compreensão deste fenômeno, o live stream mencionado significa, por exemplo, a condição técnica de transmissão de vídeo ou áudio em tempo real e de forma contínua cuja possibilidade até então era exclusividade dos broadcasting como emissoras de rádio e TV e, mesmo assim, a partir da utilização de um aparato mais complexo formado por uma estrutura mais pesada e que exigia um maior número de profissionais envolvidos no processo de cobertura. (SILVA, 2008, p. 2-3)

As *lives* de entrevistas foram produzidas da casa dos integrantes do projeto. Assim, os estudantes de jornalismo tiveram a oportunidade de vivenciar dois dos formatos inovadores de jornalismo na contemporaneidade. E o mais importante: entrevistados e entrevistadores não corriam nenhum risco de serem contaminados pela Covid-19.

Em uma reunião on-line, foi definida pela equipe o formato e duração das lives inspiradoras, além da apresentação dos nomes de possíveis entrevistados. Elas teriam 30 minutos e seriam transmitidas pelo perfil do projeto Anti-horário no Instagram. Nesse site de rede social (RECUERO, 2012), também foi efetuada toda a divulgação das entrevistas e postados, em superfícies como Feed, Stories e Reels, centenas de conteúdos sobre ODS.

Em maio de 2021, aconteceu a live inaugural, que abordou a temática “Produção e consumo consciente”. A conversa foi com Karol Oliveira, *digital influencer* do nicho de moda e consumo

sustentável. Um dos destaques do diálogo foram as dicas sobre como economizar, ficar na moda e ainda contribuir para um mundo mais sustentável.

O próximo bate-papo enfocou uma questão ainda mais urgente durante a pandemia da Covid-19: “Educação de qualidade”. Dessa vez, a educadora e uma das idealizadoras da FLIC, Iasmin Mendes, explicou como superar os desafios para melhorar o ensino e a aprendizagem nas escolas. Ela destacou como agentes da sociedade civil organizada podem ajudar nessa tarefa e detalhou como a FLIC ajuda a melhorar a qualidade da educação pública em Campina Grande.

Na véspera de São João, no dia 23 de junho de 2021, foi a vez de aprender mais sobre agroecologia. A produtora agroecológica, Marlene Pereira, e o professor do Departamento de Biologia da UEPB, Simão Lindoso, conversaram com o Anti-horário sobre agricultura sustentável. Em tempo real, as pessoas que acompanhavam a entrevista, podiam fazer perguntas e faziam comentários, aproveitando a maior interatividade com o público proporcionada pela apropriação dessa tecnologia. Essa interatividade foi buscada em todas as lives.

A última entrevista teve como convidado Carlos Thadeu, responsável pela área de advocacy da ONG Pimp My Carroça e do App Cataki. As várias ações realizadas pela organização foram abordadas na conversa, que tinha como temática principal “Comunidades e cidades sustentáveis”. Ele salientou a importância vital das pessoas, que percorrem as ruas das grandes cidades em busca de material a ser reciclado, para um mundo mais sustentável.

Depois da realização de quatro lives, todas as entrevistas tinham recebido em torno de 500 visualizações. A equipe percebeu que o formato não havia agradado o público-alvo do projeto e resolveu cancelar a realização de novas entrevistas e investir na produção de outros tipos de conteúdo sobre os ODS. De todo modo, sete mil visualizações das postagens realizadas baseadas nos 17 ODS, no perfil do Anti-horário no Instagram, foram obtidas até setembro

de 2021. Os Reels elaborados alcançaram mais de 6 mil pessoas. Dados que demonstram a grande visibilidade alcançada pelos ODS, graças ao conteúdo produzido pelos universitários.

No mês seguinte, começou o planejamento de mais uma ação para colocar os ODS em pauta principalmente perante a comunidade estudantil de ensino Médio e Superior. Em parceria com a FLIC e o IFPB, campus Campina Grande, o projeto Anti-horário iria viabilizar a construção de um podcast sobre os ODS, que seria produzido por estudantes de escolas públicas de Campina Grande. Novamente, todas as ações seriam desenvolvidas on-line, desde a inscrição dos estudantes até a divulgação e difusão dos episódios que eles produziram.

As oficinas, que capacitaram os alunos de escolas públicas sobre a teoria e práticas inerentes ao processo de elaboração de podcast jornalístico, ocorreram durante o mês de novembro na plataforma Google Meet. A novidade desse curso foi a criação de uma sala no Google Classroom, onde todo material oferecido nos encontros síncronos estavam disponíveis, além de conteúdos complementares. A plataforma também podia ser usada para os discentes tirarem dúvidas com os universitários, que ainda respondiam as demandas dos futuros podcasters em um grupo no WhatsApp.

Em um dos encontros da oficina, ficou decidido com os estudantes que o nome do podcast seria ODS Cast Literário, a duração de cada episódio deveria ser de 15 a 20 minutos e quais os ODS abordados. No total, foram produzidos quatro programas que estão disponíveis na plataforma Spotify¹². Em cada um deles foi entrevistado um escritor paraibano, indicado pela FLIC. A conversa teve como tema central uma das obras desses escritores, que dialogava com ODS. Os entrevistadores precisavam ter lido o livro previamente e também estudaram sobre os 17 ODS.

12 Disponível em: <https://open.spotify.com/show/6VCPpHFhjhToAgk2qAWfDw>. Acesso em: 05 out 2022.

Dessa forma, o projeto Anti-horário, junto com a FLIC e o IFPB, conseguiu estimular a leitura de autores paraibanos, a interação dos estudantes de escolas públicas com esses escritores e a apropriação pelos discentes de técnicas jornalísticas para a produção de conteúdo que colocava em pauta alguns dos ODS. Mesmo ainda em um contexto de ensino remoto, foi possível incentivar a cooperação e a divisão de responsabilidades entre os adolescentes, por meio do trabalho em equipe que resultaria na materialização do podcast planejado anteriormente. Além disso, os estudantes capacitados passavam a ser multiplicadores dos ODS em suas escolas, famílias e comunidades.

Considerações finais

Em cerca de um ano e meio de atividades remotas de extensão, o projeto Anti-horário ofereceu oficinas de audiovisual, podcast e fotografia para estudantes de escolas públicas de Campina Grande. Experimentou o jornalismo de soluções e o jornalismo *live streaming*, ambas abordagens inovadoras no campo jornalístico. Participou de eventos acadêmicos como o Congresso Brasileiro de Extensão Universitária e também teve suas atividades relatadas em livro acadêmico.

Esses resultados demonstram que, em plena pandemia da Covid-19, o projeto conseguiu se reinventar e ficou ainda mais forte. Afinal, demonstrou que consegue superar grandes adversidades e, talvez ainda mais importante, sabe que não está sozinho na sua caminhada em busca de uma sociedade com mais justiça social. Nesse sentido, consolidou a parceria com a FLIC e iniciou um trabalho conjunto com o IFPB.

Além disso, conquistou mentes e corações de estudantes do curso de jornalismo para a importância de trabalhar em prol de dar visibilidade para as respostas aos desafios cotidianos. Mesmo em anos tão difíceis, quando pairava a dúvida se os estudantes iriam continuar a se engajar na extensão, havia gente querendo participar do Anti-horário como voluntário.

Graças ao trabalho árduo dessas pessoas, foi possível chegar até a comunidade por meio da internet. Ir a campo ganhou outra dimensão nesse período. Sem sair de casa, os discentes do curso de jornalismo mostraram que as tecnologias digitais conectadas à internet, como já previa Lévy (1990), permitem superar barreiras geográficas e viabilizam ferramentas para melhorar o ensino e aprendizagem de estudantes de escolas públicas.

Os futuros jornalistas também produziram conteúdo inovador de forma remota. Comprovaram que é possível se apropriar de gêneros clássicos do jornalismo, como a Entrevista, e a ressignificaram ao instigarem uma participação mais ativa do público na conversa com o entrevistado. Afinal, por meio de sites de redes sociais, a audiência tem um maior potencial de interagir com entrevistador e entrevistado.

Ao contrário do que muitos poderiam imaginar, as ações remotas de extensão aconteceram de forma relativamente tranquila, após a criação de rotinas de trabalho específicas para o momento vivenciado, e apresentaram resultados significativos. Universitários e comunidade continuaram a aprender mutuamente e desenvolveram conjuntamente diversos bens simbólicos que vislumbram a existência de um mundo mais justo e fraterno em gestação.

Referências

BETTO, Frei. **Por uma educação crítica e participativa**. Rio de Janeiro: Anfiteatro, 2018.

CONTRERA, Malena Segura. **Mídia e pânico: saturação da informação, violência e crise cultural na mídia**. São Paulo: Annablume/Fapesp, 2002.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

LAGE, Nilson. **A reportagem**: teoria e técnica de entrevista. São Paulo: Record, 2011.

LÉVY, Pierry. **Cibercultura**. São Paulo: editora 34, 1999.

LIMA, Elizabeth Christina de Andrade; FORTUNATO, Maria Lucinete. **Mídias sociais, gênero e política no cenário brasileiro**. São Paulo: Mentis Abertas, 2021.

LOOSE, Eloisa Beling. **Jornalismo de Soluções e mudanças climáticas**: Estudo sobre a cobertura da mitigação no site brasileiro G1. In: FERNÁNDEZ-REYES, Rogelio; CANO, Daniel Rodrigo (coord.). **La comunicación de la mitigación ante la emergencia climática**. Espanha: Egregius, 2019, p.89-108.

RECUERO, Raquel. **A conversação em rede**: comunicação mediada por computador e redes sociais na Internet. Porto Alegre: Sulina, 2012.

SILVA, Fernando Firmino da. **Jornalismo live streaming**: tempo real, mobilidade e espaço urbano. In: 6º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo, Universidade Metodista de São Paulo, 2008, São Paulo.

SILVA, Fernando Firmino da. **Jornalismo móvel**. Salvador: EDUFBA, 2015.

SOCIALIZANDO EM REDE: ADAPTAÇÃO E SUPERAÇÃO ACADÊMICAS EM MEIO À CRISE SANITÁRIA DO SÉCULO XXI

Dra. Manuela Eugênio Maia¹

Ma. Liliane Braga Rolim Holanda de Souza²

Ma. Danielle Harlene da Silva Moreno³

Dra. Jacqueline Echeverría Barrancos⁴

Me. José Wilker de Lima Silva⁵

Ma. Milena Borges Simões de Araújo⁶

Palloma Raphaely Carvalho Alves⁷

Introdução

Em março de 2020, vivenciamos no Brasil a epidemia de um vírus letal, o *Severe Acute Respiratory Syndrome – Related Coronavirus 2* (SARS-CoV-2), também nominado de COVID-19 (CASOS DE CORONAVÍRUS..., 2020). Segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS), em fevereiro do mesmo ano, já estaríamos numa pandemia,

1 Professora do curso de Arquivologia/Campus V/UEPB. Coordenadora do projeto “Socialização do uso de bases de dados científicas no âmbito das pesquisas acadêmica e escolar para as comunidades do Campus V da Universidade Estadual da Paraíba e da escola estadual de ensino médio José Lins do Rêgo: desafios na formação de novos pesquisadores” (cota 2019-2020), área temática “Comunicação”, linha programática “17. Divulgação Científica e Tecnológica”.

2 Bibliotecária (UEPB). Doutoranda e Mestre em Ciência da Informação (PPGCI/UFPB). Colaboradora.

3 Bibliotecária (UEPB). Doutoranda e Mestre em Ciência da Informação (PPGCI/UFPB). Colaboradora.

4 Professora do curso de Arquivologia/Campus V/UEPB. Colaboradora.

5 Professor do Campus V/UEPB. Colaborador.

6 Bibliotecária (UEPB). Mestre em Ciência da Informação. Colaboradora.

7 Discente do curso de Arquivologia/Campus V/UEPB. Bolsista.

pois tal enfermidade atingira escalas globais (ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE, 2020; ORGANIZACIÓN MUNDIAL DE SALUD, 2020).

As medidas de prevenção e as formas de contágio logo foram disseminadas e compartilhadas por meio da internet. Pesquisadores, infectologistas e profissionais de saúde foram unânimes em orientar a população quanto aos hábitos de higiene e ao urgente distanciamento social. As relações laborais logo foram substituídas pelo trabalho remoto, incluindo escolas e universidades, atendendo as medidas emergenciais (ALVES, 2020). Nessa direção, de acordo com Maia, Dorneles, Barrancos e Llarena (2021):

o governo do estado da Paraíba publicou um série de normativas legais visando minimizar a propagação da pandemia, das quais destacamos: o decreto nº 40.122, de 13 de março de 2020, que declara a situação de emergência no estado ante a situação nacional e a declaração da condição de pandemia (PARAÍBA, 2020a) e o decreto nº 40.168, de 04 de abril de 2020, que dispõe sobre 'a adoção de medidas sociais temporárias e emergenciais para o combate aos efeitos do COVID-19 de alcance aos municípios e o setor privado estadual' (PARAÍBA, 2020b, on-line).

Imediatamente, a Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), por meio do Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão (CONSEPE), promoveu uma série de debates remotos com a propositura de instituir normativas para o funcionamento das atividades técnico-acadêmicas, a exemplo da Instrução Normativa/UEPB/GR nº 001/2020 (UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA, 2020a), que estabeleceu disciplinou o uso de tecnologias digitais de informação e de comunicação para fins de ministração de conteúdos vinculados aos componentes curriculares de natureza teórica.

Na sequência, publicou a Portaria nº 0014/2020, que “dispõe sobre a suspensão das atividades letivas na UEPB, em face à propagação e infecção iminentes do Coronavírus” (UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA, 2020b, on-line). E, visando orientar a comunidade universitária, efetivou protocolos de segurança laboral acerca da adaptação das atividades universitárias, também aprovados pelo CONSEPE/UEPB via Resolução nº 0229/2020:

estabelece normas para a realização de componentes curriculares, bem como outras atividades de ensino e aprendizagem, orientação, pesquisa e extensão, por meio de atuação não presencial, na graduação, pós-graduação e no ensino médio/técnico, excepcionalmente durante o período de suspensão das atividades acadêmicas presenciais, por causa da pandemia da COVID- 19 (PARAÍBA, 2020c, on-line).

Foi nesse contexto que o projeto de extensão “Socialização do uso de bases de dados científicas no âmbito das pesquisas acadêmica e escolar para as comunidades do Campus V da Universidade Estadual da Paraíba e da Escola Estadual de Ensino Médio José Lins do Rêgo: desafios na formação de novos pesquisadores”, cota 2019-2020, foi ressignificado. Idealizado em 2019 por profissionais com formação em Biblioteconomia, o projeto tinha como parâmetros a promoção, a divulgação e o manuseio prático de bases de dados de perfil acadêmico, específicas para os públicos alvos (universitário e escolar), auxiliando *in loco* os usuários nas consultas no tocante à areosa e movediça internet. Tais parâmetros permaneceram, mas os cursos foram reformatados para a organização de webconferência, reconfigurando para o seguinte objetivo: promover palestras de alto nível acadêmico no modelo remoto de comunicação transmitidas pelo *GoogleMeet* e pelo *StreamYard/Youtube*. Com base nessa concepção, a proposta visou ao desenvolvimento de estratégias de divulgação científica no intuito de ultrapassar os limites territoriais da região nordeste, disseminando de forma amplificada a UEPB.

Assim como as demais atividades acadêmicas e serviços promovidos pela instituição em tela, o nosso projeto extensionista também se reconfigurou, adequando-se ao uso exclusivo das tecnologias da informação e comunicação. Nesse contexto, os objetivos específicos foram: (a) selecionar temas atuais e palestras palestrantes de alta performance; (b) organizar equipe para o manuseio das tecnologias da informação e comunicação em ambiente de transmissão dos eventos on-line; (c) criar e gerenciar o *Instagram* como mecanismo de marketing e de divulgação das palestras; (d) realizar eventos de alta performance.

Assim, buscamos nesse documento relatar a nossa experiência, oriunda do processo de socialização do conhecimento no ambiente digital, adaptando-nos e superando os desafios impostos em meio à crise sanitária do século XXI.

Dos procedimentos teórico-metodológicos

A proposta ancorou-se numa abordagem quanti-qualitativa, em que nos utilizamos de dados coletados e analisados a partir das percepções de natureza intersubjetiva e de elementos estatísticos (MINAYO, 1994; RICHARDSON, 1999).

Para tal, a coleta de dados deu-se por meio da comunicação no grupo de *WhatsApp* entre os componentes do projeto, de documentos biográficos disponíveis na plataforma Lattes das palestrantes e de formulários de inscrição e de questionários de avaliação disponíveis no *GoogleForms*, aplicados aos usuários que participaram dos dois eventos promovidos e transmitidos pelo *GoogleMeet* e pelo *StreamYard/Youtube*.

Nessa direção, viabilizando a proposta, adotamos os seguintes procedimentos: (a) em pesquisas de temas que despertassem o interesse das comunidades científicas nacionais, (b) na busca de palestrantes paraibanas de alto nível e (c) na ampla divulgação via redes sociais, especificamente, o *Instagram*. Duas palestras foram formatadas, a saber, “Caminhos da pesquisa científica: acesso e uso

de base de dados no fazer da ciência” e “A construção do conhecimento remoto em tempos de infobesidade”, somando 363 inscritos, 238 participantes on-line e 202 certificados emitidos, perfazendo o nosso universo de análise.

No tocante aos formulários e aos questionários aplicados, seguiram as seguintes estruturas:

(1) inscrição - formulário que solicitava endereço de e-mail, nome completo, instituição e área de atuação dos inscritos;

(2) avaliação dos eventos - questionário com 6 (seis) perguntas fechadas⁸ e obrigatórias e 2 (duas) abertas não-obrigatórias com as seguintes questões:

- (a) Nome completo;
- (b) E-mail;
- (c) A plataforma utilizada para as palestras foi adequada;
- (d) O conteúdo foi apresentado de maneira dinâmica e objetiva;
- (e) As palestrantes atenderam as suas expectativas;
- (f) As palestrantes usaram linguagem de fácil compreensão;
- (g) O processo de mediação colaborou com o desenvolvimento das palestras;
- (h) O tempo para as palestrantes foi suficiente;
- (i) Sugira outros temas de interesse vinculados à comunicação científica e à metodologia da pesquisa;
- (j) Espaço para críticas, sugestões e elogios.

Os dados dos formulários e dos questionários foram tabulados e organizados em forma de quadros e de figuras detalhadas em

⁸ Estruturadas em escala Likert para representar o nível de satisfação dos participantes, de maneira que 1 (um) representava o nível mais baixo de satisfação, enquanto o 5 (cinco) mais alto.

gráficos em estilo de colunas, tornando didática a sua apresentação e a sua análise interpretativa.

Descrição e análise

Por propor o formato de relato de experiência, apresentamos os dados coletados em módulo de quadros e de figuras tabulados a partir da resposta dos usuários quanto aos formulários de inscrição e aos questionários de avaliação das webconferências propostas pelo projeto de extensão em tela.

Da escolha das propostas e dos palestrantes

Com a pandemia da COVID 19, foi visível a disseminação e a explosão de *lives* de cunho acadêmico (MAIA; DORNELES; BARRANCOS; LLARENA, 2021; RIBEIRO, 2021). As redes sociais, como o *Instagram*, *TikTok*, *WhatsApp* e *Youtube*, potencializaram a aproximação entre pessoas em meio à crise sanitária vivenciada no Brasil a partir de março de 2020.

Acompanhando tais redes sociais na área da Ciência da Informação e afins, percebemos naquele momento emergir/reforçar temas como: *big data*, ciência aberta, ensino e metodologia aberta, *fake news*, infobesidade, pandemia, perspectiva para o pós-pandemia, saúde mental e informação, trabalho remoto (*home office*), uso de ferramentas educacionais, entre outros. Corroborando tais argumentos, em levantamento recente realizado na Base de Dados em Ciência da Informação (BRAPCI), utilizamos os seguintes critérios na busca avançada: (1) o termo selecionado foi “pandemia”; (2) tal termo deve constar no resumo; e (3) a delimitação temporal das publicações foi entre 2020-2020. A resposta da pesquisa foi de 145 títulos, os quais selecionamos os 20 primeiros resultados no intuito confirmar as temáticas emergentes naquele momento, apresentados no QUADRO 1:

QUADRO 1: Levantamento das 20 publicações da BRAPCI, ano 2020-2020

	Título	Revista
01	Bibliotecas universitárias públicas federais do estado da Bahia	Revista Fontes Documentais
02	Saúde e política na crise da Covid-19: apontamentos sobre a pandemia na imprensa brasileira	Revista Eletrônica de Comunicação, Informação e Inovação em Saúde
03	Covid-19	Revista Fontes Documentais
04	Ciência Aberta	Revista Fontes Documentais
05	Desinformação, infodemia e caos social: impactos negativos das fake news no cenário da COVID-19	Em Questão
06	Pandemia e desigualdade social: Centro de Referência da Assistência Social e o enfrentamento à Covid-19 em Arapiraca/Alagoas	Revista P2P e INOVAÇÃO
07	Covid-19 e Arquivos	Revista Fontes Documentais
08	Desmaterialização e preservação digital de arquivo clínico na pandemia	Revista Fontes Documentais
09	Infodemia e desinformação na pandemia da covid-19	Revista Fontes Documentais
10	A pandemia mudou o mundo	Revista Fontes Documentais
11	A economia solidária como resposta à crise pandêmica e fator de outro tipo de desenvolvimento	Revista P2P e INOVAÇÃO
12	O combate à desinformação sobre a pandemia de covid-19 na amazônia: o caso do perfil da Sespa (PA) no Instagram	Revista P2P e INOVAÇÃO
13	A leitura e a leitura de clássicos literários: reflexões em tempos de pandemia	Revista Brasileira de Educação em Ciência da Informação
14	Do 11/9 à COVID-19: a vigilância de Estado na perspectiva da ética intercultural da informação	Informação & Informação
15	Uma análise dos aspectos e práticas da conservação preventiva de livros presentes em vídeos amadores de booktubes brasileiros	Revista Eletrônica da ABDF
16	A sociedade da (des)informação em tempos de pandemia no Brasil: ferramentas digitais no combate às fake news para a prevenção e o controle da propagação do novo coronavírus	Revista Brasileira de Educação em Ciência da Informação
17	Informação sobre a Covid-19 em comunidades periféricas	Revista Fontes Documentais
18	Os desafios dos serviços psicológicos mediados pelas TIC no contexto da Pandemia do Coronavírus 2019-2020	Revista Folha de Rosto
19	Covid-19: a catástrofe latino-americana, entre a caça e a imaginação	Revista Eletrônica de Comunicação, Informação e Inovação em Saúde
20	Emergência de saúde pública global por pandemia de Covid-19	Revista Folha de Rosto

Fonte: Base de Dados em Ciência da Informação (2022).

Assim, visando atender os temas *big data*, ciência aberta e *fake news*, construiu-se a primeira palestra “Caminhos da pesquisa científica: acesso e uso de base de dados no fazer da ciência”, cujas palestrantes foram duas doutoras; 1 (uma) da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) e a outra da UEPB.

A segunda palestra, nominada “A construção do conhecimento remoto em tempos de infobesidade”, ministrada também por 2 (duas) doutoras, a época ambas vinculadas à UEPB, incluía os temas infobesidade, saúde mental e informação e trabalho remoto (*home office*).

Foi com base nos currículos (CONSELHO NACIONAL DE..., 2020), prezando pela excelência acadêmica, que selecionamos tais palestrantes para os dois eventos.

Da divulgação nas redes sociais e inscrições

Assim como as demais etapas necessárias para a realização das palestras, a divulgação científica também deu-se de maneira remota, tendo em vista o momento pandêmico. Assim sendo, a ferramenta empregada foi o *Instagram @basededadoscientificaeupbv*, por meio do perfil do projeto com cerca de 954 seguidores e postagens no *feed*, dias antes dos eventos, e, diariamente, nos *stories* durante o período das inscrições. Além de contar com o apoio de outros perfis acadêmicos das áreas de Arquivologia, de Biblioteconomia e de Ciência da Informação, que repostaram nosso conteúdo e ampliaram a disseminação do evento para públicos diversos.

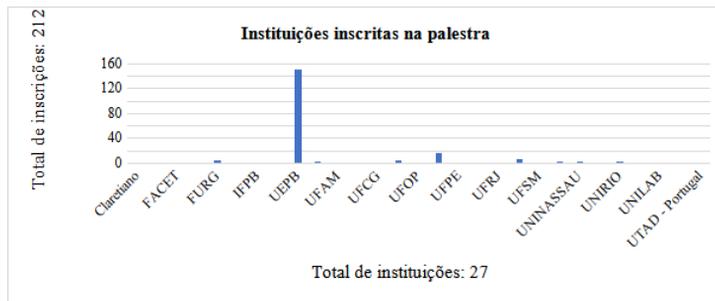
Para a inscrição, foi elaborado um formulário no *GoogleForms* para cada palestra com a estrutura já demonstrada anteriormente. O alcance conquistado foi mensurado pelas instituições e pela formação acadêmica dos participantes, conforme observado nos gráficos, representados conforme as FIGURAS 1 e 2:

Do alcance das palestras: instituições inscritas e formação acadêmica / área de atuação

O alcance das palestras pode ser analisado sob a perspectiva geográfica, identificando as instituições e as suas respectivas localizações, como também do ponto de vista de área do conhecimento dos participantes inscritos. Das instituições, foram identificadas 27, incluindo duas de outros países, Cuba e Portugal.

A maioria dos inscritos pertence à Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) (151), instituição organizadora do evento. Obtivemos 16 ouvintes vinculados à Universidade Federal da Paraíba (UFPB), talvez devido às afiliações de algumas palestrantes e organizadoras. Em função da divulgação, observamos ampla cobertura nacional, advindo de Instituições de Ensino Superior (IES) como: Universidade Federal de Sergipe (UFSE) (7); Universidade Federal Fluminense (UFF) (4); Universidade Federal do Rio Grande (UFRG) (4); Centro Universitário Educacional Leonardo da Vinci (UNIASSEVI) (3); Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UFRJ) (3); Universidade Federal de Alagoas (UFAL) (2); e Centro Universitário Maurício de Nassau (2), além das outras instituições com a presença de 1 (um) participante. Atravessando as fronteiras brasileiras, contamos com a participação de 1 (um) sujeito da Universidad de La Habana e outro da Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, conforme o gráfico da FIGURA 1 demonstra:

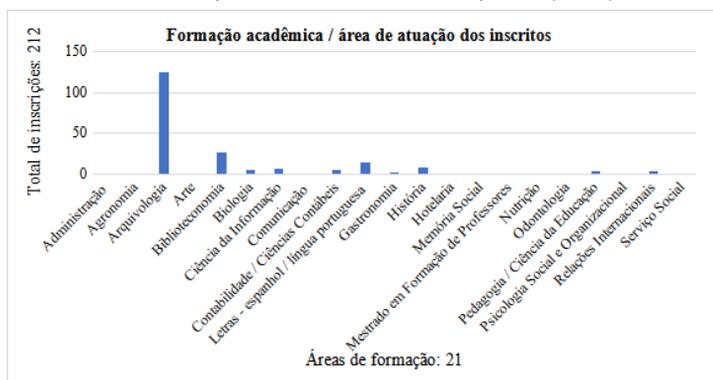
FIGURA 1: Instituições inscritas nas palestras



Fonte: Dados da pesquisa, 2022.

As instituições participantes em sua maioria foram públicas, a exemplo da Secretaria Municipal de Educação de Belo Horizonte e de uma Escola Pública de nome não especificado no formulário. Estando vinculadas às instituições, as áreas de formação acadêmica e/ou de atuação dos participantes também foram diversificados por meio dos seguintes cursos: Arquivologia (125), Biblioteconomia (27), Letras – Espanhol/ Língua Portuguesa (15), História (8), Ciência da Informação (7), Biologia e Contabilidade / Ciências Contábeis (5), Relações Internacionais (4), Pedagogia / Ciência da Educação (3), Gastronomia (2) e Administração, Agronomia, Arte, Comunicação, Hotelaria, Memória Social, Mestrado em Formação de Professores, Psicologia Social e Organizacional, Nutrição, Odontologia, Psicologia Social e Organizacional e Serviço Social (1), dispostas na FIGURA 2:

FIGURA 2: Formação acadêmica / Área de atuação dos participantes



Fonte: Dados da pesquisa, 2022.

Esse panorama, com 27 instituições identificadas e 21 áreas de atuação/ formação, demonstra-nos o aspecto positivo dos eventos promovidos. Destacamos que a divulgação e a realização on-line possibilitaram a reunião de pessoas tão distantes fisicamente, refletindo acerca da ciência e da pesquisa científica.

Para complementar a análise, as seções subsequentes tratam da percepção dos participantes do evento sobre a palestra 1

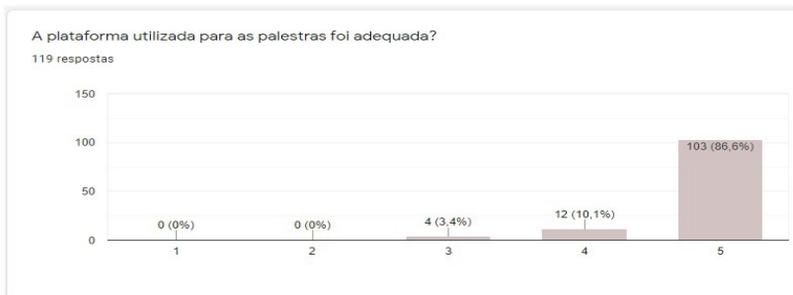
“Caminhos da pesquisa científica: acesso e uso de base de dados no fazer da ciência” e palestra 2 “A construção do conhecimento remoto em tempos de infobesidade”, em momentos distintos deste estudo.

Da avaliação da palestra 1: plataforma, conteúdo, palestrante, mediação e tempo

O questionário sobre a palestra 1, “Caminhos da pesquisa científica: acesso e uso de base de dados no fazer da ciência”, respondido por 119 do total de 149 participantes após o evento, além de dados para identificação desse público, formulou 6 (seis) questões fechadas afim de compreender a percepção sobre a palestra 1 realizada. Dispostas em formato Likert escalonada em 5 (cinco) níveis, em que 1 (um) representava o nível mais baixo e 5 (cinco) o mais alto de satisfação, as FIGURAS 4, 5, 6, 7, 8 e 9 apresentam tais resultados em gráficos.

A primeira questão avaliativa, acerca da plataforma ter sido adequada à transmissão da palestra, que na ocasião foi o *GoogleMeet*, constatou que 86% dos participantes concordaram que a plataforma foi totalmente adequada (5), enquanto 10,1% acharam adequada (4) e 4% se mantiveram com opinião de que nem concordaram nem discordaram (3) quanto à adequação da plataforma. Não houveram respostas discordantes (1 e 2) (0%) sobre esse quesito, como apresenta a FIGURA 3:

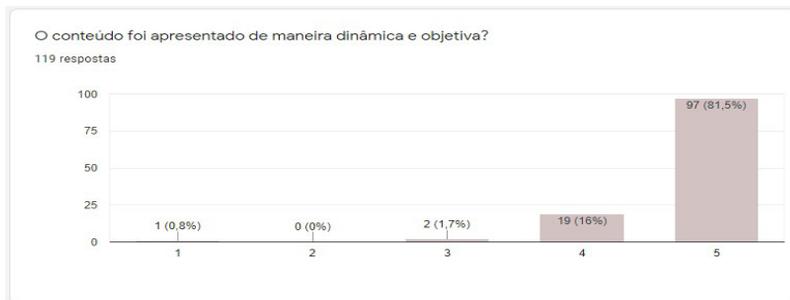
FIGURA 3: Plataforma foi adequadas para transmissão da palestra 1



Fonte: Dados da pesquisa, 2022.

Quanto ao conteúdo da palestra, se foram apresentadas de maneira dinâmica e objetiva, como demonstrado na FIGURA 4, a resposta mais prevalente com 81,5% de adesão foi a de maior nível (5) concordando totalmente, já 16% concordaram embora não totalmente (4), 1,7% nem concordaram nem discordaram (3), enquanto 0,8 discordaram totalmente (1).

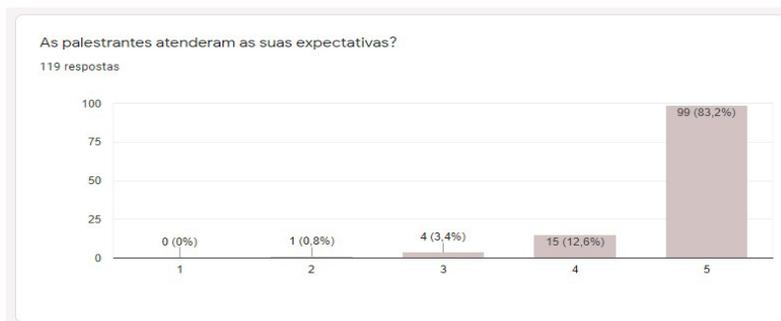
FIGURA 4: Conteúdo da palestra 1 foi apresentada de maneira dinâmica e objetiva



Fonte: Dados da pesquisa, 2022.

Outra questão relacionada às palestrantes foi sobre as expectativas dos participantes. A FIGURA 5 mostra que 83,2% consideraram totalmente que as palestrantes atenderam às expectativas (5), 12,6%, concordaram (4), 3,4% nem concordaram nem discordaram (3) e 0,8% não concordaram em parte (2).

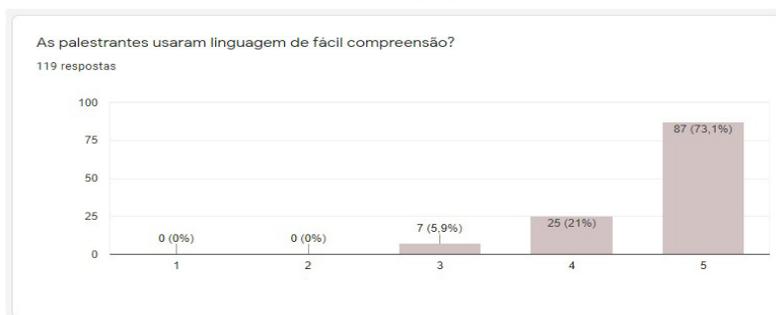
FIGURA 5: Palestrantes atenderam às expectativas



Fonte: Dados da pesquisa, 2022.

Ainda avaliando as palestrantes, outra questão quis revelar se a linguagem usada fácil e compreensível, entendendo que a proposta da palestra 1 era atender um público heterogêneo, englobando diversos níveis e áreas do conhecimento. Os resultados dispostos no gráfico a seguir (FIGURA 6) podem considerar que a proposta foi atendida, contemplando que 73,1% concordam totalmente que sim (5), 21%, concordaram (4), 5,9% nem concordaram nem discordaram (3), as duas outras opções (1 e 2) não foram marcadas pelos participantes.

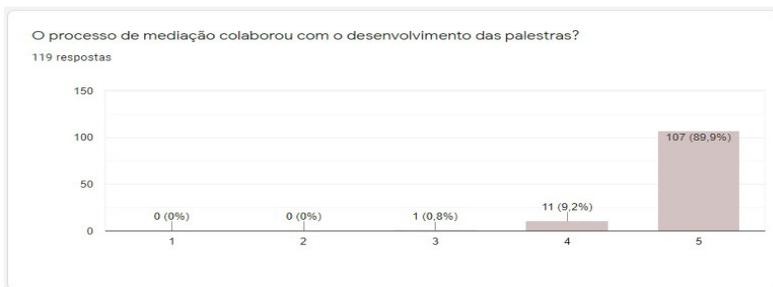
FIGURA 6: Palestrantes usaram linguagem fácil e compreensível



Fonte: Dados da pesquisa, 2022.

Quanto à mediação, também apresentou um resultado positivo pela maioria dos respondentes, pois 89,9% consideram totalmente colaborativo o desenvolvimento das palestras (5), 9,2%, concordaram (4), 0,8% nem concordaram nem discordaram (3), as duas outras opções (1 e 2) não foram marcadas pelos participantes, conforme pode ser observado na FIGURA 7.

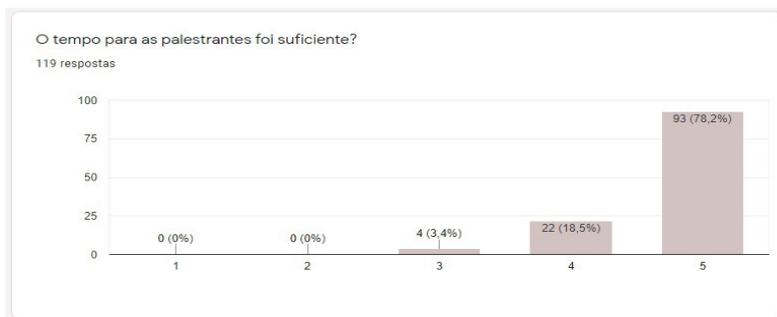
FIGURA 7: Processo de mediação colaborou com o desenvolvimento da palestra 1



Fonte: Dados da pesquisa, 2022.

Representada na FIGURA 8, a última pergunta fechada: “o tempo para os palestrantes foi suficiente?” Assim como as demais repostas, podem ser consideradas como um aspecto bem sucedido da palestra 1, por terem altos índices de resposta com nível 5 (concordo totalmente). Nesse caso, 78,2% consideram totalmente que sim (5), 18,5%, concordaram (4), 3,4% nem concordaram nem discordaram (3) e as outras duas outras opções (1 e 2) não foram marcadas pelos participantes.

FIGURA 8: Tempo para as palestrantes foi suficiente



Fonte: Dados da pesquisa, 2022.

Podemos asseverar, com base nas respostas do questionário fechado, que o evento foi satisfatório na escolha dos temas e das palestrantes.

Da avaliação da palestra 1: críticas, sugestões e elogios

Para encerrar o questionário, as duas últimas perguntas foram de característica aberta, ficando o participante à vontade para emitir suas respostas, primeiro suas críticas, sugestões e elogios e, em seguida, opinião sobre temáticas interessantes para as próximas palestras.

Dos 119 questionários respondidos, 69 responderam a primeira pergunta aberta para críticas, sugestões e elogios. A análise realizada nos comentários nos permite mencionar que 67 das respostas foram feitas no sentido de elogiar, sendo constante nos comentários a presença de atributos como “excelente”, “ótima”, “maravilhosa”, “parabéns” referindo-se a palestra, palestrante, mediação, organização e tema, e parabenizando e agradecendo por esses pontos. Uma sugestão foi apontada solicitando “dividir melhor o tempo por palestrante, a palestra foi um pouco desigual no tempo dividido.” Também houve uma crítica mencionando que “a primeira palestrante falou rápido, ficando difícil o acompanhamento do raciocínio Dela!”. Contudo, podemos considerar que o impacto no público foi bem satisfatório.

A sugestão de temas de interesse vinculados à comunicação científica e à metodologia da pesquisa, obtiveram 31 respostas. Algumas com sugestões de abordagens mais tradicionais na ciência, como metodologia da pesquisa científica; outras, com discussões mais recentes no meio acadêmico, como a ciência aberta, *blockchains*, *big data*, armazenamento em nuvens. Por fim, todas as sugestões de fundamental importância para a construção da ciência contemporânea.

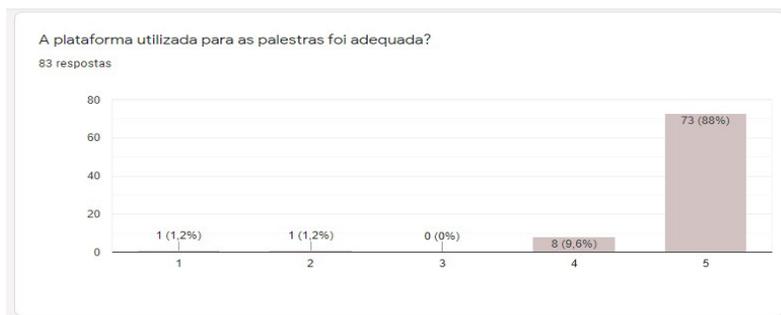
Tais informações emitidas pelos participantes também nos auxiliaram na escolha e na organização da nossa segunda palestra.

Da avaliação da palestra 2: plataforma, conteúdo, palestrante, mediação e tempo

“A construção do conhecimento remoto em tempos de infobesidade” foi o tema da palestra 2 organizada pelo nosso projeto de extensão, em parceria com o curso de Arquivologia/UEPB e os Grupos de Pesquisa Gecimp/UFPB, Gei/UEPB e Giaco/UFPB. O questionário, respondido ao final do evento por 83 participantes dos 90 que assistiram a palestra, foi idêntico ao aplicado no primeiro evento, com questões sobre a identificação dos participantes, 6 (seis) questões fechadas em escala Likert de nível 5 e 2 (duas) perguntas abertas sobre a percepção dos ouvintes.

Sobre a plataforma ter sido adequada à transmissão da palestra, como apresenta a FIGURA 9, 88% dos participantes concordaram que a plataforma foi totalmente adequada (5), 9,6% acharam adequada (4), 1,2% não estiveram satisfeitos quanto à adequação da plataforma e, esse mesmo percentual, 1,2%, estiveram totalmente insatisfeitos quanto à adequação da plataforma. Ressaltamos que a intenção era que a transmissão fosse realizada pelo *GoogleMeet*, porém devido a mudança dos termos da plataforma e não permitir mais de 100 pessoas, foi necessário transferir para a transmissão via *StreamYard/Youtube*, pelo Canal do SESA, projeto de extensão do Campus V/UEPB de mesmo nome.

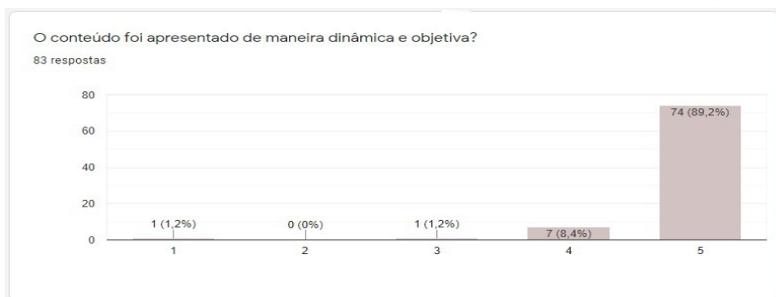
FIGURA 9: Plataforma foi adequadas para transmissão da palestra 2



Fonte: Dados da pesquisa, 2022.

Para a questão, com intuito de saber se o conteúdo da palestra foi apresentado de maneira dinâmica e objetiva, a resposta mais presente foi a de nível 5 com 89,2% de adesão concordando totalmente, 8,4% concordaram (4) e 1,2% discordaram totalmente (1), como explicitado na FIGURA 10.

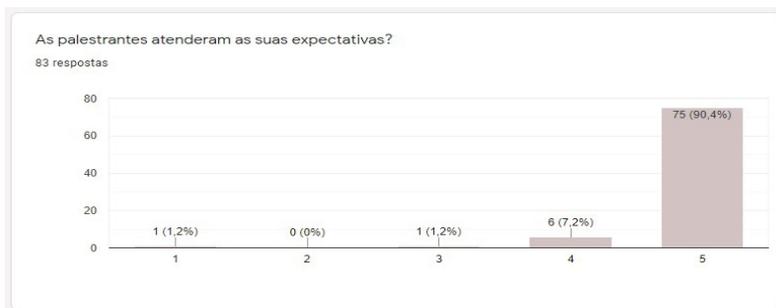
FIGURA 10: Conteúdo da palestra 2 foi apresentada de maneira dinâmica e objetiva



Fonte: Dados da pesquisa, 2022.

No tocante às expectativas acerca das palestrantes, apresentada na FIGURA 11, 90,4% consideraram totalmente atendidas (5), 7,2%, concordaram (4) e 1,2% de respostas para a alternativa nem concorda nem discorda (3) e igual valor para os que discordam totalmente (1). Enquanto “não concordam” não foi escolhida (2).

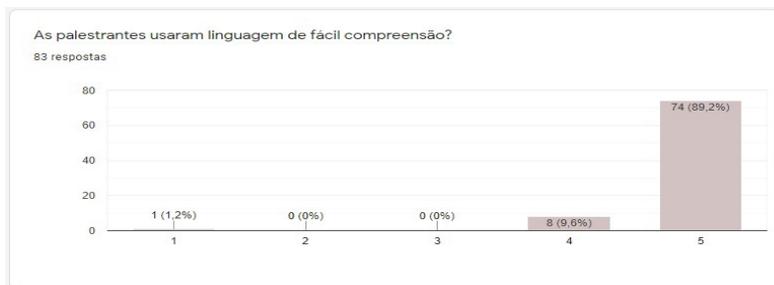
FIGURA 11: Palestrantes atenderam às expectativas



Fonte: Dados da pesquisa, 2022.

“As palestrantes usaram linguagem fácil e compreensível?” foi a pergunta que deu origem a FIGURA 12, cujas respostas evidenciaram que: 89,2% consideram totalmente que sim (5), 9,6%, concordaram (4), 1,2% discordam totalmente e as respostas 2 e 3 não foram marcadas pelos participantes.

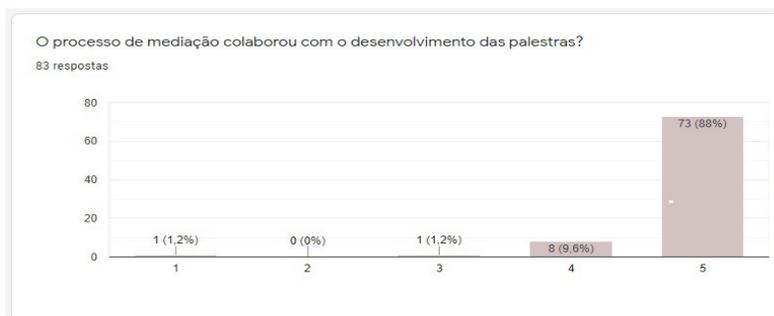
FIGURA 12: Palestrantes usaram linguagem fácil e compreensível



Fonte: Dados da pesquisa, 2022.

Na FIGURA 13, do processo de mediação, os respondentes apontaram que 88% consideram totalmente positiva a colaboração com o desenvolvimento das palestras (5), 9,6%, concordaram (4), 1,2% discordaram totalmente (1), enquanto as duas outras opções (2 e 3) não foram marcadas pelos participantes.

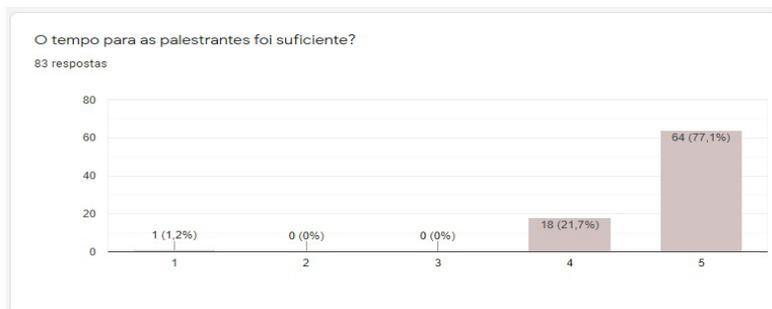
FIGURA 13: Processo de mediação colaborou com o desenvolvimento da palestra 2



Fonte: Dados da pesquisa, 2022.

A última pergunta para compreender se o tempo para os palestrantes foi suficiente, observou-se que 77,1% concordam totalmente (5), 21,7% consideram que sim (4) e 1,2% discordaram (1) desse aspecto e as outras duas opções (2 e 3) não foram marcadas pelos participantes (FIGURA 14).

FIGURA 14: Tempo para as palestrantes foi suficiente



Fonte: Dados da pesquisa, 2022.

Assim como na palestra 1, no segundo evento, percebemos aprovação da maioria das respostas emitidas pelos ouvintes.

Da avaliação da palestra 2: críticas, sugestões e elogios

As duas últimas perguntas abertas do questionário foram para verificar as críticas, as sugestões e os elogios e também a opinião sobre temáticas para as próximas palestras. Obtivemos, respectivamente, 39 e 20 respostas nos 83 questionários respondidos, já que essas eram opcionais.

Contempla-se que 38 respostas do primeiro bloco de questões foram elogios, enaltecendo, felicitando e agradecendo pela palestra, palestrantes, temática e organização. Percebemos uma crítica em relação à plataforma usada, seguida de um elogio no mesmo comentário: “apenas algumas ressalvas em relação própria plataforma do Google, de resto, conteúdo excelente”. Assim como a

palestra anterior, de acordo com os comentários, o evento deixou uma excelente impressão nos participantes.

As sugestões de temas de interesse vinculadas à comunicação científica e à metodologia da pesquisa possuem temas diversos de interesse dos participantes, tais como: Ciência da Informação/ Biblioteconomia, arquivo / Arquivologia, pós-humanismo, pós-modernidade, inclusão escolar, aprendizado on-line, entre outros. Algumas sugestões convergem para temas que abordam a pandemia, tecnologia da informação/ internet e pesquisa científica.

Como resultados, além de atender à comunidade do Campus V da UEPB, os eventos promoveram a participação de várias universidades brasileiras. Desta forma, esses dados apontam que foram elevados o debate e a reflexão de temas acerca da ciência e da pesquisa científica, ultrapassando os limites territoriais da região nordeste, disseminando de forma amplificada a UEPB como almejado. Diante dos resultados obtidos com os instrumentos de coleta de dados, podemos afirmar que essa proposta alcançou o desenvolvimento técnico-científico, conseguindo atingir os objetivos propostos no processo de reformulação estrutural do projeto.

Considerações finais

A crise sanitária do século XXI antecipou de modo repentino o uso constante das tecnologias da informação e comunicação no dia a dia. Atividades domésticas, laborais e culturais foram replanejadas para que se pudesse manter o processo de socialização humana e minimizar o distanciamento entre pessoas. A COVID-19 exigiu das autoridades e dos dirigentes organizacionais de instituições públicas e privadas agilidade e perspicácia para garantir o atendimento e o funcionamento dos serviços.

“Preservar vidas” e “fique em casa” foram as frases que se ouvia constantemente na programação diária de programas televisivos, canais de internet e radiofônicos. Nessa direção, na UEPB, foi sagaz em garantir a orientação das entidades sanitárias internacionais

e nacionais. Portarias e resoluções foram aprovadas legitimando que as atividades universitárias fossem efetivamente remotas. Professores tiveram que atender tais demandas e reconfigurar as formas de ensino, de pesquisa e de extensão. Assim, o nosso projeto foi redirecionado a cumprir metas exequíveis dentro da proposta extensionista e considerando a nova forma de operar exclusivamente de modo remoto.

Assim, em meio a uma reconfiguração abrupta em 2020 das atividades universitárias, superamos as adversidades impostas pelo momento pandêmico, reinventando-nos enquanto proposta extensionista, atendendo academicamente 238 usuários-internautas, que participaram on-line de nossos 2 (dois) eventos promovidos, a saber, “Caminhos da pesquisa científica: acesso e uso de base de dados no fazer da ciência” e “A construção do conhecimento remoto em tempos de infobesidade”. Destes, emitimos 202 certificados aos seus participantes.

Contribuímos notoriamente para divulgação da UEPB enquanto produtora e disseminadora de saberes, envolvendo a comunidade universitária interna e externa de forma direta, originando reflexões e a percepção diferenciada acerca de temas atuais no âmbito da produção científica em tempos de pandemia.

Referências

ALVES, José Eustáquio Diniz. O avanço da pandemia de Covid-19 no mundo e no Brasil no mês de março. **Eco Debate**: site de informações, artigos e notícias socioambientais. Boletim diário, 8 dez. 2020. Disponível em: <https://www.ecodebate.com.br/2020/04/01/o-avanco-da-pandemia-de-covid-19-no-mundo-e-no-brasil-no-mes-de-marco-artigo-jose-eustaquio-diniz-alves/>. Acesso em: 8 ago. 2022.

BASE DE DADOS EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO. **Levantamento de produção sobre pandemia em 2020**. Curitiba: Rio Grande do Sul:

BRAPCI, 2022. Disponível em: <https://www.brapci.inf.br/>. Acesso em: 22 ago. 2022.

CASOS DE CORONAVÍRUS no Brasil em 31 de março: secretarias estaduais de saúde contabilizam 5.812 infectados em todos os estados e 202 mortos. **G1**, São Paulo, 31 mar. 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2020/03/31/casos-de-coronavirus-no-brasil-em-31-de-marco.ghtml>. Acesso em: 10 ago. 2022.

CONSELHO NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO CIENTÍFICO E TECNOLÓGICO. **Plataforma Lattes**. Brasília, DF: CNPq, 2020. Disponível em: <https://lattes.cnpq.br/>. Acesso em: 10 set. 2022.

MAIA, Manuela Eugênio; DORNELES, Sânderson Lopes; BARRANCOS, Jacqueline Echeverría; LLARENA; Rosilene Agapito da Silva. Perspectiva discente sobre as aulas remotas no curso de bacharelado em Arquivologia da Universidade Estadual da Paraíba: retrato da realidade pedagógica da pandemia. **Revista Folha de Rosto**. Juazeiro do Norte, n. 7, v. 3, p 194-230, set./dez. 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufca.edu.br/ojs/index.php/folhaderosto/article/view/709/589>. Acesso em: 10 ago. 2022.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Rio de Janeiro: Vozes, 1994.

ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE (BRASIL). **OMS afirma que COVID-19 é agora caracterizada como pandemia**. Brasília, DF: OPAS, 11 mar. 2020. Disponível em: https://www.paho.org/bra/index.php?option=com_content&view=article&id=6120:oms-afirma-que-covid-19-e-agora-caracterizada-como-pandemia&Itemid=812. Acesso em: 10 ago. 2022.

ORGANIZACIÓN MUNDIAL DE SALUD (ESPAÑA). **Que es una pandemia?** [S.l.]: OMS, 28 fev. 2020. Disponível em: <https://www.who>

int/csr/disease/swineflu/frequently_asked_questions/pandemic/es/. Acesso em: 8 fev. 2021. Acesso em: 10 ago. 2022.

PARAÍBA. Decreto nº 40.122, de 13 mar. 2020. Declara situação de Emergência no Estado da Paraíba ante ao contexto de decretação de Emergência em Saúde Pública de Interesse Nacional pelo Ministério da Saúde e a declaração da condição de pandemia de infecção humana pelo Coronavírus definida pela Organização Mundial de Saúde. **A União** – Diário do Estado da Paraíba, João Pessoa, 14 mar. 2020a. Disponível em: <https://auniao.pb.gov.br/servicos/arquivo-digital/doi/janeiro/marco/diario-oficial-14-03-2020.pdf/>. Acesso em: 10 ago. 2022.

PARAÍBA. Decreto nº 40.168, de 03 abr. 2020. Dispõe sobre a adoção, no âmbito da Administração Pública direta e indireta, de regime de trabalho remoto, em razão das medidas temporárias e emergenciais de prevenção de contágio pelo COVID-19 (Novo Coronavírus). **A União** – Diário do Estado da Paraíba, João Pessoa, 4 abr. 2020b. Disponível em: <https://auniao.pb.gov.br/servicos/arquivo-digital/doi/janeiro/abril/diario-oficial-04-04-2020.pdf>. Acesso em: 10 ago. 2022.

PARAÍBA. Resolução/UEPB/CONSEPE/0229/2020, de 29 jun. 2020. **A União** – Diário do Estado da Paraíba, João Pessoa, 30 jun. 2020c. Disponível em: <https://auniao.pb.gov.br/servicos/arquivo-digital/doi/janeiro/junho/diario-oficial-30-06-2020.pdf/view>. Acesso em: 10 ago. 2022.

RIBEIRO, Elthon Ferreira. Redes sociais na pandemia: análise das lives na quarentena. Revista Temática, v. 17, n. 03, p. 202-2016, mar. 2021. Disponível em:

<https://periodicos.ufpb.br/index.php/tematica/article/view/58296/33085>. Acesso em: 22 ago. 2022.

RICHARDSON, Roberto Jerry. **Pesquisa social: métodos e técnicas.** São Paulo: Atlas, 1999.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA. PROGRAD. **Instrução Normativa/UEPB/GR nº 001/2020.** Estabelece instruções normativas para disciplinar o USO FACULTATIVO de tecnologias digitais de informação e comunicação para fins de ministração de conteúdos vinculados a componentes curriculares de natureza teórica, durante o período estabelecido na PORTARIA/UEPB/GR/0014/2020. Campina Grande: UEPB, 19 mar. 2020a. Disponível em: http://www.uepb.edu.br/download/documentos/documentos_2020/Instrucao-Normativa-001-2020-Uso-de-TDICs-para-ministracao-de-conteudo-pegadogico-teorico-na-UEPB.pdf. Acesso em: 10 ago. 2022.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA. Portaria/UEPB/GR nº 0014, de 17 mar. 2020. Suspensão de atividades. Campina Grande: UEPB, 17 mar. 2020b. Disponível em: <http://transparencia.uepb.edu.br/download/portaria-0014-2020-suspensao-de-atividades/>. Acesso em: 10 ago. 2022.

COMUNICAÇÃO E INTERPROFISSIONALIDADE NA PANDEMIA: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA SOBRE O PROJETO ATIVA IDADE

Jarda Eduarda Mendes Jerônimo¹

Josineide da Silva Barbosa²

Williane Vitória Santos de Lima³

Vânia Maria Oliveira de Farias⁴

Renata Cardoso Rocha Madruga⁵

Introdução

No dia 11 de março de 2020 foi anunciado que o mundo se encontrava em uma Pandemia de COVID-19, visto que, um surto que afetava apenas a cidade de Wuhan, na China, se disseminou por diferentes continentes. Assim, com essa realidade os idosos ganharam um destaque evidente, pois muitos possuem comorbidades e devido ao envelhecimento imunológico aumenta-se a probabilidade de se infectar com as patologias infectocontagiosas (HAMMERSCHMIDT; SANTANA, 2020).

1 Estudante do Departamento de Enfermagem, Campus I – Campina Grande – PB - (jarda.jeronimo@aluno.uepb.edu.br)

2 Estudante do Departamento de Jornalismo, Campus I, Campina Grande – PB - (josineide.barbosa@aluno.uepb.edu.br)

3 Estudante do Departamento de Enfermagem, Campus I – Campina Grande - PB - (williane.lima@aluno.uepb.edu.br)

4 Assistente Social da UBS Dr. Antônio Aurélio de Oliveira Ventura e Preceptora do Projeto - (vmofas@hotmail.com)

5 Profa. Dra. do Departamento de Odontologia, Campus I, Campina Grande e Coordenadora do Projeto de Extensão Ativa Idade – Envelhecimento Saudável na comunidade - Cota PROBEX 2020-2021 - (renatarocha@servidor.uepb.edu.br)

O projeto Ativa Idade - Envelhecimento Saudável na Comunidade atua na UBS Antônio Aurelio Ventura, a unidade faz a cobertura dos conjuntos habitacionais: Rogério Lustosa (conhecido por Cinza) e João Agripino. Possui seis micro áreas geográficas. A renda familiar da população assistida é entre $\frac{1}{2}$ e 4 salários mínimos, sendo uma média de 2 salários mínimos. A população estimada é de 3.100 habitantes, sendo 360 pessoas idosas, destes 15 domiciliados e 17 acamados, sendo entre eles as doenças mais prevalentes: hipertensão, diabetes, artroses, artrites e outras (depressão, doenças respiratórias). A Equipe assiste a população idosa por meio de atendimentos na UBS e em domicílio, atividades grupais, realização de eventos, passeios e em parceria com as Universidades, através dos projetos de extensão ATIVA IDADE e PET SAÚDE.

Antes do advento da pandemia, o Projeto tinha o objetivo de estimular o envelhecimento ativo e saudável da comunidade. Contudo, diante do contexto adverso pandêmico criou-se grandes desafios no que se refere ao controle das fake news, da falta de informações acerca da COVID-19 e de como devem ser efetivados os cuidados preventivos. Logo, uma infodemia foi consolidada, pois muitos indivíduos ficaram confusos e inseguros diante dessa situação. Vale salientar que, o uso excessivo das mídias sociais e da internet contribuiu para esse fenômeno (INOUE *et al.*, 2022).

Com isso, pode-se enfatizar que o grupo geriátrico ficou ainda mais vulnerável, pois apesar do amplo acesso da sociedade a informações sobre a COVID-19, se sabia muito pouco como ocorria a interpretação do conteúdo e qual era a sua fonte de recebimento (ROE *et al.*, 2022). Deste modo, os integrantes (docentes, preceptores e discentes de diferentes áreas de atuação) do projeto se preocuparam e por meio de diálogos em reuniões, notou-se que, apesar do distanciamento social, era de suma importância que o cuidado à saúde do idoso se efetivasse. Assim, a promoção da saúde foi somada as orientações sobre prevenção contra a Covid, combate as fake news no âmbito da saúde pública, bem como, o incentivo à prevenção por meio da utilização de álcool e máscara de proteção facial.

Nesse sentido, se reinventar foi necessário, não só para que o vínculo com os idosos da Unidade Básica de Saúde (UBS) Dr. Antônio Aurélio de Oliveira Ventura localizada no bairro Cinza, município de Campina Grande – PB permanecesse, como também, para realizar a perpetuação de conhecimentos verídicos sobre os cuidados de prevenção da COVID-19, bem como, incentivar a permanência destes em casa e sempre reafirmando a importância de se cuidar. Portanto, utilizou-se dos meios como as ligações telefônicas, as redes sociais, como, por exemplo: o Instagram, aplicativo de mensagem (WhatsApp) e as plataformas digitais, para também disseminar conhecimentos relacionados ao trabalho interprofissional.

É importante salientar que a educação interprofissional em saúde possui estratégias de ensino e aprendizagem, que são de suma importância não apenas para os universitários se preparem / capacitarem para o mercado trabalho, como também, para que seja efetivado um cuidado integral às necessidades da pessoa idosa (JÚNIOR; MONTANARI; ÁVILA, 2018). Assim, para a criação de conteúdos educativos em saúde para o Instagram, por exemplo, os estudantes de cursos diferentes se uniam e elaboravam postagens com linguagem clara e objetiva, imagens ilustrativas que visavam o fácil entendimento, além disso, as letras utilizadas na produção prezavam por facilitar a leitura e a compreensão do público idoso.

Torna-se evidente, portanto, que o Projeto Ativa Idade teve papel fundamental na disseminação de informações da COVID-19 para idosos. Logo, a articulação do ensino-serviço-comunidade proporcionou aos acadêmicos a ideia de que estes estão suscetíveis a se transformarem e a construir um olhar de saúde expandido, uma vez que, oportuniza a realização de contribuições por meio das práticas, que podem se transformar em práticas cada vez mais articuladas e humanizadas. Assim, o presente relato de experiência tem o objetivo de mostrar o quão importante é uma comunicação efetiva para esclarecer determinadas informações e para isso a interprofissionalidade revelou-se essencial no Projeto Ativa Idade.

Descrição e análise teórico-metodológica

Inicialmente, após o decreto de emergência de saúde pública em março de 2020, foi necessário que o projeto interrompesse suas atividades de forma presencial. Porém, após um período de 5 meses, as atividades precisaram ser retomadas, e adaptações se fizeram importantes para que se conseguisse proporcionar a continuidade de estímulos a um envelhecimento ativo e saudável. Deste modo, os meios digitais foram utilizados com uma maior intensidade, visto que, os encontros com extensionistas para planejamento passaram a ser realizados por plataformas como o Google Meet. Com isso, pudemos observar que as tecnologias se apresentaram como aliadas, o que proporcionou aos estudantes, preceptores, docentes e idosos (comunidade) a troca de informação e comunicação nos mais diversos âmbitos. (ALMEIDA; FERRAZ, 2021)

Outrossim, o planejamento de posters e conteúdos educativos em saúde passaram a ter seus bastidores de produção em aplicativos de mensagens como o Whatsapp entre extensionistas de áreas distintas, com intuito de incentivar a interprofissionalidade, gerando assim um conhecimento extremamente rico para a realização das produções. Vale salientar que, com esse novo cenário, o contato com os idosos também passou a ser feito de forma remota. Para isso, se fez necessário utilizar as ferramentas de comunicação, como o Whatsapp, uma vez que, por meio deste se conseguiu realizar ligações telefônicas, chamadas de vídeo e mensagens de textos. Logo, a fim de viabilizar e se adaptar ao novo cenário, fez-se necessário o uso das redes sociais e das Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC) (MELO; *et al.*, 2021). Assim, estas favoreceram a aproximação e o contato da equipe de extensão e idosos atendidos pelo projeto.

Porém, isso só foi possível, devido a atuação dos Agentes Comunitários de Saúde (ACS) da Unidade Básica de Saúde (UBS) do Cinza, pois estes conseguiram captar os idosos que estavam interessados em participar do projeto e coletaram o número telefônico de cada indivíduo. Esse momento aconteceu a partir das

suas visitas domiciliares que ocorreram antes da consolidação da pandemia da COVID-19, logo verifica-se que essa prática foi crucial para a continuidade das atividades do projeto. Pois, o contato telefônico era repassado para os extensionistas, logo depois, tendo em vista a quantidade de membros da equipe e quantidade de idosos interessados, era realizado a distribuição de forma igualitária dos contatos telefônicos para iniciar as atividades.

Segundo Pereni-Santos (2022): “Aqui está o nó do problema: a pandemia nos pede mais e mais confiança, ao mesmo tempo em que ela cria um ambiente de profunda desconfiança”. Portanto, diante de um contexto tomado pela desinformação, o projeto se propôs fornecer orientações e dar suporte ao público de idosos com os recursos que tinham. Com isso, vale frisar que fontes do Ministério da Saúde e da Organização Mundial da Saúde (OMS) foram utilizadas, tendo em vista que estes órgãos forneciam informações confiáveis. Desta forma, nota-se que o projeto passou a contactar os idosos que fazem parte do território da UBS do Cinza e compartilhou todos os cuidados de prevenção que são necessários para interromper o ciclo de contaminação da COVID-19.

Ademais, devido ao isolamento social se utilizou também do aplicativo Instagram para proliferar informações relevantes, vale enfatizar que o projeto já possuía uma conta na rede social (@ativa_idadeuepb), mas que passou a utilizá-la de forma ainda mais ativa. Pois, a comunidade precisava ainda mais de uma iniciativa que olhasse pela causa da pessoa idosa, já que estes foram considerados do grupo de risco em razão das comorbidades e doenças preexistentes. Todavia, infelizmente, poucas informações se tinham sobre o vírus. Logo, é evidente que era algo muito novo para todos, assim o projeto buscou de forma efetiva combater as desinformações que circulavam na época.

Nesse sentido, por meio de conteúdos educativos buscou-se levar informações para os idosos da comunidade do Cinza, deste modo estes receberam conteúdos de forma direta por meio de aplicativos de mensagens, por meio de ligações telefônicas e ou até mesmo os que acompanhavam por meio das redes sociais. É

evidente que por um lado foi proporcionado uma limitação explícita no contato humano, porém pelo outro permitiu o alcance de um grupo maior, inclusive, extramuros ao Projeto Ativa Idade e aos acadêmicos da UEPB.

A respeito das postagens do Instagram, que conta com 507 seguidores hodiernamente (incluindo os idosos que foram atendidos), tendo no total 139 publicações no feed (incluindo Reels), além de corriqueiramente produzir conteúdo para os stories. As publicações abordam temas distintos, todos pensados de acordo com a proposta do projeto de contribuir para o envelhecimento ativo e saudável da comunidade. O *post* que retrata sobre cuidados pós vacina da covid foi o mais curtido (62 curtidas) e os posts sobre o Estatuto do Idoso e 10 Motivos para celebrar a vida foram os mais comentados com (13 comentários cada). Além de curtir e comentar, a informação também pode ser divulgada, através do compartilhamento de postagem, sendo que o *post* referente ao porquê faz mal a superproteção foi o mais compartilhado com (23 compartilhamentos). Por se tratar de um perfil ligado a um projeto de extensão é nítido o seu crescimento e sua aceitação social neste pouco tempo, bem como a relevância dos conteúdos abordados e a sua contribuição para a sociedade.

Para melhor exemplificar os dados obtidos pela atuação do projeto no contexto pandêmico um quadro sinóptico com algumas das publicações realizadas nessa rede social foi feito, com intuito de fazer a coleta dos dados acerca dos seguintes componentes: postagem, data de publicação, curtidas, comentários, compartilhados, salvamentos (Quadro 1).

Em parceria com o PET Saúde Interprofissionalidade UEPB, extensionistas de ambos os projetos desenvolveram o Podcast A Voz do Cinza, a iniciativa buscou trazer informações educativas em saúde para a comunidade do Cinza, interagir com o público, tirar dúvidas e incentivar a prevenção de doenças e o cuidado com a saúde. Alguns dos temas abordados no podcast foram: como o Diabetes afeta a saúde bucal, papo sobre a semana do bebê, dia

internacional do idoso e quem pode ser vacinado com a Coronavac, a cada episódio os extensionistas buscavam trazer informações técnicas sobre a saúde de forma acessível e com uma linguagem clara. Especialistas eram convidados a participar do podcast para tirar as dúvidas mais comuns sobre os temas abordados, além disso, o contexto (apresentação dos temas) também era realizado.

Levando em consideração as limitações técnicas, qualidade dos equipamentos dos idosos e do público em geral e para que de fato o maior número de pessoas possível tenha acesso aos conteúdos produzidos, os áudios dos podcasts eram enviados para os idosos que não possuíam acesso às plataformas de podcasts, assim como as artes educativas produzidas e veiculadas nas redes sociais do projeto também eram encaminhadas para o grupo de whatsapp da equipe da UBS do cinza para serem socializadas e compartilhadas, como também para os idosos que recebiam as ligações telefônicas.

No dia 18 de junho de 2021, foi realizada uma “live” com a temática: “Violência contra a pessoa idosa” no Instagram do projeto, com a participação da Assistente Social Vânia Farias que é especialista em Política Social e Saúde da Família e Verônica Santos que também é Assistente Social especialista em gerontologia e mestre em educação. Essa “live” foi mediada pelos extensionistas Túlio Chaves e Raquel Andrade. Organização e convidados trataram de temas como tipos de violência e onde procurar ajuda em casos de violência. Com isso, nota-se que conhecimentos importantíssimos foram disseminados para todos os seguidores e não seguidores do nosso Instagram, visto que, ocorreram inúmeros compartilhamentos durante a live.

QUADRO 1. Algumas postagens e suas respectivas datas de publicações, curtidas, comentários, compartilhados, salvamentos e alcances.

Postagem	Data de Publicação	Curtidas	Comentários	Compartilhados	Salvamentos
Práticas do autocuidado	12/03/21	17	6	0	0
Dia Mundial da Saúde	07/04/21	21	2	1	0
Vacinação dos idosos do Bairro do Cinza	07/04/21	24	1	1	0
Cuidados pós - vacina da COVID-19	14/04/21	62	1	19	13
Cuidados necessários para a prótese dentária	06/05/21	22	0	2	0
Conscientização da violência contra a pessoa idosa	15/06/21	26	2	6	0
Horta medicinal e seus benefícios	06/07/21	27	4	4	3
Impactos saudáveis com a prática de atividade física	05/08/21	31	10	6	1
10 motivos para celebrar a vida	13/09/21	48	13	6	6
Conheça o Estatuto do Idoso	01/10/21	50	13	1	5
Alimentos que auxiliam na saúde bucal	21/12/21	28	5	11	0
Janeiro branco e a saúde mental e emocional	27/01/21	26	5	11	0
Março lilás e a conscientização ao câncer de colo de útero	14/03/21	35	6	8	0

Postagem	Data de Publicação	Curtidas	Comentários	Compartilhados	Salvamentos
Dicas de como ter uma vida saudável	07/04/22	29	4	12	1
A importância da assistência social para a pessoa idosa	18/05/22	33	4	7	3
Vacinação contra COVID- 19 e Influenza	09/06/22	17	1	4	0
Por que a superproteção em idosos faz mal?	16/06/22	35	4	23	7
Receita saudável para o São João: Bolo de Milho	23/06/22	27	5	2	0
Conheça mais sobre o Alzheimer	29/07/22	28	4	4	1
Dia Nacional da Saúde e suas curiosidades	05/08//22	34	3	4	0

Fonte: Elaborado pelos autores, 2022.

Com o isolamento social, o projeto que já possuía conta no Instagram passou a utilizá-la de forma ainda mais ativa, uma vez que os encontros presenciais foram suspensos pelo estado de emergência de saúde pública e a comunidade precisava ainda mais de uma iniciativa que olhasse pela causa da pessoa idosa. No início da pandemia os idosos foram o ciclo de vida mais afetado; as comorbidades e as doenças preexistentes colocaram este público em constante alerta, contudo, como pouca informação se tinha sobre o vírus, era algo muito novo para todos. O projeto buscou de forma efetiva combater as desinformações que circulavam na época e por meio de conteúdos educativos buscou levar informações para os idosos da comunidade do Cinza que receberam estes conteúdos

de forma direta por meio de aplicativos de mensagens, por meio de ligações telefônicas e/ou até mesmo os que acompanhavam por meio das redes sociais. A partir do momento que o projeto passa a ter uma presença mais ativa nas redes sociais não só acadêmicos da UEPB passam a acompanhar o projeto e suas ações, como também, a comunidade em geral. Além de produções com temáticas acerca do uso do álcool em gel, a importância da máscara e do isolamento social, também foram produzidos conteúdos sobre saúde em geral.

Desse modo, podemos afirmar que devido este contexto, as medidas adotadas pelo projeto, com o objetivo a se adaptar à nova realidade pandêmica vivida pelo mundo, foram efetivas e que viabilizaram a continuidade das ações propostas pelo projeto, fazendo com que as ações de extensão continuassem a promover a produção e disseminação do conhecimento universitário, sendo de suma relevância para a sociedade (Falcão; Gomes, 2020). De fato, com essas novas modificações, o projeto continuou a ganhar visibilidade. E enquanto projeto de extensão para a comunidade acadêmica e geral, além de apresentar suas ações, isso tudo através do olhar dos extensionistas do projeto.

Buscando dar visibilidade as ações extensionistas, a Pró-Reitoria de Extensão e a Coordenadoria de Comunicação da UEPB planejaram e executaram o Concurso Meu Projeto em 3 Minutos, o concurso convidou estudantes da universidade a apresentarem seus projetos de extensão e projetos de pesquisa de forma que o que é desenvolvido pela UEPB ultrapasse os muros da universidade, ou seja, que a sociedade conheça o que é desenvolvido de projetos de extensão, Iniciação Científica, bem como pesquisas de Mestrado. Inicialmente, a categoria Extensão foi dividida em subcategorias (áreas do conhecimento) desse modo, na primeira fase do concurso o Ativa Idade teve uma representação homologada na categoria saúde e uma na categoria comunicação. Em seguida, o projeto seguiu no concurso na área de Comunicação.

O Ativa Idade teve 2 representações na 1ª fase (dois vídeos aprovados na competição), os vídeos das extensionistas Maria

Aparecida⁶ e Josineide Barbosa, o projeto seguiu para a 2ª fase da competição, fase de votação popular do Meu projeto em 3 minutos, e foi premiado levando o terceiro lugar na categoria projeto de extensão⁷, área de comunicação ao todo foram mais de 2.300 (duas mil e trezentas curtidas) e 221 comentários. Com essa visibilidade adquirida durante a competição foi possível propagar as ações desenvolvidas pelo projeto.

Considerações finais

Portanto, podemos afirmar que as ações promovidas pelo projeto de extensão Ativa Idade, não só durante a pandemia, mas também nas ações desenvolvidas nas cotas subseqüentes, vem impactando diretamente a vida de extensionistas, estudantes dos cursos de graduação da UEPB, idosos da UBS do Cinza, que “abraçaram” e deram continuidade ao projeto para o desenvolvimento das ações e cumprimento dos seus objetivos, colaboradores da unidade básica e comunidade em geral. Estes impactos que se apresentam como contribuições positivas, tanto do ponto de vista formativo, quanto do ponto de vista humano. O projeto busca a humanização do atendimento em saúde.

A atuação de equipes multiprofissionais é algo recorrente na área da saúde, contudo, uma equipe que conte com profissionais da comunicação é algo menos recorrente, e nesse contexto de pandemia, um momento marcado por desafios que impossibilita a consolidação de verdades, visto que a população passa por uma experiência jamais esperada e desconhecida, a desinformação e propagação de fake news se fez/faz presente. Dessa forma, profissionais da comunicação se tornam fundamentais no quesito

6 Vídeo disponível em: <<https://www.instagram.com/tv/CWCO4BVl4Oj/?igshid=MDJmNzVkmjY=>>. Acesso em 14 de outubro de 2022.

7 Vídeo disponível em:<<https://youtu.be/zpfiqHh1XN8?list=PLjvanEHZti2AK-cJJA-PHAc-00yilX5Mgn>>. Acesso em 12 de outubro.

de transmitir conhecimento, informações verídicas e de relevância para a comunidade.

Desse modo, este diferencial se apresentou como a base para a efetivação das ações propostas pelo projeto de extensão Ativa Idade. A interprofissionalidade possibilitou por meio da comunicação potencializar as ações do projeto de modo que a iniciativa extensionista beneficiou ainda mais pessoas.

Tendo em vista que o objetivo da extensão seja a propagação de ações universitárias na comunidade, podemos afirmar que este projeto conseguiu efetivar este objetivo com êxito e excelência ultrapassando os muros da universidade, trazendo benefícios não só para a comunidade, mas contribuiu significativamente para que estudantes dos cursos de graduação tivessem um contato ainda maior com suas áreas de atuação de forma prática e efetiva.

Referências

ALMEIDA, W.C. FERRAZ, M. A. A. L. Adaptação e produção acadêmica em tempos de distanciamento social: relato de experiência. **Revista da ABENO**, v. 11, n. 1, p. 1-8, 2021.

FALCÃO,D.; GOMES, C. L. Estratégia e Táticas do Projeto “Cine Luce” no Contexto Pandêmico da Covid-19: o Lazer em Foco. **Revista do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer – UFMG**, v. 23, n. 3, p. 27-56, 2020.

HAMMERSCHMIDT, K. S. DE A.; SANTANA, R. F. Saúde do Idoso em Tempos de Pandemia COVID-19. **Cogitare Enfermagem**, v. 25, 2020.

INOUE, M. et al. The Relationship Between Information Sources, Health Literacy, and COVID-19 Knowledge in the COVID-19 Infodemic: Cross-sectional Online Study in Japan. **Journal of Medical Internet Research**, v. 24, n. 7, p. 1-13, 22 jul. 2022.

JÚNIOR, N. C.; MONTANARI, P. M.; ÁVILA, L. K. DE. Apresentação - Educação interprofissional em saúde na integração ensino e trabalho: apontamentos e contribuições da professora Regina Marsiglia para esse campo. **Saúde e Sociedade**, v. 27, n. 4, p. 976-979, out. 2018.

MELO, C. B. et al. A extensão universitária no Brasil e seus desafios durante a pandemia da COVID-19. **Research, Society and Development**, v. 10, n. 3, p. 1-12, 2021.

PERENI - SANTOS, M. Desinformação, negacionismo e a pandemia. **Unisinos Journal of Philosophy**, v. 23, n. 1, p. 1-15, 2022.

ROE, M. et al. "Communication, that is the key": a qualitative investigation of how essential workers with COVID-19 responded to public health information. **BMJ Open**, v. 12, n. 7, p. 1-9, jul. 2022.

PROJETO DE EXTENSÃO MAIS ACESSIBILIDADE: UM RELATO DA EXPERIÊNCIA EM TEMPOS DE PANDEMIA EM 2021

Professora Débora Regina Fernandes Benício¹

Géssica Quênia de Oliveira Alves²

Janielly Petrócia Matias de Lima³

Introdução

No período de 2021-2022, período de vigência deste projeto, muitas mudanças sociais ocorreram em função da Pandemia da COVID-19. O mundo todo passou a enfrentar situações nunca vistas em sociedade. O Coronavírus dizimou parte da população de muitos países, trouxe sequelas para muitos que sobreviveram e ainda hoje faz vítimas e deixa familiares órfãos de seus entes queridos. Em meio a esta situação, várias instituições sociais tiveram que manter o isolamento social para evitar a proliferação do referido vírus e se reinventar para dar continuidade às suas atividades. É o caso da escola. A escola passou a funcionar em regime de ensino remoto emergencial. Professores tiveram que utilizar as novas tecnologias da comunicação e informação (TICs) e em pouco tempo tiveram que conseguir ter o domínio destas tecnologias para continuarem suas atividades pedagógicas. Na educação básica, nem sempre foi possível garantir em massa o uso de tais tecnologias. No caso das universidades, muitas ofertaram o auxílio conectividade,

1 (Coordenadora/Autora) / Departamento de Educação. UEPB Campus III. Guarabira-PB / Projeto de Extensão Mais Acessibilidade / Cota 2021-2022. Emenda Parlamentar 153/2021

2 (Ex-bolsista/Coautora)

3 (Ex-bolsista/Coautora)

foi o caso da UEPB, para que estudantes com poucos recursos financeiros pudessem iniciar ou dar continuidade aos seus estudos.

Dentro deste contexto acima exposto, estivemos ao longo do ano de 2021 com atividades remotas para realização de atividades de extensão universitária, com bolsas mantidas pela Emenda Parlamentar nº. 153/2021. As atividades aqui relatadas foram desenvolvidas pelo Projeto de Extensão Mais Acessibilidade, vinculado ao curso de Pedagogia da UEPB Campus III, localizado na cidade de Guarabira-PB.

Considerando a necessidade de uma discussão sobre a temática, preparamos duas bolsistas ao longo de três meses para que pudessem elaborar uma cartilha, quatro vídeos e seis *podcasts* e organizar duas palestras envolvendo a temática da Acessibilidade voltada para pessoas com deficiência e mobilidade reduzida.

Perseguimos como objetivo geral: Contribuir com a inclusão social de pessoas com deficiência ou com mobilidade reduzida, favorecendo a reflexão sobre a necessidade de ampliação das condições de acessibilidade deste público. Adotamos como objetivos específicos: a) favorecer a formação de educadores comprometidos com a inclusão social e escolar; b) promover ações que colaborem com a acessibilidade física e na comunicação para pessoas com deficiência ou mobilidade reduzida.

Este trabalho se justifica pela necessidade de sensibilização das pessoas no que diz respeito aos direitos das pessoas com deficiência e mobilidade reduzida e a de difusão de orientações importantes para colaborar com um processo de inclusão social mais amplo.

Quanto aos procedimentos teórico-metodológicos, trabalhamos com encontros semanais para formação das bolsistas, na primeira etapa do projeto, contando também com a contribuição de colaboradores durante a referida formação e, na segunda etapa, fomos produzindo os materiais audiovisuais e organizando duas palestras previstas no Projeto. Ao longo da formação, foram estudados alguns documentos legais que tratam da acessibilidade, tais

como: a NBR 9050, o ECA, o Estatuto do Idoso, a Lei Brasileira de Inclusão e textos de autores, como: Sasaki (2009), Feijó e Pinheiro (2021), Tangarife (2007) e Araújo (2015). As contribuições dos colaboradores contemplaram assuntos voltados para a escrita acadêmica e uso de ferramentas tecnológicas, a saber: Normas da ABNT para trabalhos acadêmicos, organização de vídeos e *podcasts* e *Power Point*. Além disso, contamos com duas professoras do Campus III da UEPB para a revisão da cartilha, elaborada pela equipe do Projeto Mais Acessibilidade.

A seguir, apresentamos uma fundamentação teórica sobre a temática e, logo depois, o relato de experiência acerca das atividades desenvolvidas pelas bolsistas e pela coordenadora do Projeto Mais Acessibilidade.

Acessibilidade e inclusão

Historicamente, a questão da acessibilidade foi evoluindo gradativamente.

Sasaki (2005), citado por Tangarife (2007, p. 34-35) nos registra essa evolução histórica da seguinte forma:

Historicamente, a origem do termo acessibilidade para designar a condição de acesso das pessoas com deficiência está no surgimento dos serviços de reabilitação física e profissional, no final da década de 40. Na década de 50, com a prática da reintegração de adultos reabilitados, ocorrida na própria família, no mercado de trabalho e na comunidade em geral, profissionais de reabilitação constatavam que essa prática era dificultada e até impedida pela existência de barreiras arquitetônicas nos espaços urbanos, nos edifícios e residências e nos meios de transporte coletivo. Surgia assim a fase da integração, que duraria cerca de 40 anos até ser substituída gradativamente pela fase da inclusão.

Na década de 60, algumas universidades americanas iniciaram as primeiras experiências de eliminação de barreiras arquitetônicas existentes em seus recintos: áreas externas, estacionamentos, salas de aula, laboratórios, bibliotecas, lanchonetes etc.

Na década de 70, graças ao surgimento do primeiro centro de vida independente do mundo (que aconteceu na cidade de Berkeley, Califórnia, EUA), aumentaram a preocupação e os debates sobre a eliminação de barreiras arquitetônicas, bem como a operacionalização das soluções idealizadas.

Na década de 80, impulsionado pela pressão do ano internacional das pessoas deficientes (1981), o segmento de pessoas com deficiência desenvolveu verdadeiras campanhas em âmbito mundial para alertar a sociedade a respeito das barreiras arquitetônicas e exigir não apenas a eliminação delas (desenho adaptável) como também a não-inserção de barreiras já nos projetos arquitetônicos (desenho acessível). Pelo desenho adaptável, a preocupação é no sentido de adaptar os ambientes obstrutivos. Já pelo desenho acessível, a preocupação está em exigir que os arquitetos, engenheiros, urbanistas e desenhistas industriais não incorporem elementos obstrutivos nos projetos de construção de ambientes e utensílios. Tanto no desenho adaptável como no acessível, o beneficiado específico é a pessoa com deficiência. Na segunda metade da década de 80, surgiu o conceito de inclusão contrapondo-se ao de integração. Na década de 90, começou a ficar cada vez mais claro que a acessibilidade deveria seguir o paradigma do desenho universal, segundo o qual os ambientes, os meios de transporte e os utensílios fossem projetados para todos e, portanto, não apenas para pessoas com deficiência. E, com o advento

da fase da inclusão, hoje entendemos que a acessibilidade não é apenas arquitetônica, pois existem barreiras de vários tipos também em outros contextos que não o do ambiente arquitetônico. (SASSAKI, 2005).

A garantia de direitos sociais, políticos e econômicos está estabelecida na legislação vigente em vários países, inclusive no Brasil. São inúmeros os documentos legais que regulamentam a vida das pessoas em sociedade. Muitas foram as lutas de diversas pessoas, profissionais e movimentos sociais para que esses direitos pudessem ser garantidos. Mas, é preciso um processo de conscientização em longo prazo para que tais direitos se efetivem na prática.

No Brasil, o direito de acesso aos espaços públicos e privados, aos meios de comunicação, aos meios de transporte, encontra-se, por exemplo: na Lei nº 10.098/2000 ou Lei da Acessibilidade, na Lei 13.146/ 2015 (Lei Brasileira de Inclusão), na NBR 9050, no Estatuto do Idoso.

Na Lei da Acessibilidade nº 10.098/2000, em seu artigo 2º, inciso I, temos a seguinte definição de acessibilidade:

[...] possibilidade e condição de alcance para utilização, com segurança e autonomia, de espaços, mobiliários, equipamentos urbanos, edificações, transportes, informação e comunicação, inclusive seus sistemas e tecnologias, bem como de outros serviços e instalações abertos ao público, de uso público ou privados de uso coletivo, tanto na zona urbana como na rural, por pessoa com deficiência ou com mobilidade reduzida (Redação dada pela Lei nº 13.146, de 2015)

E embora a Lei da Acessibilidade garanta esse direito, ainda há um longo percurso a ser percorrido, tanto nas áreas urbanas quanto nas áreas rurais.

Segundo Sasaki (2009, p. 1), a acessibilidade tem seis dimensões:

As seis dimensões são: arquitetônica (sem barreiras físicas), comunicacional (sem barreiras na comunicação entre pessoas), metodológica (sem barreiras nos métodos e técnicas de lazer, trabalho, educação etc.), instrumental (sem barreiras nos instrumentos, ferramentas, utensílios etc.), programática (sem barreiras embutidas em políticas públicas, legislações, normas etc.) e atitudinal (sem preconceitos, estereótipos, estigmas e discriminações nos comportamentos da sociedade para pessoas que têm deficiência).

Sem dúvida, todas as dimensões são importantes para a garantia da acessibilidade plena, mas a atitudinal faz diferença para que as demais sejam promovidas.

À medida que ações tendo em vista a eliminação de barreiras forem tomadas na perspectiva de garantia do que determina a legislação, é possível favorecer o processo de inclusão social de todas as pessoas, inclusive aquelas com deficiência ou mobilidade reduzida.

A escola é uma instituição onde acontece a formação dos cidadãos para a vida em sociedade e tem um papel relevante para promover ações que permitam à sua comunidade escolar uma participação efetiva no que diz respeito à aquisição de conhecimentos historicamente acumulados e à construção de novos conhecimentos. Mas, isto só é possível mediante um trabalho que envolva a todos, que permita o acesso e a permanência dos seus estudantes no espaço escolar.

De acordo com Mantoan (2015, p.28), a inclusão escolar: “[...] implica uma mudança de perspectiva educacional, pois não atinge apenas alunos com deficiência e os que apresentam dificuldades de aprender, mas todos os demais, para que obtenham sucesso na corrente educativa geral [...]”. Então, é possível afirmar que ao trabalhar para garantir um bom acompanhamento de estudantes com

deficiência, a escola contribuirá com a aprendizagem dos demais estudantes.

O Projeto ora apresentado tem por objeto de estudo a acessibilidade, tendo por objetivo geral contribuir com a inclusão social de pessoas com deficiência ou com mobilidade reduzida, favorecendo a reflexão sobre a necessidade de ampliação das condições de acessibilidade deste público, especialmente nas escolas. A proposta de trabalho deste Projeto foi executada em 2021 e a seguir apresentamos o relato da experiência desenvolvida nesse período.

Relato da experiência do Projeto Mais Acessibilidade em tempos de pandemia em 2021

Em março de 2021, em plena pandemia da COVID-19, houve a seleção e teve início o trabalho de formação das bolsistas de forma remota, por meio do *Google Meet* e de *Whats App*, para que pudessem em breve produzir materiais didáticos que envolvessem a temática da acessibilidade. Tudo isso só foi possível porque:

No enfrentamento à pandemia, as instituições públicas de ensino superior produziram respostas imediatas, seja na adaptação ao ensino remoto, seja no desenvolvimento de ações extensionistas e de pesquisas que visassem à superação das desigualdades que se agudizaram neste período. [...] (FORPROEX-UBERLÂNDIA, 2022, p. 01)

No nosso caso, a situação não foi diferente. A equipe formada por duas bolsistas e a coordenadora trabalhou de março a julho de 2021 nessa formação. Os conteúdos foram relacionados a: Definição de Acessibilidade; Aspectos históricos da Acessibilidade; Legislação e Acessibilidade; Tipos de Barreiras; Tipos de deficiência e Acessibilidade; Pessoas com mobilidade reduzida; Acessibilidade nas edificações; Acessibilidade na urbanização; Acessibilidade nos

transportes; Acessibilidade na comunicação; Tecnologias assistivas/ ajudas técnicas; Como elaborar cartilha; Como produzir vídeos acessíveis; Como produzir áudios educativos.

A coordenação assumiu a parte inicial de estudo de conceitos e aspectos históricos e legais da acessibilidade e alguns colaboradores (uma bibliotecária e um monitor de Tecnologia da Educação) contribuíram com a formação relacionada às Normas Técnicas da ABNT para trabalhos acadêmicos, à produção de cartilhas, à produção de vídeos e *podcasts*.

Nessa etapa, foi possível perceber a importância das atividades extensionistas, que trazem a oportunidade de favorecer o aprofundamento de determinados conteúdos para garantirem uma boa articulação com a prática a ser vivenciada pelos extensionistas junto à comunidade.

Entre julho e agosto, após a formação, a equipe passou a discutir como organizar a cartilha “Acessibilidade: uma questão de cidadania” (ver FIGURA 1), primeiro recurso didático a ser elaborado. Combinamos que as imagens seriam de acesso público, retiradas da internet, feita pelo Canva (ferramenta *on line* de *design* gráfico), e com informações que orientassem as pessoas quanto à questão da importância da acessibilidade para pessoas com deficiência ou mobilidade reduzida.

FIGURA 1: Capa da Cartilha: Acessibilidade uma questão de cidadania



Fonte: Acervo do Projeto Mais Acessibilidade de 2021

A produção desse tipo de recurso, assim como os demais que foram desenvolvidos pela equipe do Projeto Mais Acessibilidade, envolveu atividade de pesquisa, estudo e planejamento para que os bolsistas pudessem apresentar um resultado satisfatório para a realização da atividade.

Nos dias 11 e 12 de agosto, a equipe participou do SEMEX – Semana de Extensão da UEPB, que também aconteceu de forma remota. A participação nesses eventos abre novos horizontes para a troca de experiências vivenciadas ao longo da graduação.

Em setembro, após a elaboração da cartilha, passamos a organizar a primeira palestra intitulada: “Acessibilidade e Atendimento Educacional Especializado (AEE) em Tempos de Pandemia”. Esta palestra foi proferida por duas professoras do AEE, uma que trabalhava em escola pública de Dona Inês e outra em Cuitegi e Guarabira, todos municípios paraibanos. A Cartilha foi lançada durante a palestra.

O evento, realizado em 24 de setembro de 2021, foi rico em trocas de experiências sobre o atendimento educacional especializado em tempos de pandemia. Participaram dele estudantes de licenciatura, professores e gestores. O que foi importante porque: *“Formar o professor na perspectiva da educação inclusiva implica ressignificar o seu papel, o da escola, o da educação e o das práticas pedagógicas usuais do contexto excludente, em todos os níveis”*. (MANTOAN, 2015, p. 81)

Ao longo do mês de outubro de 2021, produzimos sete áudios. No formato de *podcasts*, que foram divulgados à comunidade por meio do *Whats App*. Esses materiais educativos versaram sobre as dimensões da Acessibilidade baseadas nas contribuições de Romeu Sasaki, a saber: Arquitetônica, Comunicacional, Metodológica, Instrumental, Programática, Atitudinal e Natural. Assim, semanalmente, foram divulgados áudios curtos e objetivos acerca desta temática.

Sasaki (2009, p. 06) apresenta o que diz a Resolução CNE/CEB nº 02, de 11/09/2001 acerca desta questão:

‘Em consonância com os princípios da educação inclusiva, as escolas das redes regulares de educação profissional, públicas e privadas, devem atender alunos que apresentem necessidades educacionais especiais, mediante a promoção das condições de acessibilidade [acessibilidade arquitetônica, comunicacional e programática], a capacitação de recursos humanos [acessibilidade atitudinal], a flexibilização e adaptação do currículo [acessibilidade metodológica e instrumental] ...’ (Resolução CNE/CEB nº 2, de 11/9/01, art. 17)

Então, cabe aos educadores promoverem ações que caminhem na direção da garantia desses direitos, que considerem tais dimensões da acessibilidade. No caso da escola:

O desafio é construir uma prática no ambiente escolar uma pedagogia que consiga ser comum ou válida para todos os alunos da classe escolar, porém capaz de atender os alunos cujas ações pessoais e características de aprendizagem requeiram uma pedagogia diferenciada. Tudo isto sem demarcações, preconceitos ou atitudes nutridoras dos indesejados estigmas. Ao contrário, pondo em andamento, na comunidade escolar, uma conscientização crescente dos direitos de cada um. (BEYER, 2006, p. 76)

Em novembro de 2021, produzimos quatro vídeos. Os referidos vídeos foram produzidos com a contribuição de gestores e professoras do Atendimento Educacional Especializado (AEE). Duas escolas disponibilizaram imagens e materiais informativos sobre o AEE e, assim, a equipe de posse desse material pôde trabalhar na produção dos vídeos que foram divulgados por meio digital.

Com o intuito de facilitar o acesso aos conceitos da Acessibilidade, foi organizado o primeiro vídeo. O segundo e o terceiro vídeo registraram de forma prática o que fora apresentado no primeiro vídeo de abertura. Participaram destes vídeos duas escolas estaduais do Município de Guarabira/PB, que são referência para os demais municípios como escolas que promovem a inclusão e a acessibilidade. Nas referidas escolas, pesquisamos a situação de acessibilidade e recebemos fotos de professoras que atuavam nelas. Em seguida, foram feitos os vídeos que ilustravam e relatavam as condições acessíveis desses espaços.

O quarto e último vídeo falou sobre o desenho universal, sua origem e história, assim como a sua importância para toda a sociedade. Assim, foram mostrados nesse vídeo os sete princípios do desenho universal. De acordo com Sasaki (2009, p. 02), o desenho universal beneficia tanto as pessoas com deficiência com as que não apresentam deficiência. Vejamos:

[...] a acessibilidade é uma qualidade, uma facilidade que desejamos ver e ter em todos os contextos e aspectos da atividade humana. Se a acessibilidade for (ou tiver sido) projetada sob os princípios do desenho universal, ela beneficia todas as pessoas, tenham ou não qualquer tipo de deficiência.

Em 25 de novembro de 2021, realizamos a segunda palestra do Projeto Mais Acessibilidade, através do *Google Meet*, intitulada “Contribuições da Cultura, Esporte e Lazer para inclusão social da pessoa com deficiência”. Participaram do evento 62 duas pessoas e a comissão organizadora.

Colaboram como palestrantes: uma professora de dança deficiente visual e um professor de educação física adaptada. Na ocasião, também esteve presente a artista e músico terapeuta. Vale ressaltar que os três convidados trabalham de forma prática com a inclusão das pessoas com deficiência e mobilidade reduzida. Ficou

claro por meio das apresentações, que todos procuravam promover a inclusão das pessoas através da cultura, do esporte e do lazer, especialmente daquelas com deficiência ou mobilidade reduzida.

Ao longo da realização das atividades, houve participação ativa de todas as bolsistas, desde o planejamento à execução das atividades. Ao final de cada etapa de trabalho, fomos avaliando as atividades desenvolvidas pela equipe.

Considerações finais

O relato que foi apresentado mostrou a importância do trabalho de educadores que contribuem com a inclusão social de pessoas com deficiência ou com mobilidade reduzida. Isso favoreceu a reflexão sobre a necessidade de ampliação das condições de acessibilidade deste público.

Os objetivos específicos foram apresentados na perspectiva de favorecer a formação de educadores comprometidos com a inclusão social, especialmente as bolsistas, demais licenciandos que participaram, professores e gestores. Além disso, buscamos promover ações que colaborassem com a acessibilidade física e na comunicação para pessoas com deficiência ou mobilidade reduzida. Esses objetivos foram alcançados dentro do limite do possível.

Sabemos que as conquistas sociais materializadas em documentos legais levam tempo até que sejam garantidas de fato, mas precisamos acreditar que o trabalho desenvolvido pelos profissionais da educação é importante no sentido de promover mudanças significativas para a sociedade. Foi com este pensamento que desenvolvemos e trabalhamos, ao longo do ano de 2021, no Projeto Mais Acessibilidade, em tempos tão sombrios quanto os de Pandemia da COVID-19. De forma remota, superamos as dificuldades e sabemos que há um longo caminho a ser percorrido. Deixamos o convite para que novas ações sejam desenvolvidas na direção de mudanças significativas a favor de todos(as) os(as) cidadãos(ãs), independentemente da sua condição socioeconômica e política ou psicofísica.

Referências

ABNT (2004). **NBR 9050**. Norma Brasileira de Acessibilidade de Pessoas Portadoras de Deficiência às Edificações, Espaço Mobiliário e Equipamentos Urbanos. Rio de Janeiro: Associação Brasileira de Normas Técnicas. Disponível em: [https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/upload/NBR9050_20\(1\).pdf](https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/upload/NBR9050_20(1).pdf) Acesso em 08 jun. 2022.

ARAÚJO, Eliece Helena Santos. **Acessibilidade e Inclusão de Pessoas com Deficiência na Faculdade de Direito da UFBA**. (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2015. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/handle/ri/20772> Acesso em: 25 mar. 2021

BRASIL. **Lei nº 13.146**, de 06 de julho de 2015. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/113146.htm#:~:text=LEI%20N%C2%BA%2013.146%2C%20DE%206%20DE%20JULHO%20DE%202015.&text=Institui%20a%20Lei%20Brasileira%20de,Estatuto%20da%20Pessoa%20com%20Defici%C3%Aancia\).&text=Art.](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/113146.htm#:~:text=LEI%20N%C2%BA%2013.146%2C%20DE%206%20DE%20JULHO%20DE%202015.&text=Institui%20a%20Lei%20Brasileira%20de,Estatuto%20da%20Pessoa%20com%20Defici%C3%Aancia).&text=Art.) Acesso em: 08 jun. 2022.

BRASIL. **Lei nº 8.069**, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/18069.htm Acesso em: 08 jun. 2022.

BRASIL. **Lei Federal nº 10.741**, de 01 de outubro de 2003. Dispõe sobre o Estatuto do Idoso. Brasília, DF: Secretaria Especial dos Direitos Humanos, 2004. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/110.741.htm Acesso em: 08 jun. 2022.

BRASIL. **Lei nº 10.098**, de 19 de dezembro de 2000. Estabelece normas gerais e critérios básicos para a promoção da acessibilidade das pessoas portadoras de deficiência ou com mobilidade reduzida,

e dá outras providências. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/110098.htm Acesso em 10 dez. 2021.

BEYER, Hugo Otto. Da integração escolar à educação inclusiva: implicações pedagógicas. In:

BAPTISTA, Cláudio Roberto. **Inclusão e escolarização**: múltiplas perspectivas. Porto Alegre: Mediação, 2006.

FORPROEX-UBERLÂNDIA. **CARTA DE UBERLÂNDIA**. 49º ENCONTRO NACIONAL DO FÓRUM DE PRÓ-REITORAS E PRÓ-REITORES DE EXTENSÃO DAS INSTITUIÇÕES PÚBLICAS DE EDUCAÇÃO SUPERIOR BRASILEIRAS (FORPROEX) (2022). Disponível em: https://www.ufmg.br/proex/renex/images/CARTA_49_FORPROEX_UBERLANDIA.pdf Acesso em 11 fev. 2023.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. **Inclusão Escolar**: O que é? Por quê? Como Fazer? São Paulo: Moderna, 2015.

SASSAKI, Romeu Kazumi. Inclusão: acessibilidade no lazer, trabalho e educação. **Revista Nacional de Reabilitação** (Reação), São Paulo, Ano XII, mar./abr. 2009, p. 10-16. Disponível em: https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/211/o/SASSAKI_-_Acessibilidade.pdf?1473203319 Acesso em 09 jun. 2022.

TANGARIFE, Timoteo Moreira. **A acessibilidade nos websites**: um estudo de caso no site da Eletrobras. Universidade Pontifícia Católica do Rio de Janeiro, 2007. (Dissertação de Mestrado). Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/colecao.php?strSecao=resultado&nrSeq=10500@1> Acesso em 20 mar. 2021.

EM MEIO À COVID-19, CONSTRUINDO POSSIBILIDADES: EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA SOB O CHÃO DA CIDADE

Maria Jackeline Feitosa Carvalho¹

Introdução

O presente artigo visa socializar ação extensionista vinculada ao Curso de Sociologia (DCS/UEPB) que teve por objetivos promover a participação das Zonas Especiais de Interesse Social (ZEIS) frente o desafio de fortalecimento das ZEIS em Campina Grande (PB); de tal modo detalharemos as ações com ênfase na discussão teórica- metodológica sobre as desigualdades urbanas; direito à cidade e controle social, situando o processo desenvolvido enquanto metodologia de Extensão do trabalho em redes.

A ação Extensionista aqui descrita deu continuidade ao que vem sendo tecido desde 2018 (Edital PROBEX 2018-2019; 2019-2020; 2020-2021) a partir da tentativa em consolidar um trabalho processual e colaborativo em redes² envolvendo o Grupo de Estudo e Pesquisas sobre o Urbano/ GEUR/UEPB e o Observatório das Metrôpoles — Núcleo Paraíba com a experimentação de práticas de organização que busca envolver a comunidade em suas organizações sociais através da parceria com a União Campinense de Equipes Sociais(UCES) e Sociedades Amigas de Bairros(SAB's); assim

1 (DCS, Campus I) Grupo de Estudos e Pesquisas sobre o Urbano (GEUR/ Universidade Estadual da Paraíba - UEPB/Paraíba/Brasil) / Observatório das Metrôpoles (Núcleo PB) / Título do Projeto: FORMAS E EXPRESSÕES DA PARTICIPAÇÃO POPULAR NAS ZEIS EM CAMPINA GRANDE (PB): morar e se apropriar da cidade. Cota: 2019-2020

2 A esse respeito cf: Cartilha sobre participação popular nas zonas especiais de interesse social é lançada por projeto de extensão (uepb.edu.br)

como de maneira mais institucional a Secretaria de Planejamento (SEPLAN) da Prefeitura Municipal de Campina Grande (PMCG) através da Coordenadoria de Habitação e o Fórum ZEIS. A Extensão teve por ÁREA: Direitos Humanos (organizações populares), a LINHA DE EXTENSÃO: Desenvolvimento Urbano e OBJETIVOS DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL — OD: Objetivo 11 — Tornar as cidades e os assentamentos humanos inclusivos, seguros, resilientes e sustentáveis.

Metodologia

Em termos de Metodologia, desenvolvemos oficinas e rodas de conversas que se caracterizaram por debates abertos ao público sobre temas relacionados às ZEIS e a luta pelo direito à cidade. As ações foram desenvolvidas a partir de uma metodologia de planejamento coletivo a cada atividade com entidades parceiras, colaboradores e discentes Extensionistas — a saber: UCES; Fórum ZEIS; SAB's; Observatório das Metrôpoles; e SEPLAN — caracterizando um processo de construção antes e pós-atividades de avaliação contínua.

Mesmo em meio à Pandemia da COVID-19, trabalhamos intensamente com a comunidade através de 09 oficinas. Inicialmente em formato online através do aplicativo Google Meet e, mais recentemente, nas próprias comunidades com a realização 15 micro-docs trazendo a história de cada ZEIS em Campina Grande. Merece destaque também a elaboração da Cartilha ZEIS, retratando o processo da Extensão junto às comunidades; ambos os produtos traduziram os elementos de aprendizagem e formação teórica e prática.

A partir das oficinas remotas com moradores e representantes de organizações comunitárias trabalhamos o poder de organização nos territórios ZEIS, de maneira que se tornou imprescindível a participação e incidência das comunidades neste processo.

Fundamentação teórica

As variáveis da dinâmica da produção habitacional, através das vertentes da produção formal e informal, traçam o panorama das políticas habitacionais desenvolvidas nacionalmente e localmente com seu rebatimento espacial. Visto que tais políticas habitacionais exercem relevante influência na morfologia, na forma e função da cidade.

Isso nos obriga a desvendar a trama da produção habitacional enquanto conquista de um direito à cidade, que deva ser marcado pela conquista da democracia e a implementação de um modelo de gestão democrática e participativa. (LIMA, 2010). De tal modo, o direito à cidade vai além de ter acesso ao que a cidade tem a oferecer (HARVEY, 2012), é o direito de transformar a cidade de diversas maneiras de acordo com as necessidades coletivas. É nesta perspectiva que dialogamos com a concepção do direito à cidade, entendendo como direito à terra urbana, à moradia, ao saneamento ambiental, à infraestrutura urbana, ao transporte e aos serviços públicos, ao trabalho e ao lazer, para as presentes e futuras gerações (BRASIL, 2001).

Há um processo o qual institucionalizou e impulsionou a possibilidade de democratizar o solo urbano e o combate à desigualdade sociourbanística, de maneira a consolidar a organização das áreas mais empobrecidas da cidade. Em termos históricos cabe apontar que a primeira experiência ZEIS surge ainda no ano de 1987, na cidade de Recife (PE), através do PREZEIS – Plano de Regulamentação da ZEIS. Com a aprovação da lei federal nº 10.257 de julho de 2001, denominada Estatuto da Cidade, passa a se estabelecer o instrumento jurídico das ZEIS como um direito fundamental de combate ao padrão de urbanização excludente reproduzido nas cidades brasileiras, visto que as ZEIS refletem a forma desigual como as cidades brasileiras se urbanizaram, de maneira rápida e, quase sempre, dissociando a moradia como um direito à cidade.

Com base nas definições estabelecidas pelo Estatuto da Cidade, passa a ser exigido a nível dos movimentos sociais uma prática do planejamento urbano enquanto instrumento de direito humano posto através do direito à moradia. Assim se torna relevante compreender que as ZEIS têm uma distinção em relação a outras áreas da cidade, seja pela forma de sua ocupação ou pelo tipo de uso do solo para os diferentes tipos, em função de situações urbanas diferenciadas, de tal maneira que devem incidir sobre áreas centrais mais bem servidas de infraestrutura e com maior potencial de adensamento, ou em áreas intermediárias, onde seja mais adequado adotar um potencial de adensamento médio, em relação aos padrões vigentes no município. (MIN. CIDADES, 2009, p. 25).

As ZEIS necessitam ser priorizadas enquanto um instrumento urbanístico e regulatório, incluído no zoneamento da cidade, que incide sobre territórios precários ou áreas destinadas à produção de novas moradias para segmentos de baixa renda, com parâmetros urbanísticos específicos que deveriam, por um lado, facilitar a implementação de projetos de regularização urbanística e fundiária e de habitação de interesse social e, por outro, inviabilizar os empreendimentos imobiliários de grande porte voltados para outros grupos de renda.

A partir do Estatuto da Cidade (Lei 10.257/2001) é difundido o instrumento jurídico ZEIS como um direito fundamental de combate ao padrão de urbanização excludente reproduzido nas cidades brasileiras, posto que os territórios precários refletem a forma desigual como as cidades brasileiras se urbanizaram, entre omissões e ações autoritárias e sem participação nas decisões do planejamento da cidade. Tais processos caracterizaram um modelo de cidades onde “as ideias estão fora do lugar, e o lugar fora das ideias”(Maricato, 2001) e a moradia como um direito. Estes assentamentos e seus moradores, no contexto da financeirização e mercantilização das cidades, têm se tornado, cada vez mais, vulneráveis a remoções e despossessões, visto que há uma guerra dos lugares (Rolnik, 2014), ampliando o desafio de garantir o direito à cidade para todos (Lefebvre, 2001). Nesse sentido, as ZEIS se

tornam um importante instrumento para a proteção de direitos. Nesse sentido:

(...) as ZEIS passam a ser priorizadas enquanto um importante instrumento urbanístico-regulatório, incluído no zoneamento da cidade, que incide sobre assentamentos precários ou áreas para a produção de novas moradias para segmentos de baixa renda, com parâmetros urbanísticos específicos que devam, por um lado, facilitar a implementação de projetos de regularização urbanística e fundiária e de habitação de interesse social e, por outro, inviabilizar os empreendimentos imobiliários de grande porte voltados para outros grupos de renda. (MORAES; AZEVÊDO, 2017).

Ou seja, sendo a cidade um campo de disputa, a questão fundiária e distributiva da terra torna-se fundamental para entendermos o porquê de uma parte da população tender a resolver a crise da moradia, que vem acompanhada de tantas outras, fora do mercado imobiliário formal. Esse entendimento tem a ver como se deu a produção do ambiente construído no Brasil e o papel do Estado na produção do espaço urbano (Castells, 2009) onde, quase sempre, a lei e o direito à propriedade ignoram silenciosamente a existência e exigência de sua função social (Maricato, 2016).

Há uma produção histórica de uma dualidade que denota, de um lado, a organização patrimonial de um sistema tradicional, retrógrado, pobre e baseado nas relações pessoais dominação e lealdade e, de outro, um sistema capitalista industrial, fundado na impessoalidade das relações interpessoais que exprimirá o abismo no mundo urbano brasileiro (Zaluar & Alvito, 2006; DaMatta, 1986). O que caracteriza um conflito entre os que precisam da cidade para viver e os que dela extraem lucro com sua produção e reprodução.

De acordo com Rolnik (1998) as ZEIS têm os seguintes objetivos: a) permitir a inclusão de parcelas da população que foram marginalizadas na cidade; b) permitir a introdução de serviços e infraestrutura urbana nos locais onde eles não chegavam, melhorando a condição de vida da população; c) regular o conjunto do mercado de terras urbanas, pois com a redução das diferenças de qualidade entre os diferentes padrões de ocupação, reduz-se também as diferenças de preço entre as terras; d) *introduzir mecanismos de participação direta dos moradores no processo de definição dos investimentos públicos em urbanização para consolidar os assentamentos*; e) aumentar a arrecadação do município, visando que as áreas que são regularizadas passam a pagar impostos e taxas como o caso do IPTU, o que não acontece nas favelas; e por fim, f) aumentar a oferta de terras para o mercado urbano de baixa renda. (ROLNIK apud DANTAS, 2015).

Em termos locais, a Secretaria de Planejamento da Prefeitura Municipal de Campina Grande (PMCG/ SEPLAN,2008) definiu os seguintes critérios para uma área se tornar ZEIS : 1. A área ter uso predominantemente habitacional; 2. Abrigar população predominantemente de baixa renda; 3. Apresentar precariedade de infraestrutura urbana e/ou de infraestrutura de suas habitações;4. Deve ter existência, em suas imediações, de imóveis vazios, inutilizados ou subutilizados capazes de abrigar a população a ser relocada após reurbanização e redução do adensamento da área.

Em Campina Grande, as ZEIS foram regulamentadas em dezembro de 2009, através da Lei Municipal nº. 4.806, com a instituição de dezenove (19) assentamentos precários, destes dezessete (17) regulamentadas. A saber: 01 ZEIS Califon / Estação Velha; 02 ZEIS Catingueira / Riacho do Bodocongó / Bairro das Cidades; 03 ZEIS Ocupação Macaíba / Ocupação Novo Horizonte; 04 ZEIS Ocupação Santa Cruz; 05 ZEIS Ocupação do Alto Branco; 06 ZEIS Ocupação do Pelourinho; 07 ZEIS Ocupação Verdejante; 08 ZEIS Ocupação Brotos; 09 ZEIS Três Irmãs; 10 ZEIS Vila de Santa Cruz; 11 ZEIS Novo Cruzeiro ; 12 ZEIS Catolé de Zé Ferreira 13 ZEIS Jardim

Europa; 14 ZEIS Ocupação Ramadinha II; 15 ZEIS Pedregal; 16 ZEIS Jeremias 17 ZEIS Nossa Senhora Aparecida; 18 ZEIS Beira Rio; 19 ZEIS Ocupação Jardim Tavares.

Entretanto, em Campina Grande, as ZEIS ainda não foram implementadas em conformidade com a previsão da lei, sendo imprescindível que a comunidade possa participar e intervir no processo de planejamento e gestão das ZEIS, algo que não está ocorrendo. Uma vez que a participação social tem sido reduzida, tanto em relação ao controle social das organizações e movimentos de luta pela moradia na cidade como das decisões que possam vir a favorecer a inclusão socioterritorial da população de baixa renda, a ampliação do acesso e permanência à moradia, ao solo e aos serviços urbanos. Daí a importância em subsidiar a participação e o trabalho de diferentes atores sobre o desenvolvimento urbano e as questões da cidade.

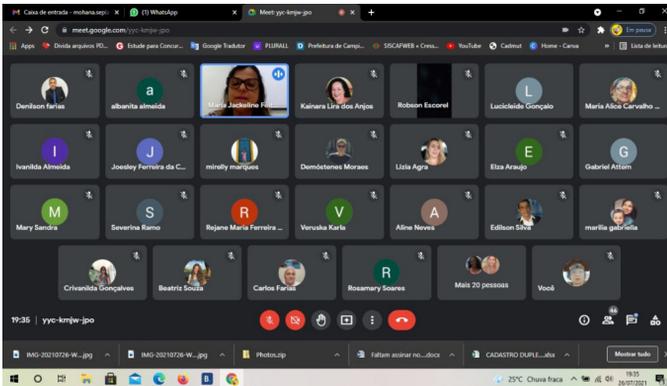
Resultados

Em termos gerais, a Extensão fomentou a participação e o trabalho de diferentes atores sobre o desenvolvimento urbano na incidência do direito à cidade através da articulação e troca de experiências entre as comunidades ZEIS e a UEPB, enquanto experimentação de práticas de formação sobre a realidade de vida nas periferias e as estratégias de organização praticadas pelas comunidades. De maneira que a referida experiência potencializou saberes através de oficinas; rodas de diálogo e debates abertos ao público (sociedade civil em geral). Conforme registros abaixo (FIGURAS 1 e 2).

FIGURA 1: Em tempos pandêmicos, a Extensão resiste. (card de divulgação)



FIGURA 2: A formação (Oficinas, via Google Meet)



Fontes: Projeto PROBEX 2020-2021

Deste modo, em consonância com todo esse processo e da ação extensionista aqui socializada, cabe destacar que em novembro de 2020 iniciamos as atividades de filmagens de 15 micro-docs nas comunidades ZEIS que possibilitaram o lançamento (em outubro de 2021) do Documentário **SOB O CHÃO DA CIDADE — ESPAÇO DE**

VIDAS E MEMÓRIAS: mudanças e desafios das ZEIS em Campina Grande (PB). O documentário terminou por fortalecer a inserção da universidade no processo participativo e efetivamente democrático, ao articular a troca de experiências na busca do direito à cidade. Ainda trabalhou a formação de lideranças nos territórios ZEIS, de maneira a contribuir para o avanço de políticas públicas que potencializem a reforma urbana, a autonomia, a capacidade de mobilização e de intervenção propositiva dos atores sociais populares e da universidade como mediadora de saberes e práticas inovadoras do diálogo propositivo com a sociedade. Conforme registros e imagens a seguir.

FIGURAS 3;4: Ouvir; construir a Extensão – filmagens do documentário (ZEIS Pedregal).



Fonte: Projeto PROBEX 2020-2021

A produção dos micro-documentários³ teve por objetivo trazer as falas e memórias de moradores e moradoras dos territórios populares de Campina Grande, de maneira a resgatar o processo de luta pela moradia e inserir uma cartografia social da cidade quase sempre silenciada, oculta e não valorizada. **SOB O CHÃO DA CIDADE** resgata uma memória urbana importante à compreensão das várias Campina Grande, um olhar atento que busca dar voz, trazer discursos historicamente negligenciados e, assim, fortalecer o direito à cidade através da luta pelo solo urbano em Campina Grande.

Discussões

A ação Extensionista contribuiu para ampliar as percepções e leituras de moradores e moradoras das ZEIS e discentes da UEPB, articulando teoria e prática, a partir da inserção dos discentes com a realidade local da luta pela moradia na cidade. Conforme FIGURAS a seguir.

3 Nesse intuito foi criado um canal para assentar os Micro-docs e, amplamente, divulgar o acesso a todo o processo de luta moradia em Campina Grande. A esse respeito cf: <https://youtube.com/channel/UCnIxf7AGQHE-wsa6hNEUfxA>
<https://uepb.edu.br/projeto-de-extensao-lanca-micro-documentarios-sobre-a-luta-pela-moradia-em-campina-grande/>
<https://youtu.be/-lIq8ZfOcrA>
<https://youtube.com/channel/UCnIxf7AGQHE-wsa6hNEUfxA>
https://drive.google.com/file/d/1zJhysb-k8idEz5w_EAYEudGLuF3OoakY/view?usp=sharing

FIGURAS 5;6;7: *Extensionistas em prática: da universidade às comunidades ZEIS.*



Fontes: Projeto PROBEX 2020-2021

O lançamento do Documentário(vide FIGURA 8 e seguintes) **SOB O CHÃO DA CIDADE** se definiu para nós enquanto perspectiva de um dos caminhos que a Universidade deva trilhar, qual seja o cumprimento de sua função social e de conexão com a comunidade. De tal maneira, o Documentário, em especial, fez da teoria um elemento da prática revertida na reflexão e contato direto com as comunidades ZEIS, possibilidade de construção da justa e necessária incorporação desses territórios ao tecido social da cidade, dada a diversidade de usos e formas da estrutura urbana de Campina Grande.

FIGURA 8: Lançamento de 15 micro-docs

The poster is for a documentary launch event. At the top, it features logos for UEPB and 'PROJETO DE EXTENSÃO'. Below that, the text reads 'FORMAS E EXPRESSÕES DAS ZEIS EM CAMPINA GRANDE (PB): MORAR E SE APROPRIAR DA CIDADE.' The main title is 'LANÇAMENTO DO DOCUMENTÁRIO SOB O CHÃO DA CIDADE - ESPAÇO DE VIDAS E MEMÓRIAS: mudanças e desafios das ZEIS em Campina Grande (PB)'. The date and location are 'DATA: 06 DE NOVEMBRO (SÁBADO), ÀS 17h00 MUSEU DE ARTE POPULAR DA PARAÍBA (MUSEU DOS TRÊS PANDEIROS, LOCALIZADO NO AÇUDE VELHO)'. At the bottom, there are logos for UACES, OBSERVATÓRIO DA CIDADE, CAMPINA GRANDE, and FÓRUM DAS ZEIS. On the right side of the poster, there is a vertical strip of 15 small photographs showing various people, likely the residents featured in the micro-docs.

Fonte: Projeto PROBEX 2020-2021

FIGURAS 9 e 10: Da memória à participação: moradores e moradoras dos territórios ZEIS quando do lançamento do Documentário.



Fontes: Projeto PROBEX 2020- 2021.

De tal modo apontamos em três direções o envolvimento da universidade nesse processo: 1) a inserção da UEPB como metodologia horizontal de participação das comunidades ZEIS; 2) a visibilidade e construção do debate público local sobre a precariedade urbana e regularização das ZEIS no processo decisório de planejamento urbano; 3) o fortalecimento da função social da UEPB na mediação da luta pelo direito à cidade e, em todo o processo, a inserção dos discentes dos Cursos de Sociologia, Geografia, História, Serviço Social, Letras e Jornalismo na agenda urbana local, com ênfase na discussão teórica e metodológica do direito à cidade.

FIGURA 11: A precariedade urbana em discussão



RODA DE CONVERSA:

Texturas da precariedade urbana em Campina Grande (PB).



PROF. DR. MAURO NORMANDO BARROS

Professor e pesquisador do Curso de Graduação em Arquitetura e Urbanismo e do Curso de Pós-Graduação em Engenharia Civil e Ambiental (PROECA) da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG).

Data: Terça-feira (17/08) Horário: 19h00

Público-alvo: Comunidades ZEIS.

Realizada por meio do aplicativo  Google Meet.



Fonte: Projeto PROBEX 2020-2021

O processo da Extensão resultou em uma relevante incidência junto à *gestão urbana* local no sentido de tentar democratizar a participação com fins à urbanização e regularização das ZEIS; trabalhar junto às Organizações de Bairros, através da UCES; estimular a participação nas SAB's; estabelecendo, ainda, colaborações com outros protagonistas da agenda urbana local, a exemplo da *Frente Pelo Direito à Cidade* e o *Fórum ZEIS*.

Considerações finais

Destacamos como objetivo alcançado a contribuição dada pela UEPB junto ao fortalecimento da sociedade civil organizada em redes para o debate público na formulação e implementação das ZEIS em Campina Grande. Ou seja, a inserção da UEPB na interlocução com os movimentos sociais de direitos à moradia em Campina Grande tem contribuído à proteção dos direitos das comunidades pobres contra os impactos negativos resultantes da segregação urbana. O que para nós se coloca enquanto reforço da capacidade da universidade quanto ao cumprimento das ZEIS em Campina Grande.

Em um contexto de crise de investimentos na habitação popular, a ação extensionista teve uma relevância social, pois buscou fortalecer a atuação dos movimentos de luta pela moradia em Campina Grande, pela formação de lideranças e comunidades. Assim, enquanto produto final da Extensão, realizou e documentou o registro de um outro olhar sobre Campina Grande ao fomentar a incidência popular sobre o acesso à terra e moradia nos territórios pobres e vulneráveis.

Em considerações, a justificativa desta proposta de Extensão possibilitou, em especial, contato direto com as comunidades, enquanto possibilidade de construção do direito à cidade.

Referências

DANTAS, Denis Rodrigues. *Áreas pobres de Campina Grande: análise da evolução socioespacial dos espaços urbanos através das Zonas Especiais de Interesse Social*. 2015. 50f. Monografia. (Curso de Geografia) — Universidade Federal de Campina Grande, Campina Grande.

LEFEBVRE, Henri. *O direito à cidade*. São Paulo: Centauro, 2001.

MARICATO, Ermínia. *Para entender a crise urbana*. São Paulo: Expressão Popular, 2016.

MORAES, Demóstenes Andrade de; AZEVÊDO, Viviane Ramos de. Apontamentos sobre a inserção urbana dos moradores de Assentamentos Precários e de ZEIS em Campina Grande – PB. Disponível em: https://cchla.ufrn.br/rmnatal/evento_2017/anais/ST3/apontamentos_sobre.pdf. Acesso em: 05 maio 2019.

ROLNIK, Raquel. *Guerra dos lugares. a colonização da terra e da moradia na era das finanças*. São Paulo: Boitempo, 2014

_____. Zonas Especiais de Interesse Social. *Revista Pólis* 29, São Paulo, 1989.

ZALUAR, Alba; ALVITO, Marcos. *Um século de favela*. 5ª ed. Rio de Janeiro: Edt. FGV, 2006.

QUANDO A ESCUTA CHEGA: DIÁLOGO, SUBJETIVIDADE E CONSCIENTIZAÇÃO NA PANDEMIA

Rita de Cássia da Rocha Cavalcante¹

João Faustino dos Santos²

Introdução

Nos últimos anos, no Centro de Humanidades (CH) da Universidade Estadual da Paraíba, notamos que os estudantes vêm procurando pela escuta. Alguns chegam com questões familiares ou pessoais e necessitam de atendimento pedagógico e terapêutico. A realidade adversa na qual estão inseridos é o cenário de muitos jovens e adultos que se encontram em formação acadêmica.

Ações esporádicas vêm sendo empreendidas por alguns docentes. Às vezes, na sala de aula, eclodem problemas difíceis de tratar. O professor e os estudantes geralmente acolhem os relatos de vida e passam a ocupar o tempo de aula como apoio. No entanto, vários casos identificados em sala de aula demandam um tempo extraclasse para serem adequadamente trabalhados. Além disso, a complexidade exposta em diferentes casos exige conhecimentos que os professores não dominam na formação específica, e a escola, na lógica prescritiva, não consegue visualizá-los e propor ações de intervenção significativas.

Pensando nisso, elaboramos um projeto de extensão universitária baseado na interação, na compreensão e na interlocução como

1 Professora da Universidade Estadual da Paraíba — Centro de Humanidades — Departamento de Educação. Coordenadora do projeto de extensão “Pra te escutar: novos horizontes para a formação humana” aprovado na cota especial nº 001/2021 da Emenda Parlamentar 354/2021 da UEPB/PROEX

2 Estudante da Universidade Estadual da Paraíba — Centro de Humanidades — Departamento de Letras. Bolsista do “Pra te escutar: novos horizontes para a formação humana”

matrizes curriculares, cujo objetivo geral foi o de conscientizar as pessoas sobre a importância de ressignificar o processo educativo por meio da escuta. A ideia inicial era de focar nas questões trazidas pelo público-alvo — estudantes, professores e demais profissionais da educação - que atuavam nas escolas públicas do entorno do CH-UEPB e na comunidade acadêmica.

Ressalte-se, contudo, que, no período da pandemia, quando a proposta foi executada, repercutiu em medidas para proteger a vida e, conseqüentemente, na suspensão das atividades presenciais, abrindo novos espaços de intervenção e reduzindo as distâncias interpostas pelos limites geográficos e físicos das salas de aula. Nesse sentido, com a divulgação, nas redes sociais (Instagram, Facebook e WhatsApp), de escutas on-line por meio do Google Meet, várias pessoas de diferentes *campis* universitários e escolas públicas procuraram informações e participaram das atividades propostas, sobretudo das oficinas realizadas ao longo do ano (pela plataforma Even, de forma gratuita e sem qualquer pré-requisito).

Neste artigo, pensamos em apresentar os detalhes do projeto acima indicado e intitulado “Pra te escutar: novos horizontes para a formação humana”, que foi aprovado em cota especial e funcionou no período de março a dezembro de 2021. Para tanto, marcamos, nas palavras de abertura, o chamado para o foco “a chegada da escuta” e os aspectos importantes que julgamos que deveriam ser recolhidos desse processo educativo — diálogo, subjetividade e conscientização. Houve algumas discussões sobre a escuta na escola e a exposição de aspectos destacados para refletirmos sobre a educação em tempos difíceis e atuais e as apreensões das pessoas sobre o “Fique em casa”.

*Projeto pra te escutar: delineamentos
de uma proposta de extensão universitária*

O projeto de extensão 'Pra te escutar: novos horizontes para a formação humana' foi elaborado a partir de uma demanda real identificada no CH-UEPB, sendo aprovado em 2021 e executado em dez meses consecutivos do ano em curso. Devido ao contexto da pandemia, as ações foram desenvolvidas através de plataformas digitais e da internet. Como o papel do docente é primordial no processo de escuta, as ações do projeto partiram das demandas indicadas pelos professores que estão atuando em sala de aula e dos/as demais interessados/as.

Para tanto, houve uma campanha para sensibilizar os docentes e os discentes de escolas públicas do entorno do CH-UEPB e no próprio campus universitário, durante a divulgação do projeto, por meio de grupos de Whatsapp do Centro de Humanidades, do envio de mensagens às Secretarias de Educação, via e-mail, e de páginas do projeto no Instagram - @Prateescutar. Nesse momento, explicamos a importância da proposta e da colaboração de todos/as os/as envolvidos/as no processo de seleção e acompanhamento. Em seguida, com a solicitação da escuta, enviamos convites para participação.

Sempre que é necessário, ofertamos oficinas voltadas para os problemas identificados pelos atendidos/as na escuta. Visando preservar o anonimato dos atendidos pelo projeto, as inscrições nos eventos possibilitaram o envolvimento de diferentes pessoas, desde as que passaram pela escuta até outros indivíduo/s e externo/s, advindos/as da comunidade acadêmica ou do entorno. Para nossa surpresa, os últimos eventos realizados extrapolaram o espaço geográfico do CH e do estado da Paraíba (Pernambuco/PE, Salvador/BA e Goiás/GO).

Para acompanhar o processo, usamos técnicas de entrevistas abertas e focadas, além dos procedimentos compatíveis com os casos atendidos. Nos casos em que a equipe do projeto interna ao

CH-UEPB percebeu que não poderia intervir, de forma adequada e responsável, por extrapolar a área pedagógica, e que que exigiam conhecimentos de outros profissionais, sobretudo os que envolviam questões relativas aos aspectos psicológicos, foram indicados os serviços de atenção aos estudantes da Pró-Reitoria Estudantil - PROEST - e aos promovidos através do serviço público por meio do Serviço Único de Saúde - SUS (psicólogos e médicos).

Segundo Cerqueira³ (2006, p. 32-33), é importante que, nesse processo, haja

disponibilidade permanente por parte do sujeito que escuta para a abertura à fala do outro, ao gesto do outro, às diferenças do outro. Isto não quer dizer, evidentemente, que escutar exija de quem realmente escuta sua redução ao outro que fala. Isto não seria escuta, mas autoanulação. A verdadeira escuta não diminui em nada, a capacidade de exercer o direito de discordar, de opor-se, de posicionar-se. Pelo contrário, é escutando bem que me preparo para melhor colocar-me, ou melhor, situar-me do ponto de vista das ideias.

O monitoramento e o acompanhamento do projeto eram feitos pela equipe bimestralmente, com a realização de oficinas, duas delas por meio da plataforma Even, com títulos que marcaram a promoção do evento pelo projeto e temas mencionados nas escutas. Em maio, oferecemos o primeiro evento com prioridade para os que participaram da escuta, mas aberto à comunidade em geral a “I Oficina do Projeto pra te escutar”. A segunda oficina foi organizada e ofertada no evento alusivo ao centenário de Paulo Freire pelo CH-UEPB, intitulada ‘Da alegria que nos move à esperança dos achados - por uma pedagogia da autonomia’, no mês de setembro, e o último foi a

3 Ver CERQUEIRA, 2021.

‘II oficina do Projeto de Extensão pra te Escutar - a importância da escuta na escola’, que ocorreu em novembro de 2021.

Os referidos eventos foram amplamente divulgados e com intensa participação. As vagas ofertadas foram preenchidas rapidamente. O público participante inicialmente foram estudantes e professores do CH-UEPB e da educação básica. Com o passar do tempo, esses eventos foram se ampliando, atingiram outros *campi* da universidade e extrapolaram os limites físicos da UEPB e do próprio Estado da Paraíba.

Discussões sobre a escuta nas escolas: primeiras aproximações

Neste projeto, entendemos e assumimos com Neto Molina e Molina (2002, p.61) que “a capacidade de escutar que defendemos, ao longo deste texto, é uma atitude pessoal e docente. É muito mais do que ouvir. É, sobretudo, compreender os fenômenos na perspectiva e na lógica de seus protagonistas”.

Assim, concordamos com Cerqueira (2021, p.32), quando afirma que

o educando deve assumir seu papel de sujeito da produção de sua inteligência do mundo e não apenas o de receptor da que lhe seja transferida pelo professor. É nesse sentido que a escuta sensível do professor é essencial para que o mesmo possa ajudar o aluno a reconhecer-se como construtor de seu conhecimento.

Nesse sentido, o professor assume um papel fundamental na escuta. Através de sua atuação, abre-se a dinâmica de construção do conhecimento e da subjetividade. (CERQUEIRA, 2006), pois “a escuta é uma exigência para que mulheres e homens reconheçam a si mesmos como criadores e criaturas da cultura e digam sua palavra” (MEATO, 2021, p.01).

Por meio da escuta sensível, entendida como a possibilidade de criar novos vínculos, podem-se desenvolver múltiplas dimensões humanas. Uma das tarefas da aprendizagem interativa é de desenvolver o conhecimento cognitivo, afetivo e social mediados pela escuta.

Nesse sentido,

escutar sensivelmente esses alunos implica dar espaço para que eles inventem e reinventem seus processos de descobertas e de aprendizagens a partir de suas próprias características potencializando esses indivíduos para se expressarem em atividades que serão realizadas na montagem do espetáculo. A escuta sensível é utilizada como ferramenta provocadora desse processo, é com ela que tangenciamos os saberes do aluno-ator e também fazemos com que o aluno-ator também se habilite a ouvir o grupo (BARBOSA, 2021, p. 9).

O processo de escuta demanda de quem ouve uma postura de não julgamento e possibilita o aprendizado no sentido de vivenciar o exercício de despojamento dos seus conceitos e preconceitos. Um processo de respeito e acolhimento, que propicia um aprendizado mútuo e exige de quem ouve disponibilidade de tempo. Significa escutar, no sentido de estabelecer uma relação de troca favorável e intensa com o outro (RINALDI, 2016, p. 236, *apud* ARCURI, 2017, p. 44).

Para isso, é imprescindível uma pedagogia da escuta, em que a educação popular seja promovida, sobretudo nas escolas públicas. A esse respeito, assumimos o postulado por Freire (1996, p.135) de que

escutar, no sentido aqui discutido, significa a disponibilidade permanente por parte do sujeito que escuta para abertura à fala do outro,

ao gosto do outro, às diferenças do outro. (...)
A verdadeira escuta não diminui em mim, em nada, a capacidade de exercer o direito de discordar, de me opor, de me posicionar.

Esse processo de escuta efetiva possibilita que se reconheça a fala do outro, considerando suas subjetividades. Nesse processo, a escuta real tenta compreender os obstáculos que levam o sujeito falante a não entender algo ou entender de modo distinto de quem escuta. Dessa forma, o ato de escutar nos permite entender a percepção dos sujeitos no/com o mundo, com grande teor afetivo, propiciando a legitimação e a autoconfiança, capazes de enriquecer tanto quem escuta quanto quem é ouvido.

O olhar da ciência no contexto de desigualdade social e de pandemia

O mundo enfrentou uma das mais brutais pandemias, a COVID-19 (SARS-CoV-2), que afetou diversos continentes com um expressivo número de infectados e de mortos. A Organização Mundial da Saúde – OMS, no mês de março no ano de 2020, decretou estado de pandemia e adotou medidas de distanciamento, isolamento e quarentena, porque as pessoas assintomáticas poderiam transmitir o vírus e torná-lo mais perigoso do que outros (WHO, 2020).

Em decorrência da dimensão do contágio do vírus, em diversos locais do mundo, o pânico e o sofrimento se instalaram. Oficialmente, passou-se pouco mais de um ano e meio de pandemia com números assustadores. Recentemente, registraram-se 20.494.2012 casos confirmados e 571.541 mortes (Cf. Portal CoronaVírus, 2021). Como consequência desse momento atípico e emergencial, as aulas foram suspensas, milhares de estudantes ficaram sem frequentar a escola, em muitos países, e, no Brasil, os professores passaram a exercer suas funções a distância ou através do trabalho remoto.

A incerteza sobre a vida humana no planeta veio nos rodear. Um mundo imprevisível, com cenários de extremas dificuldades nos foi revelado, como apontam diferentes estudos. A morte esteve mais presente em diversos lugares, e as dores e os sofrimentos invadiram as casas de muitas famílias. De repente, vimo-nos sem perspectivas.

Um inimigo invisível e desconhecido colocou em cheque a forma de vida humana (KRENAC, 2020). De seres superiores e evoluídos, como muitos afirmaram que somos, vimo-nos em meio às agruras da impossibilidade de vencer e conquistar o direito à vida.

Para alguns, a perversa lógica capitalista e a cruel pedagogia do vírus vêm nos levando à destruição (KRENAC, 2020, SANTOS, 2020). Desrespeitamos a natureza, envenenamos o meio ambiente e nosso habitat, isolamos populações e subjugamos grupos inteiros ao longo de nossa história.

Assim, a humanidade adoeceu ou deixou transparecer que, há muito, estava necessitando de cuidados. Preocupados em acumular riquezas materiais, fomos abrindo mão de outros horizontes que deveriam fazer parte desse novo olhar mais amplo e alimentar o ser humano. Reduzimos pessoas a mercadorias, como objetos em que colocamos rótulos com preços para serem negociadas no mercado cada vez mais atônito e feroz. Escravos de uma lógica perversa, construímos um mundo que não nos cabe ou onde não cabem todos os seres, principalmente os despossuídos da Terra e os não humanos.

Nesse contexto, o olhar das ciências humanas e sociais para a crise sanitária, numa relação social de desigualdade e vulnerabilidade que estão expostos grupos humanos, alerta-nos que

até a aparentemente trivial fórmula “água e sabão salva vidas” precisa ser situada. Sabidamente, muitas comunidades economicamente vulneráveis e vítimas de um racismo ambiental estruturado não têm água nas torneiras de forma regular e segura. Sabão é item

de luxo. Praticar isolamento em casa implica em ter casa, e ter cômodos separados em quantidade suficiente para os seus moradores (SEGATA, 2020, p. 01, Grifos do autor).

Diante disso, o autor afirma que, ao tratar sobre os últimos acontecimentos, as pessoas

(...) partilham experiências e compõem ambientes singulares. Então, a pandemia precisa ser considerada como uma experiência vivida nos corpos e nas sensibilidades coletivas. Cada experiência conta; faz história. E nós seguimos essas histórias e aprendemos com elas.

Embora, fugir de nós mesmos parece um padrão que criamos para não ter que agir com consciência, pois, sem consciência, não nos conhecemos em profundidade, tampouco podemos conhecer os outros. Mergulhados nessa insensibilidade e nessa cegueira, seguimos tentando, por impulso, manter a lógica que nos aprisiona, isto é, não sair da zona de conforto, mesmo que essa seja apenas mais uma de nossas ilusões.

Então, questionamos: Como podemos conviver em cenários tão adversos? O que fazer numa crise que põe em dúvida a própria existência humana? Que educação é necessária para enfrentar tempos tão sombrios?

Na tentativa de encontrar respostas para essas questões, elaboramos este projeto de extensão universitária, com a perspectiva de ressignificar a vida e o processo educativo, de ampliar a compreensão de que o universo abarca mais do que seres humanos e que os seres humanos ainda tem facetas e dimensões desconhecidas.

O cenário da educação na pandemia: mudanças, desafios e propostas

A pandemia do novo coronavírus impôs mudanças significativas no cenário educacional. Devido à impossibilidade de desenvolver as atividades pedagógicas presencialmente, muitas instituições de ensino passaram a usar a tecnologia para executar o processo de ensino-aprendizagem. Um fenômeno em processo, ativo e de curta duração, inicialmente, que, de forma ampla, vem acontecendo no Brasil, com mais força, desde as promulgações de legislações pelo Ministério da Educação do Brasil e do Conselho Nacional de Educação. Esses documentos dispõem da flexibilização do tempo de aula, do registro de atividades a distância, entre outros (FIOCRUZ, 2020).

Em um estudo sobre a experiência massiva de educação *on-line*, o pesquisador, com base em depoimentos de docentes, afirma que eles “parecem estar exaustos pelo aumento da carga de trabalho na preparação dos materiais e na gravação das aulas. Relatam também se sentir despreparados para ensinar nesta nova modalidade – que requer novo tipo de planejamento e produção de materiais específicos” (DELLAGNELO, 2020, p. 01).

Machado (2020, p. 01) demonstra que há proporcionalidade entre recurso e interação e assevera que,

quanto mais recursos as redes de ensino têm, maior a possibilidade de estabelecer interação entre os estudantes. Porém, se de uma ponta desta equação precisamos que as instituições de ensino provenham aos docentes uma estrutura adequada, na outra ponta desta relação estão os discentes e suas condições de vida.

O Centro de Inovação para a Educação Brasileira (CIEB) acredita que

uma escola conectada é aquela que tem uma visão clara e estratégica do uso da tecnologia para aprendizagem, expressa no seu currículo

e nas práticas pedagógicas adotadas por seus professores. Gestores e professores devem possuir competências digitais que englobam habilidades pedagógicas, de cidadania digital e de desenvolvimento profissional. A escola deve possuir um repertório de recursos digitais selecionados alinhados ao currículo, e disponibilizar infraestrutura adequada ao uso pedagógico da tecnologia, tanto em termos de equipamentos quanto de conectividade (DELLAGNELO, 2020, p. 01).

Os desafios, nesse caso, não se limitam a fatores relativos ao formato das aulas, ao método de ensino ou ao uso de tecnologias, porquanto também se estendem às condições psicológicas e emocionais que tanto os professores quanto os alunos enfrentam durante essa jornada.

Os altos índices de desigualdade social foram marcados pela falta de acesso às tecnologias e de um espaço de boa qualidade para as demandas do ensino remoto (MARTINS; MENDONÇA; BARROS, 2020). Além disso, os professores tiveram que enfrentar o desafio de aprender a utilizar os recursos e as ferramentas tecnológicas para trabalhar com as atividades remotas, encarando uma transição imediata e não planejada para o ambiente virtual de aprendizagem (AVA), porquanto a falta de formação inicial e continuada para eles nas instituições brasileiras os impedia de lidar adequadamente com situações como as atuais que podem fomentar novas reflexões sobre a formação, a atuação e a valorização dos saberes docentes.

Das escutas realizadas em tempo de pandemia – quando a escuta chega

O projeto “Pra te escutar” foi criado para ser um espaço de respeito, acolhimento e empatia. Depois que foi aprovado, no mês de maio de 2021, as escutas se iniciaram. Durante os dez meses de existência da proposta, muitos estudantes e professores foram ouvidos atentamente e com o cuidado de evitar julgamentos sobre o que traziam. Por meio digital, as falas apareceram, e as imagens, nem sempre nítidas, oscilavam junto com a conexão. O tempo fluido e difícil envolveu as pessoas nas tramas de vidas. Muitas questões foram colocadas. Dor, sofrimento e isolamento são tônicas das vivências de jovens que ousaram sair de casa em busca de estudo, reconhecimento e melhores condições de vida e de trabalho e tiveram que forçosamente retornar.

Nesta parte, trazemos recortes de algumas situações enunciadas nas escutas que nos fizeram refletir sobre o processo educativo e a pedagogia no período pandêmico, sobretudo do “Fique em casa”. Os subtítulos indicados foram construídos a partir das falas e expressam fatos e percepções das pessoas sobre o período pandêmico. Optamos por apresentar algumas falas seguidas do termo pessoa e numeração sequencial a fim de preservar o anonimato dos sujeitos.

De volta pra casa

Com a suspensão das aulas presenciais, vários estudantes e professores voltaram para casa. Alguns para as casas dos pais, e outros, de parentes, mas a maioria saiu de suas residências localizadas em área urbana e geralmente próximas da universidade ou do local de trabalho e passaram a dividir um cômodo na antiga casa. O retorno à zona rural e a saída do município e do Estado foram o caminho encontrado naquele momento. Era preciso voltar. Não fazia sentido continuar a pagar por um espaço para manter o estudo on-line e

não se tinha condições financeiras de manter esse espaço, porque muitas famílias perderam seus empregos, e algumas delas sobreviveriam com o pagamento do auxílio emergencial ou no subemprego. Outras, oriundas dos povoados e dos sítios, ocupavam-se em cuidar das terras e dos animais, para garantir seu sustento.

Pessoa 1: Agora eu estou no sítio. Acordo muito cedo para ajudar nos trabalhos. Às vezes fico tão ocupada que não consigo assistir as aulas. Também a internet nem sempre ajuda.

Pessoa 2: Eu estava com acompanhamento de nutricionista, mas, desde que suspenderam as aulas, abandonei. Fico comendo sem parar. Hoje já tomei vários din-din, comi salgadinhos. Não estou conseguindo mais fazer minha alimentação. Vou para casa de minha mãe e lá como qualquer coisa.

A alimentação mudou, o cardápio deixou de existir, e a dureza de ter que dividir o prato terminou por pintar o quadro real. Os/as que faziam dietas esqueceram e voltaram a consumir em excesso açúcar e gordura. Tudo o que era acessível definia a alimentação.

A casa como lugar de insegurança

A volta para casa também se deveu ao aumento do risco do contágio, porque as casas, geralmente pequenas e com poucos vãos, passaram a acomodar mais pessoas, que dividiriam a ocupação dos espaços. Algumas delas já haviam contraído a doença e sabiam da possibilidade de transmiti-la para outras pessoas.

Pessoa 3: Eu estou com medo de ficar em casa. Tenho muito medo de pegar o vírus aqui. Um parente meu está doente e estou com medo. Não consigo ler mais. Quando começo a estudar,

me vem um certo desespero. Também não abro mais as janelas e não consigo fazer minhas caminhadas. E não consigo falar com ninguém sobre isso em minha casa, muito menos na sala de aula. Alguns colegas meu estão estranhando meu jeito de ser agora.

Isso afetou fortemente alguns estudantes que temiam a exposição, sobretudo nos momentos de reunião ou de encontros. As mulheres que se ocupavam dos afazeres domésticos falavam do aumento do trabalho e da perda da privacidade em suas casas. Como mães e professoras, elas passaram a assumir a dupla, tripla jornada de trabalho sem sair de casa. Tiveram que dar conta da concentração de trabalho e de encarar os novos cuidados de higiene do lar. A insegurança rondou os passos desse grupo e colou em seus corpos, marcados pelo cansaço, pelo sofrimento e pela dor.

Pessoa 4: Quando olho para minha casa, me dá vontade de desistir de tudo. É crianças demais para dar conta. As atividades em casa e na escola estão me deixando desanimada. À noite eu caio na cama e não vejo mais nada. Não vejo a hora de tudo isso acabar.

A casa como lugar de trabalho

O retorno a casa revelou esse espaço como um lugar de trabalho. As horas passadas, muitas vezes, estiveram voltadas apenas para buscar uma forma de se manter financeiramente. Como o estudo on-line possibilitava ficar em casa, evitar gastos e tentar aproveitar o tempo para ganhar algum dinheiro, essa ideia esteve muito presente. Assim, vários estudantes tiveram que se envolver com os pequenos negócios dos pais, fazer atividades domésticas,

ajudar na manutenção da casa, para além do que vinham realizando quando moravam sozinhos/as ou com outros estudantes.

Pessoa 5: Meu pai perdeu o emprego, minha mãe tomava conta de casa. As coisas apertaram por aqui. Tivemos dias muito difíceis. Mas minha mãe conseguiu um dinheiro emprestado e começou um negócio de quentinha. Eu estou indo fazer as entregas a pé ou com a bicicleta. Às vezes tenho que sair antes de terminarem as aulas. Não tem sido fácil!

Apesar da insegurança, era preciso seguir. Eles/as estavam experimentando o medo, a angústia e a ousadia de ser capaz.

A casa como espaço não compartilhado

O retorno a casa e ao trabalho não possibilitou o compartilhamento do ambiente físico assim como o uso dos objetos e dos espaços. Era preciso ter cuidado e evitar a aproximação e o toque tão comuns no dia a dia. Também faltava o espaço da sala de aula. As mesas e as cadeiras nem sempre estavam disponíveis, e o silêncio, durante as exposições, agora era cortado por diferentes ruídos (das pessoas que chegavam, dos animais que entravam em cena, entre outros).

Pessoa 6: Dividir o quarto com minha irmã é complicado. Ela ocupa tudo! Vejo tudo desorganizado. Não tem mais horário nem lugar para estudar. Já estou com dificuldades de escrever meus trabalhos. Assistir as aulas nem sempre consigo com o barulho das pessoas conversando.

O horário de estudo também se flexibilizou, e a disciplina, nem sempre vivida, dava espaço às influências do meio sobre o ser. As atividades ampliaram-se. Elas estavam a ocupar mais tempo, tempo de vida. Essa foi a mais forte constatação que as escutas trouxeram. Muitos professores e estudantes não estavam dando conta de tantos trabalhos. Essa não seria uma questão local e específica, mas apontada anteriormente em vários estudos.

A princípio, podemos dizer que o retorno a casa, nas condições como as aludidas, negou o direito à aprendizagem. Muitos estudantes afirmaram dificuldades de acompanhar o ensino on-line, e os professores sentiram-se pouco à vontade para lidar com as tecnologias. Ambos não tinham conhecimentos suficientes para enfrentar a nova situação. Além disso, devido a essas dificuldades mencionadas, não tinham a base necessária para investir tempo e dinheiro. Estavam no mesmo barco. Apesar das ofertas de cursos e de treinamentos, essa nova história teimava em não ser bem escrita.

Considerações finais

Observando as escutas realizadas, pudemos aprender que a aprendizagem escolar demanda estruturas física, psíquica, emocional, entre outras. Durante a pandemia, essas estruturas foram afetadas, posto que as casas não ofereciam ambientes propícios para a

aprendizagem escolar, tampouco encontramos registros de crescimento e desenvolvimento no contexto da pandemia. Algumas pessoas sentiram tão fortemente as dores das perdas que se auto-abandonaram. Muitas vezes, elas nem sentiam ânimo para acordar, estudar, trabalhar, isto é, viver.

Outro aprendizado foi que precisamos interferir nas subjetividades e, por meio do diálogo, resgatar o autocuidado e o autoconhecimento, numa lógica inversa à usual do tempo pandêmico. Precisávamos, cada vez mais, olhar para nós mesmos. Esse processo de conscientização poderia ajudar a ressignificar o movimento

educativo e promover uma pedagogia mais humana, o que corrobora o pensamento de Freire (1996) sobre a escuta.

Para tanto, forças extraordinárias que extrapolariam os limites do trabalho e do cognitivo teriam que ser descobertas e praticadas no sentido de reconstituir os vínculos afetivos e emocionais. Isso poderia possibilitar saltos no encontro do elo perdido ou de nós mesmos. Esse esforço exigiria ressignificar os espaços educativos, desde a casa até as salas de aula. Nesse exercício, a escuta atenta, sensível e empática foi uma possibilidade educativa e de formação permanente, aludida ao longo deste artigo em diferentes autores.

Referências

ANTUNES, André. As redes municipais de educação diante da pandemia. **FIOCRUZ**, Rio de Janeiro, 06 abr. 2020. Disponível em: <<https://portal.fiocruz.br/noticia/redes-municipais-de-educacao-diante-da-pandemia>>. Acesso em: 04 jun. 2020.

ARCURI, Priscila Abel. **A participação é um convite, e a escuta é um desafio. Estudo sobre a participação e a escuta de crianças em contextos educativos diversos**. 2017. 98f. Dissertação (Mestrado – Programa de Pós-Graduação em Educação. Área de Concentração: Sociologia da Educação). Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2017. Disponível em: <<https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-20032018-145657/pt-br.php>>. Acesso em: 09 nov. 2021.

BARBOSA, Fabianna Kamilla Lopes. **Pedagogia da escuta como potencializadora da vivência do processo colaborativo por alunos-atores**. 2016. 31 f. Monografia (Licenciatura em Artes Cênicas) — Universidade de Brasília, Brasília, 2016. Disponível em: <https://bdm.unb.br/bitstream/10483/14010/1/2016_FabiannaKamillaLopesBarbosa.pdf>. Acesso em: 09 nov. 2021.

CERQUEIRA, Teresa Cristina Siqueira. O professor em sala de aula: reflexão sobre os estilos de aprendizagem e a escuta sensível. **Psic**, São Paulo, v. 7, n. 1, p. 29- 38, jun. 2006. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1676-73142006000100005&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 03 mar. 2021.

COVID-19: Brasil registra 55 mortes e 10,6 mil novos casos da doença em 24 horas. **BBC News Brasil**, [S.l.], 02 mar. 2020. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-51713943>>. Acesso em: 06 jun. 2020.

DELLAGNELO, Lúcia. O coronavírus e a educação on-line: como a pandemia do COVID- 19 representa uma oportunidade de aprender importantes lições sobre educação massiva on-line. **Porvir**, São Paulo, 11 mar. 2020. Disponível em: <<https://porvir.org/o-coronavirus-e-a-educacao-on-line/>>. Acesso em: 03 jun. 2020.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 17. ed. São Paulo: Paz e terra, 1996.

KRENAC, Ailton. **O amanhã não está à venda**. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

MARTINS, Robelissa de Lima; MENDONÇA, Andressa Alves; BARROS, Antônio Jonatas da Silva. **Ensino remoto, desigualdade social e seus impactos na educação pública da cidade de Quixadá-CE**. In: Anais VII CONEDU- Edição Online...Campina Grande: Realize Editora, 2020. Disponível em: <<https://editorarealize.com.br/index.php/artigo/visualizar/68534>>. Acesso em: 12 set. 2021.

MEATO, Juliana. Por uma pedagogia da escuta. **Jacobin Brasil**, [S.l.] 19 set. 2021. Disponível em: <https://jacobin.com.br/2021/09/por-uma-pedagogia-da-escuta/>>. Acesso em: 09 de nov. 2021.

NASCIMENTO, Erica Ferrari do; *et al.* Uma escuta diferenciada: a inserção da Psicologia no hospital. *In:* Congresso de Extensão Universitária, 6, 2011, Águas de Lindóia. Anais... São Paulo: PROEX; UNESP, 2011, p. 1066. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/145618>>. Acesso em: 17 de jun. 2022.

NETO MOLINA, Vicenta e MOLINA, Rosane Kreuzburg. Capacidade de escuta: questões para a formação docente em Educação Física. **Revista Movimento**, Porto Alegre, V. 8, n. 1, p. 57-66, janeiro/abril 2002.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A cruel pedagogia do vírus**. Coimbra, Almedina, 2020.

SEGATA, Jean. Covid-19: escalas da pandemia e escalas da antropologia. **IFCH-UFRGS**, Porto Alegre, 2020. Disponível em: <<https://www.ufrgs.br/ifch/index.php/br/covid-19-escalas-da-pandemia-e-escalas-da-antropologia>>. Acesso em: 03 jun. 2020.

WHO Director-General's statement on IHR Emergency Committee on Novel Coronavirus (2019-nCoV). **World Health Organization**, Geneva, 2020. Disponível em: <[https://www.who.int/director-general/speeches/detail/who-director-general-s-statement-on-ih-er-emergency-committee-on-novel-coronavirus-\(2019-ncov\)](https://www.who.int/director-general/speeches/detail/who-director-general-s-statement-on-ih-er-emergency-committee-on-novel-coronavirus-(2019-ncov))>. Acesso em: 17 set. 2021.

EDUCAÇÃO E CIDADANIA: OS DIREITOS HUMANOS E O ECA NO CURRÍCULO ESCOLAR

Dra. Lenilda Cordeiro de Macêdo¹

Adna Berardo da Costa²

Marizete Araújo dos Santos³

Maria Franciele Mouzinho Martins⁴

Maria Livia Gomes de Almeida⁵

Introdução

O Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), Lei 8069/90 completou 32 anos, no dia 13 de julho e, lamentavelmente, continua sendo, para a maioria dos cidadãos, sobretudo as crianças e adolescentes, desconhecido, embora esteja sendo atacado no Congresso Nacional, através da Proposta de Emenda à Constituição – PEC 171-E /93, que trata sobre a imputabilidade penal do maior de 16 anos, alterando, portanto, o artigo 228 da Constituição, que diz: “São penalmente inimputáveis os menores de dezoito anos, sujeitos às normas da legislação especial” (CONSTITUIÇÃO FEDERAL, 1988, artigo 228).

O ECA, desde 2007 deve fazer parte do currículo escolar, segundo a Lei 11.525/2007, que altera o art. 32 da LDB/96, acrescentando o §5

O currículo do ensino fundamental incluirá, obrigatoriamente, conteúdo que trate dos direitos das crianças e dos adolescentes, tendo

-
- 1 DE/ Campus I, Campina Grande. Projeto: Educação e Cidadania: os Direitos Humanos e o ECA no Currículo Escolar – PROBEX, Cota 2020-2021
 - 2 Pedagogia/ Campus I, Campina Grande
 - 3 Pedagogia/Campus I, Campina Grande
 - 4 Pedagogia Campus I, Campina Grande
 - 5 Pedagogia/ Campus I, Campina Grande

como diretriz a Lei 8.069, de 13 de julho de 1990, que institui o Estatuto da Criança e do Adolescente, observada a produção e distribuição de material didático adequado. (BRASIL, 1996, art. 32, §5).

O artigo 205, da Constituição Federal; o artigo 53, do ECA e o artigo 2, da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, ressaltam a função da educação escolar: a preparação para o trabalho e o exercício pleno da cidadania. Percebemos que a partir da Constituição de 1988 e da legislação infraconstitucional segue a diretriz de se relacionar educação com cidadania e não há como aprender/construir consciência e atitudes cidadãs sem conhecer os direitos e compreender quais são as responsabilidades que estão intrínsecas aos mesmos. Em síntese, ser cidadão implica o reconhecimento e a concretização dos direitos civis políticos e sociais. “Cidadania resulta na efetivação de tais direitos e na luta incessante para alcançá-los, independentemente da condição pessoal ou social do indivíduo. Também implica o cumprimento de seus deveres” (FERREIRA, 2008, p. 99-100). Em tempos tão obscuros, de retirada de direitos, no qual temos sofrido um retrocesso enorme, no que tange às políticas públicas, como educação, saúde, assistência social, cultura, esporte, dentre outras, urge que as escolas formem, de fato, para o exercício pleno da cidadania.

Frente a necessidade de as crianças e adolescentes conheçam seus direitos, elencados no ECA, dentre outras leis infraconstitucionais e, de a família, o Estado e a Sociedade assumirem a responsabilidade para promover, proteger e defender tais direitos elaboramos, no ano de 2021, um projeto de extensão, com foco na formação continuada, com os seguintes objetivos: refletir sobre a condição de cidadãos de direitos, a partir de debates sobre os direitos humanos e o Estatuto da Criança e do Adolescentes; realizar debates/estudos sobre os direitos humanos; despertar a comunidade escolar e futuros docentes para refletir, coletivamente, sobre a formação cidadã; fomentar propostas pedagógicas que possibilitem

a formação cidadã e a vivência dos direitos e deveres no contexto da escola e da sociedade.

Nossa proposta metodológica foi a realização de um curso, com a duração de 40 horas, na modalidade remota, para docentes, gestores e coordenadores pedagógicos, que atuam na educação básica e para os estudantes, futuros docentes. O curso foi coordenado pela professora do Departamento de Educação do Centro de Educação da UEPB/ *Campus I*, Dra. Lenilda Cordeiro de Macêdo e ocorreu entre junho e novembro de 2021, totalizando oito encontros, realizados quinzenalmente, com uma duração de 2 horas, com aulas síncronas, pela plataforma *google meet*, nas quais realizávamos palestras, seguidas de debates.

QUADRO 1 – Temáticas dos Ciclos de Debates

- Ciclo de Debates I – A Educação em Direitos Humanos na perspectiva da Educação Inclusiva.
- Ciclo de Debates II - O Processo Histórico das Leis Menoristas no Brasil e a Consagração das Crianças e Adolescentes como Sujeitos de Direitos no Brasil.
- Ciclo de Debates III - Crianças e Adolescentes em Situação de Risco Social e as Instituições de Acolhimento
- Ciclo de Debates IV – O Sistema de Garantia de Direitos e as Diversas Expressões de Violências Contra as Crianças e Adolescentes e as medidas socioeducativas.
- Ciclo de Debates V – Paulo Freire e os Direitos Humanos
- Ciclo de Debates VI - A Educação em Direitos Humanos e o ECA no Currículo Escolar
- Ciclo de Debates VII - Os Direitos Humanos, o ECA e as Questões étnico-raciais e de gênero no Currículo Escolar.
- Ciclo de Debates VIII- A Responsabilidade dos Professores e da Comunidade Escolar Frente à Proteção das Crianças e Adolescentes e o Papel do Conselho Tutelar.

Fonte: arquivo pessoal das pesquisadoras

Além das atividades síncronas, tínhamos o ambiente virtual de aprendizagem (AVA), pela plataforma *classroom*, onde disponibilizamos materiais, tais como: o ECA, tratados internacionais, livros em PDF e/ou *e-books*, videoaulas e *slides*, para que fossem consultados, previamente à realização das aulas síncronas e, após os encontros colocávamos propostas de atividades, a exemplo de resenhas críticas, estudos dirigidos, dentre outras. Ao final do curso, propomos a realização de um projeto didático, para ser implementado nas escolas com a temática dos direitos humanos e/ou do ECA. A quantidade de atividades previstas para a realização das leituras e propostas de atividades foi de 24 horas aulas.

Reflexões sobre os Direitos Humanos e os Direitos das Crianças no Currículo Escolar

Considerando o limite de páginas deste artigo, produzimos um relato de experiência de apenas quatro encontros, dentre os oito que, efetivamente, ocorreram. Assim, passamos a descrever/analisar o primeiro, o segundo, o quinto e o sétimo encontros.

O primeiro Encontro do curso de extensão “Educação e Cidadania: Os Direitos Humanos e o ECA no Currículo Escolar” aconteceu no dia 13 de julho de 2021 e teve como tema “A Educação em Direitos Humanos na Perspectiva da Educação Inclusiva”. A palestra foi proferida pelo professor Dr. Eduardo Gomes Onofre, no formato remoto e transmitida pela plataforma *google meet*.

Na sua fala, o professor destacou, primeiramente, a Convenção Internacional sobre a Pessoa com Deficiência, defendendo como as pessoas com deficiência ainda são estigmatizadas e discriminadas perante a sociedade, classificadas como inaptas, carecendo adaptar-se à sociedade e encaixar-se em padrões ditos “normais”, com seus direitos negligenciados, muito embora estes estejam garantidos em Lei.

Por um longo tempo, as pessoas com deficiência não tinham seus direitos assegurados, não podiam frequentar escolas regulares,

trabalhar, ir a lugares de convívio público, nem exercer sua cidadania através do voto. No entanto, lentamente, essas barreiras foram sendo rompidas e as pessoas com deficiência foram conquistando, através da luta, seus direitos, sendo um marco internacional importante a Declaração Universal dos Direitos Humanos (DUDH), promulgada em 1948, pela Organização das Nações Unidas (ONU), na qual estão presentes os direitos ao respeito, à valorização e à inclusão das pessoas com deficiência.

Segundo o palestrante, a Convenção Internacional sobre os Direitos da Pessoa com Deficiência tem como propósito “promover, proteger e assegurar o exercício pleno e equitativo de todos os direitos humanos e as liberdades fundamentais para todas as pessoas com deficiência, além de promover o respeito pela sua dignidade inerente” (BRASIL, 2009, art.1º), rompendo com os estigmas de incapacidade e dando maior autonomia aos sujeitos.

Em seguida, o palestrante enfatizou a importância da quebra de estigmas, que dificultam o processo de aprendizagem e inclusão no ambiente escolar. “A aprendizagem e desenvolvimento das pessoas com deficiência, ao contrário do que se pensou, por muito tempo, se dá com mais ênfase na interação, nas trocas mútuas de conhecimentos (informação verbal⁶). Para que isso aconteça, a família, a comunidade e a escola devem ser parceiras na busca de garantir uma educação inclusiva. A educação inclusiva é um processo social que defende um espaço de aprendizagem onde todos os indivíduos, independentemente de suas limitações e particularidades possam ser sujeitos ativos no processo de ensino aprendizagem, de modo que as diferenças deixem de ser vistas de forma negativa e sejam compreendidas do ponto de vista da diversidade.

A educação inclusiva, atualmente, ainda enfrenta muitos obstáculos, como a escassez de recursos destinados à melhoria e manutenção de espaços públicos, falta de investimento em equipamentos

6 Dr. Eduardo Gomes Onofre, “A Educação em Direitos Humanos na Perspectiva da Educação Inclusiva” (palestra), Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, PB, 13 de jul. de 2021

no processo educativo, a falta de preparo por parte dos professores e da comunidade escolar no convívio com pessoas com deficiência, um lapso na formação docente, por exemplo, poucos profissionais sabem a Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) e o Braille, além de desconhecerem metodologias para desenvolver habilidades dos alunos com deficiência.

Diante do exposto, compreendemos que há um longo percurso a ser percorrido no Brasil para a garantia dos direitos da pessoa com deficiência. Muito já foi feito, porém, a educação inclusiva ainda precisa percorrer um longo caminho para que consiga garantir a todos uma educação de qualidade, que todos possam aprender, levando-se em consideração as especificidades dos sujeitos em turmas heterogêneas. Para que isso aconteça, é de suma importância que, cada vez mais, as pessoas tenham acesso à informação e aprendam a conviver com pessoas com deficiência para que possamos aprender a lidar com as especificidades de cada sujeito e a romper com as barreiras do preconceito.

O segundo Encontro aconteceu no dia 27 de julho de 2021, no formato remoto e teve como tema “O Processo Histórico das Leis Menoristas no Brasil e a Consagração das Crianças e Adolescentes como Sujeitos de Direitos”. A exposição foi realizada pela pedagoga Evanda Helena Bezerra Sobral e pela licencianda em Pedagogia Edvania Soares Policarpo.

A pedagoga Evanda Helena B. Sobral discorreu sobre as Leis elaboradas para as crianças e adolescentes no Brasil, destacando que “até os anos de 1990, foram excludentes e desprovidas da garantia de direitos” (informação verbal⁷). No contexto da Proclamação da República, no final do século XIX, não havia uma única legislação voltada, especificamente, para proteger as crianças no Brasil. Éramos uma sociedade que tinha libertado os escravos, por força da Lei Áurea (1888), portanto, havia uma população de crianças

7 Evanda Helena Bezerra Sobral, “O Processo Histórico das Leis Menoristas no Brasil e a Consagração das Crianças e Adolescentes como Sujeitos de Direitos” (palestra) Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, PB, 27 de jul. de 2021

filhas de ex escravos, órfãs e abandonadas, chamadas de desvalidas, cujo atendimento era de cunho caritativo e religioso. As crianças e adolescentes que cometiam algum tipo de delito recebiam o mesmo tratamento dado aos adultos, tendo como parâmetro o código penal de 1890. Foi nesse contexto político da República que médicos e juízes, influenciados pelos discursos internacionais, passaram a defender a causa da infância. A criança que não era bem nascida, passou a ser compreendida, ao mesmo tempo, como problema e solução para o país. (FALEIROS, 2009, p. 47)

Apesar de algumas iniciativas pontuais, privadas, para atender a infância desvalida, o Estado brasileiro aprovou a primeira Lei regulamentando o atendimento das crianças e adolescentes em 1927, o Código de Mello Matos. Até o momento, as crianças e adolescentes eram objeto de caridade, por parte da Igreja e de filantropia, da parte de juristas, que criaram algumas instituições no Rio de Janeiro e, em algumas capitais, as quais foram organizadas com base em uma ideologia de nação moderna que cuida das crianças porque são o futuro da nação. Nesse sentido, as chamadas Casas Correcionais tinham uma proposta de cuidar da saúde, corrigir e educar as crianças e adolescentes abandonados, órfãos e “delinquentes”. Inferimos que o Código de Mello Matos é a expressão mais marcante da ideologia da classe dominante da época: combinando repressão, higienismo e instrumentalização da criança pobre para o trabalho, pois a infância era um privilégio das crianças bem nascidas (RIZZINI, 2009).

Em 1979, em plena Ditadura Militar, o Código de Mello Matos foi substituído pela Lei n.6.697, de 10 de outubro de 1979, ficando instituído o Novo Código de Menores que adotou a doutrina da situação irregular, ou seja, os menores só seriam atendidos pelas ações do Estado apenas quando se encontrassem em um estado de patologia social. “A doutrina da situação irregular era entendida como privação de condições essenciais a subsistência, saúde, educação, por omissão ou irresponsabilidade dos pais / responsáveis ou por maus tratos e/ ou exploração” (FALEIROS, 2009, p. 70). Neste sentido, a pobreza e/ou falta de condições objetivas de vida, além

do abandono era culpa da família e/ou da criança, fazendo-se da vítima réu. O Código de 1979 é considerado mais repressivo do que o Código de Mello Matos.

A partir dos anos de 1980, teve início um lento processo de redemocratização no país com a instalação da Assembleia Constituinte, em 1985. A sociedade civil organizada foi chamada a participar da elaboração da nova Constituição. Os principais atores deste processo foram: o Movimento de Meninos e Meninas de Rua (MMMR), a Pastoral do Menor, entidade ligada à Igreja católica, entidades de direitos humanos, dentre outras organizações, que colocaram como pauta, “o reconhecimento constitucional da criança como sujeito de direitos, através da apresentação de Emendas Constitucionais em defesa dos direitos das crianças e adolescentes brasileiros, que refletiam discussões internacionais, a exemplo da Convenção Internacional das Nações Unidas sobre os Direitos da Criança de 1989” (informação verbal⁸). Em 1987, a Conferência Nacional de Bispos do Brasil (CNBB) exerceu um papel de destaque em defesa das crianças e adolescentes, visto que “a Campanha da Fraternidade teve como tema, Quem Acolhe o Menor, a Mim Acolhe” (FALEIROS, 2009, p. 75).

É importante destacar que a luta da sociedade civil em prol da defesa das crianças e adolescentes reverberou na Assembleia Constituinte, através de forte articulação da Comissão Nacional Criança Constituinte, criada a partir de uma portaria interministerial, formada por vários órgãos do governo e da sociedade civil, que conseguiu cerca de 1.200.000 assinaturas para aprovação da Emenda Constitucional, além de realizar um forte *lobby* junto aos parlamentares para a instauração da Frente Parlamentar Suprapartidária, pelos direitos das crianças e adolescentes. Ademais, foram organizados vários Fóruns em Defesa dos Direitos da Criança e do Adolescente (DCAs) por todo o Brasil.

8 Edvania Soares Policarpo, “O Processo Histórico das Leis Menoristas no Brasil e a Consagração das Crianças e Adolescentes como Sujeitos de Direitos” (palestra) Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, Pb ,27 de jul. de 2021

A partir da grandiosa luta dos atores supracitados, o artigo 227 da Constituição Federal expressou a concepção de criança cidadã de direitos e garantiu prioridade absoluta na promoção, proteção e defesa dos direitos, cuja responsabilidade é tripartite: família, Estado e sociedade:

É dever da família, da sociedade e do Estado assegurar à criança, ao adolescente e ao jovem, com absoluta prioridade, o direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária, além de colocá-los a salvo de toda forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão. (BRASIL, 1988, art. 227)

A defesa das crianças e adolescentes considerados, historicamente, como “menores”, marginalizados pela situação de pobreza e abandono, pela cor da pele e explorados como mão de obra barata, culminou na aprovação da Emenda Constitucional, através dos artigos 227, 228 e 229 da Carta Magna, consolidando-se uma nova concepção a respeito das crianças e adolescentes brasileiras, que passaram a ser cidadãos e cidadãs de direitos e o Estado brasileiro inaugurou um novo paradigma de atendimento, tendo como princípios o universalismo, a proteção integral e a prioridade absoluta, a serem garantidos pela família, Estado e sociedade.

O quinto Encontro aconteceu no dia 31 agosto de 2021, também realizado através da plataforma *google meet*. O tema foi “Paulo Freire e os Direitos Humanos”, tendo a professora Dra. Elisabete Carlos do Vale como ministrante. A palestrante esboçou pontos principais de algumas das obras de Freire e fez uma conexão com o atual contexto da sociedade brasileira. Abordou a importância de se defender os direitos humanos, principalmente as minorias, ressaltando o quanto, em virtude da conjuntura político-econômica e

social do Brasil, tem se negligenciado os direitos fundamentais à dignidade humana de grupos que são oprimidos e marginalizados.

A professora destacou como Paulo Freire defendia os direitos humanos e sua contribuição para se educar em direitos humanos. No livro *Pedagogia do Oprimido* (FREIRE, 1987), o autor discute sua luta em Defesa dos direitos e da humanização daqueles que ele nomeia desumanizados. “A desumanização, que não se verifica, apenas, nos que têm sua humanidade roubada, mas também, ainda que de forma diferente, nos que a roubam, é distorção da vocação de ser mais. É distorção possível na história, mas não vocação histórica.” (FREIRE, 1987, p. 15).

Freire assume uma postura de reconhecimento da desumanização e negação de direitos como algo cabível de luta e transformação. Nesta perspectiva, cabe a importância da educação como uma das principais ferramentas de transformação desta realidade. “O que quero repetir, com força, é que nada justifica a minimização dos seres humanos, no caso, das maiorias compostas por minorias que não perceberam ainda que, juntas, seriam a maioria” (FREIRE, 2021, p. 98). Segundo o autor, a educação é fundamental para a construção da autonomia e para o respeito da diversidade. Ele ressalta a importância de que a educação seja libertadora, respeite as diferenças, busque conhecer e entender o educando.

A professora também ressaltou alguns princípios da escola cidadã, afirmando que “foi a partir da experiência da educação em direitos humanos da gestão de Paulo Freire, na secretaria de educação de São Paulo, que esta proposta educativa passou a ser concebida e disseminada em nosso país” (informação verbal⁹). A escola cidadã traz um currículo que estimula a aprendizagem com base nas experiências acumuladas ao longo da vida de cada educando e enfatiza o respeito às diferenças e às diversidades culturais

9 Dra. Elisabete Carlos do Vale, “Paulo Freire e os Direitos Humanos” (palestra) Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, PB, 31.de ago. de 2021.

No dia 28 de setembro de 2021, foi realizado o sétimo Encontro, na modalidade remota com o tema “O ECA e as Questões Étnico-Raciais e de Gênero no Currículo Escolar”. Realizaram a palestra, as professoras: Dra. Margareth Maria de Melo e Dra. Lígia Pereira dos Santos.

Em relação às questões de gênero no currículo escolar, a professora Dra. Lígia Pereira ressaltou que “a situação das mulheres varia na história, dependendo do espaço e do tempo, explicitando a mulher como agente ativo na história da humanidade e pautando a necessidade da busca pelas origens da hierarquia e das desigualdades presentes nas relações que se estabelecem entre as mulheres e os homens na sociedade” (informação verbal¹⁰).

Nesse sentido, se apresentam como contribuições do feminismo, a compreensão da existência de variadas concepções acerca de mulher e do homem no ambiente escolar, cujas relações estabelecidas no lar se estendem à escola. A começar pela decoração das escolas que, por vezes, são realizadas como se fossem a continuação do quarto da criança, despertando a reflexão de que as escolas deveriam provocar maiores incentivos, no que diz respeito às questões relacionadas à ciência. Tendo como base essa reflexão acerca da organização e ornamentação do espaço escolar, infere-se que elas refletem a concepção pedagógica da instituição educacional. Desse modo, quando as salas e os demais espaços escolares são organizados imitando decorações de quarto feminino ou masculino, reforça-se a ideia de segregação de gêneros.

Sarti *apud* Silva e Podolak (2021, p. 199) discorre que a partir de 1970, “abriu-se espaço tanto para a reivindicação no plano das políticas públicas, quanto para o aprofundamento da reflexão sobre o lugar social da mulher, desatualizando-o, pela consolidação da noção de gênero como referência para a análise”. Nesse sentido, o gênero é tido como indicador social de como se dá a educação

10 Dra. Lígia Pereira dos Santos, “O ECA e as Questões Étnico-Raciais e de Gênero no Currículo Escolar”, Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, PB, 28 de set. de 2021.

pautada nos papéis/concepções do que é ser homem e o do que é ser mulher. Tais concepções, estruturadas na percepção do gênero, culminam na construção do “ser mulher” que designa a mulher como sujeito do cuidado, gerando a necessidade da elaboração de instrumentos políticos educacionais para a transformação da situação social da mulher.

A professora Margareth Maria de Melo, ao tratar da questão étnico-racial no currículo escolar, fez um breve relato de sua inserção no movimento negro e como esta experiência reverberou na sua formação como pesquisadora e na atuação docente. Após o ano de 1988, a professora se inseriu no movimento negro, participando de vários eventos, como seminários e encontros da Nova Consciência, em Campina Grande, dentre outras atividades. A palestrante relatou que, a cada ano, era realizado algo que marcasse o grupo. Posteriormente, passou a compor o quadro de professores da UEPB (em 1992, como professora substituta e, em 1993, como efetiva), no Departamento de Educação. A partir deste período, formou um grupo de mulheres que funcionou durante seis meses. As dificuldades sentidas na sustentação do grupo diziam respeito à falta de prática de grupo de pesquisa. Porém, o que se tentou reproduzir, a partir da experiência no movimento negro, nesse novo grupo foi a militância. Entretanto, a sobrecarga de trabalho não permitiu que tal grupo perdurasse e, com o ingresso no mestrado, acabou se ausentando do grupo.

Em 2006, participando da comissão de reformulação do curso de Licenciatura em Pedagogia, foi questionada, pela comissão, por que não se discutia a questão do negro no currículo do curso tendo, como referência a Lei 10.639 de 2003, que trata das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana emergindo, a partir desse processo, as inquietações para direcionar suas pesquisas e ensino para as questões étnico-raciais.

É importante destacar que a Lei 10.639/2003, “Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional, para incluir, no currículo oficial das

redes de ensino a obrigatoriedade da temática ‘História e Cultura Afro-Brasileira’, e dá outras providências” (BRASIL, 2003, art. 26-A). Dentre as providências, a Lei garante que:

§ 1o O conteúdo programático a que se refere o caput deste artigo incluirá o estudo da História da África e dos Africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e política pertinentes à História do Brasil. (BRASIL, 2003, art. 26-A)

No ano de 2006, a professora Margareth Maria de Melo foi convidada por um colega do curso de História para participar de um grupo que estava em formação, cujo objetivo era discutir a questão étnico-racial na universidade (UEPB). Em 2007, passou a participar do Núcleo de Estudos Afro-Brasileiro e Indígena (NEABI), o primeiro Núcleo do Estado da Paraíba. O Núcleo é formado por professores dos cursos de História, Pedagogia, Sociologia e Serviço Social do Centro de Educação/UEPB, *Campus I* e, também, por alguns alunos, no qual se desenvolvem pesquisas, trabalhos de extensão e um curso de especialização que está sendo planejado, além de realizar o Abril Indígena e, em novembro, atividades relacionadas ao Dia Nacional da Consciência Negra.

Como membro do NEABI, a professora começou a desenvolver trabalhos de pesquisas voltados para o livro didático e a abordagem das questões étnico-raciais em escolas municipais, além de desenvolver sua tese de doutorado a partir das identidades negras. O primeiro livro didático de História analisado na pesquisa continha apenas uma frase relacionada às pessoas negras. Na abordagem dos livros didáticos, os negros eram tratados como minorias. Porém, compõem grande parte da população. “Foi negado, por séculos, seu protagonismo, bem como abordado, de forma inadequada, o Movimento Abolicionista, protagonizado pelos negros, não pelos

brancos, diferentemente de como se mostravam nos livros didáticos” (informação verbal¹¹)

A professora Margareth Melo ressaltou que outras docentes do Departamento passaram a realizar estudos e discussões relacionadas a diversidade, gênero e questões étnico-raciais, as quais possibilitaram que ocorresse a inserção do componente curricular que tratasse das questões étnico raciais, no Projeto Pedagógico do curso de Licenciatura em Pedagogia (CEDUC/UEPB), com uma carga horária de 30 horas aulas, insuficiente, em relação à importância e a complexidade do tema.

Considerações finais

As temáticas discutidas nos Encontros relatados possibilitaram uma ampla reflexão acerca da necessidade de se abordar, sistematicamente, nos currículos das instituições de educação conteúdos sobre os direitos humanos e a perspectiva da Educação Inclusiva. Foi destacada a importância do respeito às diferenças e a valorização da diversidade, além de se abordar o processo histórico de consagração das crianças como sujeitos de direitos, a perspectiva de Freire sobre os direitos humanos e as questões étnico-raciais e de gênero no currículo escolar.

Constatamos que as reflexões e debates realizados foram significativos e atingiram os objetivos gerais previstos: refletir sobre a condição de cidadãos de direitos e realizar debates/estudos sobre os direitos humanos; despertar a comunidade escolar e futuros docentes para refletir, coletivamente, sobre a formação cidadã. Das 106 pessoas inscritas, 43 atingiram os critérios para recebimento do certificado, apesar de a frequência ter variado, sempre para uma média maior de participação em relação a realização das

11 Margareth Maria de Melo, “O ECA e as Questões Étnico-Raciais e de Gênero no Currículo Escolar”, Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, Pb, 28 de set. de 2021.

atividades assíncronas, disponíveis na sala do *google classroom*. Ou seja, grande parte dos cursistas não realizaram as propostas de atividades, o que os impediu de serem certificados.

Em linhas gerais, avaliamos que o curso contribuiu com a formação continuada dos futuros e atuais profissionais da educação básica, isto porque tiveram a oportunidade de estudar e debater questões necessárias e urgentes sobre os direitos humanos, direitos das crianças e adolescentes e sobre cidadania. Esperamos ter contribuído para a construção de conhecimentos sobre os direitos humanos e, especificamente sobre o ECA e, para a formação crítico-cidadã das crianças e adolescentes e, demais atores da comunidade escolar, visando promover e fortalecer a cultura do respeito pelos direitos humanos e das crianças, na escola e na sociedade em geral, e, sobretudo, para uma formação cidadã crítica, responsável e comprometida com a cultura da não violência.

Em face do exposto, concluímos que um modelo de escola inclusiva e comprometida com a defesa dos direitos humanos é a escola que promove uma educação libertadora, na qual os sujeitos tenham a possibilidade de exercer sua cidadania, de saírem da condição de oprimidos, tornando-se emancipados.

Referências bibliográficas

BRASIL. **Constituição Federal da República**. Brasília: Senado Federal, 1988. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm > acesso em 05 de out. de 2022.

BRASIL. **Estatuto da Criança e do Adolescente**. Lei nº 8069. Brasília: Senado Federal, 1990. Disponível em: < http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/18069.htm> acesso em 13 de out. de 2022.

BRASIL **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei nº 9.394 de 20 de dezembro de 1996. Brasília: Senado Federal, 1996. Disponível em: < http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/lei9394_ldbn1.pdf> acesso em: 30 de set. de 2022.

BRASIL. **Lei no 10.639, de 9 de janeiro de 2003.** Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática 'História e Cultura Afro-Brasileira', e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, 10 jan. 2003. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/L10.639.htm>. Acesso em: 17 out. 2021.

BRASIL. **Plano Nacional de Educação de Educação em Direitos Humanos.** Comitê Nacional de Educação em Direitos Humanos. Brasília: Secretaria Especial dos Direitos Humanos, Ministério da Educação, Ministério da Justiça, UNESCO, 2007. Disponível em: <https://institutoaurora.org/educacao-em-direitos-humanos/?-gclid=CjwKCAjw7p6aBhBiEiwA83fGuvKQn1yog7n13wUuDentdNfqSYc-Y_T-SIVaj_-SxGo4543N-ZIP_hoCOAcQAvD_BwE> acesso em 12 de out. 2022

BRASIL Decreto nº 6.949, de 25 de agosto de 2009. **Convenção Internacional sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência e seu Protocolo Facultativo** assinados em Nova York, em 30 de março de 2007. Disponível em < http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2009/decreto/d6949.htm >. acesso em 16 de outubro de 2021.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular.** Brasília: Ministério da Educação/CNE, 2018. Disponível em: < <http://download.baseducacionalcomum.mec.gov.br/>> acesso em 05 de out. de 2022.

DA SILVA, Alexandra Frias. **Adequações curriculares e estratégias de ensino em turmas inclusivas:** um estudo exploratório no 1º ciclo. Dissertação para obtenção do grau de Mestre em Ciências da Educação. Escola Superior de Educação de Lisboa/PT, 2011.

FALEIROS. Vicente de Paula. Infância e processo político no Brasil. In; RIZZINI, Irene; PILOTTI, Francisco. **A arte de governar crianças:** a história das políticas sociais, da legislação e da assistência à infância no Brasil (orgs). 2. ed. rev. São Paulo: Cortez, 2009. p.33-96.

FERREIRA, Luiz Antônio Miguel. **O Estatuto da Criança e do Adolescente e o professor**: reflexos na sua formação e atuação. São Paulo: Cortez, 2008.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 67. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2021.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

MELO, Margareth Maria de (palestra) **O ECA e as Questões Étnico-Raciais e de Gênero no Currículo Escolar**. Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, PB, 28 de set. de 2021.

ONOFRE, Eduardo Gomes. (palestra) **A Educação em Direitos Humanos na Perspectiva da Educação Inclusiva**. Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, PB, 13 de jul. de 2021.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS (ONU) **Convenção Internacional sobre os Direitos da Criança**. New York, 20 de nov. de 1990. Disponível em: < <https://www.unicef.org/brazil/convencao-sobre-os-direitos-da-crianca> > acesso em 13 de out. de 2022.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS (ONU). **Declaração Universal dos Direitos Humanos**. New York: resolução 217 A III, em 10 de dezembro 1948. Disponível em: < <https://www.unicef.org/brazil/convencao-sobre-os-direitos-da-crianca> > acesso em 13 de out. de 2022.

POLICARPO, Edvania Soares (palestra) **O Processo Histórico das Leis Menoristas no Brasil e a Consagração das Crianças e Adolescentes como Sujeitos de Direitos**. Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, PB, 27 de jul. de 2021.

RIZZINI, Irene. Crianças e menores: do pátrio poder ao pátrio dever: um histórico da legislação para a infância no Brasil. In; RIZZINI,

Irene; PILOTTI, Francisco. **A arte de governar crianças**: a história das políticas sociais, da legislação e da assistência à infância no Brasil (orgs). 2. ed. rev. São Paulo: Cortez, 2009, p. 97-150.

SANTOS, Ligia Pereira do (palestra) **O ECA e as Questões Étnico-Raciais e de Gênero no Currículo Escolar**. Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, PB, 28 de set. de 2021.

SÃO PAULO. **Conhecer para Incluir a Pessoa com Deficiência**. São Paulo. SMPED: Editora Mais Diferenças, 2020. Disponível em < https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/upload/conhecer_para_incluir_pessoa_com_deficiencia_pdf_ac_baixa.pdf >. Acesso em 16 de out. de 2021.

SILVA, Avacir Gomes do Santos; PODOLAK, Diana dos Santos Pirete. Coisas de meninas e meninos: lições de gênero na educação infantil em Rolim de Moura, RO. **Revista Debates Insubmissos**, Caruaru, PE. Brasil, Ano 4, v.4, nº 12, jan./abr. 2021. ISSN: 2595-2803. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/debates_insubmissos/>. Acesso em 18 de out. de 2021.

SOBRAL, Evanda Helena Bezerra. (palestra) **O Processo Histórico das Leis Menoristas no Brasil e a Consagração das Crianças e Adolescentes como Sujeitos de Direitos**. Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, PB, 27 de jul. de 2021.

VALE, Elisabete Carlos do. (palestra) **Paulo Freire e os Direitos Humanos**. Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, PB, 31 de ago. de 2021.

ESCRITA CRIATIVA E PRODUÇÃO DE SABERES DE ESCRITORES(AS) PARAIBANOS(AS): UM RELATO DE EXPERIÊNCIA DO CÂMPUS III

Verônica Pessoa da Silva¹
João Matias de Oliveira Neto²
Mirella Karla Bezerra Crispim de Souza³

Introdução

Esse relato resulta das vivências decorridas no Projeto de Extensão **Aprofundando a escrita criativa e produção de saberes: ampliando as redes e os espaços de diálogos com escritoras e escritores paraibanos contemporâneos**, que foi realizado em sua segunda versão, no ano de 2021, de forma remota, considerando a pandemia da Covid-19.

Ao idealizar este projeto, temos também por perspectiva atuar na promoção de abertura da universidade para novos saberes; isto é, saberes contingenciados fora do âmbito das universidades que, para Boaventura de Sousa Santos (1994), emergem como saberes emergentes para uma vida decente, aproximando a universidade da sociedade e das ideias produzidas e materializadas no cotidiano, proporcionando, por sua vez, um amplo canal de diálogo e troca de experiências, com o objetivo de democratizar o acesso ao conhecimento e de repensar a própria universidade como espaço que, mais

1 (Coordenadora) Departamento de Educação/Centro de Humanidades – Campus III (Guarabira/PB). Projeto: APROFUNDANDO A ESCRITA CRIATIVA E PRODUÇÃO DE SABERES: REDES E ESPAÇOS DE DIÁLOGOS COM ESCRITORAS(ES) PARAIBANAS(OS) CONTEMPORÂNEOS Cota: 2022 (EDITAL ESPECIAL Nº 003/2022 PROEX)

2 (Extensionista Colaborador)

3 (Bolsista)

do que criar projetos da extensão “de dentro para fora”, também o faz de “fora para dentro”, reforçando o diálogo com a realidade social.

Atentos ao fato de que o Campus III da UEPB é referência na formação de professores, constituindo-se em cursos que priorizam a licenciatura, o ensino e o aprendizado que nos conduz a repensar o modelo de universidade que queremos, tal projeto também objetiva a inclusão de novos conhecimentos na própria prática pedagógica. Quais seja: o conhecimento sobre a produção de livros artesanais, novas técnicas e saberes sobre a produção de literatura, além de refletir sobre gêneros literários e a literatura paraibana, e de sua aplicação na prática diária do professor.

Os resultados apontaram a importância de abordagens que aprofundem os diálogos entre literatura e educação, especialmente junto aos estudantes de graduação. Ao formar-se professores e professoras nos cursos que abrangem o Campus III da UEPB, notadamente História, Geografia, Letras, Pedagogia e Direito, ofertamos a oportunidade de vivência da linguagem da literatura aos nossos estudantes enquanto uma “ontologia do presente”, isto é, um espaço através do qual podemos refletir sobre questões sociais, políticas e educacionais ao nos dispor a tomar contato com a própria experiência do que é estar no mundo.

É através da literatura, sobretudo, que podemos tomar contato com realidades das mais diversas. Daí a importância de termos, entre o grupo de escritores que integrou este projeto, escritas e vivências negras, LGBTQIAP+, mulheres e de autores e autoras paraibanas contemporâneos. Nesse diálogo com sua produção, os estudantes foram instigados a, igualmente, produzir seus textos e refletir sobre como se poderia dialogar com autores tão diversos em sala de aula.

Ora, é a partir do legado deixado pela literatura que se pode levar questões tão tangenciais à nossa formação histórica, geográfica, linguística e educacional para a sala de aula. Os textos literários e os autores contemporâneos que respondem por eles puderam

oferecer aos estudantes envolvidos no projeto um outro olhar sobre a história local, sobre nossa própria geografia humana, sobre a natureza e diversidade da linguagem no texto literário, bem como da viabilidade de apropriação do texto literário como instrumentação e prática pedagógica, seja de letramento, seja de construção do olhar crítico sobre o oprimido, a realidade nacional e suas imbricações com os problemas da sociedade brasileira.

Metodologia

Este projeto foi desenvolvido com a colaboração de docentes e estudantes do Departamento de Educação e que atuam no Curso de Pedagogia, por meio do diálogo, da construção coletiva e dos princípios da ação-reflexão-ação.

Por ocasião da pandemia da Covid-19 e da normativa instituída pela UEPB, e seguida pelo Campus III, os encontros entre os participantes e os escritores e escritoras se deram através da plataforma Google Meet. Desta feita, o escritor ou escritora convidada, com dias de antecedência, se incumbia de nos enviar textos literários de sua autoria e, posteriormente, os encontros se davam na plataforma do Google Meet para a discussão das qualidades e características literárias da obra, sempre observando sua inserção no contexto das discussões sobre raça, gênero, identidade, cultura e contemporaneidade.

Os debates, por sua vez, seguiam uma rotina de reiterar questões contemporâneas relacionadas à escrita criativa e produção de saberes: colonialidade do saber/decolonialidade, lugar de fala na literatura, questão narrador/personagem, dialética autor/narrador, questões de gênero, raça e classe social, a historicidade local nos textos literários, literatura brasileira e literatura paraibana. Logo, buscou-se, através da escrita criativa, um esforço na interação com os saberes contemporâneos, nas mais diversas perspectivas, como nos traz a noção de Boaventura de Souza Santos sobre universo dos saberes *intramuros* e *extramuros* nas universidades.

Isto é, discutimos, em debates, questões contemporâneas relacionadas à identidade de nossos autores e autoras, bem como de que maneira essa identidade se articula com categorias de articulação da diferença por gênero, raça, origem etc.

Também conformamos uma apreciação da lógica dos oprimidos através da literatura, enfocando que muitos dos textos trazidos por nossos autores e autoras convidadas abordavam questões sociais e problemáticas psicossociais associadas ao negro, à mulher, ao LGBTQIAP+ e ao nordestino num sentido geral. Refletir, pois, sobre a experiência da literatura nordestina é parte de uma reflexão socio-histórica, mas também de como o reflexo do oprimido na obra encontra ressonâncias na produção material de nossas vidas, nas objetificações da realidade cotidiana em termos políticos e sociais, como nos ensina Paulo Freire.

A experiência de debate dos textos literários nos trouxe ainda o contato com esse lugar do “outro” que nos fala, isto é, dos autores e autoras paraibanos e paraibanos contemporâneos que escrevem a partir de seus lugares e à sua própria maneira vão se tornando conhecidos pelos seus leitores. Tal proposta nos instiga a conhecer, nos alunos e alunas extensionistas, escritores e escritoras em formação. Daí apostarmos nos debates dos textos literários dos escritores como formas de deslocamento e descentramento para a compreensão da experiência cultural de um “outro” de forma heterogênea e dinâmica.

Considerando a continuidade e, de certo modo, aprofundamento da pandemia, bem como seguindo o protocolo da UEPB, instituindo medidas de segurança sanitária da comunidade acadêmica, os encontros permaneceram sendo realizados através da Plataforma *Google Meet*. Importante considerar que tais encontros constituíam também um acalento a jovens estudantes durante o período de isolamento social suscitado pela pandemia da Covid-19. Assim, os encontros eram permeados por um clima de reencontros e de trocas afetivas importantes, sobretudo para aqueles e aquelas cujo isolamento social lhes levava a se afastar de amigos e familiares próximos.

Os debates, por sua vez, foram sempre marcados por uma participação ativa dos estudantes, que analisavam desde a trajetória dos escritores e escritoras até as edições, cartografias e conteúdos de suas obras literárias. Além da ampliação das formas de interpretação dos escritos, sentimos, igualmente, a motivação de alguns alunos participantes para se aventurarem no exercício da escrita. Nesse ínterim, muitas ideias para futuros trabalhos de conclusão de curso, estratégias pedagógicas e estímulo à leitura de obras literárias contemporâneas também puderam ser percebidos.

A cada encontro, fazíamos uma avaliação, mapeando os ganhos advindos do processo e extraindo as lições dos aprendizados. Com uma frequência bastante regular, contando com uma média de 40 participantes, percebia-se um clima de cooperação, ânimo e curiosidade pelos escritores e escritoras convidados. Longe de haver uma prática da pedagogia de viés bancário, com o autor ou autora convidada falando para uma turma de alunos silenciosos, o diálogo era algo recorrente e necessário para o aprendizado mútuo.

Ao final, utilizamo-nos do método de leitura dirigida no intuito de promover esse deslocamento para o lugar do autor do texto e do texto em si, como também nos utilizamos dos debates e das entrevistas com os escritores e escritoras convidados para dar o lugar de voz a esse “outro” que nos fala. Assim, após o debate, os escritores e escritoras convidados eram sempre instados a refletir para os participantes sobre sua experiência como autor e autora, suas obras, os detalhes dos textos socializados, seu processo de autodescoberta e suas expectativas como autor e autora de literatura na e da Paraíba. Concluindo as etapas mês a mês, resta que a experiência da linguagem é uma experiência de pertença no mundo e, através dele, uma forma de sentir-se nele.

Fundamentação teórica

Com mais de sete feiras literárias em seu território, a Paraíba se firma como um Estado em franco desenvolvimento no número de iniciativas para o apoio e incentivo à leitura e formação de novos escritores, poetas, cordelistas e profissionais da produção editorial. Assim, este projeto se firmou na ideia de exercer uma atividade de ensino e aprendizagem extracurricular que permitisse aos estudantes, professores e demais convivas do Campus III da UEPB um maior contato com formas alternativas de produzir e publicar poesias e textos literários; novas maneiras de pensar a atividade da escrita acadêmica, da escrita literária e da poética; auxiliar aos estudantes na atividade da escrita, propiciando oficinas de aprimoramento e de conhecimento dos gêneros e daqueles que atualmente estão em atividade.

Para fundamentar teoricamente este trabalho, nos amparamos na pedagogia do oprimido e da autonomia, conforme lida em Paulo Freire (2002), para fazer com que nossos estudantes passem pela experiência da literatura como a de uma experiência sobre a produção material da vida, identificando questões sociais, políticas e econômicas que modificam nosso modo de ver o mundo e de pertencer a ele. Uma “ontologia do presente”, principalmente, que nos permite ver a literatura mais do que como ferramenta, mas através da possibilidade de uma epistêmica do presente, isto é, das demandas do presente e da materialização da vida (SOARES, 2014).

Importante ainda ressaltar o olhar de Boaventura de Sousa Santos (1994; 1988) sobre os processos de descolonização das universidades, abertura para novas ideias e novos aprendizados advindos dos movimentos sociais, dos grupos excluídos do processo de conformação socio-histórica hegemônico de exclusão social e de exclusão da participação política. Por isto, tivemos entre nossos escritores e escritoras convidadas autores advindos do movimento negro, LGBTQIAP+, movimento de mulheres e demais lugares de pertença que nos permitam refletir sobre a produção de saberes a partir da experiência destes indivíduos nestes grupos.

O lugar de produção do texto literário, enquanto um lugar de pertença também político, nos leva a refletir sobre como a experiência do autor e do texto dialoga com nossos próprios lugares de pertença. É via que entendemos a literatura como um processo de tradução de experiências de mundo, como o retrata Boaventura de Sousa Santos, e como uma ontologia do presente, como destaca Soares; ou seja, ao apresentar-se como um modo de ler o presente, a partir de sujeitos e sujeitas subalternizados, podemos ter contato com experiências vívidas de constituição do presente vivido por elas. Assim, preocupamo-nos em dar uma conformação aos nossos encontros de modo que não se excluísse mulheres, pessoas pretas e pardas e LGBTQIAP+. Buscou-se, sobretudo, uma adequação da seleção dos escritores às demandas contemporâneas, com vistas à abertura da universidade para todos e todas.

Resultado e discussão

Além da divulgação dos produtos resultantes das oficinas nos espaços de circulação de pessoas, no âmbito do Campus III da UEPB, a sistematização dos dados do Projeto foi feita por meio de fotografias, filmes e registros escritos sobre a experiência dos estudantes e demais envolvidos, tanto no projeto quanto nas oficinas referidas. Além disso, ao manter uma página virtual sobre essa experiência, reunimos relatos de experiências dos estudantes participantes da oficina, suas produções e um canal de diálogo direto com os profissionais ministrantes das oficinas de criação, produção e difusão de obras literária na Paraíba.

A avaliação do projeto foi desenvolvida de modo contínuo, tem como principais etapas: a) registro visual e escrito das atividades das oficinas, b) sistematização dos debates com os estudantes envolvidos na execução das ações planejadas, c) autoavaliação dos estudantes envolvidos no projeto e d) avaliação dos profissionais ministrantes dos temas/módulos. Utilizamos, ainda, uma caixa de sugestões e avaliação permanentes quanto às ações realizadas,

além de disponibilizar um e-mail oficial do projeto e um grupo de um aplicativo de mensagens para fins de comunicação.

Os alunos envolvidos na execução do projeto participaram de reuniões quinzenais para avaliação e aperfeiçoamento das vivências, oficinas e demais atividades resultantes deste processo. As ações deste Projeto, por fim, estiveram vinculadas às realizações do Grupo de Pesquisa PELEJA – Pesquisas e Estudos em Letramentos de Jovens e Adultos, registrado desde o ano de 2013, com ações diversas no campo da Educação Popular/Educação de Jovens e Adultos.

Considerações finais

O Projeto permitiu o aprofundamento das discussões e a participação de estudantes dos diversos cursos da UEPB na atividade da Extensão Universitária. Apesar das dificuldades geradas pela pandemia da Covid-19 e da utilização de ferramentas virtuais no ensino, avaliamos que o desenvolvimento do Projeto de forma remota garantiu uma melhor adequação para a participação dos estudantes, sobretudo por ser ofertado em horário intermediário, no intraturno das aulas.

A pandemia nos trouxe momentos complexos e desafiadores, mas a adesão dos estudantes, o legado da experiência de um ano de trabalho remoto e a adesão de diversos escritores e escritoras paraibanas nos permitiu avançar, especialmente no que diz respeito às discussões.

Ao final do processo, o interesse dos estudantes apontou para a criação de um grupo de leitura literária como possibilidade de continuidade dos estudos e a produção de trabalhos nesse campo de saber.

Esperamos, com essa iniciativa, ter contribuído para que a extensão cumpra seu papel de chegar às comunidades em suas necessidades e interesses e, sobretudo, para que a universidade pública realize plenamente a tríade ensino-pesquisa-extensão.

Referências

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

JÚNIOR, José de Sousa Campos. Tendências da literatura paraibana de autoria feminina. **Sociopoética**. Campina Grande: Programa de Pós-Graduação em literatura e interculturalidade. v. 1, n. 21 (2019).

SANTOS, Boaventura de Sousa. Da ideia de universidade a universidade das ideias. In: _____. **Pela mão de Alice**. Porto: Edições Afrontamento, 1994.

_____. Um discurso sobre as ciências na transição para uma ciência pós-moderna. **Estudos Avançados**. vol.2, no.2 São Paulo, Mai/Ago, 1988.

SOARES, E. V. Embora lidando com literatura, você está fazendo sociologia. Dossiê: Diálogos do Sul. Civitas, **Rev. Ciênc. Soc.** 14 (1) • Jan-Apr 2014. <https://doi.org/10.15448/1984-7289.2014.1.16183>

SILVA, Verônica Pessoa da. No vai e vem da esperança: um balanço dos processos migratórios a partir dos saberes e aprendizados populares no Nordeste brasileiro. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa, p. 210. 2013.

TELEATENDIMENTO NA CEFALEIA TENSIONAL E ALGIAS NA COLUNA DURANTE O PERÍODO PANDÊMICO

Taís Santos Vieira¹

Elivelton Duarte dos Santos²

Wilza Aparecida Brito de Oliveira³

Dra. Kelly Soares Farias⁴

Dra. Maria do Socorro Barbosa e Silva⁵

Introdução

A cefaleia é definida como uma algia em qualquer região craniana, facial ou craniofacial. Tem uma prevalência muito elevada na população em geral, sendo uma das manifestações clínicas mais comuns na prática médica. Apesar de ser uma síndrome bastante incapacitante, não tem sido dada a devida atenção pelos clínicos, levando não raramente a diagnóstico errôneo e, consequentemente, a um tratamento inadequado (OLIVEIRA, 2011).

Causadora de forte impacto socioeconômico na saúde pública é a algia que mais prevalece em jovens em idade produtiva. Fatores genéticos explicam a maior suscetibilidade de algumas pessoas a apresentarem maior frequência e intensidade dos sintomas, e os fatores ambientais como a preocupação e a ansiedade são potenciais desencadeadores dela (MEDEIROS, 2013). Contudo, há

1 Acadêmica do Curso de Fisioterapia; UEPB, Rua Baraúnas, 351, Campus I, Campina Grande- PB.

2 Acadêmico do Curso de Fisioterapia; UEPB, Rua Baraúnas, 351, Campus I, Campina Grande- PB.

3 Acadêmica do Curso de Fisioterapia; UEPB, Rua Baraúnas, 351, Campus I, Campina Grande- PB.

4 Professora do Departamento de Fisioterapia UEPB, Rua Baraúnas, 351, Campus I.

5 Coordenadora do Programa de Extensão Cefaleia do tipo tensional e algias na coluna - Oficina de Massagem, Rua Baraúnas, 351, Campus I, Campina

estudos que apontam uma maior frequência desse tipo de cefaleia no gênero feminino, em pessoas com idade inferior a 55 anos e uma estreita relação com o estresse (FRIEDMAN, 2010; MEDEIROS, 2013; QUEIROZ, 2008).

Uma das causas de algias musculares e cefaleias do tipo tensional podem estar associadas a má postura, causando encurtamento muscular e dores. A má postura pode ser ocasionada por uma vida estressante, maus posicionamentos laborais, maus hábitos posturais, o que pode acarretar uma vida sedentária. Os maus hábitos posturais estão intimamente ligados à limitação da amplitude das articulações, da extensibilidade dos músculos e da plasticidade dos ligamentos e tendões (MOLINARI, 2000).

Devido à pandemia da COVID-19, no Brasil, as primeiras medidas de isolamento social começaram a ser adotadas em março de 2020 (GARCIA; DUARTE, 2020 apud SILVA *et al*, 2020). Sendo assim, as restrições sociais impostas interromperam ou limitaram a realização de atividades de vida diária das pessoas, impactando, inclusive, no cotidiano daquelas que necessitavam deslocar-se até centros de reabilitação especializado (CUBO, 2020; REQUIA *et al*. 2020 apud SILVA *et al*, 2020).

Diante desse cenário, as atividades presenciais do projeto de extensão cefaleia do tipo tensional e algias na coluna - Oficina de Massagem foram paralisadas, como alternativa de manter o projeto ativo e manutenção do atendimento a comunidade, tomou como medida tomadas a adesão ao Teleatendimento/Telereabilitação, tendo como objetivo, atenuar algias musculares na coluna vertebral e cefaleia do tipo tensional através do desenvolvimento de materiais de orientações posturais, vídeos de automassagem elaborados pelos discentes, bem como alongamentos que poderiam ser realizados pelos participantes em seus próprios domicílios. O teleatendimento elimina esse tempo para pacientes e médicos, tornando a experiência mais confortável. Além disso, o apoio familiar aumenta a efetividade do paciente para aderência ao tratamento (ALMATHAMI *et al*., 2020).

O teleatendimento, recurso que abrange a telereabilitação pode ser definido como o uso de tecnologias de telecomunicação para levar cuidados de saúde a pacientes que estão distantes de um profissional e aprovada pela resolução nº 516 de 20 de março de 2020 pelo Conselho Federal de Fisioterapia e Terapia Ocupacional (COFFITO). Esta estratégia de telereabilitação não se mostra superior à qualidade do atendimento presencial tradicional, no entanto, a prática de telereabilitação é associada com resultados comparáveis e foi a solução encontrada para a situação pandêmica (SILVA *et al*, 2020).

A telessaúde se dá pelo contato entre o profissional de saúde e o paciente, quando os dois estão separados por distância. Esse contato pode ocorrer de maneira síncrona, ou seja, em tempo real, por meio de chamadas telefônicas ou videochamadas; ou de maneira assíncrona na qual a informação é armazenada e encaminhada por mensagens instantâneas (SMS) e e-mails (WORLD HEALTH ORGANIZATION, 2017). Sendo assim, as ferramentas voltadas para telessaúde/telereabilitação possuem potencial para impactar positivamente os serviços de atenção à saúde, aumentando a acessibilidade, proporcionando manutenção dos cuidados de reabilitação e reorganização dos serviços (AQUINO *et al*., 2020).

A relevância dos atendimentos e ações realizadas pelo projeto dá-se através de medidas eficazes que possibilitam a promoção da saúde, tendo por finalidade contemplar a comunidade campinense e circunvizinha, além de docentes, funcionários e estudantes da própria instituição de ensino. Assim, este projeto atinge uma das principais metas do programa de extensão universitária, que é integrar e interagir educação, cultura e saber científico de forma indissociável através do ensino e da pesquisa, executando o vínculo transformador entre universidade e sociedade.

Fundamentação teórica

Aproximadamente 95% das pessoas têm ou terão um episódio de cefaléia ao longo da vida. Estudos epidemiológicos apontam que a prevalência da cefaléia ao longo da vida é elevada (94% dos homens e 99% das mulheres) e cerca de 70% das pessoas apresentaram o sintoma no último ano. Nos ambulatórios de clínica médica, a cefaleia é a terceira queixa mais frequente (10,3%), suplantado apenas por infecções de vias aéreas e dispepsias, nas Unidades de Saúde, a cefaleia é responsável por 9,3% das consultas não agendadas, e nos ambulatórios de neurologia é o motivo mais frequente de consulta (SPECIALI, 2018)

Os mecanismos envolvidos na geração das cefaleias do tipo tensional, por serem controversos e sua fisiopatologia pouco elucidada, sugerem envolvimento de processos centrais de disfunção antinociceptiva e periféricos de comprometimento muscular. O aumento das contrações musculares, decorrentes de tensão emocional, elevam os níveis de catecolaminas circulantes, que por sua vez, provocam a contração de fibras musculares. Assim, a ansiedade, a depressão e o estresse podem desencadear crises de cefaleia do tipo tensional (BOSCHETTI, 2012).

As algias da coluna, por sua vez, afetam em torno de 70% a 80% da população adulta em algum momento da vida e são consideradas uma das razões mais comuns de aposentadoria precoce por incapacidade total ou parcial (BRAGA, 2011).

A fisioterapia realiza diversas atividades curativas e preventivas, trabalha evitando complicações possíveis em saúde e uma das atuações desse profissional é justamente a prevenção em algias da coluna vertebral. O fisioterapeuta é um dos profissionais fundamentais para essas abordagens. (CASELLATO, 2020)

Segundo Alencar e Matias (2010), uma das manobras terapêuticas utilizadas para proporcionar melhora das características da cefaléia e algias da coluna é o alongamento. O alongamento aumenta a mobilidade dos tecidos moles por promover aumento do

comprimento das estruturas encurtadas, objetivando um aumento da flexibilidade e de amplitude de movimento (ADM).

Além disso, outra abordagem baseada nas evidências científicas para melhorar a qualidade de vida destes indivíduos é a educação em saúde desenvolvida por meio das orientações posturais. Nestas orientações, trabalha-se a conscientização sobre manter uma relação adequada entre os segmentos do corpo e entre o corpo e o ambiente para realizar uma determinada tarefa. Jornadas longas de trabalhos e de estudos favorecem a maiores tempos na postura sentada, o que ocasiona sobrecarga dos músculos e articulações, levando a fadiga muscular e dores na coluna vertebral (BRAGA, 2011).

Diante do cenário pandêmico, Darzi *et al.* (2016) afirmam que aumentar o acesso e otimizar o uso dos serviços de saúde já disponíveis por meio da oferta de “reabilitação baseada na comunidade” e “reabilitação em casa” são modalidades viáveis e aceitáveis para melhorar os resultados da reabilitação. O uso dessas tecnologias de informação e comunicação (TIC) possui um importante papel na promoção da cobertura universal de saúde, podendo ocorrer de diferentes formas, como por exemplo, através da Telessaúde e do m-Health (mobile-Health) (DIAS, 2019). O m-Health é definido como o uso de dispositivos móveis, como telefones celulares, nas práticas de saúde. Esta modalidade tem aumentado seu potencial devido ao crescimento exponencial mundial do uso de dispositivos móveis (WORLD HEALTH ORGANIZATION, 2017).

O teleatendimento é uma aliada importantíssima no sistema de saúde do Brasil, principalmente no enfrentamento do COVID-19, pois ela forneceu serviços direcionados para o setor da saúde, auxiliando o atendimento dos profissionais além disso, durante esse período pontual, esse sistema foi indispensável na comunicação dos usuários/pacientes para com os profissionais sem precisar realizar o deslocamento até os serviços de saúde, conseguindo levar mais conforto e paz para o equilíbrio emocional dos indivíduos (BRITO BO e LEITÃO LPC,2020).

Metodologia

O formulário online para inscrição dos participantes foi divulgado no site da UEPB e permaneceu disponível por sete dias para realização da inscrição. Posteriormente, os extensionistas faziam a triagem, contactaram os participantes e os convidaram para a realização da avaliação física.

Originalmente, o projeto era realizado na Clínica Escola de Fisioterapia da Universidade Estadual da Paraíba. O primeiro contato com os participantes era por meio da *anamnese*. Na ocasião, além da identificação pessoal, eram investigados sinais e sintomas clínicos e, em seguida, os participantes se submetiam a uma avaliação física criteriosa da Coluna Vertebral ou específica da Cefaleia Tensional, de acordo com a necessidade de cada um.

Ainda neste primeiro contato, eram dadas orientações posturais básicas a todos pacientes, que além de serem trazidas em formato de folder eram demonstradas pelos extensionistas. Essas orientações tinham o intuito de chamar atenção quanto à postura corporal, autocorreção e consciência corporal, integrando-os aos hábitos de vida diários.

Em consequência da pandemia e respeitando as medidas de isolamento social, o projeto teve seus atendimentos presenciais interrompidos após uma semana de atendimento presencial e passou por modificações em sua abordagem de avaliação e tratamento visando a qualidade de vida dos participantes inscritos. Em razão disso, os participantes foram informados sobre as mudanças e aqueles que aceitaram continuar na nova metodologia de tele-saúde, receberam o atendimento via Google Meet e WhatsApp, tanto de forma síncrona como de forma assíncrona.

Reuniões semanais ou quinzenais eram realizadas via *Google Meet* entre os coordenadores e extensionistas do projeto com o objetivo de estabelecer estratégias de abordagem, comunicação e instrução com os participantes dessa nova modalidade de atendimento. Um novo cronograma de atendimentos foi proposto de

acordo com as queixas mais comuns entre os participantes que já haviam sido avaliados e os atendimentos tiveram início via dispositivo móvel, mais especificamente utilizando o aplicativo *WhatsApp*, que foi o melhor adaptação por parte dos participantes.

Quanto ao protocolo de atendimento, a conduta terapêutica proposta/aplicada tinha embasamento científico e os mesmos objetivos terapêuticos dos encontros presenciais. Os atendimentos duravam em média, 30-40 minutos, sendo realizado uma vez por semana. A cada sessão era encaminhado, aos participantes, um material produzido pelos extensionistas com o tema proposto do dia, de acordo com o cronograma. A partir disso, o material era apresentado ao participante para sanar as possíveis dúvidas durante a reunião on-line e/ou por meio de áudios e mensagens de texto. Após oito encontros online, o cronograma era encerrado e iniciava-se um novo ciclo de atendimentos com outros participantes, totalizando dois ciclos.

Quanto ao cronograma, foram elaborados portables document format; folders e vídeos sobre respiração consciente, orientações posturais, auto massagem facial, no couro cabeludo e nos segmentos cervicais, torácicos e lombares da coluna vertebral, além de alongamentos para a região cervical, torácica, lombar e medidas de autocuidado. Os métodos descritos anteriormente eram aplicados de acordo com a necessidade de alívio algíco do participante. Pensando na divulgação e alcance de um público maior, todo os materiais que eram compartilhados com os pacientes durante o teleatendimento eram divulgados também na rede social Instagram.

Resultados

Durante o ano de 2020 dentre os 121 inscritos, nos períodos letivos 2020.1 e 2020.2 no Projeto de Extensão Oficina de Massagem, foram selecionados 55 participantes para prestação de atendimento, sendo destes 70,9% (n=39) mulheres e 29,1% (n=16) homens. Em relação à ocupação dos participantes, a amostra foi

composta por 18 estudantes, 1 doméstica, 2 jornalistas, 1 atendente de telemarketing, 1 motorista, 7 professores, 5 assistentes administrativos, 3 técnicos laboratoriais, 1 auxiliar de biblioteca, 1 advogada, 1 agente comunitário de saúde, 1 analista de sistemas, 2 aposentadas, 1 assessora de cerimonial, 2 assistentes técnicos, 1 auxiliar de serviços gerais, 2 funcionários públicos, 1 nutricionista, 2 psicólogas, e 2 vendedoras.

No que diz respeito à localização da dor, 25,5% (n=14) usuários queixavam-se de cefaléia do tipo tensional e 74,5% (n=41) se queixavam de dores na coluna. Dentre os 41 usuários que se queixavam de dor na coluna, 7,3% (n=3) usuários referiram dor apenas na coluna cervical, 2,4% (n=1) referia dor apenas na torácica e 4,9% (n=2) referia dor apenas na lombar. Adicionalmente, 56,1% (n=23) dos pacientes relataram dores em mais de uma região (ex.: cervical e torácica, torácica e lombar, cervical e lombar) e 29,3% (n=12) pacientes apresentavam dor nas regiões cervical, torácica e lombar.

De acordo com estes dados, a localização da dor entre os participantes foi em mais de uma área da coluna vertebral. Assim, as sessões de teleatendimento foram direcionadas aos participantes de acordo com a sua sintomatologia individual, para um maior aproveitamento e efetividade. Todavia, ao longo dos atendimentos e em meio à difícil situação pandêmica, alguns participantes desistiram dos atendimentos, e assim, permaneceram até o último atendimento apenas 50,9% (n=28) dos participantes.

Apesar destas desistências, obtivemos bons resultados com os pacientes que se mantiveram frequentes aos 8 atendimentos de 30 minutos de duração cada um. Uma forma de comprovar foi através da análise dos dados da Escala Visual Analógica (EVA) (FIGURA 1), sendo a inicial coletada na inscrição do usuário e a final coletada no último dia de atendimento, considerando de 0 a 2 sem dor ou dor leve, 3 a 7 dor moderada e 8 a 10 dor intensa:

FIGURA1 - Eva dos pacientes atendidos no período 2020.1

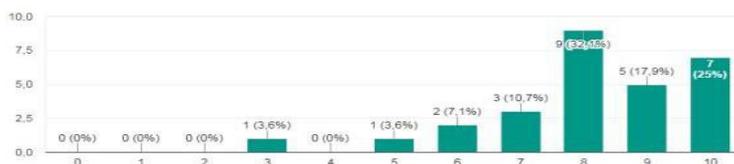
EVA dos pacientes atendidos no período 2020.1		
Pacientes	EVA Inicial	EVA Final
A.S.R.	4	2
A.TC	9	6
D.V.	8	7
E.A.L.	7	5
E.G.A	10	7
G.A.B	4	2
G.M.S	8	3
G.P.G.M.	8	5
H.A.A.	9	6
I.L.C	7	1
I.C.G.	8	2
I.K.C.P.	8	6
J.A	8	6
J.A.B.M.	6	2
J.S.R.C.	8	3
K.B.P.	6	1
K.M.O.R.	5	0
L.M.S.S	8	3
M.A.M.F	8	2
M.R.B.A	7	2
M.S.B.R	9	5
R.B.M.S	8	6
R.D.S.S	8	5
R.P.E	7	1

EVA dos pacientes atendidos no período 2020.1		
S.A.S.	7	5
T.B.R	7	5
T.S.A.	4	2
Y.S.	7	5

Fonte: Elaborada pelo autor, 2022.

Por fim, após a aplicação do cronograma proposto, todos os usuários relataram diminuição do quadro algíco após os atendimentos, que foi ratificado a partir da análise da EVA (FIGURA 2).

FIGURA 2 - Nível de Alívio da Dor Após os Atendimentos



*Eixo x: Nível do alívio da dor após a realização os exercícios de 0 a 10
Eixo y: Número de participantes que se distribuíram entre as alternativas.

Fonte: Elaborada pelo autor, 2022.

Além disso, os pacientes assistidos relataram que o atendimento remoto contribuiu para a melhora da qualidade de vida. Dos 28 usuários que se adaptaram a nova modalidade, 67,9% (n=19) afirmam que os atendimentos amenizaram a sensação de estresse, 35,7% (n=10) melhorou questões de ansiedade, 85,7% (n=24) promoveu sensação de relaxamento, em 50% (n=14) instigou uma rotina de autocuidado, em 42,9% (n=12) incentivou a prática de atividade física, em 46,4% (n=13) propiciou qualidade de sono e apenas 3,6% (n=1) afirmou que não houve melhora.

Discussão

Diante dos resultados obtidos, podemos afirmar que, apesar das dificuldades encontradas em razão da pandemia da COVID-19, a utilização das mídias digitais possibilitou a continuidade das atividades do projeto. Houve adaptação, colaboração e dedicação dos extensionistas e participantes para a efetividade e eficiência dos objetivos do projeto. Estes dados estão de acordo com a literatura, uma vez que a utilização dessa estratégia tende a se tornar cada vez maior no contexto da globalização, com a universalização das telecomunicações e o aumento da inclusão digital (CAMPOS *et al.*, 2009; OLIVEIRA; JACQUES, 2006).

O uso do teleatendimento na área da saúde, tem apresentado resultados positivos, alguns autores destacam vários serviços que podem ser ofertados nesse formato, como triagem e prevenção, permitindo novas possibilidades para o futuro, especialmente após a pandemia de COVID-19. Neste caso, a telemedicina é um facilitador no gerenciamento do cuidado à distância, com baixo custo e alta cobertura (CAETANO *et al.*, 2020).

O teleatendimento apresenta potencial econômico e social ao gerar inovações, demandar e incorporar avanços tecnológicos de outras áreas impulsionando diferentes indústrias a democratizar o acesso aos serviços de saúde, proporcionando estratégias para o cuidado, corroborando assim para a ampliação do acesso à saúde, através dos meios digitais (MALDONADO; MARQUES; CRUZ, 2016).

Apesar desta facilidade de acesso, nem todas as pessoas sentem-se contempladas pelo cuidado pelas vias digitais, um ponto a se destacar é que houve, nos meses iniciais do isolamento social, um bombardeio às telas. Neste sentido, neste projeto, houve desistência por parte de alguns pacientes. Dentre as várias justificativas, além do mencionado anteriormente, é importante destacar que o próprio isolamento social foi um fator de risco para o desenvolvimento de manifestações psíquicas e alterações comportamentais, o que pode ter favorecido a desistência. (SOUZA *et al.*, 2021), além da

falta de segurança em meios virtuais e pela dificuldade ou falta de habilidades com os equipamentos/meios digitais (PORTNOY J, *et al.*, 2020).

Os participantes que compuseram a nossa amostra relataram redução do quadro algíco e conseqüentemente, melhora em aspectos da qualidade de vida. Araújo, *et al* (2020) relataram que durante o teleatendimento de pacientes que tiveram COVID -19 durante a pandemia era percebida a satisfação do atendimento por meio das mídias digitais, sanando dúvidas sobre sintomas e características da COVID-19, com alívio dos sintomas e gratidão pela prestação desse tipo de assistência, além da possibilidade da continuidade do cuidado e do vínculo paciente-profissional. Aqui, observamos o mesmo nível de satisfação e gratidão ao final de cada ciclo de projeto, por parte dos participantes e extensionistas.

Conclusão

A realização deste projeto com empenho e assiduidade possibilitou alcançar resultados positivos, sendo notório a cada sessão realizada. Isso se deve a melhora significativa no quadro algíco dos participantes, acarretando predomínio ao final dos atendimentos uma diminuição de sensação de estresse e ansiedade. Além disso, promoveu sensação de relaxamento, instigou uma rotina de autocuidado, incentivou a prática de atividade física e propiciou qualidade de sono.

A TICs facilitou e viabilizou a execução do projeto Oficina de Massagem ao formato online durante este período pandêmico e de tanta vulnerabilidade enfrentada pelo mundo. O uso desta tecnologia gerou uma ação conjunta e participativa dos acadêmicos de Fisioterapia à comunidade Campinense e cidades circunvizinhas. Dessa maneira, pode-se dizer que o teleatendimento mostrou-se como uma nova forma de cuidado ao paciente, principalmente aos indivíduos que apresentavam entraves quanto à locomoção até a instituição para serem atendidos pelo projeto, ou seja, fomos além da estrutura física, promovendo saúde mesmo que à distância.

Referências

ALENCAR, T. A. M; MATIAS, K. F. S. Princípios fisiológicos do aquecimento e alongamento muscular na atividade esportiva. **Rev Bras Med Esporte**, v. 16, n. 3, p.230-4,2010.

ALMATHAMI, H. K. Y.; WIN, K. T.; VLAHU-GJORGIEVSKA, E. Barriers and facilitators that influence telemedicine-based, real-time, online consultation at patients' homes: systematic literature review. **Journal of medical Internet research**, v. 22, n. 2, p. e16407, 2020.

AQUINO, Estela ML et al. Medidas de distanciamento social no controle da pandemia de COVID-19: potenciais impactos e desafios no Brasil. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 25, p. 2423-2446, 2020.

BOSCHETTI, V. **Tipos de Dor de Cabeça**. 2012.

BRAGA, R. M. **Efetividade da Escola Postural na diminuição da dor crônica**: uma revisão sistemática. 2011.

BRASIL, Ministério da Saúde. Painel de casos de doença pelo coronavírus 2019 (COVID- 19) no Brasil pelo Ministério da Saúde. 2020. Disponível em: <<https://covid.saude.gov.br/>>. Acesso em: 08 dez. 2020.

OLIVEIRA, B. B.; LEITÃO, L. P. C. TELEMEDICINA COMO ESTRATÉGIA DE COMBATE A COVID-19 NA REGIÃO NORTE DO BRASIL. **Saúde em redes**, v. 6, n. 2 Suplem, p. 81-93, 2020.

CAETANO, R. *et al.* Desafios e oportunidades para telessaúde em tempos da pandemia pela COVID-19: uma reflexão sobre os espaços e iniciativas no contexto brasileiro. **Cadernos de saúde pública**, v. 36, 2020.

CAMPOS, F. E. *et al.* The National Telehealth Program in Brazil: an instrument of support for primary health care. **Latin American Journal of Telehealth**, v. 1, n. 1, p. 39-66, 2009.

CASELLATO, T. F. L., DIOGO, L. C., ZAVARIZE, S. F. Fisioterapia nas coletividades humanas: uma revisão sistemática. **Revista Pesquisa Em Fisioterapia**, v. 10, n.2, p. 317–323, 2020.

DARZI, A. J. *et al.* Stakeholders' perceptions of rehabilitation services for individuals living with disability: A survey study. **Health and Quality of Life Outcomes**, v. 14, n. 1, 2016.

ARAÚJO, A. D. I. R.; SOUSA, L. S. N.. Teleatendimento como ferramenta de monitoramento de casos suspeitos e/ou confirmados de COVID-19/Tele-service as monitoring tool for suspected and/or confirmed cases of COVID-19. **Brazilian Journal of Development**, v. 6, n. 8, p. 57807-57815, 2020.

SOUZA, A. B. *et al.* Manifestações psíquicas durante pandemia de COVID-19: revisão sistemática da literatura. **Brazilian Journal of Health Review**, v. 4, n. 2, p. 6380-6401, 2021.

DIAS, J. F. **Telerreabilitação: evidências atuais e futuras aplicações**. 2019.

DOMENICO, G. Técnicas de Massagem de Beard Princípios e Práticas de Manipulação de Tecidos Moles. 5ªed. Rio de Janeiro; **Editora Elsevier**, 2008.

FRIEDMAN, A. P. Cefaléia. Tratado de neurologia. 7ª ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2010.

MALDONADO, J. M. S. V.; MARQUES, A. B.; CRUZ, A. Telemedicina: desafios à sua difusão no Brasil. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 32, Supl 2:e00155615, 2016.

MEDEIROS, A.A; LIMA, B. R. D. A; SIQUEIRA, D. F. A eficácia da fisioterapia manual na cefaléia tensional: uma revisão sistemática. **Manual Therapy, Posturology & Rehabilitation Journal**, v. 10, n. 47, 2013.

MOLINARI, Bruno. **Avaliação médica e física: para atletas e praticantes de atividades físicas**. 2000.

OLIVEIRA, D. A. *et al.* Cefaleia do tipo tensional e migrânea em funcionários de uma instituição de ensino superior: grau de incapacidade. **Headache**, v. 2, n. 2, p. 61-65, 2011.

OLIVEIRA, S.; JACQUES, M. G. C. Políticas e práticas de gestão e saúde: recortes sobre o trabalho de teleatendimento no Rio Grande do Sul. **Revista Brasileira de Saúde Ocupacional**, v. 31, p. 63- 72, 2006.

PORTNOY, J.; WALLER, M.; ELLIOTT, T. Telemedicine in the era of COVID-19. **The Journal of Allergy and Clinical Immunology: In Practice**, v. 8, n. 5, p. 1489-1491, 2020.

QUEIROZ, L. P. *et al.* Um Estudo Epidemiológico Nacional Da Cefaléia No Brasil. **Migrêneas cefaleias**, v.11, n.3, p.190-196, jul./ago./set. 2008.

SILVA, A. K. S *et al.* Efeitos de um programa de telerreabilitação sobre a qualidade de vida de pessoas com Doença de Parkinson, durante o isolamento social na pandemia da COVID19. **Revista Thema**, v. 18. p.156-169. 2020.

SPECIALI, J. G. *et al.* Protocolo nacional para diagnóstico e manejo das cefaleias nas unidades de urgência do Brasil. **Academia Brasileira de Neurologia–Departamento Científico de Cefaleia Sociedade Brasileira de Cefaleia**. v. 205, 2018.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. Global diffusion of eHealth: making universal health coverage achievable: report of the third global survey on eHealth. **World Health Organization**, 2017.

RELATO DE EXPERIÊNCIA PROJETO ATIVA IDADE: INTERDISCIPLINARIDADE EM TEMPOS DE PANDEMIA

Lívia Maria Almeida de Araújo¹

Ricarly Almeida de Farias²

Vânia Maria Oliveira de Farias³

Renata Cardoso Rocha Madruga⁴

Claudia Holanda Moreira⁵

Introdução

A interdisciplinaridade, que segundo Japiassu (1976), é muito mais do que um conceito teórico, ela surge para superar a fragmentação entre o conhecimento e a prática, proporcionando a construção de um diálogo entre as disciplinas.

Dessa forma, na interdisciplinaridade não existe a supervalorização de um campo do conhecimento, procura-se promover a integração e desenvolvimento dos diversos campos visando a formação de alunos que dialoguem entre si e entre os demais cursos, desenvolvendo pesquisas, reflexões e atividades sobre temas com a contribuição de cada um deles (DA SILVA, 2019).

Entretanto, Perez (2018) apresenta uma reflexão sobre a adoção do termo e as consequências sobre o entendimento do que seria a interdisciplinaridade. Segundo ela, um problema que poderia vir a surgir refere-se à criação de uma supremacia do conhecimento se essa for interpretada como uma união de disciplinas, que poderia

1 (livia.araujo@aluno.uepb.edu.br)

2 (ricarly.farias@aluno.uepb.edu.br)

3 (vmofas@hotmail.com)

4 (renatarocha@servidor.uepb.edu.br)

5 (claudiaholanda@servidor.uepb.edu.br)

impactar “anulando, inclusive, os pressupostos teóricos e metodológicos de um campo do conhecimento” (p. 464).

Nos cursos de bacharelados de progressão linear, apesar de ser comum haver a orientação para que certas disciplinas sejam ministradas de modo interdisciplinar, é a fragmentação do saber, indo na contramão da interdisciplinaridade e impactando sobre a formação do futuro profissional (PEREZ, 2018). Dessa forma, muitos discentes recorrem aos projetos de extensão universitária interdisciplinares disponibilizadas pela sua instituição de ensino, para ter essa experiência prática mais ampliada.

Nesse sentido, como abordado por Ribeiro e colaboradores:

[...] a extensão torna-se uma ferramenta importante de inserção no meio profissional. Além disso, promove proatividade e autonomia no processo de aprendizagem/desenvolvimento, concedendo oportunidades de conhecimento das realidades locais, possíveis espaços de atuação profissional (RIBEIRO et al, 2016, p. 61).

Com o acelerado crescimento da população idosa e a complexidade que envolve o processo do envelhecimento, o desenvolvimento de atividades interdisciplinares com idosos vem demonstrando resultados bastante positivos, tendo em vista que o atendimento integral aos idosos é mais eficaz quando são baseados nessa prática. Além da melhoria da qualidade e da continuidade do cuidado prestado a essa população, essa prática contribui para uma visão abrangente do envelhecimento humano, contemplando pesquisas sobre as principais teorias e as subjetividades relacionadas à idade, e da atuação em equipe, possibilitando aos alunos uma visão integral do cuidado, desenvolvimento de habilidades de comunicação e colaboração interprofissional (FRIZON; PICHLER; DE MOURA SCORTEGAGNA, 2019).

Com a declaração em março de 2020 da pandemia do Covid-19 (*SARS-CoV-2*) pela Organização Mundial da Saúde (OMS) e a

aplicação dos protocolos de isolamento social como medida sanitária para deter o contágio deste vírus até então desconhecido, o desenvolvimento das atividades interdisciplinares de extensão universitária, principalmente aquelas voltadas às pessoas idosas, tendo em vista que essa população é a mais susceptível ao vírus, tornou-se um desafio. Assim, além dos vários setores que tiveram suas atividades paralisadas, o meio acadêmico também teve que se adaptar a essa nova realidade (ROMÃO; DA SILVA JÚNIOR, 2022; NUNES et al., 2021).

O presente artigo tem por objetivo descrever as atividades interdisciplinares realizadas pelo projeto de extensão “Ativa Idade - Envelhecimento Saudável na Comunidade” durante a pandemia.

Descrição e análise teórico-metodológicas

Com o advento da pandemia do Covid-19, o mundo entrou em um estado de emergência sanitária. Isso ocorreu, visto que, esse vírus, muitas vezes, proporciona uma infecção respiratória aguda de evidente potencialidade que é provocada pelo *Sars-Cov-2*. Apesar do organismo humano não ser o seu hospedeiro natural, as consequências causadas pelo vírus foram e são preocupantes. Desta forma, a saúde passou a ter um destaque, visto que, este patógeno possuía uma alta taxa de proliferação e os conhecimentos científicos que existiam eram muito escassos (CARMO et al, 2021; COSTA et al., 2021; HAMMERSCHMIDT; SANTANA, 2020).

É importante ressaltar que todos os indivíduos têm a possibilidade de ser infectado pelo novo coronavírus, contudo os idosos foram considerados do grupo de risco, pois estes possuem comorbidades, como hipertensão, diabetes mellitus, doenças cardiovasculares e outras. Assim, caso esses indivíduos sejam contaminados existe uma maior probabilidade de irem a óbito. Nesse sentido, com a intenção de protegê-los, o distanciamento social surgiu como uma solução eficiente, já que era preciso desacelerar a transmissão (COSTA et al., 2021; VELHO et al, 2020).

Esse artigo trata-se de um relato de experiência com idosos de uma comunidade na Cidade de Grande-PB. As atividades que serão aqui relatadas ocorreram entre os anos de 2021 e meados de 2022, que foram adaptadas à nova realidade advinda da pandemia do Covid-19.

Vale salientar que:

O ponto de partida para toda ação extensionista relacionada a qualquer tema, inclusive para a COVID-19, centra-se em apropriar-se no maior conhecimento possível acerca do tema, que é muito novo, bem como elaborar um conhecimento próprio capaz de ecoar nas necessidades do cenário social. Desse modo, os envolvidos na extensão universitária podem alcançar um sólido e crítico desvelar da realidade e possibilitar a participação da sociedade em suas atividades tanto como colaboradores quanto como avaliadores (MOURA, 2020, p. 57).

O projeto de extensão “Ativa Idade - Envelhecimento Saudável na Comunidade” atua desde 2015 desenvolvendo atividades de promoção e educação em saúde voltada para os idosos atendidos pela Unidade Básica de Saúde Antônio Ventura localizado no bairro do Cinza em Campina Grande-PB, pautadas nas estratégias de ação da Política Nacional de Promoção à Saúde.

A equipe de extensionistas do projeto envolve alunos dos cursos de Educação Física, Enfermagem, Farmácia, Fisioterapia, Jornalismo, Odontologia, Psicologia e Serviço Social, visando contribuir para a formação de profissionais humanizados e com compromisso social de diferentes áreas.

O projeto se propõe a observar e descrever as características demográficas e socioeconômicas dos idosos contemplados, contendo informações relativas à classe social, renda e escolaridades,

como também informações relativas a saúde dos idosos; avaliar as informações referentes ao acesso aos serviços de saúde, autopercepção e morbidade referida; motivar os idosos a serem agentes multiplicadores de saúde; propor ações de promoção de saúde geral e Educação em Saúde, propiciando a aquisição de conhecimentos básicos de saúde e desenvolvimento crítico sobre saúde; estimular a criatividade dos extensionistas durante a socialização de saberes, na perspectiva da formação do futuro profissional enquanto cidadão; articular as atividades de extensão em Saúde Coletiva com o ensino e a pesquisa; e fornecer a integração entre a universidade e a comunidade.

Nesse sentido, é importante ressaltar que a proposta da extensão não se resume apenas em prestar serviço à população/comunidade, mas levar o extensionista a refletir sobre o seu papel diante do compromisso social e os pressupostos teóricos e metodológicos (RIBEIRO et al., 2016).

Diante da pandemia da Covid-19, visando manter o vínculo com os idosos e dando continuidade às atividades propostas, o projeto precisou reinventar-se, recorrendo ao contato por meio de ligações telefônicas e/ou vídeo chamadas através de aplicativos de mensagens, como o *WhatsApp*. Essas adaptações foram necessárias para que as atividades pudessem ser continuadas e, como apontado por Romão e Da Silva Júnior (2022), “a forma mais convencional durante esse período foi a transferência dos trabalhos presenciais para a forma remota” (p. 10686). Para isso, contaram com o auxílio da supervisora do campo, que, através dos demais agentes de saúde da unidade básica, realizou o levantamento dos contatos telefônicos dos idosos da comunidade advinda. Posteriormente, ocorreu uma divisão dos contatos entre a equipe de acadêmicos extensionistas, onde cada um ficou responsável pelo contato, semanal ou quinzenal, e de acordo com o interesse dos idosos dos quais ficaram responsáveis, realizando o feedback das ligações no grupo do *WhatsApp* da equipe.

Essa mudança foi de suma importância, principalmente no que diz respeito ao momento em que se encontrava a pandemia, tanto

para o acompanhamento da saúde dos idosos, as desmistificações sobre o vírus e as informações sobre o acesso à saúde quanto para a criação de vínculos afetivos, permitindo o compartilhamento remoto de vivências e experiências durante a pandemia.

O levantamento das demandas das ligações realizadas auxiliou na realização das posteriores atividades, tendo em vista que essa estratégia, como citado por Rios, Sousa e Caputo:

[...] além de serem embasadas no conhecimento vigente, fossem também capazes de propiciar o diálogo; a escuta atenta e qualificada da comunidade; o estímulo à participação social; a valorização dos saberes próprios dos habitantes do assentamento; a construção compartilhada de questionamentos; a autonomia; a criatividade; e o desenvolvimento da consciência crítica, a fim de subsidiar uma atuação que valorizasse não apenas a colaboração entre distintos campos científicos, mas também o encontro e as diversas contribuições resultantes do diálogo com os saberes populares para o enfrentamento dos problemas (RIOS; SOUSA; CAPUTO, 2019, p. 8).

Em relação à inclusão da pessoa idosa no meio digital pode-se destacar a importância de propiciar empoderamento e um novo olhar ao mundo e a si mesmo, contribuindo para a sua autonomia frente às mudanças do envelhecimento. A ampliação de novas possibilidades permite a construção da figura do idoso diferente de outros tempos (JANTSCH et al., 2012).

Quinzenalmente eram realizadas reuniões remotas por meio do *Google Meet* entre toda a equipe do projeto, visando um trabalho interdisciplinar e de forma integrada, para análise das informações obtidas dos *feedbacks* dos idosos e elaboração do planejamento das próximas atividades. Foi possível perceber que a assistência à saúde da pessoa idosa, como citado na Política Nacional de Saúde

da Pessoa Idosa (2006), além do seu objetivo de garantir e promover a autonomia e a independência à saúde dessa população requer uma abordagem global e interdisciplinar, tendo em vista a influência de diversos fatores na qualidade de vida, como os aspectos psicossociais e físicos.

Com o avançar das campanhas de vacinação, a garantia da terceira dose da vacinação dos idosos e a queda da curva de contágio do vírus, foi possível a realização de três encontros presenciais, respeitando o distanciamento social e uso de equipamentos de proteção individual. O primeiro encontro teve como pauta principal o cuidado, onde, após o acolhimento inicial, apresentação da equipe do projeto e as contribuições dos relatos dos idosos participantes, foi realizada a lavagem dos pés dos idosos como simbolismo de afeto, vínculo e cuidado. O segundo encontro foi direcionado ao compartilhamento tanto das experiências vivenciadas durante a pandemia e suas repercussões à saúde física, mental e bucal, quanto abordando as arboviroses que estavam em alta na cidade, tendo em vista que essa população foi uma das mais atingidas e impactadas nesses quesitos. Já no terceiro e último encontro foi abordada a questão da saúde mental, a importância de uma rede de apoio fortalecida e do cuidado da mente, do corpo e do espírito, enfatizando os serviços onde eles poderiam recorrer em caso de urgência.

Todo planejamento para essas atividades foram realizados remotamente e cada extensionista, de acordo com o seu curso de origem, fez a sua contribuição nas dinâmicas e apresentações propostas. Essa possibilidade de integração propiciada pela extensão entre a equipe e a comunidade é de grande importância para a formação dos futuros profissionais, desenvolvendo e potencializando habilidades como a comunicação, escuta e o trabalho em equipe.

O incentivo a participação da equipe em eventos e publicações que são relevantes para a agregação de conhecimentos sobre o envelhecimento e a interprofissionalidade, para além das práticas interventivas mencionadas, proporciona reflexões sobre a prática, o compartilhamento de conhecimentos com outras realidades e torna o saber mais significativo, visto que esse conhecimento sobre

as necessidades tanto físicas quanto psicológicas da população idosa contribui para a formação do profissional de saúde que inevitavelmente terá esse público aos seus cuidados futuramente.

Além disso, eram produzidos conteúdos informativos para o perfil do *Instagram*, conteúdos esses que também eram compartilhados com os idosos, estimulando a criatividade e a socialização dos saberes dos extensionistas, na perspectiva da formação integral do futuro profissional enquanto cidadão, e motivando os idosos a serem agentes multiplicadores de saúde. Nesse sentido, Da Silva e Meinhardt (2018) apontam que com a globalização e as novas tecnologias, há uma maior facilidade de acessar e disseminar grandes números de informações em qualquer lugar do mundo, que por um lado torna-se um aspecto positivo, mas que exige um pensamento crítico e reflexivo para filtrar essas informações.

Com isso, os meios tecnológicos passaram a ser utilizados com a intenção de diminuir os efeitos da distância social entre os idosos e seus familiares. Além disso, essas ferramentas ajudaram consideravelmente nos atendimentos da saúde, visto que, suprimiu a locomoção desses indivíduos e os possibilitou uma maior independência perante esse cenário desordenado. Desta forma, nota-se que a tecnologia se encontra cada vez mais inserida no cotidiano desses indivíduos e que proporcionou consequências relevantes (COSTA et al, 2021; HAMMERSCHMIDT; SANTANA, 2020; VELHO et al, 2020).

Torna-se evidente, portanto, que essas ações educativas voltadas aos idosos, por meio das tecnologias de informação e comunicação no contexto pandêmico do Projeto de Extensão “Ativa Idade – Envelhecimento Saudável na Comunidade” para a comunidade idosa, contribuiu para a troca de conhecimento sobre a saúde sistêmica e um aprofundamento sobre os cuidados em saúde em geral, além de trabalhar temas relacionados à prevenção de agravos em saúde, onde foi possível perpetuar as ações educativas para melhoria do autocuidado, prevenção contra a Covid-19 e solução de dúvidas com interação social.

Assim, destaca-se a relevância e compreensão da extensão universitária “como uma parte integrante da formação, indissociável e não menos importante que o ensino e a pesquisa, de forma a compreender e reverberar em suas práticas o seu caráter político, social e científico” (RIBEIRO et al., 2016, p. 66).

Conclusão

Dessa forma, verificou-se a colaboração das ações do Projeto Ativa Idade na pandemia com idosos de uma comunidade de Campina Grande-PB, que vivenciaram, por meio da comunicação pelo *WhatsApp*, encontros virtuais com os extensionistas sobre o processo de saúde e cuidado. Apesar das dificuldades enfrentadas, como o isolamento, distanciamento social e adaptação ao modelo remoto, foi uma conquista mútua reinventar-se com parceria interdisciplinar e coletiva. Pode-se, no entanto, compreender a extensão universitária como ponte articuladora entre a universidade e sociedade fortalecendo a troca de saberes e interação social.

Referências

BRASIL, Ministério da Saúde. **Portaria Nº 2.528 de 19 de outubro de 2006**. Aprova a Política Nacional de Saúde da Pessoa Idosa. Disponível em: <https://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2006/prt2528_19_10_2006.html>. Acesso em: 10 de outubro de 2022.

CARMO, T. et al. InovaTecGeron: Inovação e Tecnologia em Saúde no Cuidado do Idoso. **Revista Portal Saúde e Sociedade**, v. 6, n. Único, 2021.

COSTA, D. E. S. et al. A influência das tecnologias na saúde mental dos idosos em tempos de pandemia: uma revisão integrativa. **Research, Society and Development**, v. 10, n. 2, p. 1-12, 2021.

DA SILVA, C. R. Interdisciplinaridade: conceito, origem e prática. **Revista Artigos. Com**, v. 3, p. e1107, 2019.

DA SILVA, G. F.; MEINHARDT, M. Interdisciplinaridade no Ensino de Graduação: a implantação dos Bacharelados Interdisciplinares nas universidades públicas brasileiras. **Revista Conhecimento Online**, v. 2, p. 03-24, 2018.

FRIZON, D. M. S.; PICHLER, N. A.; DE MOURA SCORTEGAGNA, H. Interdisciplinaridade voltada ao envelhecimento humano. **Revista Brasileira de Ciências do Envelhecimento Humano**, v. 16, n. 1, p. 54-58, 2019.

HAMMERSCHMIDT, K. S. DE A.; SANTANA, R. F. Saúde do Idoso em Tempos de Pandemia COVID-19. **Cogitare Enfermagem**, v. 25, 2020.

JANTSCH, A. et al. As redes sociais e qualidade de vida: Os idosos na era digital. **Revista Iberoamericana de Tecnologias do Aprendizado: IEEE-RITA**, v. 7, n. 4, p. 173-179, 2012.

JAPIASSU, H. **Interdisciplinaridade e Patologia do Saber**. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

MOURA, M. E. S. Pandemia COVID-19: a extensão universitária pode contribuir. **Revista Práticas em Extensão**, v. 4, n. 1, p. 56-57, 2020.

NUNES, R. K. S. et al. Desafios e adaptações da extensão universitária em tempos de pandemia: relato de experiência. **Revista Ciência Plural**, v. 7, n. 1, p. 211-223, 2021.

PEREZ, O. C. O que é interdisciplinaridade? Definições mais comuns em artigos científicos brasileiros. **Interseções: Revista de Estudos Interdisciplinares**, v. 20, n. 2, p. 454- 472, 2018.

RIBEIRO, M. A. et al. A extensão universitária na perspectiva de estudantes de cursos de graduação da área da saúde. **Interagir: Pensando a extensão**, n. 21, p. 55-69, 2016.

RIOS, D. R. S.; SOUSA, D. A. B.; CAPUTO, M. C. Diálogos interprofissionais e interdisciplinares na prática extensionista: o caminho para a inserção do conceito ampliado de saúde na formação acadêmica. **Interface-Comunicação, Saúde, Educação**, v. 23, p. e180080, 2019.

ROMÃO, K. H. O.; DA SILVA JÚNIOR, C. A. Instagram como ferramenta na divulgação científica e extensão universitária. **Brazilian Journal of Health Review**, v. 5, n. 3, p. 10679-10691, 2022.

VELHO, F. D.; HERÉDIA, V. B. M. Quarantined senior citizens and the impact of technology on their life. **Revista Rosa dos Ventos - Turismo e Hospitalidade**, v. 12, n. Especial, p. 1-14, 2020.

CONECTIV-IDADES 60+: PROMOVEDO SAÚDE MENTAL E INCLUSÃO DIGITAL DE PESSOAS IDOSAS

Josevânia da Silva¹

Elayne Cristina de Sousa Chagas²

Amanda Kilse Macedo da Silva³

Marcela Tavares Silva Ribeiro⁴

Anadja Michelly dos Santos Souza⁵

Maria Clara da Silva Nascimento⁶

Inaiê Caldas Lins Volta⁷

Introdução

A Organização Mundial da Saúde (OMS), ainda em dezembro de 2019, alertava acerca do número acentuado nos casos de pneumonia na cidade de Wuhan, na China. Posteriormente, constatou-se

-
- 1 Departamento de Psicologia, Campus I, Campina Grande, Projeto Conectiv-Idades 60+: promovendo saúde mental e inclusão digital de pessoas idosas, Cota 2020-2021, Coordenadora.
 - 2 Departamento de Psicologia, Campus I, Campina Grande, Projeto Conectiv-Idades 60+: promovendo saúde mental e inclusão digital de pessoas idosas, Cota 2020-2021, Bolsista.
 - 3 Departamento de Psicologia, Campus I, Campina Grande, Projeto Conectiv-Idades 60+: promovendo saúde mental e inclusão digital de pessoas idosas, Cota 2020-2021, Voluntária.
 - 4 Departamento de Psicologia, Campus I, Campina Grande, Projeto Conectiv-Idades 60+: promovendo saúde mental e inclusão digital de pessoas idosas, Cota 2020-2021, Voluntária.
 - 5 Departamento de Psicologia, Campus I, Campina Grande, Projeto Conectiv-Idades 60+: promovendo saúde mental e inclusão digital de pessoas idosas, Cota 2020-2021, Voluntária.
 - 6 Departamento de Psicologia, Campus I, Campina Grande, Projeto Conectiv-Idades 60+: promovendo saúde mental e inclusão digital de pessoas idosas, Cota 2020-2021, Voluntária.
 - 7 Departamento de Psicologia, Campus I, Campina Grande, Projeto Conectiv-Idades 60+: promovendo saúde mental e inclusão digital de pessoas idosas, Cota 2020-2021, Voluntária.

que se tratava de um novo tipo de infecção respiratória aguda, causada pelo coronavírus SARS-CoV-2, denominada Covid-19 (WU *et al.*, 2020). Logo, foi instaurado um estado de alerta em razão dos elevados índices de contágio da doença, bem como seus impactos em processos de adoecimento e morte, o que vinha contribuindo para sobrecargas nos serviços de saúde (OMS, 2020). É frente a esse cenário que, mediante decreto, em 30 de janeiro de 2020, a OMS anuncia Emergência de Saúde Pública de Importância Internacional (ESPII).

No Brasil, em 26 de fevereiro, o Ministério da Saúde confirmou o primeiro caso de coronavírus no estado de São Paulo (UNA-SUS, 2020). Anteriormente, conforme padrões de contaminação evidenciados nos demais países, em 3 de fevereiro, através da Portaria nº 188, foi declarada Emergência em Saúde Pública de Importância Nacional (ESPIN) em face à confirmação do novo coronavírus em território brasileiro (BRASIL, 2020).

Embora a população geral tenha sofrido as consequências da pandemia, alguns grupos apresentaram maior suscetibilidade aos impactos físicos, psíquicos e sociais decorrentes desse contexto, dentre eles, a população com 60 anos ou mais. Segundo dados da Fiocruz, até o início de outubro de 2020, as pessoas idosas correspondiam a 53,1% do total de casos e 75,2% dos óbitos confirmados por Covid-19 no Brasil, contabilizando respectivamente 210.007 e 100.059 em número de casos e óbitos confirmados no país (2020), interferindo diretamente na representação dessa população sobre a doença e sobre a incorporação social das medidas preventivas.

Para mitigar os impactos da pandemia de Covid-19, algumas medidas foram tomadas, tais como o isolamento e distanciamento social, a recomendação para evitar locais de alta circulação e/ou manuseio de objetos contaminados, o fechamento de academias e shoppings, entre outras recomendações (Ministério da Saúde, 2020). Essas medidas, no entanto, romperam bruscamente com os moldes cotidianos de vida até então estabelecidos por cada sujeito. Na população idosa, tais medidas impactaram processos de socialização, no convívio familiar e no exercício das suas atividades

diárias, gerando sofrimento psíquico e estresse (VAN et al., 2020 apud SANTOS; SILVA; PACHÚ, 2020).

Pesquisas realizadas com idosas em cidades rurais da Paraíba (SILVA, 2015; SILVA; PICHELLI; FURTADO, 2017) evidenciaram que, mesmo em períodos anteriores a pandemia da Covid-19, havia uma prevalência de Transtornos Mentais Comuns nessa população, apontando para sintomatologias como as de ansiedade e depressão, consumo elevado de álcool e tabaco. A pandemia da Covid-19, além de gerar sofrimento psíquico, contribuiu para o agravamento das demandas em saúde mental já existentes.

Propostas interventivas precisaram ser levantadas, dentre as quais destacam-se os grupos de ajuda mútua, que tem por objetivo proporcionar espaços de convívio e suporte social, como também de circulação da palavra e amparo empático entre os seus participantes (VASCONCELOS; WCKK, 2020). Partindo do contexto de isolamento social ao qual foi proposto como medida de saúde durante a pandemia da Covid-19, os grupos de ajuda mútua tiveram de ser adaptados ao virtual/*online*, mediados pelo uso das Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC`s).

Quando utilizadas de maneira efetiva pelas pessoas idosas, as TIC`s podem ser importantes ferramentas de promoção à saúde e qualidade de vida dessa população (MENDES, 2019). Desse modo, a ação de extensão “Conectiv-idades60+: promovendo saúde mental e inclusão digital de pessoas idosas” foi desenvolvida enquanto uma gerontecnologia por se caracterizar como grupo *online* de ajuda mútua. Tendo em vista evidenciar os benefícios da ação extensionista, este artigo tem por objetivo analisar a percepção de idosos sobre suas vivências no projeto Conectiv-Idades 60+ e como estas contribuíram para a promoção da saúde mental e da inclusão digital.

Metodologia

A pesquisa caracteriza-se como sendo exploratória, descritiva e transversal, com abordagem qualitativa. A amostra foi constituída a partir de idosos participantes do projeto de extensão Conectividades 60+, inseridos no grupo de ajuda mútua *online*, desenvolvido por meio da plataforma *Google Meet*, tendo como base metodológica os pressupostos teóricos da gerontecnologia e das metodologias ativas.

Tais vivências das pessoas idosas no projeto de extensão ocorreram nos períodos letivos de 2020.2 e 2021.1 (Cota 2020-2021). Os encontros foram realizados semanalmente, abordando temáticas norteadoras, tais como: Identidade ou autoconceito; Resiliência; Estresse e Solidão; Idadismo; Sentido e Propósito de vida; Laços sociais; Saúde mental de idosos no contexto da Covid-19; Esperançar; Autocompaixão; O tempo; Longevidade; Autoaceitação; Finitude da vida, e etc, adequando-os, também, as necessidades dos idosos.

Os grupos de ajuda mútua *online* contava, no primeiro semestre, com a participação de trinta pessoas idosas, divididas em dois grupos (A e B). Participaram da pesquisa nove pessoas idosas, de forma não probabilística e por conveniência. O número dos participantes da pesquisa foi definido pelo critério de saturação das entrevistas. Os participantes, inicialmente, foram convidados a participarem da pesquisa através de mensagens de voz via *WhatsApp*, onde foram explicitados os objetivos da pesquisa e a disponibilidade para a participação voluntária. A partir do agendamento prévio, foi realizada a aplicação do instrumento quantitativo e da entrevista, os quais tiveram os áudios (dados de voz) gravados para posterior transcrição e análise. Os critérios de inclusão atribuídos foram: possuir idade igual ou superior a 60 anos; ter participado de grupos de convivência *online* durante a pandemia da Covid-19; ter acesso a internet e dispositivo *smart* (celular, tablet ou computador) durante a coleta de dados da pesquisa. Para preservar a

identidade dos participantes, utilizou-se nomes fictícios que fazem referência à mitologia grega.

Para a coleta de dados, foram utilizados os seguintes instrumentos de pesquisa: I. *Questionário sociodemográfico*: contendo questões relativas à escolaridade, região onde reside, idade e sexo, buscando traçar o perfil dos participantes; II. *Entrevista semiestruturada*: composta por oito questões norteadoras, do tipo abertas, relacionadas às vivências das pessoas idosas e sua percepção sobre os grupos de convivência *online*. Após aprovação da pesquisa pelo comitê de ética (CAAE: 38256720.3.0000.5187), deu-se início ao processo de coleta de dados, que ocorreu de forma remota, durante os meses de novembro de 2021 e abril de 2022, por meio do recurso chamada de vídeo, na plataforma *Google Meet*. O pesquisador responsável estava localizado na cidade de Campina Grande - PB, e os participantes estavam distribuídos entre as cidades de Esperança, Lagoa Seca, Campina Grande e João Pessoa, no estado da Paraíba, e um participante residia na cidade de Pindamonhangaba, no estado de São Paulo.

Os dados decorrentes das entrevistas foram analisados a partir da análise de conteúdo do tipo categorial temática, proposta por Bardin (2011), cujo objetivo é analisar comunicações ou discursos diretos e simples, por meio do desmembramento do texto em unidades, em categorias segundo reagrupamentos analógicos. Ressalta-se que foram considerados todos os preceitos éticos de pesquisas com seres humanos, conforme a Resolução nº 466/12 do Conselho Nacional de Saúde (CNS).

Fundamentação teórica

Envelhecimento e Gerontotecnologias em Saúde

O aumento da longevidade é uma conquista da humanidade, e fruto das diversas transformações sociais, científicas e tecnológicas, as quais contribuíram para melhorias nas condições de vida das pessoas (SILVA; PICHELLI; FURTADO, 2017). Não obstante,

existem diversos modos de se envelhecer, motivo pelo qual a expectativa de vida varia entre os diversos países e entre regiões de um mesmo país, o que é observado na realidade brasileira. Aspectos como renda, lugar de moradia, acesso a saneamento básico, condições de trabalho, acesso aos serviços de saúde são marcadores que repercutiram na longevidade das pessoas (SILVA; LEITE, 2020). Mais que acrescentar anos de vida, é preciso crescer qualidade de vida aos anos.

No cenário da Covid-19, a população idosa foi categorizada como de risco, o que repercutiu no bem-estar e na saúde mental desse grupo etário (BONSAKSEN et al., 2021). Em razão da necessidade de maior rigidez no cumprimento do isolamento social, foram observadas diversas repercussões psicossociais para a população idosa, a saber: quebras de rotinas, sentimentos de medo, ansiedade, estresse, sentimentos de solidão, entre outros (PARKS et al., 2023; AMERIO et al., 2023).

Nos últimos anos, no Brasil, ocorreu o aumento da problematização das questões relacionadas ao envelhecimento, demandando a ampliação de estudos no campo da Gerontologia (ALMEIDA et al., 2012), que tem como objetivo a descrição e a explicação das mudanças típicas, ou não, do processo de envelhecimento, abarcando seus determinantes biológicos, psicológicos e socioculturais. Ademais, esses estudos permitem pensar em ações que minimizem processos de fragilização do sujeito, seja decorrente de questões biológicas, como as doenças crônicas, seja por falta de redes de apoio, promovendo assim a qualidade de vida da pessoa idosa (AZEREDO; AFONSO, 2016).

A gerontotecnologia caracteriza-se como um campo do saber interdisciplinar cujos estudos são direcionados ao processo do envelhecimento humano em seu amplo espectro e necessidades e, também, a partir do desenvolvimento de tecnologias que podem servir como solução para uma gama de situações vividas pela população idosa, impactando de forma positiva em suas vidas (CASTRO, 2010). Refere-se à utilização de ferramentas que possam promover o desenvolvimento de um modelo assistencial potencializador das

habilidades de cuidado, auxiliando na promoção de estratégias efetivas quanto à manutenção das práticas de cuidado, aprimorando a assistência à saúde (CARLETO; SANTANA, 2017). Nessa direção, os grupos online de ajuda mútua podem ser caracterizados como uma gerontecnologia na promoção de saúde mental e inclusão digital das pessoas idosas (PRADO; SAYD, 2006).

Grupos de ajuda mútua

Nos últimos anos, um meio de intervenção em saúde que tem tomado bastante relevância têm sido os grupos de ajuda mútua, em que se trata de espaços nos quais os participantes, a partir da discussão de temas considerados como relevante para o grupo, buscam constituir um lugar de acolhida, de troca de experiências e de apoio emocional, estimular a comunicação e a livre expressão de sentimentos, valorizar a experiência de vida dos participantes, incentivar o companheirismo e fortalecer laços afetivos (VASCONCELOS et al., 2013). A literatura (TAHAN, CARVALHO, 2011; WICHMANN, 2013) têm apontado evidências da efetividade dos grupos enquanto ferramenta de cuidado em saúde mental, principalmente no que se refere ao contexto de pessoas idosas.

A maioria dos estudos versava sobre os grupos de ajuda mútua em contextos de interação face a face e de forma presencial. No entanto, com o aparecimento da pandemia da Covid-19, na tentativa de se adaptar nesta nova realidade, os diversos tipos de grupos tiveram que migrar do formato presencial para o virtual, tendo em vista a busca de novas formas de cuidado em saúde. De acordo com Vasconcelos e Weck (2020), devido essa transição, pode-se observar aspectos negativos e positivos.

Nos grupos online de ajuda mútua, apesar da ausência do contato físico, que muitas vezes é essencial na observação de determinados elementos para além da narrativa verbal, foi possível o acesso e participação de pessoas de diversos lugares geográficos. As TIC's possibilitaram reunir, no mesmo lugar (em tempo real), pessoas de

vários contextos e realidades geográficas. Ademais, levando em consideração o contexto pandêmico, os grupos online de ajuda mútua funcionaram como uma rede de apoio e de laços afetivos, podendo ser uma forte alternativa para amenizar o isolamento social presencial, dados os riscos de contágio (VASCONCELOS, WECK, 2020).

Resultados e discussão

O perfil sociodemográfico evidenciou que a maioria dos participantes era do sexo feminino, sendo oito mulheres e apenas um participante do sexo masculino. A idade das pessoas idosas variou de 63 a 77 anos. E quanto à região, a maioria dos participantes residiam no Nordeste. Estes e outros dados podem ser observados na FIGURA 1 abaixo.

FIGURA 1. Perfil sociodemográfico dos participantes.

	Variáveis	Frequência
Sexo	Feminino	08
	Masculino	01
Idade	63 a 70 anos	06
	71 a 77 anos	03
Escolaridade	Fundamental incompleto	01
	Médio incompleto	01
	Médio completo	03
	Superior incompleto	02
	Superior completo	02
Estado	Paraíba	08
	São Paulo	01

Fonte: dados da pesquisa.

A análise categorial temática evidenciou duas categorias e seis subcategorias, as quais abarcam 89 unidades de conteúdo. A maioria dos conteúdos das falas dos participantes (67,4%) versaram sobre a experiência de participação nos grupos online de ajuda

mútua, seguido dos relatos sobre a importância dos grupos durante a pandemia da Covid-19, totalizando 32,6% das unidades de conteúdo, conforme figura 2 abaixo:

FIGURA 2. Categorias, subcategorias e unidade de conteúdo.

Categorias	Subcategorias	UC (f)	UC (%)
A experiência de participação	Acolhimento e valorização da pessoa idosa	17	67,4
	Espaço de fala e socialização	28	
	Bem-estar e felicidade	15	
Importância do grupo durante a pandemia	Enfrentar o sofrimento psíquico	07	32,6
	Enfrentar o distanciamento social	16	
	Enfrentar a solidão	06	
TOTAL		89	100%

UC: unidade de conteúdo; f: frequência; %: porcentagem.

A experiência de participação

Nesta primeira categoria, as pessoas idosas falaram sobre como se sentiram durante a participação nos grupos e sobre o quanto o grupo contribuiu para ser um espaço de fala e socialização e para a promoção do bem-estar e da felicidade. Os grupos de ajuda mútua, conforme literatura (VASCONCELOS; WECK, 2020), se propõem a ser em primeira instância espaços de acolhimento mútuo, nos quais seus participantes costumemente amparam de maneira empática os demais colegas de experiência comum, recriando vínculos de suporte e amizade. Sendo assim, devido a estas posturas, os participantes passam a verbalizar de maneira confortável seus conteúdos, apoiados por um sentimento de valorização de si e do outro, observado em falas como:

“Uma palavra só define o que nós sentimos: incluídos. E quando a gente se sente incluído, a gente fica à vontade, é muito agradável” (Vênus do Olimpo, 69 anos).

“Eu me sentia super bem e super assim..., não sei se a palavra é valorizada. Acho que é valorizada, assim... é respeitada, respeitada na minha idade” (Plutão de Ares, 69 anos).

“No acolhimento de acolher a gente nessa idade, que a gente nem sempre tem esse acolhimento, né!” (Plutão de Ares, 69 anos).

“Quando a gente se sente acolhida, a gente melhora significativamente. (...) Sou importante para você (...), eu sou importante para o outro” (Mercúrio de Atena, 68 anos).

À vista destas falas, observa-se, ainda, o sentimento de valorização por parte de um grupo etário, ou seja, como pessoas idosas. Tais falas denunciam o peso que a pessoa idosa pode vir a carregar socialmente por fazer parte desse grupo, sentindo-se, por vezes, descartável em determinados contextos e espaços sociais, o que pode vir a impactar consideravelmente a forma como enxergam a si mesmos, a ponto de um espaço proposto ao acolhimento ser majoritariamente lembrado por proporcionar-lhes a certeza de que são importantes. A valorização da pessoa idosa se mostrou especialmente importante durante a pandemia, uma vez que o cenário epidêmico trouxe à tona estereótipos relacionados à pessoa idosa, e com isso, tanto o ageísmo e como as práticas discriminatórias em razão da idade ficaram mais evidentes (ABRANCHES; LOURENÇO, 2022).

O grupo representou um espaço de estimulação à participação social, além de contribuir para uma percepção de bem-estar, felicidade e qualidade. Segundo Almeida (et al., 2010), os grupos de convivência propiciam uma maior atribuição a autonomia dos sujeitos, proporcionando melhoras na qualidade de vida, autoestima, senso de humor e promovendo inclusão social (WICHMANN, 2013). Tratando-se dos grupos *online*, pode ser acrescido a estes benefícios a inclusão também digital de pessoas idosas. Com relação a estes aspectos, podemos observar a seguir:

“Hoje eu me dou valor, e hoje eu sei que eu sou importante. Hoje eu sou uma pessoa idosa, mas eu tenho outra cabeça, outros pensamentos, e a minha vida não termina por aqui. Eu tenho muita coisa a fazer e a participar” (Mercúrio de Atena, 68 anos).

“Eu gosto de um grupo assim bem plural e bem eclético, embora a gente seja idosa a gente se sente jovem (...) Não jovem na idade né, mas jovem assim no pensamento, no desenvolvimento intelectual, tudo (...) Dá oportunidade a todo mundo né, todo mundo falava e foi muito bem pensado” (Saturno de Zeus, 74 anos).

“Esse grupo eu achei fantástico, né! E a criação do grupo foi de muita importância. Eu acredito que salvou a vida de todos nós que estivemos participando sabe?” (Plutão de Ares, 69 anos).

“Me fez e me faz muito bem (...) é como um refúgio sabe.” (Urano de Ártemis, 66 anos).

Os resultados desta pesquisa corroboram com outros estudos realizados com pessoas idosas. A relação entre qualidade de vida e grupos de convivência em idosos foi analisada em um estudo realizado por Braz, Zaia e Bittar (2015) que, ao comparar a qualidade de vida em idosos frequentadores e não-frequentadores de grupos de convivência, verificaram níveis de qualidade de vida significativamente maiores entre idosos participantes de grupos de convivência.

Importância do grupo durante a pandemia da Covid-19

Na segunda categoria temática, as pessoas idosas destacaram a importância dos grupos online para o enfrentamento do sofrimento psíquico, do distanciamento social e da solidão. Os relatos compreendem a dimensão psíquica durante a pandemia, principalmente, acerca de sintomas de ansiedade e depressão durante esse

período, sendo possível perceber que o grupo auxiliou as pessoas idosas nos cuidados da saúde mental e enriqueceu a rotina dos participantes, conforme pode ser observado nos relatos abaixo:

“Veio a pandemia, e foi um impacto muito grande. E eu dizia assim: a gente vai terminar louco. Eu que já tenho ansiedade, não é, eu disse: eu vou parar onde com isso? A participação nesse grupo deu uma quebra nesse isolamento e mostrando que é possível” (Marte Dionísio, 72 anos).

“De repente, a gente se viu todo mundo tumultuado dentro de casa, sem poder sair, sem poder conversar, sem poder abraçar, sem poder fazer nada. Eu sempre tive um pouco de depressão, né, eu sempre tive. Então, o que me tirou mais desse pico foi o grupo” (Urano de Ártemis, 66 anos).

Segundo Sousa et al. (2021), a desconexão social expõe os idosos a um maior risco de depressão, ansiedade e declínio funcional, visto que, quanto a cidadania, conviver em sociedade é um dos pilares essenciais no que diz respeito à qualidade de vida e envelhecimento ativo (SILVA, et al., 2020). Em uma pandemia, o medo aumenta os níveis de ansiedade e estresse em indivíduos saudáveis e intensifica os sintomas daqueles com transtornos psiquiátricos pré-existent (OLIVEIRA et. al, 2021). Assim, torna-se imprescindível a arte do cuidado psicoemocional como sendo um dos principais fatores para a prevenção de doenças físicas, emocionais e melhora na qualidade de vida durante o isolamento para os idosos (OLIVEIRA et. al, 2021).

Os relacionamentos sociais são fatores importantes para o bem-estar físico e mental na velhice (FRUTUOSO, 1999). Os resultados deste estudo demonstram que a utilização de grupos online de ajuda mútua com idosos caracterizou-se como uma gerontecnologia capaz de promover saúde mental e interação social, além dos

benefícios advindos do uso das tecnologias digitais e virtuais. Com isso, Sun et. al. (2020) reforça que níveis mais elevados de utilização da *Internet* são preditores significativos de níveis mais elevados de apoio social, redução da solidão, melhor satisfação de vida e bem-estar psicológico em idosos.

“Foi ótimo [O grupo], sabe. Foi o que não deixou muita gente é ficar deprimida, muito deprimida. Porque foi um baque muito grande, né, a pandemia. E essa vivência virtual nos dando, assim, um aconchego, compreende? Conversar com as pessoas. E eu me recolhi muito, me recolhi muito porque tive medo. (...) Eu ficava ansioso que chegasse o dia do grupo” (Vênus do Olimpo, 69 anos).

“A gente ficou isolada dentro de casa, sem sair para canto nenhum, para canto nenhum. A gente recebia delivery em casa, farmácia em casa, tudo em casa. Foi um caos. Então, para a gente que mora só, o grupo foi fundamental. Eu vejo no nosso grupo que tem muita gente que mora sozinha (...). Aí, você imagina esse povo na pandemia, tudo sozinha.” (Caronte de Hera, 63).

“Ajudou, ajudou muito [o grupo]. Esse momento da pandemia foi muito... E ainda está, né... traumatizante, né. Isolou as pessoas, isola as pessoas, as perdas que a gente teve, tudo isso mexeu com a gente (...) Foi no tempo certo que esse grupo veio, um momento muito importante” (Saturno de Zeus, 74 anos).

O enfrentamento da solidão foi um dos benefícios da participação nos grupos online, que foi relatado pelas pessoas idosas. A realização de grupos de convivência online com idosos tem colaborado para o enfrentamento da solidão e para uma percepção de suporte emocional. O suporte emocional, tem relação com a percepção dos

sujeitos de que possuem pessoas com as quais possam confiar, sentir-se amparadas, valorizadas, bem como a percepção de que estas pessoas se preocupam com ela (CARVALHO et al., 2011).

“No meu caso, ele [o grupo] permitiu eu não sentir esse sentimento de solidão (...) porque chegou bem na hora H. Para mim, foi assim, chegou bem na hora.” (Plutão de Ares, 69 anos).

“Eu não sabia que era solidão. Eu não sabia que tinha nome (...) Eu tenho muito isso, faz tempo. (...) Com o grupo, melhorei muito da solidão.” (Netuno Poseidon, 77 anos).

“Com a pandemia e aí eu fiquei num apartamento isolada. Então esse grupo representou, realmente, uma rede de apoio, não é?” (Marte Dionísio, 72 anos).

A pandemia da Covid-19 gerou impactos em diversas esferas da vida (FARIA; PATIÑO, 2022), o que demandou o desenvolvimento de ações e tecnologias em saúde que fossem de fácil acesso e aplicação. Os resultados demonstraram que o uso de tecnologias virtuais contribuiu para o enfrentamento da pandemia em diversos aspectos (sofrimento psíquico, distanciamento social e solidão) através de grupos online de ajuda mútua. Além disso, o grupo de convivência torna-se um ambiente que possibilita a criação de novas e boas amizades.

Considerações finais

A pandemia da Covid-19 impactou a vida da população idosa em diversos aspectos, gerando repercussões psicossociais. Por terem sido colocados na condição de grupos de risco, as pessoas idosas isolaram-se dos seus convívios e das suas rotinas habituais, vivenciando perdas afetivas e materiais, além de serem acometidas

pelo aumento dos níveis de ansiedade, de estresse e de solidão. Assim, este artigo teve por objetivo analisar a percepção de idosos sobre suas vivências no projeto Conectiv-Idades 60+ e como estas contribuíram para a promoção da saúde mental e da inclusão digital.

Os resultados evidenciaram que as pessoas idosas participantes, perceberam o grupo de ajuda mútua *online* como um espaço de acolhimento, valorização, inclusão digital e socialização. Ademais, o grupo de ajuda mútua *online* foi concebido, pelos participantes, como um meio de enfrentamento ao sofrimento psíquico, ao distanciamento social e à solidão.

A partir desses dos achados evidenciados, considera-se que o grupo de ajuda mútua *online*, criado a partir do projeto de extensão Conectiv-Idades 60+, permitiu às pessoas idosas a construção de novos vínculos, o fortalecimento da autoestima, o sentir-se valorizado e aceito pelo outro e a diminuição dos sentimentos de solidão e isolamento. A percepção positiva das pessoas idosas participantes foi baseada, sobretudo, nas vivências durante os encontros, as quais caracterizaram-se como espaço de fala, acolhimento e valorização da velhice.

Considerando a relevância social do projeto de extensão Conectiv-Idades 60+, ao se propor desenvolver e aplicar uma gerontecnologia para a promoção de saúde mental de idosos, os grupos online de ajuda mútua configuram-se como estratégia de inovação, de fácil acesso, podendo ser aplicada em outros contextos com o objetivo de promover saúde e qualidade de vida às pessoas idosas, além de poder contemplar outros grupos, tais como familiares, cuidadores e profissionais de saúde.

Referências

ABRANCHES, Iracema; LOURENÇO, Lélío Moura. Pandemia da COVID-19 e ageísmo: uma revisão integrativa. *Cadernos de Psicologia*, v.2, n.2, p.25-25, 2022.

ALMEIDA, Edelves Alves de. *et al.* Comparação da qualidade de vida entre idosos que participam e idosos que não participam de grupos de convivência na cidade de Itabira- MG. *Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia*, v.13, n.3, p.435-443, 2010.

ALMEIDA, Evany Bettine de. *et al.* Vulnerabilidade/Envelhecimento e Velhice: Aspectos Biopsicossociais. *Revista Kairós: Gerontologia*, v.15, n.6, p.489-501, 2012.

AMERIO, Andrea et al. COVID-19 pandemic impact on mental health in a large representative sample of older adults from the Lombardy region, Italy. *Journal of affective disorders*, v.325, n.1, p.282-288, 2023.

AZEREDO, Zaida de Aguiar Sá; AFONSO, Maria Alcina Neto. Solidão na perspectiva do idoso. *Rev. Bras. Geriatr. Gerontol.*, v.19, n.2, p.313-324, 2016.

BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 2011.

BRASIL. *PORTARIA Nº 188, DE 3 DE FEVEREIRO DE 2020*. Declara Emergência em

Saúde Pública de importância Nacional (ESPIN) em decorrência da Infecção Humana pelo novo Coronavírus (2019-nCoV). Órgão: Ministério da Saúde/Gabinete do Ministro. Brasília - DF, 4 de fevereiro de 2020. Edição: 24-A | Seção: 1 - Extra | p. 1.

BRAZ, Igor Augusto; ZAIA, José Eduardo; BITTAR, Cléria Maria Lobo. Percepção da qualidade de vida de idosas participantes e

não participantes de um grupo de convivência da terceira idade de Catanduva (SP). *Estud. interdiscip. envelhec*, v.20, n.2, p.583-596, 2015.

BONSAKSEN, Tore et al. Loneliness and its association with social media use during the COVID-19 outbreak. *Social Media+ Society*, v.7, n.3, p.205, 2021.

CARLETO, Daniel Gustavo; SANTANA, Carla da Silva. Relações intergeracionais mediadas pelas tecnologias digitais. *Revista Kairós: Gerontologia*, v.20, n.1, p.73-91, 2017.

CARVALHO, S. et al. Características psicométricas da versão portuguesa da Escala Multidimensional de Suporte Social Percebido (Multidimensional Scale of Perceived Social Support-MSPSS). *Psychologica*, v.1, n.54, p.331-357, 2011.

CASTRO, Carolina Aires. *Dando conta da “doença dos nervos”: produção de sentidos em conversas com mulheres*. 2010. 162f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Federal do Ceará, Departamento de Psicologia, Fortaleza, 2010.

FARIA, Lina; PATIÑO, Rafael Andrés. Dimensão psicossocial da pandemia do Sars-CoV- 2 nas práticas de cuidado em saúde de idosos. *Interface - Comunicação, Saúde, Educação*, v. 26, n.1, p.1-16, 2022.

FURTADO, Francisca Marina de Souza F.; SALDANHA, Ana Alayde Werba.; MOLEIRO, Carla Marina Madureira de M.; SILVA, Josevânia. Transtornos mentais comuns em mulheres de cidades rurais: prevalência e variáveis correlatas. *Saúde e Pesquisa*, v.12, n.1, p.129-140, 2019.

FRUTUOSO, Dina. *A terceira idade na universidade*. Rio de Janeiro, RJ: Ágora da Ilha, 1999.

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ - FIOCRUZ. (2020). *Vacinas contra Covid-19*. Dez. Rio de Janeiro.

MENDES, José. *As Tecnologias de Informação e Comunicação no Quotidiano Social da Pessoa Idosa: Breve Revisão Narrativa*, 2019.

MINISTÉRIO DA SAÚDE – MS. (2020). *Sobre a doença: como se proteger*. Brasil.

OLIVEIRA, Josiane Tavares. *et al. A saúde mental dos idosos em tempos de pandemia covid-19*, 2021.

Organização Mundial da Saúde - OMS. (2020). Publicações da OMS.

PARKS, Vanessa et al. Older Adults' Behavioral Health During the COVID-19 Pandemic. In: *COVID-19, Frontline Responders and Mental Health: A Playbook for Delivering Resilient Public Health Systems Post-Pandemic*. Emerald Publishing Limited, 2023. p. 9-21.

PRADO, Shirley Donizete; SAYD, Jane Dutra. A gerontologia como campo do conhecimento científico: conceito, interesses e projeto político. *Ciência & Saúde Coletiva*, v.11, n.2, p.491-501, 2006.

SANTOS, Genilson. Bento dos; SILVA, Camila Victória Pereira; PACHÚ, Clésia Oliveira. Impacto da pandemia de Covid- 19 na saúde de idosos: uma revisão narrativa. In: SANTOS, Genilson. *Envelhecimento Humano [recurso eletrônico]: Desafios Contemporâneos - Volume 2 / Organizador Edilson Coelho Sampaio. – Guarujá, SP: Científica Digital, 2020.*

SILVA, Josevânia. *Envelhecimento e HIV/Aids: perfis de vulnerabilidade e atenção psicossocial no estado da Paraíba*. Relatório Final, Universal/CNPq 475272/2012-9, Edital nº 14/2012. Campina Grande, PB, Universidade estadual da Paraíba, 2015.

SILVA, Josevânia; LEITE, Késia de Macedo Reinaldo Farias Leite. Pessoas idosas em contextos rurais: estilo de vida e vulnerabilidades às IST'S/Aids. *Revista de Psicologia da IMED*, v.12, n.2, p.1-19, 2020.

SILVA, Josevânia.; PICHELLI, Ana Alayde Werba Saldanha; FURTADO, Francisca Marina de Souza. *O envelhecimento em cidades rurais e a análise das vulnerabilidades em saúde*. In C. M. R. G. CARVALHO; L. F. ARAÚJO (Orgs.), *Envelhecimento e práticas gerontológicas* (pp. 291-310). Curitiba, PR: CRV, coedição: Teresina: EDUFPI.

SOUSA, Ester Miranda de; et al. Impactos da pandemia da COVID-19 em idosos e estratégias de reabilitação adotadas. *Research, Society and Development*, v.10, n.17, e89101724267, 2021

SUN, Xiran, YAN, Wenxi., ZHOU, Hao. *et al.* Internet use and need for digital health technology among the elderly: a cross-sectional survey in China. *BMC Public Health* 20, 1386, 2020.

TAHAN, Jennifer., CARVALHO, Antonio Carlos Duarte de. Reflexões de Idosos Participantes de Grupos de Promoção de Saúde Acerca do Envelhecimento e da Qualidade de Vida. *Saúde Soc.* São Paulo, v.19, n.4, p.878-888, 2010.

VASCONCELOS, Eduardo Mourão; WECK, Marcela (2020). *Desafios e recomendações para a realização de atividades de ajuda mútua on line*. Projeto Transversões ESS-UFRJ.

VASCONCELOS, Eduardo Mourão. *et al.* *Cartilha de ajuda e suporte mútuos em saúde mental: para participantes de grupos /* Coordenação de Eduardo Mourão Vasconcelos; ilustração de Henrique Monteiro da Silva. – Rio de Janeiro: Escola do Serviço Social da UFRJ; Brasília: Ministério da Saúde, Fundo Nacional de Saúde, 2013.

WU, Fan et al. *A new coronavirus associated with human respiratory disease in China*. *Nature*, v.579, n.7798, p.265-269, 2020.

WICHMANN, Francisca Maria Assmann, *et al.* Grupos de convivência como suporte ao idoso na melhoria da saúde. *Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia*, v.16, n.4, p.821-832, 2013.

UNASUS. A UNA-SUS. Disponível em: *Coronavírus: Brasil confirma primeiro caso da doença* - Notícia - *UNA-SUS* (unasus.gov.br). Acesso em: 01 de out. de 2022.

GERONTOTECNOLOGIA: INTERVENÇÕES EM PSICOEDUCAÇÃO

Maria Gabriela Pereira da Silva¹
Victória Maria de Freitas Nunes²
Mirella Raquel Alves de Araújo Rodrigues³
Virgínia Maria Bezerra Silva⁴
Maria do Carmo Eulálio⁵

Introdução

O envelhecimento populacional se constitui como uma das características mais marcantes da atualidade (ALVES, 2019). Embora haja um aumento do número de pessoas idosas, não raro, em muitas culturas os idosos são estereotipados e tais estigmas passam a fazer parte de seu cotidiano. A sociedade das mercadorias e mercados, que é regida pelos ditos do imediato, do novo, do produtivo, do transitório e da aparência, submete em diferentes modos, todos os indivíduos, nessa lógica, se imprime ao idoso o selo de anacrônico. Sendo assim, a figura do idoso é comumente associada ao avesso do criativo, do produtivo, da vitalidade, da virilidade, da força, da beleza, da rapidez e da agilidade (VIEIRA, MACIEL, 2020).

Este cenário foi acentuado com a pandemia da Covid-19 uma vez aflorou o destaque aos idosos, principalmente devido ao

-
- 1 Graduada do Curso de Psicologia da Universidade Estadual da Paraíba
 - 2 Graduada do Curso de Psicologia da Universidade Estadual da Paraíba
 - 3 Graduada do Curso de Psicologia da Universidade Estadual da Paraíba
 - 4 Graduada do Curso de Psicologia da Universidade Estadual da Paraíba
 - 5 Prof.^a Dr.^a docente do Mestrado em Psicologia da Saúde da Universidade Estadual da Paraíba – Coordenadora do Projeto: Intervenção Psicossocial online com idosos da UAMA para promoção de saúde, cota 2020/2021. Departamento de Psicologia, Campus I, Campina Grande

potencial de risco, reforçando os preconceitos a este grupo etário, como o emblemático caso que foi divulgado nas redes sociais do carro da “cata véio” (HAMMERSCHMIDT; SANTANA, 2021) como também acentuando o fenômeno de exclusão digital (BONETTI; BICA, 2022).

Tal fenômeno pode provocar diversos prejuízos à saúde do idoso, uma vez que o uso das tecnologias vem se constituindo como uma possibilidade de aprimoramento das relações, como a produção de novas tecnologias na saúde e qualidade de vida da população e expansão do conhecimento científico (SOARES, COLARES, 2020). O uso das TDICs por idosos em situação de isolamento social pode proporcionar o aumento das sensações de segurança, proteção, independência e do prazer, bem como a redução da solidão (BONETTI; BICA, 2022).

No entanto, é importante considerar que por mais que o uso dessas ferramentas apresentem benefícios, como a aproximação social, historicamente, a população idosa brasileira apresenta baixa escolaridade e dificuldade de acesso aos recursos tecnológicos (HAMMERSCHMIDT; SANTANA, 2021). Logo, surge a necessidade de criar conteúdos direcionados e adequados ao público idoso para suprir os obstáculos ocasionados pela pandemia e pela exclusão digital (BONETTI; BICA, 2022).

Nesse sentido, ao se deparar com a temática e com relatos de idosos sobre as dificuldades no uso das TDICs, o Grupo de Estudos e Pesquisas em Envelhecimento e Saúde - GEPES realizou intervenções online em psicoeducação sobre o uso das TDICs com um grupo de idosos durante o período de isolamento social. Assim, o presente estudo tem como objetivo apresentar o plano de intervenções realizado e analisar quais os efeitos de intervenções em psicoeducação com um grupo de idosos durante a pandemia da Covid-19. Os objetivos específicos consistem em discutir sobre a relação de TIDCs e pessoas idosas no contexto pandêmico e apresentar possibilidade de recursos para realização de oficinas no formato remoto com pessoas idosas.

Metodologia

Trata-se de um estudo qualitativo exploratório realizado por componentes do grupo de pesquisa GEPES do curso de Psicologia da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB).

Participantes

Os participantes das oficinas foram pessoas idosas com idade acima de 60 anos que participaram do curso de Educação para o Envelhecimento Humano da Universidade Aberta à Maturidade (UAMA) da Universidade Estadual da Paraíba. O convite para participação se deu a partir das atividades do GEPES que, com a pandemia da Covid-19 e com o isolamento social, readaptou suas atividades para o formato remoto e se deparou com as dificuldades dos idosos na utilização e manuseio de tecnologias. Nesse sentido, foi proposto ao grupo a realização de oficinas, conforme Afonso (2006) de psicoeducação sobre tecnologias e 17 expressaram o desejo de participar.

Procedimento

As oficinas foram realizadas no período de maio a setembro de 2021. Ocorreram através da plataforma digital *Google Meet*, ferramenta esta selecionada devido ao uso recorrente para as atividades da UAMA e do GEPES. Inicialmente, foi criado um grupo no *Whatsapp* para envio dos *links* de acesso às chamadas virtuais, lembrete dos dias e horários das oficinas, interação entre os participantes, suporte e envio do material de apoio.

Os temas das oficinas foram traçados *à posteriori* e juntamente aos participantes, de acordo com as demandas iniciais e as que foram surgindo ao decorrer do desenvolvimento do grupo. Nesse sentido, os temas foram escolhidos de acordo com as necessidades

dos participantes e o número de oficinas destinadas ao tema foi de acordo com o tempo e desenvolvimento do grupo.

A proposta engloba não só atividades nas oficinas, compreendendo o fornecimento de apoio informativo e instrumental através do *Whatsapp* de forma individual e grupal, bem como o envio de materiais de apoio e atividades de treino do conteúdo estudado a serem realizadas durante a semana. Os materiais de apoio foram constituídos por um material escrito didático e vídeos tutoriais.

Foram realizadas 15 oficinas de forma didática com duração média de 90 minutos. Foram estruturadas em 4 momentos: Apresentação estilo tutorial dos principais recursos e ferramentas do tema escolhido; Aplicações da tecnologia para o cotidiano; Dúvidas e esclarecimentos; Discussão sobre a atividade da semana.

Registro e avaliação

O registro das oficinas foi realizado através da construção de diários de campo. A avaliação do programa de intervenções se deu a partir do *feedback* dos participantes e reuniões de orientação e supervisão com a coordenadora do projeto. Ao final das oficinas, foi realizada a avaliação pelos participantes do grupo.

Considerações éticas

Todos os processos descritos foram permitidos pelos participantes de forma verbal e por meio do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, preenchido de forma *online* através do *Google Forms*. Foram tomados todos os cuidados éticos concernentes à proteção dos direitos, bem-estar e dignidade dos participantes.

Fundamentação teórica

Envelhecimento e Gerontotecnologia

O envelhecimento é um fenômeno natural, universal, irreversível e não ocorre de forma simultânea e igualitária nos seres humanos, sendo uma etapa que faz parte da vida (BORGES *et al.*, 2017). O indivíduo passa por alterações decorrentes nessa fase, tendo comprometimento em áreas fundamentais, como nas funções mecânicas, físicas, bioquímicas, psicológicas e sociais (NÓBREGA, 2022). Há questões que no decorrer dos anos vem melhorando bastante, com a incorporação de novos hábitos que ajudam na construção de uma rotina mais saudável, ter um médico acompanhando sua situação e políticas públicas se voltando para o idoso têm contribuído para o aumento da expectativa de vida dessa população. Mas mesmo com os avanços é possível que os idosos apresentem indícios de declínios de saúde que são próprios do processo de envelhecimento (TAVARES; DE SOUZA, 2012).

Envelhecer, por muito tempo significou viver excluído da sociedade e ser um peso para a família. Nos últimos anos, com o avanço da ciência e da medicina, esta etapa da vida começa a ser vivida com mais qualidade. Para minimizar o impacto desses declínios, a tecnologia se torna uma ferramenta que ocupa o tempo livre que o idoso passa a ter. É também dentro dessa perspectiva que se faz necessário buscar caminhos que possibilitem que o idoso não seja isolado, trazendo uma nova conexão para ele por meio da tecnologia uma vez que estão em constante avanço, podendo se adaptar e ser um meio facilitador (ALMÊDA, 2017; CARDOSO, 2014; DA SILVEIRA, 2010; NÚNCIO, 2015; TAVARES, DE SOUZA, 2012)

Se por um lado, as novas gerações apresentam familiaridade com o uso das inovações tecnológicas que surgem aceleradamente as gerações mais velhas, dos idosos, por sua vez, encontram-se no extremo oposto, sentindo-se no meio de um “bombardeio tecnológico” que lhes causa estranheza, medo e/ou receio (DA SILVEIRA,

2010). No entanto, o surgimento da gerontotecnologia traz diversas alterações ao campo do envelhecimento, com os novos métodos de apoio e monitorização de idosos.

A gerontotecnologia veio alterar a maneira como se envelhece, quer seja a nível institucional, promovendo a autonomia de um idoso utilizando um aparelho de aviso para a toma de medicação seja de num horário ou de um medicamento específico; quer seja residir em domicílio [...]. Este tipo de tecnologias são facilitadoras do processo de envelhecimento, permitindo que os idosos que as utilizam minimizem as dificuldades sentidas no seu dia a dia. (MARTINS, 2017, p.6)

Ainda de acordo com o autor, o domínio tecnológico que associa o desenvolvimento de novas tecnologias e o aperfeiçoamento das existentes, é vista como um instrumento de inclusão e acessibilidade e minimizando o isolamento (BARROS *et al.*, 2012; NÓBREGA, 2022).

Uso das TDICs e pandemia

Para o ser humano, o processo de socialização ocorre desde a infância, o indivíduo é inserido ao meio social desde que nasce e vai assimilando o que aprende ao interagir com os outros ao seu redor. Dessa forma, a base para esse contato inicial é a família, em que a criança receberá de forma primária suas referências, sendo esse processo denominado de socialização primária (BERGER; BERGER, 1977). Esse aspecto também ajuda a constituir a identidade do indivíduo, uma vez que é por ele que o indivíduo compreende as configurações da sociedade em que está inserido. Levando-se em consideração o aspecto social para a formação da identidade.

Ao adentrarmos na questão das redes sociais, percebemos um grande espaço que elas vêm ocupando na vida das pessoas, principalmente com a intensificação do uso após o momento de reclusão social causado pela quarentena devido a pandemia do COVID-19. Assim como para Marteleto (2001), entendemos por redes sociais um espaço de comunidade não físico, em que um grupo de indivíduos se agrupam por afinidades que compartilham entre si.

Na sociedade atual contemporânea, há uma grande circulação de informações e de produções, o que acarreta em um ambiente social mais plural e diversificado. (SETTON, 2005). Dessa forma, há diversos grupos possíveis para que o indivíduo interaja e crie novos vínculos a todo momento. E as pessoas idosas no tempo atual, também se deparam com essa nova configuração da realidade e de novas possibilidades de conexão com os outros.

Neste contexto, a pandemia modificou não somente as estruturas socioeconômicas, mas também as interações humanas. Devido ao distanciamento social, o uso das TDICs proporcionou a automação da comunicação, sendo utilizadas como ferramentas mediadoras de ensino e aprendizagem. Frente a isso, foram percebidos desafios e oportunidades perante ao uso das tecnologias, visando possibilitar um cenário de inclusão digital com maior acesso para público da pessoa idosa. A interação *online* contribuiu para que algumas dificuldades relacionais, escolares e profissionais fossem minimizadas. As conversações na internet com amigos e familiares, a educação a distância e o teletrabalho certamente não resolveram as limitações impostas pelo isolamento social, mas permitiram que a crise não fosse ainda maior (PRIMO, 2020).

Assim têm-se constatado que a pandemia do novo coronavírus alavancou as tecnologias digitais como um marco que passou a ser utilizado de forma precisa no “novo normal”, sendo que antes essas eram usufruídas apenas de forma voluntária e até mesmo dispensável mesmo já sendo de conhecimento de uma parcela da sociedade.

Resultados e discussão

A participação das oficinas foi potencializada pela disponibilidade e vontade dos participantes em aprender sobre as temáticas discutidas e aprofundarem seus conhecimentos prévios, com amplo espaço para explanação de dúvidas e experiências vivenciadas.

O grupo de facilitadores constituiu-se em um grupo de suporte, com caráter educativo e informativo, homogêneo e coordenado por quatro extensionistas. Ao decorrer dos encontros foram identificadas as dificuldades mais presentes e sanadas de forma didática e interativa por meio da utilização de recursos audiovisuais, com suporte de forma simultânea à exposição dos temas nas oficinas, bem como no decorrer da semana, à medida em que os participantes treinavam as atividades aprendidas.

As Oficinas consistiram em espaço virtual de forma grupal, não houve desistência de nenhum dos participantes da amostra. Com relação a frequência, 53% da amostra participou de 70% das oficinas. Os 30% dos idosos faltaram de 1 a 3 encontros, mas justificaram previamente a equipe, e os motivos alegados foram consultas previamente agendadas e exames médicos. Para que não houvesse perda de conteúdo, buscou-se sanar os prejuízos da falta com o envio de instruções e materiais de apoio.

Foi criado também, além das oficinas, um espaço virtual, grupal e individual, para apoio e instrução durante o treino e a realização de atividades durante os demais dias da semana. Este espaço adequou-se ao envio de instruções, esclarecimentos, materiais de apoio e vídeos tutoriais das atividades para que os participantes pudessem exercitar mais a prática, como também que os auxiliassem nas dificuldades.

O contato entre os participantes e a equipe foi além das oficinas na sala virtual dos encontros. Foi criado um grupo de mensagens virtuais através do aplicativo *whatsapp* e foram disponibilizados *chats* individuais com a equipe facilitadora para que fosse possível um suporte individual.

A equipe facilitadora foi percebida como importante fonte de suporte social proporcionando apoio informacional e instrumental, uma vez que o apoio informacional está associado à ajuda e à assistência em tarefas e o apoio informacional compreende a orientação e informação (SIQUEIRA; BETTS; DELL-AGLIO, 2006).

Projeto de intervenções

As oficinas foram estruturadas conforme ilustra o quadro abaixo.

QUADRO 1 - Planejamento e realização das oficinas.

Oficinas	Temas trabalhados	Recursos utilizados
<i>Conhecendo o Google Meet</i>	Cuidados importantes antes de entrar em uma chamada; entrar e sair de uma reunião; verificar a conexão; desativar e ligar microfone; recurso de levantar a mão; desligar e ligar a câmera.	Material audiovisual e imagens ilustrativas com recortes do aplicativo.
<i>1,2,3... testando!</i>	Treino das atividades trabalhadas na oficina anterior	Técnica elaborada pela equipe.
<i>Pesquisando com o Google</i>	Pesquisa por voz, texto e imagem no Google; correção das palavras no <i>Google</i> ; o uso do <i>Google</i> para o auxílio à atividades cotidianas; possibilidades de temas para pesquisa.	Material audiovisual e imagens ilustrativas com recortes da plataforma.

Oficinas	Temas trabalhados	Recursos utilizados
<i>Google Maps</i>	O que é o <i>Google Maps</i> ; como utilizar; principais recursos e ferramentas.	Material audiovisual, imagens do aplicativo e a técnica “Cada pesquisa, uma história” (elaborada pela equipe como treino para as atividades trabalhadas na oficina anterior). Cada participante pesquisou sobre algo que lhe marcou e compartilhou com o grupo, como poemas e músicas, indicando como pesquisou e o site em que encontrou.
<i>O mundo na palma das mãos - Conhecendo lugares com o Google Maps</i>	Treino e aplicação dos assuntos trabalhados na oficina anterior.	Técnica elaborada pela equipe em que cada participante escolheu um lugar que gostaria de conhecer e o encontrou no <i>Google Maps</i> , visualizando as ruas através do recurso “visão imersiva” da plataforma.
<i>Identificando sites seguros e fake news</i>	Como saber se um site é seguro; verificando notícias de fontes confiáveis; identificando fake news.	Material audiovisual e imagens ilustrativas.
<i>Desvendando o Whatsapp</i>	O que é um <i>status</i> , como atualizar, apagar, silenciar e visualizar; como fixar, apagar ou arquivar uma conversa; como enviar arquivos; como enviar <i>emojis</i> e figurinhas; o que é uma imagem temporária e como enviar; como realizar ligações de voz e áudio em grupo e individual.	Material audiovisual, vídeos tutoriais e imagens ilustrativas com recortes do aplicativo.

Oficinas	Temas trabalhados	Recursos utilizados
<i>Desvendando o Whatsapp</i>	Configurações; privacidade; explorando as ferramentas de uma conversa individual; explorando as ferramentas de uma conversa em grupo; configurações de conversa; <i>whatsapp</i> e armazenamento.	Material audiovisual, vídeos tutoriais e imagens ilustrativas com recortes do aplicativo.
<i>Abrindo as janelas virtuais - Como realizar chamadas pela internet</i>	Como realizar chamadas pelo <i>Gmail, Google meet, Whatsapp e Instagram</i> .	Material audiovisual, vídeos tutoriais e imagens ilustrativas com recortes do aplicativo.
<i>Youtube</i>	Layout do youtube; principais recursos e ferramentas; como pesquisar por texto e por voz; como transmitir para TV; como ativar notificações, se inscrever em um canal e compartilhar o vídeo; como curtir e comentar um vídeo; como salvar; como ter mais informações sobre o vídeo; como acessar o histórico dos vídeos que visualizou; como publicar um vídeo.	Material audiovisual, vídeos tutoriais e imagens ilustrativas com recortes do aplicativo.
<i>Google Drive</i>	O que é o <i>Google drive</i> ; principais recursos; como inserir um arquivo no drive; como criar uma pasta no drive.	Material audiovisual e imagens ilustrativas com recortes do aplicativo.
<i>Google Fotos</i>	O que é o <i>Google Fotos</i> e como utilizar; como entrar em sua conta; o que é um <i>backup</i> e como fazer; lixeira; download de arquivos; pesquisa e favoritos.	Material audiovisual e imagens ilustrativas com recortes do aplicativo.

Oficinas	Temas trabalhados	Recursos utilizados
<i>Instagram</i>	Como criar uma conta; como vincular ao <i>Facebook</i> ; configurações iniciais; aprendendo o significado dos termos do aplicativo: <i>Feed, Story, reels, live, direct, boomerang</i> e perfil; como postar uma foto; como enviar uma mensagem; como seguir alguém; como interagir com as publicações de outras pessoas; configurações de privacidade.	Material audiovisual, vídeos tutoriais e imagens ilustrativas com recortes do aplicativo.
<i>Gmail</i>	Como criar uma conta no <i>Gmail</i> ; como fazer <i>login</i> ; como deixar a conta mais segura; como realizar uma chamada pela conta do <i>Gmail</i> ; como excluir a conta.	Material audiovisual e imagens ilustrativas com recortes do aplicativo.
<i>Encerramento</i>	Retrospectiva do desenvolvimento do grupo; avaliação e feedback; agradecimento da equipe e encerramento do grupo.	Material audiovisual.

Fonte: Elaboração própria.

Sociabilidade

Um dos aspectos que esteve presente de forma frequente nas falas dos participantes, refere-se ao carácter de sociabilidade das redes sociais, em que é possível por meio delas realizar conexões de diferentes formas com várias pessoas, permitindo uma maior sociabilidade para os usuários. Uma vez que a sociabilidade ganhou novas formas na medida em que a internet surgiu, pois permitiu que houvesse interações sociais sem que os indivíduos estivessem presentes fisicamente no mesmo espaço (AMARAL, 2016).

Esse apontamento das redes sociais serem espaços de sociabilidade foi motivo para os participantes demandarem aprender como mexer nessas redes, principalmente no *Instagram* que foi bastante requisitado para ser tema das aulas. E, após essa demanda ser acolhida, às pessoas idosas relataram sobre a facilidade com que se pode conversar com os outros nessa rede social, principalmente em ser fácil de acompanhar as atualizações na vida das pessoas por quem eles têm apreço, seja familiares, amigos e colegas da UAMA, e, até mesmo entre eles, o grupo que fez parte dos encontros.

Com as atividades e os treinos nas oficinas, os participantes relataram maior facilidade na utilização. Ao ser trabalhado sobre o *Instagram*, os participantes puderam aprender não só a postar atualizações, fotos e compartilhar publicações, mas também interagir com as outras pessoas e suas publicações. Já no que diz respeito ao *whatsapp*, foi possível perceber maior desempenho e habilidade até mesmo nas conversas do grupo virtual e na realização das atividades..

Compreendendo a universidade como um meio de socialização e responsável por promover também não apenas um espaço em que essa sociabilidade apareça, mas que seja responsável em aprimorar esse aspecto para os indivíduos idosos se incluírem nas novas formas de socialização que surgem através da internet e as plataformas *online* que buscam priorizar a conexão entre os indivíduos como no caso das redes ditas sociais.

Além da socialização proporcionada com a utilização das TDICs, foram percebidos benefícios nesse aspecto com o desenvolvimento do grupo. Os idosos, por vezes, manifestaram o sentimento de pertencimento do meio, além de se sentirem felizes por conseguir realizar pequenas atividades no meio digital, como afirma uma das participantes: “*O que vocês me ensinaram, me serve hoje e para frente também. Fico muito feliz por postar no feed do Instagram, mandar mensagens, filmar alguma coisa, mexer no Whatsapp foram muito úteis. Tô aproveitando bastante!*” (Mulher 8, 67 anos).

Sendo assim, verificou-se pelos relatos que os participantes do grupo de extensão, conseguiram aprofundar suas habilidades sociais no âmbito virtual. Assim como essa mesma questão trouxe sensações de pertencimento, reforçando ligações/conexões já existentes entre eles e pessoas queridas por eles. Ademais, há uma integração dessas pessoas idosas ao cenário das redes sociais que geralmente são mais habitadas por pessoas mais jovens, o que permite incluir mais pessoas a essas redes, rompendo com o estereótipo de que esses locais virtuais são para um público mais jovem, quando na verdade, essa afirmação esconde a realidade de que as pessoas idosas desejam estar presentes nesses meios virtuais de sociabilidade, mas, podem não estar presentes neles por não serem devidamente instruídos acerca de como mexer nesses aplicativos, como também foi relatado pelos participantes, além de que apontaram sobre a falta de paciência das pessoas em ensinarem como mexer nesses aplicativos e redes sociais. Ao pedirem para aprender outras coisas, é percebido que eles querem ser incluídos no meio digital, rompendo com o estereótipo de que ali não é o lugar de idoso.

Autonomia

O processo de envelhecimento pode trazer diversas implicações para a qualidade de vida do indivíduo, impactando aspectos como a autonomia e independência nas atividades diárias (CARDOSO, 2018). Somado a isso, o distanciamento social, advindo da pandemia de COVID-19, implicou a diminuição da mobilidade urbana e da sociabilidade, resultando no aumento da virtualização das relações sociais e no alargamento do uso de tecnologias para busca de informações, lazer e entretenimento (MONTENEGRO *et al.*, 2020).

Para aqueles que não tinham tanto costume com o ambiente virtual, se tornou um desafio. Com muitas dificuldades em plataformas como *Google meet*, que era a mais exigida já que eles

também participavam de aulas *online*, havia a dificuldade de abrir o microfone, a câmera, além de não terem conhecimento de todos os recursos. Foi nesse sentido que nos colocamos como facilitadoras e estimuladoras, tirando dúvidas e interagindo de maneira com que eles pudessem usar recursos não apenas do *Google meet*, mas também do *Instagram* e *Whatsapp*, *Youtube* e outros aplicativos. São dificuldades que refletem, por exemplo, em situações do cotidiano como na impossibilidade de pessoas idosas em gerenciar seu dinheiro, comprometendo mais uma vez a independência e autonomia dos mesmos, condição direta da qualidade de vida. Transferir dinheiro até entrar em redes sociais se torna dificultoso por possuírem uma interface menos amigável, foi visto que a falta de segurança, o crescente números de golpes em idosos por aplicativos aliados a *fake news* se tornaram mais um obstáculo que os faziam resistir a novas facilidades que a tecnologia pode oferecer.

Conhecer e dominar a linguagem, os recursos eletrônicos, torna-se passaporte para o ingresso na modernidade (KACHAR, 2003). Então, quanto mais ele adentrar nesse mundo, mais se sentirá seguro, além de saber se prevenir contra golpes. Nos encontros também foram apresentadas algumas maneiras de se proteger, como reconhecer números oficiais do banco no *Whatsapp* e verificar *fake news*, além de procurar sites seguros, sempre trazendo o estímulo para que perguntassem e apre.

Era pedido que eles tentassem postar uma foto no *instagram*, tentar criar um grupo no *whatsapp*, ou algo relacionado ao que foi dado. Esta independência ou autoeficácia adquirida com o uso da internet gera nos idosos um *sentimento de utilidade*, ou seja, passam a perceber que são capazes de realizar diversas atividades sem ajuda de terceiros (PIRES, 2015).

A oficina também funcionava como um estímulo coletivo para aprender, ir atrás de outros cursos, estudar e levar dúvida para o grupo, um dos alunos relata: “*Eu aprendi as coisas, mas eu queria aprender mais a partir do que vocês trouxeram e acabei fazendo um cursinho, aí eu aprendi muitas coisas, eu já sabia de alguma coisa, e aprendi um pouco mais*” (Homem 3, 71 anos).

Considerações finais

Esse estudo evidenciou as melhorias nos âmbitos da autonomia, socialização e adesão em um grupo de 17 idosos na adoção de TDICs (Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação) como forma de inclusão digital. Dessa forma, podemos correlacionar qualidade de vida com tecnologia, de maneira que é observado no grupo que eles conseguem ampliar seu ciclo de amizades, seus hobbies e serem estimulados a aprenderem mais. Mediante o exposto, é compreensível que por meio da laboração das ferramentas digitais pôde ser desenvolvido e compartilhado a construção de novos saberes para o uso de tecnologias pelos participantes.

A falta de conhecimento e prática se transformam em obstáculos que impedem o idoso de avançar. Apesar de identificarmos a insegurança com o novo, o receio de fazer uma pergunta inadequada ou que já tenha sido respondida, a dificuldade de acesso a recursos de auxílios que facilitem a aprendizagem, a dificuldade com as atualizações e o medo com a segurança dentro da internet, as extensionista ensinaram coisas mais básicas como mexer em redes sociais que eles mais usam e que tem pelo menos um pouco de prática.

A partir do exposto, aponta-se para propostas educativas mais leves, descontraídas e prazerosas, onde a afetividade e a paciência devem ser um ponto crucial. É nesse processo de aprendizagem que a confiança e autoestima do idoso é reforçada e estimulada, melhorando o convívio social, sua relação com novas atividades e com o mundo de maneira geral.

Referências

ALMÊDA, Kleyber Araújo. **O envelhecimento humano e a inclusão digital: análise do uso das ferramentas tecnológicas pelos idosos e a importância do desenvolvimento da competência informacional na terceira idade.** 2016. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

AMARAL, Inês. **Redes sociais na internet: sociabilidades emergentes.** 2016.

ALVES, José Eustáquio Diniz. Envelhecimento populacional no Brasil e no mundo. **Revista Longeviver**, 2019.

BARROS, Edaiane Joana Lima et al. Gerontotecnologia educativa voltada ao idoso estomizado à luz da complexidade. **Revista Gaúcha de Enfermagem**, v. 33, p. 95-101, 2012.

BERGER, Peter; BERGER, Brigitte. Socialização: como ser um membro da sociedade. **FORACCHI, M., MARTINS, J.**, 1977.

BONETTI, Giovana Diniz de Oliveira; BICA, Claudia Giuliano. Bê-á-Bá Digital: promovendo conectividade e inclusão digital. **Revista Internacional em Língua Portuguesa**, n. 41, p. 77-88, 2022.

BORGES, Eliane et al. **O envelhecimento populacional: um fenômeno mundial. O envelhecimento populacional um fenômeno**, p. 17, 2017.

CARDOSO, Rachel da Silva Serejo et al. Tecnologia educacional: um instrumento dinamizador do cuidado com idosos. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 71, p. 786-792, 2018.

CARDOSO, Raul GS et al. Os benefícios da informática na vida do idoso. **Anais do Computer on the Beach**, p. 340-349, 2014.

DA SILVEIRA, Michele Marinho et al. Educação e inclusão digital para idosos. **RENOTE**, v. 8, n. 2, 2010.

HAMMERSCHMIDT, Karina Silveira de Almeida; SANTANA, Rosimere Ferreira. Saúde do idoso em tempos de pandemia COVID-19. **Cogitare enfermagem**, v. 25, 2020.

KACHAR, Vitória. Terceira idade e informática: aprender revelando potencialidades. In: **Terceira idade e Informática: aprender revelando potencialidades**. 2003. p. 206-206.

MARTELETO, Regina Maria. Análise de redes sociais-aplicação nos estudos de transferência da informação. **Revista ciência da informação**, v. 30, n. 1, p. 71-81, 2001.

MARTINS, Flavio Miguel Gomes. **Aceitação das tecnologias pelos mais velhos: um estudo exploratório em gerontotecnologia**. 2017. Dissertação de Mestrado.

MONTENEGRO, Gustavo Maneschy; DA SILVA QUEIROZ, Bruno; DIAS, Mairna Costa. Lazer em tempos de distanciamento social: impactos da pandemia de covid-19 nas atividades de lazer de universitários na cidade de Macapá (AP). **LICERE-Revista do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer**, v. 23, n. 3, p. 1-26, 2020.

NÓBREGA, Maria de Fátima Ferreira. O IDOSO E AS NOVAS TECNOLOGIAS: A EDUCAÇÃO NÃO TEM IDADE. **Revista Científica FESA**, v. 1, n. 17, p. 77-100, 2022.

NÚNCIO, Vera Lúcia Romão. **Estudo da utilização das TIC na USALBI e o contributo para a redução do isolamento dos idosos**. 2015. Tese de Doutorado.

PIRES, Gabriela Silva et al. **A contribuição da internet na melhoria da qualidade de vida subjetiva do idoso**. 2015.

PRIMO, Alex. Afetividade e relacionamentos em tempos de isolamento social: intensificação do uso de mídias sociais para interação durante a pandemia de COVID-19: Emotions and relationships during social isolation: intensifying the use of social media for interaction during the COVID-19 pandemic. **Comunicação & Inovação**, v. 21, n. 47, 2020.

TAVARES, Marília Matias Kesting; DE SOUZA, Samara Tomé Correa. Os idosos e as barreiras de acesso às novas tecnologias da informação e comunicação. **RENOTE**, v. 10, n. 1, 2012.

DE ALMEIDA VIEIRA, Renata; MACIEL, Lizete Shizue Bomura. Melhor idade, ou naturalização da velhice e produção de preconceitos?. **Série-Estudos-Periódico Do Programa De Pós-Graduação Em Educação Da UCDB**, 2020.

SIQUEIRA, A. C.; BETTS, M. K. Dell Aglio, DD (2006). A rede de apoio social e afetivo de adolescentes institucionalizados no sul do Brasil. **Revista Interamericana de Psicología**, v. 40, n. 2, p. 149-158.

SOARES, Lucas de Vasconcelos; COLARES, Maria Lília Imbiriba Sousa. Educação e tecnologias em tempos de pandemia no Brasil. **Debates em educação**, v. 12, n. 28, p. 19-41, 2020.

SETTON, Maria da Graça Jacintho. A particularidade do processo de socialização contemporâneo. **Tempo social**, v. 17, p. 335-350, 2005.

ESTRATÉGIAS DE MARKETING DIGITAL PARA ALAVANCAGEM DE NEGÓCIOS

Sandra Maria Araújo de Souza
Ana Beatriz Silva de Farias
Bruna Rodrigues Monteiro
Elissandra Gonçalves dos Santos
Emerson Gonzaga da Silva
Maria Eduarda Ferreira de Farias
***(Estratégias de Marketing Digital
para Alavancagem de Negócio - Cota 2020/2021)***

Introdução

A quarta revolução industrial, ou também conhecida como a indústria 4.0, tem se tornando uma realidade incontestável entre as organizações deste século, onde grande parte dos processos que compõem as operações comerciais passam por incessantes transformações em inovação e desenvolvimento. A união de sistemas inteligentes e da internet protagoniza o novo momento das corporações tecnológicas, que encontraram no comércio automatizado um novo conceito para a eficiência, isto se deve ao crescimento expressivo da escala produtiva, estas modificações abarcam uma maior competitividade para as empresas, por racionalizar sua alocação de recursos, também de se obter a integralização e otimização de todas as suas atividades (BATINGA *et. al.*, 2021).

Para reagir frente à concorrência, as organizações criam técnicas cada vez mais sofisticadas para garantirem a sua existência e expansão, é neste contexto que o Marketing Digital se mostra como uma estratégia essencial para atrair novos clientes e fidelizar os antigos. A incorporação desta ferramenta aos propósitos de relacionamento com o público alvo abarca em uma assertividade

no direcionamento da comunicação, seja para vender um produto, receber feedbacks, estar por dentro de tendências, realizar parcerias, entre diversas outras possibilidades. Por isso, muitas funções exercidas pelos gestores de vendas necessitam passar por adaptações para lidar com a realidade da modernidade, demandando um novo perfil de profissional que se adapta aos canais midiáticos dinâmicos das gerações Z e *Millennials*.

Os anos de 2020 e 2021 ficaram marcados como os momentos mais delicados da crise sanitária causada pelo vírus da COVID-19, em relação a este período o portal Agência Brasil (2022) observa os efeitos da pandemia no acréscimo considerável no percentual das micros e pequenas empresas, com aumento de 53,9% se comparado a 2018, evidenciando que este fato histórico afetou profundamente a vida das pessoas e da economia. Boa parcela das motivações deste fenômeno se devem por questões de necessidade, porém o encontro de oportunidades também ocorreu. Nesta perspectiva, o posicionamento do empreendedor inexperiente por ainda não estar consciente do cenário que se moldou e a falta de desenvolvimento da sua maturidade digital podem acarretar em grandes dificuldades na adaptação ao necessitar criar um canal de comunicação bem elaborado e moderno.

Justificativa

De acordo com *Tapscott* (1996), um dos primeiros autores a refletir sobre o impacto das novas tecnologias da informação e comunicação sobre a atividade empresarial, o mundo está presenciando o nascimento de uma nova era, chamada de Era da Inteligência em Rede, na qual surge uma nova economia, uma nova política e uma nova sociedade, baseadas em indivíduos que, por intermédios de redes, podem combinar sua inteligência, seu conhecimento e sua criatividade para criar riqueza e desenvolvimento social.

Com isso, o computador e a *internet* passam a exercer influência importante na comunicação, que buscam ter a inovação,

agilidade e o aprendizado organizacional para construir relações sólidas e duradouras com seus clientes. Entretanto, por ser uma prática em sua essência mais experimental que técnica, surgem, sobretudo para empreendedores individuais, algumas lacunas no que tange à aplicar conceitos do marketing digital em seus negócios.

A partir então do reconhecimento dessas carências à adaptação aos meios digitais em face do fomento na utilização das redes sociais como ferramenta de vendas de produtos e serviços, é que se buscou criar um projeto de estudo das estratégias fundamentais para utilização do marketing digital como vetor comercial. O estudo buscou fornecer conceitos e informações a respeito das ferramentas básicas do *marketing* digital, a fim de capacitar pequenos empreendedores e pessoas com o interesse de empreender para utilizá-las em seus negócios.

Dessa forma, conseguimos traçar o objetivo central de desenvolvimento e impulsionamento de cada negócio por meio desta macro estratégia. Essa tendência digital, portanto, vem designando um rumo essencial às pequenas empresas atualmente, qual seja, estarem conectadas.

Graças a seu grande poder de propagação, a *internet* pode servir, portanto, para os pequenos empreendimentos, como elemento estratégico básico para a divulgação de informações, que pode ser feita diretamente para o público-alvo das empresas, aumentando as possibilidades de repercussão na medida em que os receptores da mensagem tendem a compartilhá-la (COLNAGO, 2014).

Referencial teórico

A Pandemia

Medidas de segurança sanitária foram implementadas em diversos países na intenção de frear o contágio do vírus SARS-CoV-2 e diminuir as chances de casos clínicos graves. Com o distanciamento social e as incertezas que assolaram a população neste

período, as organizações foram compelidas a deslocar suas atividades do ambiente físico para o meio digital.

Houve uma retração nas receitas em até 85% e a queda de leads em até 83% das 500 empresas brasileiras estudadas pela Ramper, plataforma de prospecção digital, Cruvinel (2020) aponta a carência de investimentos em inovação e desenvolvimento nas vendas como o principal motivo deste infortúnio, por outro lado as companhias que já tinham agregado ferramentas de marketing digital sofreram menos impactos durante a pandemia.

Empresas que souberam manusear bem ferramentas de comunicação como as redes sociais despontaram no mercado e conseguiram melhor administrar o momento adverso em favor do seu negócio, melhorando até mesmo processos como é o caso do atendimento ao cliente, ou *customer success*. Bezerra e Gibertoni (2021) mencionam o fato de que metade da população atual utiliza as mídias sociais e no ano de 2021 este número cresceu em 13% durante um dos momentos mais delicados da crise global, alcançando cerca de meio bilhão de usuários novos.

A Internet e as Redes Sociais

As redes sociais estão presentes na *Internet* e configuram hoje muito mais que um meio de comunicação. O que vemos é uma maior interação, geração de entretenimento, conhecimento e a criação de um ambiente de negócios para os usuários. São definidas por Ellison, Steinfield e Lampe (2007) como um espaço da *Web* que permite a seus usuários construir perfis públicos, articular suas redes de contatos e tornar visíveis essas conexões.

De forma complementar, Meira (2009) as considera como mecanismos que possibilitam a construção do imaginário coletivo e podem ser imprescindíveis para a criação e manutenção da sociedade em rede. A internet, com infinitas ferramentas, promove um custo próximo a zero, um espaço interativo, dinâmico e didático, propício aos negócios e a comercialização de produtos e serviços,

promovendo a aproximação das empresas e de seus públicos, além de ser utilizada no posicionamento estratégico de marcas e na diminuição de custos (COLNAGO, 2014).

Segundo Marques e Vidigal (2018), explorar o potencial das redes sociais por meio da criação de valor na construção de relacionamentos; cuidar do conteúdo disponibilizado; integrar a estratégia das redes sociais às estratégias da organização, principalmente, de relacionamento; e estar apto a dar respostas rápidas aos clientes, para Dong-Hun (2010), é um diferencial para as organizações estarem à frente em seus mercados de atuação. Este mercado propulsor para pequenos negócios ficou mais evidente durante a pandemia do Covid-19.

Marketing Digital

Klein e Todesco (2021) destacam que em meio a discussão sobre implicações práticas, encontra-se a necessidade de traçar uma estratégia baseada no conhecimento para lidar com a situação atual e as incertezas futuras. Ou seja, a aceleração do uso das novas tecnologias deve ser acompanhada de um estudo voltado para as necessidades específicas de cada empreendimento, o que compreende entender a estrutura da empresa e adequar a melhor estratégia em cada caso.

Sendo assim, Filho e Nascimento (2021) destacam o marketing digital como a utilização estratégica de ferramentas aplicadas ao espaço online, englobando a comunicação, publicidade, propaganda, entre outros. Se esta tática for executada de forma assertiva e transparente, uma relação de confiança pode ser criada, aproximando o cliente da marca. Com isto em mente, as principais técnicas abordadas pela extensão são:

QUADRO 1 - Técnicas abordadas pela extensão

Perfil empresarial	A intenção é dar maior visibilidade ao negócio, traçando meios para que mais pessoas conheçam a marca. As redes sociais podem ser uma maneira de alcançar este objetivo por permitirem e incentivarem a criação de perfis empresariais. “Como no Instagram Business, você poderá alcançar mais contas, utilizar métricas e conhecer seu público com maior profundidade.” Fonte: Recria, 2021.
Identidade da marca	Este conteúdo destrincha os valores e conceitos que a organização pretende transmitir ao seu público, ressaltando a sua personalidade e se diferenciando dos demais.
Neuromarketing	É a área de estudo que aborda a Neurologia e o Marketing na esfera do comportamento do consumidor, através dele é possível assimilar o impacto emocional que o consumidor tem ao entrar em contato com determinado produto ou marca.
Tráfego orgânico e pago	Refere-se ao fluxo de visitantes ao web espaço da marca, aumentando as chances de vendas ou contratação. O modo orgânico se traduz nas visitas espontâneas, enquanto o modo pago reflete a publicidade onerosa, a qual aumenta o alcance das postagens, além de ser direcionado para o nicho de interesse.
Gestão de redes sociais	Ao gerenciar a rede social da empresa é crucial estar atento ao posicionamento da marca na plataforma, para que o alcance e a reputação não sejam prejudicados, como por exemplo comprar seguidores, postar com baixa frequência, não interagir com o público e etc.

Fonte: Adaptado de Recria, 2021.

Estas matérias explanam o marketing digital para um exercício cotidiano, onde a organização interage com seu público com um grande imediatismo e precisa se adaptar a uma realidade com tendências que mudam corriqueiramente, à vista disso, conseguir se destacar da concorrência pode não ser uma tarefa fácil,

especialmente para o empreendedor inexperiente. Scandolara (2018) demonstra a visibilidade como um grande aliado na impulsão de vendas, entretanto é imprescindível segmentar para atingir o público alvo com o menor dispêndio de recursos e facilitar a implementação da comunicação personalizada, a qual possibilita uma interação mais próxima do consumidor. A empresa, de marketing de recompensas, Minu (2022) reforça em seu blog que consumidores online interagem em até 72% mais com marcas que estão atreladas aos seus interesses, ademais, brasileiros tendem a recomprar em lojas com atendimento personalizado em até 73%.

Objetivos

O objetivo geral do projeto foi fornecer conceitos e informações a respeito de ferramentas básicas do *marketing* digital, com intuito de capacitar pequenos empreendedores e pessoas com o interesse de empreender e utilizá-las em seus futuros negócios.

Para atingir o objetivo geral foram estabelecidos os seguintes objetivos específicos: a) Apresentar conceitos básicos a respeito do tema; b) Apresentar a importância do *marketing* digital para os pequeno empreendedores; c) Debater como aumentar as vendas através do *marketing* digital; d) Demonstrar como o uso de ferramentas digitais simples podem facilitar e influenciar positivamente o crescimento de seus negócios.

Objetivos alcançados

Na primeira edição, o projeto foi desenvolvido junto a estudantes, empreendedores e pessoas com interesse em empreender futuramente. Desse público, 57,9% eram estudantes, 23,7% tinham o interesse de empreender futuramente e 18,4% já empreendiam. Todos os objetivos propostos foram atendidos. Na primeira edição do projeto foram discutidos os temas “Empreendedorismo no meio digital” e “Instagram para pequenos e futuros empreendedores”.

Obtivemos um feedback positivo dos participantes, no qual 81,6% classificaram o projeto como sendo ótimo e 18,4% como bom.

Na segunda edição, o projeto foi desenvolvido junto a estudantes do segundo ano do ensino médio, da cidade de Campina Grande, que tinham como objetivo a construção de uma ideia para a formação de uma *start up*. Dessa forma, foi realizada uma parceria com o Ouse Criar, um projeto desenvolvido pelo Governo do Estado da Paraíba, no qual foram realizadas diversas oficinas que serviram como base para a formação das *startups*, tendo sido o “Estratégias de Marketing Digital para alavancagem de Negócios” uma dessas. Foram repassadas para esses alunos informações a respeito do que é *marketing* digital, sobretudo o que é voltado às redes sociais e que pudessem contribuir para que os alunos ampliassem suas visões sobre o assunto. Outro objetivo alcançado foi o de familiarizar os alunos com termos e métricas próprias do marketing digital e que fazem parte do dia a dia do profissional de marketing, a fim de que pudessemos demonstrar melhor a rotina e as ferramentas de trabalho utilizadas nesta área.

Metodologia

Descrição metodológica

Para alcançar os objetivos propostos foram realizadas reuniões e discussões remotas entre os participantes, pois a extensão foi executada em um dos piores momentos da pandemia. Assim, observou-se que a melhor abordagem para disseminar o conteúdo seria com a realização de *workshops* e o contato direto pelas redes sociais, com esses métodos seria possível discutir e aplicar os conceitos de *Marketing* Digital de forma mais interativa, como também explicar sobre como essas ferramentas auxiliam na gestão da comunicação entre os seus usuários num perfil criado exclusivamente para o *Instagram*.

Através do Revolução Criativa (RECRIA) – nome dado ao projeto na rede social, de *emails* aos alunos do Curso de Administração da UEPB e representantes de turma, a extensão teve seus conteúdos divulgados com plenitude. Os materiais criados na plataforma tinham temáticas específicas sobre o Marketing Digital e para ordenar a linha de raciocínio das postagens um calendário foi criado entre os integrantes, com a seguinte divisão das demandas: (a) fontes e conteúdos; (b) criação de artes, (c) legendas e revisões e (d) interações e parcerias. A cada 2 dias eram realizadas pesquisas que culminaram em publicações, interações e/ou mapas mentais para serem divulgados no feed ou nos *stories* do perfil RECRIA.

Em um segundo momento, as aplicações das atividades passaram a ser realizadas com a parceria de professores locais, juntamente com professores da Universidade Estadual da Paraíba- UEPB, que atuam no curso de administração. O esquema desta colaboração foi de levar informações científicas sobre o Empreendedorismo Digital, sendo assim, os petianos ficaram responsáveis em gerir um evento online que integrasse tanto os alunos, quanto os professores e empreendedores convidados. As tarefas operacionais planejadas eram: a divulgação, as inscrições, o evento, emissão de certificados e coleta de dados.

Os *workshops* permitiram aos ouvintes uma troca de conhecimentos muito enriquecedora com os profissionais da área. A primeira edição foi dividida em dois dias, com os workshops gratuitos que ocorreram nos dias 12 de maio de 2021, às 19 horas, com a consultora empresarial Pamela Abreu, a qual palestrou sobre o Empreendedorismo no Meio Digital, e 13 de maio de 2021, no mesmo horário, com o social *media* Dyego Naque, enunciando os conteúdos do Instagram para pequenos e futuros empreendedores.

Análise metodológica

Tendo em vista que os micro e pequenos empreendedores tiveram que migrar com urgência suas vendas para o *online*, o grupo compreendeu que seria de suma importância disseminar o conhecimento com métodos que os envolvidos conseguissem assimilar e aplicar de maneira prática em suas vidas, então um canal de comunicação seria muito bem-vindo para possibilitar a união da teoria com a prática, além de estabelecer um vínculo interlocutivo. Deste modo, o projeto adotou a plataforma *Instagram* como o seu principal meio de divulgação, pelo fato desta rede social ser uma das mais relevantes da contemporaneidade, além de ter um grande potencial para auxiliar nas vendas online por possuir recursos que divulgam e engajam produtos/serviços.

Este diálogo iniciou o contato com o público-alvo na intenção de divulgar conceitos básicos do *Marketing Digital*, a coordenação das informações que eram difundidas despertaram o interesse da plateia e geraram engajamento aos eventos que foram realizados em momentos conseguintes.

Considerações finais

Consideramos que nossos objetivos foram alcançados, pois todo o conhecimento possível (dentro das limitações) a respeito do tema foram transmitidos aos participantes. Os participantes demonstraram interesse pelo tema, fizeram diversas perguntas e tiveram uma boa interação com os ministrantes dos workshops. Alguns dos participantes já possuíam seus negócios e tiraram dúvidas sobre como implantar as estratégias do marketing digital em seus empreendimentos.

O desenvolvimento deste projeto, pode atender a uma parcela de empreendedores que não conseguiam custear consultorias, ou até mesmo cursos de desenvolvimento de estratégias de negócios,

por estarem iniciando no ramo e enfrentarem dificuldades para tornar seu empreendimento sustentável economicamente.

Outro ponto de destaque a se mencionar neste relato, trata-se da segunda edição do projeto, com alunos do ensino médio da rede pública de ensino. Nesta etapa do projeto, podemos apresentar a estratégia digital não apenas como uma ferramenta para difusão de marcas e modelos de negócios, mas também como um novo âmbito profissional, onde, diariamente, surgem inúmeras oportunidades de trabalho.

Com este foco, o público jovem, que está buscando qualificação profissional e direcionamento de carreira pode enxergar as novas possibilidades que o mercado apresenta e os caminhos flexíveis que podem ser seguidos nesta área de tecnologia da informação e *marketing*, mais especificamente. Assim, buscamos apresentar a importância do *marketing* digital para os negócios e, com isto, gerar o sentimento de oportunidade nestes jovens, uma vez que quando criamos um mercado, também criamos necessidades, e nesse caso, necessidades latentes de profissionais preparados e munidos de boas informações.

Referências

AGÊNCIA BRASIL. **Quase 4 milhões de negócios foram abertos em 2021 – Levantamento do Sebrae mostra recorde entre micro e pequenas empresas.** Brasília. 2022. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/economia/noticia/2022-02/quase-4-milhoes-de-novos-negocios-foram-abertos-em-2021>. Acesso em: 24 fev. 2023.

BATINGA, G. L. *et. al.* **Ambiguidades da Indústria 4.0: ganhos, eficiência e tensões entre os trabalhadores.** Encontro Internacional de Gestão, Desenvolvimento e Inovação (EIGEDIN), v. 5, n. 1, p. 1-17. out. 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufms.br/index>.

php/EIGEDIN/article/view/13904/9693.pdf. Acesso em: Acesso em: 18 ago. 2022.

BEZERRA, L. S.; GIBERTONI, D. **As mídias sociais durante a pandemia do covid-19: Análise comportamental dos usuários durante este período e as possibilidades para o futuro.** 2021. Revista Interface Tecnológica, v. 18 n. 2. Disponível em: <https://revista.fatectq.edu.br/interfacetecnologica/article/view/1239/676>. Acesso em: 17 fev. 2023.

COLNAGO, C. K. **Comunicação para os Pequenos Negócios: Proposta de Modelo de Aplicação Prática para Posicionamento em Mídias e Redes Sociais Digitais.** 2014. 392 p. Tese (Doutorado em Comunicação Social) - Faculdade de Comunicação da Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo dos Campos, 2014. Disponível em: <http://tede.metodista.br/jspui/bitstream/tede/694/1/CamilaKrohlingColnago.pdf>. Acesso em: 29 jul. 2022.

CRUVINEL, I. B. **Marketing digital em tempos de pandemia.** Gestão & Tecnologia pg. 56. Faculdade Delta. v. 1, ed. 30. 2020. Disponível em: <https://www.faculadadedelta.edu.br/revistas3/index.php/gt/article/view/57/44>. Acesso em: 17 fev. 2023.

DONG-HUN, L. Growing popularity of social media and business strategy. **SERI Quarterly**, v. 3, n. 4, p. 112-117, oct. 2010. Disponível em: <https://silo.tips/download/growing-popularity-of-social-media-and-business-strategy#>. Acesso em: 29 jul. 2022.

ELLISON, N. B.; STEINFELD, C.; LAMPE, C. The benefits of Facebook “friends:” Social capital and college students’ use of online social network sites. **Journal of Computer-Mediated Communication**, v. 12, n. 4, p. 1143-1168. jul. 2007. DOI 10.1111/j.1083-6101.2007.00367.x. Disponível em: <https://academic.oup.com/jcmc/article/12/4/1143/4582961>. Acesso em: 18 ago. 2022.

FILHO, J. E. B.; NASCIMENTO, R. M. L. L. **A importância do marketing digital no contexto de pandemia.** pg. 10. UniEvangélica - Centro Universitário. 2021. Disponível em: <http://repositorio.aee.edu.br/bitstream/aee/18123/1/TCC%20FINAL%20JORGE%20E%20BAZI%20FILHO.pdf>. Acesso: 17 fev. 2023

KLEIN, V. B.; TODESCO, J. L. **Crise do COVID-19 e respostas das PMEs: O papel da transformação digital.** Gestão de Conhecimento e Processos, v. 28, n. 2, p. 117-133, 2021.

MARQUES, L. K. S.; VIDIGAL, F. Prosumers e redes sociais como fontes de informação mercadológica: uma análise sob a perspectiva da inteligência competitiva em empresas brasileiras. **Transinformação**, v. 30, n. 1, p. 1-14, 2018. DOI 10.1590/2318-08892018000100001. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tinf/a/YhT8zJ3F9nc9pSrYB8DvTRC/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 29 jul. 2022.

MEIRA, F. B. **As encruzilhadas da autogestão: imaginário e simbólico nas empresas assumidas por trabalhadores.** 2009. 358 p. Tese (Doutorado em Administração de Empresas) – Escola de Administração de Empresas, Fundação Getúlio Vargas, São Paulo, 2009. Disponível em: <https://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/handle/10438/4573>. Acesso em: 5 ago. 2022.

Minu. **Como fazer uma boa gestão de relacionamento com o cliente?** 2022. Marketing de Relacionamento. Acesso em: <https://www.minu.co/blog/gestao-de-relacionamento-com-o-cliente>. Acesso em: 26 fev. 2023.

RECRUA. **Revolução Criativa.** Campina Grande. 2021. Instagram: @revolucao.criativa. Disponível em: <https://instagram.com/revolucao.criativa?igshid=OTJlNzQONWM=>. Acesso em: 24 fev. 2023.

SCANDOLARA, C. C. **A importância do marketing digital nas empresas como alternativa para alavancar os lucros.** 2018. pg.

7. UNISUL. Repositório Anima Educação. Disponível em: https://repositorio.animaeducacao.com.br/bitstream/ANIMA/3619/1/CHAIANA_CARDOSO_SCANDOLARA-%5B48345-11301-1-696814%5Dartigo_finalizado_e_corrigido_-_CHAIANA_C._SCANDOLARA.pdf. Acesso em 26 fev. 2023.

TAPSCOTT, D. **The Digital Economy**. McGraw-Hill: New York, 1996.

APRENDER A EMPREENDER: DESAFIOS E CONQUISTAS NO PERÍODO DA PANDEMIA

Dra. Jacqueline Echeverría Barrancos¹

Dra. Manuela Eugênio Maia²

Dra. Viviane Barreto Motta Nogueira³

Keila Silva de Macedo⁴

Kethlyn Queiroz Lourenço⁵

Natasha Rosana Silva Santos⁶

Wanderley Junior da Silva⁷

Introdução

Em um momento de constantes mudanças, a preocupação com a sustentabilidade do planeta, a necessidade de inovar para garantir o futuro dos empreendimentos e a busca por alternativas para sobrepor a crise são os desafios marcantes na história do empreendedorismo. Ao longo do tempo, o estudo do empreendedorismo tem se tornado atrativo e de grande interesse para diversos públicos e segmentos que visam a uma relação com o desenvolvimento da economia (DORNELAS, 2014; LOPES; OROFINO 2016). O Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE, 2020a), órgão da sociedade que presta um serviço de apoio aos empreendedores, vem atualizando suas metodologias e trabalhando com esse

1 Professora do Curso de Arquivologia - Campus V/UEPB -Coordenadora do projeto 'Aprender a empreender: desafios e conquistas no período da pandemia' (cota 2020-2021) - Área temática: Trabalho; linha programática: '17. Divulgação Científica e Tecnológica'

2 Professora do Curso de Arquivologia - Campus V/UEPB. Colaboradora

3 Professora do Campus V/UEPB - Colaboradora

4 Discente do Curso de Arquivologia - Campus V/UEPB - Colaboradora

5 Discente do Curso de Arquivologia - Campus V/UEPB - Colaboradora

6 Discente do Curso de Arquivologia - Campus V/UEPB - Bolsista

7 Discente do Curso de Arquivologia - Campus V/UEPB. Colaborador

perfil do empreendedor para solucionar os problemas da melhor forma possível junto com o público empreendedor.

Compreende-se que, nesse contexto, o mundo vive momentos de crise provocados pelo surto da doença causada pelo novo coronavírus (SARS-COV-2), que, segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), trata-se de uma emergência da Saúde Pública de importância internacional – que é o mais alto nível de alerta considerado por esse órgão como uma pandemia que levou as pessoas a cumprirem medidas de isolamento social (OPAS, 2020). Essa ruptura gerada pelo **coronavírus** também impulsionou a mudança dentro das empresas de qualquer porte. Se, antes, havia certa relutância em abraçar as transformações digitais, agora se compreende que é preciso inovar (FILHO, 2020).

Em resposta a esse novo panorama, a Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) promoveu, imediatamente, uma série de discussões e debates remotos junto com a comunidade para instituir normativas para o funcionamento das atividades técnico-acadêmicas, como a Instrução Normativa/UEPB/GR nº 001/2020 (UEPB, 2020a), que

estabelece instruções normativas para disciplinar o uso facultativo de tecnologias digitais de informação e comunicação para fins de ministração de conteúdos vinculados a componentes curriculares de natureza teórica, durante o período estabelecido na PORTARIA/UEPB/GR/0014/2020

A Resolução nº 0229/2020, discutida e aprovada pelo Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão (CONSEPE), na UEPB, no sentido de seguir as recomendações da OMS e das autoridades sanitárias do país e fortalecer o isolamento social,

estabeleceu normas para a realização de componentes curriculares, bem como outras atividades de ensino e aprendizagem, orientação,

pesquisa e extensão, por meio de atuação não presencial, na graduação, pós-graduação e no ensino médio/técnico. (UEPB, 2020b)

A decisão conjunta do Egrégio Conselho do Ensino, Pesquisa e Extensão (CONSEPE) e do Conselho Universitário (CONSUNI), em reunião ordinária realizada em sete turnos, nos dias 18, 22, 23, 25 e 26 de junho de 2020, levou a UEPB a implementar novas formas e rotinas de trabalho de forma virtual.

Nessa nova conjuntura, o projeto de extensão 'Aprendendo a Empreender', inserido no Programa da Criação da Incubadora Universitária, passou a ser um desafio, uma vez que todo o seu processo de Educação Empreendedora proposta pelo SEBRAE visa ressignificar as práticas de aprendizagem, de forma a considerar fundamentos de autonomia para aprender de acordo com os quatro pilares da educação (aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a viver juntos e aprender a ser) propostos pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO).

Nesse sentido, a metodologia do minicurso 'Aprender a Empreender' envolve 90% de práticas de aprendizado vivencial, para que os participantes tenham a oportunidade de trabalhar os hemisférios cerebrais de forma harmônica, adquiram autoconhecimento e desenvolvam atitudes empreendedoras. Entretanto, nessa configuração, não foi possível conduzir o minicurso e foi necessário aceitar os desafios, buscando soluções criativas para continuar a ministrá-lo e incentivar os participantes da comunidade do Bairro do Cristo Redentor a fazê-lo em formato *online*, porquanto o público que se pretendia atingir para oferecê-lo era composto de pessoas da comunidade.

Tendo em vista essa nova realidade, este estudo partiu do seguinte questionamento: Qual(ais) o(os) desafio(s) a ser(em) enfrentado(s) no período da pandemia do novo coronavírus na perspectiva de aprender a empreender? Para tanto, o objetivo geral do estudo foi de analisar os desafios gerados pela pandemia do

novo coronavírus, na perspectiva de 'Aprender a Empreender', para disseminar a cultura empreendedora na comunidade acadêmica, fazer uma revisão bibliográfica e selecionar as estratégias de forma a conduzir o minicurso com êxito.

Cenário

Em tempos de um novo paradigma definido pelas tecnologias da informação, como a internet das coisas, muito se fala em uma possível falência dos métodos tradicionais de educação (BRUCE, 2018). Para Magaldi e Neto (2018), esse ambiente requer ousadia, pensamento em longo prazo e, sobretudo, compromisso e coragem para executar planos que fogem ao *status quo*. O estímulo à ação fará toda a diferença no mundo em transformação, pois é do agir que virão as principais lições de disrupção.

Quanto ao contexto para ofertar o minicurso, foi possível perceber, no cotidiano das pessoas, a necessidade de avançar em seus projetos pessoais e profissionais. Por tal motivo, foram elencados os seguintes indicadores:

- » **A educação se renova**, visto que as pessoas aprendem e se adaptam ao novo de maneira particular em função de suas habilidades de perceber e de absorver os conteúdos e os interesses.

Quanto às experiências didáticas, foram aplicadas e difundidas metodologias tecnológicas em sala de aula, como o computador e, mais recentemente, o telefone celular, o smartphone, o notebook e o *tablet* (mobilidade), todos conectados à internet, que impuseram uma adaptação rápida ao 'novo normal' para apresentar os conteúdos e produzir conhecimentos de forma eficaz. Atualmente, a Web disponibiliza várias redes sociais online - Facebook, Instagram, Pinterest, Reels, Messenger, Telegram, LinkedIn, Ning, Myspace, Wikipedia, Youtube, Twitter, entre outras (ALCARÁ et al., 2006).

O uso do Instagram (lives), do WhatsApp (reuniões, cursos com inteligência artificial), do Tiktok, do Youtube (vídeos), da Plataforma Zoom (palestras) e da Plataforma Google Meet (oficinas e palestras) foi um novo processo de ensino-aprendizagem que resultou em novas vivências e experiências na educação.

- » **Relação entre o tempo, o espaço e o custo:** nas atividades de trabalho como *'home office'*, o processo de ensino-aprendizado ficou mais flexível para organizar horários. O espaço não chega a impor uma estrutura, para entender que, com um smartphone, um celular, um *tablet*, um computador ou um notebook, podem oferecer condições de trabalho com o menor custo para obter os melhores resultados e condições no processo educacional.

Dos procedimentos teórico-metodológicos

Considerando que o projeto de extensão foi realizado em meio a um público formado por empreendedores individuais e outros potenciais empreendedores de forma virtual, tendo como campo de estudo a definição de estratégias para implementar no minicurso 'Aprender a Empreender' e que, na literatura atual, o assunto é relativamente inexplorado, foi adotada uma estratégia exploratório-descritiva como abordagem metodológica. O método exploratório é considerado particularmente adequado, porque é empregado para analisar problemas complexos e quando existe pouca ou nenhuma informação prévia sobre o problema em questão (RICHARDSON, 2008; MALHOTRA, 2001). Devido ao pouco conhecimento que se tem desse perfil das decisões estratégicas, nesta pesquisa, só foram adotadas as medidas recomendadas pelo SEBRAE.

Por outro lado, a pesquisa descritiva procura descrever fenômenos ou estabelecer relações entre as variáveis, uma vez que se preocupa em investigar, analisar e descrever as estratégias que foram viabilizadas para enfrentar a crise no período da pandemia do novo coronavírus (MCDANIEL; GATES, 2003; MICHEL, 2009).

Nesse transcurso de tempo e dos novos desafios, o minicurso 'Aprender a Empreender' foi ofertado de forma virtual, seguindo a metodologia recomendada pelo SEBRAE (LOPES, OROFINO, 2016). Porém, o percurso não foi realizado completamente, com as dinâmicas e uma série de práticas, simulações e jogos de negócios que só poderiam ser feitos presencialmente (SEBRAE, 2022).

Ressalte-se, entretanto, que os participantes foram informados do uso de algumas estratégias relevantes que complementam o processo, como: Design Thinking, Oceano Azul e Modelo Canvas. A primeira tem o objetivo de auxiliar o empreendedor a entender as demandas reais do mercado e a adotar estratégias para atender a dessas demandas; a segunda visa conhecer o mercado da concorrência, com reais condições para que ele possa criar produtos que ainda não foram ofertados no mercado; e a terceira objetiva facilitar a compreensão e visualizar o negócio como um todo, mediante um mural que expõe nove ações para o empreendedor.

A metodologia baseia-se nos novos paradigmas, em que o empreendedorismo adota as redes sociais em um sentido amplo, sistêmico e sustentável. Como a metodologia empregada foi semiaberta, os participantes adequaram o empreendedorismo à realidade cultural e social, aprimorando e ampliando as vivências propostas para que os participantes tivessem a oportunidade de trabalhar os hemisférios cerebrais de forma harmônica.

Descrição e análise

A disciplina foi estruturada em quatro oficinas, cada uma com 10 horas-aula de duração, portanto, 40 horas de aplicação com os participantes. Os conteúdos e as oficinas do minicurso foram organizados em encontros. Cada oficina foi constituída de 2h/a, aplicadas em um único encontro, conforme o planejamento já organizado. Redes sociais, como o *Instagram*, o *WhatsApp* e o *Youtube*, possibilitaram a aproximação entre pessoas em meio à crise sanitária vivenciada no Brasil a partir de março de 2020.

QUADRO 1: Estrutura do minicurso 'Aprender a Empreender'

Oficina	Temas	Palestras	Carga horária
Oficina 1	O Empreendedor	Empreendedorismo e características do comportamento empreendedor	4h/a
Oficina 2	O Empreendedor e as oportunidades	Análise do mercado e a identificação de oportunidades	20h/a
Oficina 3	Modelo de Negócios	Simulação do modelo de negócios Canvas	06h/a
Oficina 4	Marketing	Unidades informacionais no Arquivo	10h/a

Fonte: Dados da pesquisa - 2022

Para entender bem mais esse processo, do ponto de vista da estrutura do minicurso ofertado no contexto do Campus V, tivemos o objetivo de desenvolver projetos de educação empreendedora. Ao longo dessa jornada de atividade acadêmica, participamos de treinamentos e capacitação em parceria com o SEBRAE (2020) e de outros eventos e palestras de valor ligadas ao ambiente empresarial e organizacional. Iniciamos o trabalho em 2011 e, ao longo do tempo, esse projeto foi se credenciando pela procura e demanda de atuais e potenciais empreendedores.

Dados do SEBRAE mostram que atualmente o Brasil tem 19 milhões de empresas, das quais 9.810483 são microempresas individuais. Na Paraíba, são 134.368 empresas. Desse segmento, estão em primeiro lugar as áreas de serviços, comércio, indústria, construção civil e agropecuária.

Ambiente virtual de aprendizagem aplicado do ensino de empreendedorismo

Atualmente, o novo panorama do mundo digital e conectado propicia a criação de ferramentas educacionais, o que contribui para o surgimento dos ambientes virtuais de aprendizagem. O ambiente virtual de aprendizagem é uma plataforma que

disponibiliza ferramentas de comunicação, colaboração, administração e interação.

A Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) disponibilizou gratuitamente, para toda a comunidade (professores, estudantes e técnicos administrativos), a plataforma G Suite. Para a UEPB, foi uma adesão, sem custos, da Instituição aos serviços Google que passam a ter acesso a e-mail ilimitado, Google Drive, Agenda, Hangouts, Meet, Fóruns, Google Sala de Aula, entre outras ferramentas disponíveis pela plataforma (LIMA; et al 2020).

Partindo dessa perspectiva, Valle e Marcom (2020) observaram que o “novo normal” abriu um chamado para investigar os Projetos Políticos (PP) que se apresentam como campo fecundo para pensar a respeito do momento histórico vivenciado pela educação em 2020.

Nesse escopo e com a finalidade de realizar novas ações, tendo em vista que o curso foi ofertado de forma virtual, iniciou-se um processo de comunicação com o público para que conhecesse os eventos ofertados pelo Projeto de Extensão.

Para essa etapa, foram realizadas diversas ações com a equipe do projeto, como: design, logotipo e alimentação das informações. A ferramenta utilizada para tal foi o *Instagram @empreenderuepb*, por meio do perfil do projeto, postagens no *feed*, dias antes do evento, e pelos *stories* diariamente durante o período de inscrição. (FIGURA 1)

FIGURA 1. Aprender a Empreender @empreenderuepb



Fonte: Elaborada pelos autores (2022)

Identificação das ações desenvolvidas

Com o objetivo de tornar o minicurso ‘Aprender a Empreender’ atrativo e difundir o espírito de empreendedorismo com os participantes, foram desenvolvidas diversas ações: i) planejamento de atividades com a coordenadora do Programa da criação da Incubadora Universitária; participação em reuniões com a equipe de trabalho; iii) participação em cursos para promover o curso de forma virtual; iv) Minicurso Aprender a Empreender; v) lançamento da conta do Instagram e vi) *oferta de palestras para a comunidade*.

Durante os dois meses de planejamento das ações, algumas questões norteadoras foram sobre como estimular atitudes inovadoras em salas de aulas virtuais e questões sobre a efetividade do ensino prático de empreendedorismo e das práticas para despertar nos participantes comportamentos e estimular atitudes.

i. Participação em reuniões com a equipe de trabalho

Quinzenalmente, as reuniões foram realizadas para aprimorar a nova modalidade ofertada de forma virtual. Essas reuniões foram realizadas para definir o cronograma de ações, como oferta do minicurso para os estudantes do Curso de Relações Internacionais do Campus V; participação em cursos para aprimorar o conhecimento das ferramentas virtuais; definição do conteúdo e capacitação pelo SEBRAE; lançamento do Instagram ‘Aprender a Empreender’ e organização de palestras.

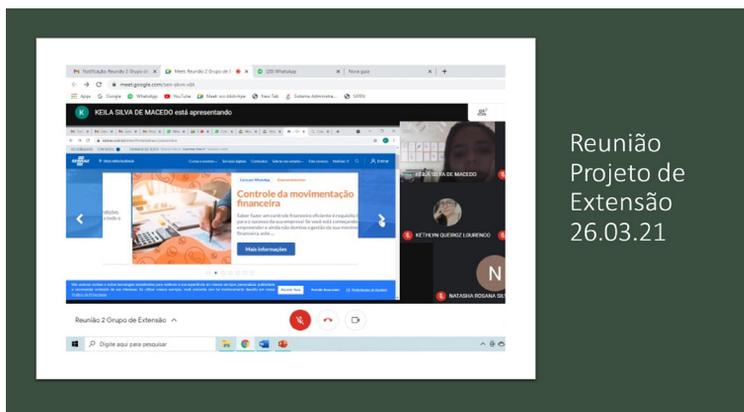
ii. Participação em cursos de capacitação

Considerando a necessidade de aprimorar os conhecimentos para ofertar o minicurso ‘Aprender a Empreender’, todos os participantes da equipe de trabalho participaram de módulos de capacitação para aprender sobre empreendedorismo. Os cursos eram promovidos pelo SEBRAE, via *Whatsap*. Foram sete cursos. (Ver FIGURA 2):

- Conhecendo e valorizando seu cliente
- Planeje suas metas e resultados

- Avaliando as vendas do seu negócio
- Será que sou empreendedor? (Finalizado)
- Empreendedor de sucesso
- Controle de movimentação financeira
- Marketing digital: planejar para vender pela Internet (Iniciado)

FIGURA 2. Módulo de Capacitação



Reunião
Projeto de
Extensão
26.03.21

Fonte: Elaborada pelos autores (2022)

Lopes, Lima e Nassif (2017) afirmam que, em época de crise, quando o número de desempregados aumenta, e as oportunidades de emprego encurtam, mesmo para o segmento de jovens mais capacitados, como os universitários, é necessário ajudá-los a desenvolver uma perspectiva ampla de suas carreiras, estimular uma mentalidade empreendedora e capacitá-los nessas competências para prepará-los para a sociedade do conhecimento e para contextos mais incertos. Essa foi uma das contribuições mais importantes para a equipe de trabalho aprender sobre a educação empreendedora, especialmente temas que, para eles, seriam complexos, como, por exemplo, o controle de movimentação financeira.

Na **Oficina 1**, o tema foi ‘O Empreendedor’, se trabalhou com um curso básico sobre empreendedorismo e características do comportamento empreendedor, a oficina durou 4 h/a”. (FIGURA 3)

FIGURA 3: Minicurso ‘Aprender a Empreender’

Campus V – João Pessoa
CCBSA
Programa de Extensão
Incubadora Universitária
Projeto
“Aprender a Empreender”:
Empreendedorismo e
Características do
Empreendedor

Prof. Dra. Jacqueline Echeverría
Barrancos
Coordenadora do Projeto

Organização do Minicurso
de Empreendedorismo

- O Empreendedor
- Características
- Aplicação de Exercício
- Case de “Estudo”
- Breve Intervalo
- Aplicação de Exercício
- Encerramento

• Programação de 4h
• Certificado

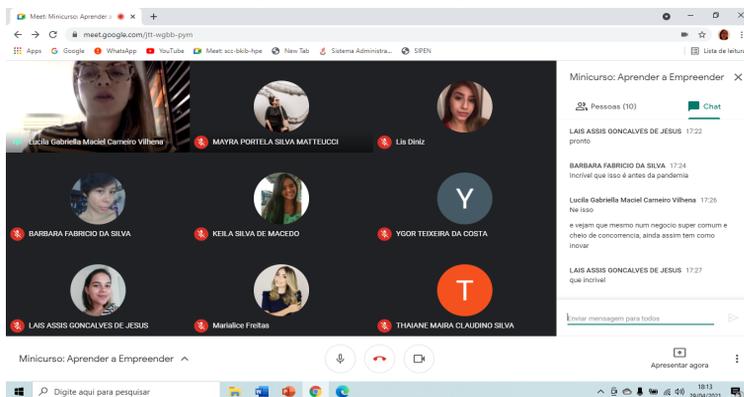
Fonte: Elaborada pelos autores - 2022

Conforme o calendário e o planejamento de atividades, o minicurso foi promovido para os estudantes do Projeto da Incubadora Universitária, com a finalidade de transmitir o conhecimento básico sobre as ferramentas necessárias para empreender as características do empreendedor e motivá-lo a empreender. A capacitação foi realizada de forma virtual, por meio da plataforma do Google Meet, em 29.04.21, em uma quinta-feira, das 14:00 às 18:00h. Link: meet.google.com/jtt-wgbb-pym. Compareceram dez alunos do Curso de Relações Internacionais (RI), duas professoras e duas monitoras.

A oficina foi desenhada para que os participantes dominassem os principais conceitos de empreendedorismo e dinâmicas de trabalho para estimular e inovar, criando formas e ambientes para o desenvolvimento de ideias em *startups*, não apenas com técnicas expositivas, mas também, sobretudo, com técnicas que estimulassem o desenvolvimento de competências empreendedoras das alunas de RI. Podemos inferir que a UEPB deve participar

desse esforço, a fim de que os estudantes de RI ampliem sua visão e tomem a iniciativa de empreender, transferir e aproveitar o conhecimento na comunidade e inseri-lo em empresas e outros tipos de atores.

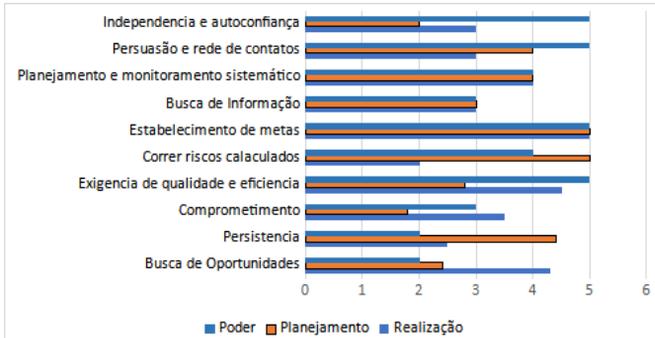
FIGURA 4. Participantes do minicurso 'Aprender a Empreender'



Fonte: Elaborada pelos autores (2022)

No segundo momento da oficina, foi aplicado um questionário com os dez comportamentos empreendedores mapeados por David McClelland. Cada campo contempla as características organizadas em três conjuntos, a saber: Características relacionadas ao **Conjunto de Realização** (Busca de oportunidades, Persistência, Comprometimento, Exigência de qualidade, Eficiência e Correr riscos calculados). Características relacionadas ao **Conjunto de Planejamento** (Estabelecimento de metas, Busca de informação, Planejamento e Monitoramento sistêmico). Características relacionadas do **Conjunto de Poder** (Persuasão, Rede de contatos, Independência e Autoconfiança).

FIGURA 5: Perfil empreendedor de características

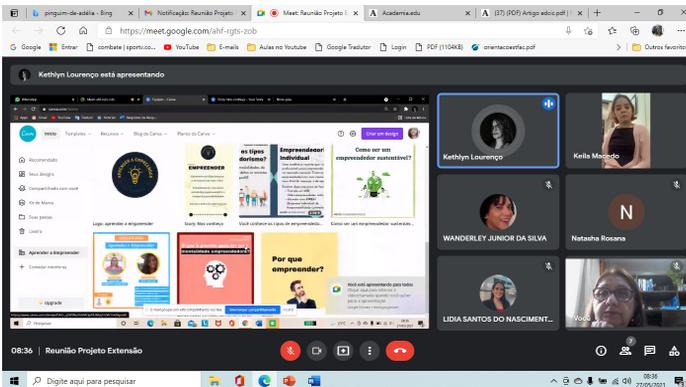


Fonte: Dados da pesquisa (2022)

Na FIGURA 5, vê-se que as características mais impactantes estão inseridas no campo do Poder, em que ser empreendedor significa ter independência, autoconfiança, persuasão e redes de contato, além de planejar e estabelecer metas.

Na **Oficina 2**, cujo tema foi ‘Oportunidades’ e que durou 20 h/a, o objetivo foi de entender e estimular atitudes do empreendedor para fazer acontecer e estimular pequenas ações práticas dos participantes. Na FIGURA 5, apresenta-se um dos encontros para realizar essas atividades.

FIGURA 6: Participantes da oficina



Fonte: Elaborada pelos autores (2022)

Como pode ser visto na FIGURA 6, os desafios para quebrar a rotina e experimentar o diferente podem ser realizadas no dia a dia, em casa, e foram exemplos de atitudes que os participantes assumiram e aprenderam a desvencilhar da zona de conforto, aprendendo a explorar novas possibilidades, ampliar a capacidade do cérebro, perceber oportunidades e vislumbrar soluções.

A **Oficina 3** – ‘Modelo de Negócios’ – em que se trabalhou com o **Ensino de Empreendedorismo**, foi organizada em formato de palestra, intitulada ‘Empreendedorismo: a arte de empreender em ‘arquivos’’. Com um público mais abrangente, a oficina foi promovida em parceria com a professora Manuela Eugênio Maia, em 20 de agosto de 2021, e divulgada pelo Instagram. Foram inscritas 100 pessoas, por meio do link <https://drive.google.com/file/d/1MMs7->

Nessa oficina, trabalhou-se com a metodologia do Oceano Azul, cujo objetivo é de possibilitar que qualquer organização – grande ou pequena, estreada ou veterana – assume o desafio de criar oceanos azuis para maximizar oportunidades e minimizar riscos (KIM; MAUBORGNE, 2019).

A estratégia do oceano azul rompe com o estrangulamento da competição. O ponto nevrálgico da oficina é a noção de mudança da visão de competir para criar uma nova oportunidade de mercado e tornar a competição irrelevante (KIM; MAUBORGNE, 2019; OROFINO; LOPES, 2016).

A **Oficina 4**, em que foi abordado o tema ‘Marketing’, foi organizada em formato de palestra, intitulada ‘Marketing para Unidades de Arquivos: usos e usuários da Informação’. A oficina, da qual participou um público mais abrangente, foi promovida em parceria com a professora Manuela Eugênio Maia, em 27 de agosto de 2021. Foi divulgada via Instagram e teve um alcance de 75 inscritos. Link da palestra: https://drive.google.com/file/d/1CCNr_zJEotORxr-s7IDhN6NR1qPJ-1C/view

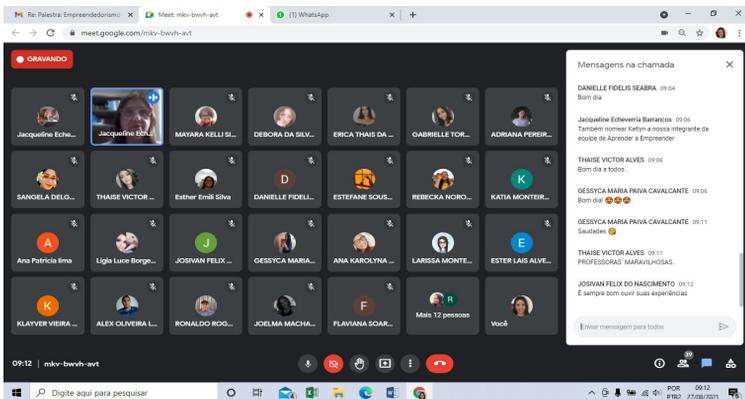
FIGURA 7: Divulgação das palestras no Instagram



Fonte: Elaborada pelos autores (2022)

Na palestra sobre Marketing, foi trabalhado o Modelo Design Thinking, um processo de pensamento que vai além da necessidade de criar um produto ou serviço. Significa se colocar no lugar do outro para compreender melhor seu comportamento de compra e seus desejos. Assim, é possível traduzir observações em *insights* que podem acenar para melhorar a vida das pessoas. Do ponto de vista da filosofia do Marketing, propõe, em seu escopo, que se atenda às necessidades do consumidor.

FIGURA 8: Participantes da palestra sobre Marketing



Fonte: Elaborada pelos autores (2021)

Finalizando o projeto de extensão, com a viabilidade e a execução das ações, convém afirmar que o empreendedorismo pode ser ensinado a qualquer pessoa, desde que sejam utilizadas metodologias de ensino apropriadas, com procedimentos, vivências e técnicas adequados ao processo de ensino-aprendizagem.

Maia et al (2021) asseveram que, além das instituições de ensino e das organizações que focalizam os processos de aprendizagem, a educação é um importante ambiente em transformação que demanda uma reflexão profunda sobre os modelos de aprendizado mais adequados para essa nova era.

Considerações finais

Com o estudo de extensão, foi possível concluir que o fenômeno empreender já vinha se expandindo no Brasil, quanto aos desafios de aprender e empreender. Mesmo antes da pandemia do coronavírus, mas, devido ao isolamento social, os cursos online passaram a ser bastante procurados, e isso gerou demandas.

Considerando que o minicurso 'Aprender a Empreender' é curto e que teve algumas limitações devido ao isolamento social, o projeto-piloto teve excelentes resultados, demonstrados na satisfação dos participantes, que declararam que as oficinas trazem abordagens inovadoras para o desenvolvimento de competências empreendedoras. Nesse contexto, as oficinas promovidas acenam para um caminho viável quando se trata de ensinar empreendedorismo para vários públicos, vão além da formação em negócios e possibilitam que a atitude de empreender seja desenvolvida dentro dos princípios da educação contidos nos quatro pilares da UNESCO.

Com a pandemia, no que diz respeito ao processo de ensino-aprendizagem no âmbito online, a educação passou a ser uma nova realidade para muitas organizações, um cenário que antes parecia distante da realidade. Manter esse vínculo pode ser uma chave para as grandes empresas abrirem as portas do futuro pós-pandemia e para que os pequenos empreendedores tenham acesso a novos mercados e novos clientes.

É importante destacar o desempenho da UEPB, que, por meio de Portarias e de Resoluções, manteve as suas atividades universitárias em formato remoto. O corpo docente teve que se adaptar às novas formas de promover o ensino, a pesquisa e a extensão, visto que contribuiu para fazê-los perceber que podem ser os protagonistas de mudanças no universo das atividades acadêmicas.

No caso do SEBRAE, ao cooperar com a UEPB, oferece acordos e parcerias para implementar a educação empreendedora, com soluções metodológicas e a expertise na capacitação dos professores para difundir uma cultura mais empreendedora nas IES e promover oportunidades.

No caso específico do minicurso 'Aprender a Empreender', um novo caminho a ser percorrido e não pavimentado desafiou-nos a saber fazer as coisas em momentos muito críticos de enfrentamento da saúde pública mundial e a superar as adversidades impostas pela crise da pandemia. Como proposta extensionista, foram atendidos, aproximadamente, 130 usuários-internautas, que participaram on-line de nossas quatro oficinas promovidas, para cujos participantes foram emitidos certificados.

Referências

ALCARÁ, A. R. *et al.* As redes sociais como instrumento estratégico para a inteligência competitiva. **Transinformação**, v. 18, n. 2, p. 143-153, ago. 2006. DOI: 10.1590/S0103-37862006000200006. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tinf/a/McYsCxjTnYNZHdYwCvWqcjw/?lang=pt> Acesso em: 02 ago. 2022.

BRUCE, Sinclair. **IoT**: como usar a internet das coisas para alavancar seus negócios. São Paulo: Autêntica Business, 2018.

DORNELAS, José. **Empreendedorismo para visionários**: desenvolvendo negócios inovadores para um mundo em transformação. Rio de Janeiro: Empreende: / LTC, 2014.

FILHO, Aluizio Falcão. Lições da megalive: o autoconhecimento é fundamental para crescer. Exame. 2020 <https://exame.com/columnistas/money-report-aluizio-falcao-filho/licoes-da-megalive-o-autoconhecimento-e-fundamental-para-crescer/> Acesso em: 8 ago. 2022.

KIM, W. Chan.; MAUBORGNE, Renée. **A estratégia do oceano azul**: como criar novos mercados e tornar a concorrência irrelevante. Rio de Janeiro: Sextante, 2019.

LIMA, et al. **Orientações para utilização do Google Sala de Aula**. Disponível em: [http://< http://proreitorias.uepb.edu.br/prograd/wp-content/uploads/sites/7/2020/05/UEPB-ORIENTA%C3%87%C3%95ES-PARA-O-G-CLASSROOM.pdf>](http://<http://proreitorias.uepb.edu.br/prograd/wp-content/uploads/sites/7/2020/05/UEPB-ORIENTA%C3%87%C3%95ES-PARA-O-G-CLASSROOM.pdf>). Acesso em 10.06.2020.

LOPES, Mauro Pedro.; OROFINO, Maria Augusta. **Disciplina Empreendedorismo**. Manual do professor. Brasília: SEBRAE, 2016.

LOPES, Rose Mary Almeida; LIMA, Edmilson de Oliveira; NASSIF, Vânia Maria José. Panorama sobre a educação para o empreendedorismo. In LOPES, Rose Mary Almeida (org.). **Ensino de empreendedorismo no Brasil**. 2017. p.21-54.

MAGALDI, Sandro; SALIBI NETO, José. **Gestão do amanhã**: tudo o que você precisa saber sobre gestão, inovação e liderança para vencer na 4ª revolução industrial. São Paulo: Editora Gente, 2018.

McDANIEL, C. e GATES R. **Pesquisa de marketing**. São Paulo: Pioneira. 2003.

MAIA, Manuela Eugênio; DORNELES, Sânderson Lopes; BARRANCOS, Jacqueline Echeverría; LLARENA; Rosilene Agapito da Silva. Perspectiva discente sobre as aulas remotas no Curso de Bacharelado em Arquivologia da Universidade Estadual da Paraíba: retrato da realidade pedagógica da pandemia. **Revista Folha**

de Rosto. Juazeiro do Norte, n. 7, v. 3, p 194-230, set./dez. 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufca.edu.br/ojs/index.php/folhaderosto/article/view/709/589>. Acesso em: 22. ago. 2022.

MICHEL, Maria Helena. **Metodologia e pesquisa científica em Ciências Sociais:** um guia prático para acompanhamento da disciplina e elaboração de trabalhos monográficos. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2009.

OPAS. Organização Pan-Americana de Saúde. **Folha informativa – COVID-19** (doença causada pelo novo coronavírus), 2020. Disponível em: https://www.paho.org/bra/index.php?option=com_content&view=article&id=6101:covid19&Itemid=875 Acesso em: 10 ago.2022. às 12h29min

RIBEIRO, Elthon Ferreira. Redes sociais na pandemia: análise das lives na quarentena. Revista Temática, v. 17, n. 03, p. 202-2016, mar. 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/tematica/article/view/58296/33085>. Acesso em: 22 ago. 2022.

RICHARDSON, Roberto Jerry. **Pesquisa social:** métodos e técnicas. São Paulo: Atlas, 1999.

SEBRAE. Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas. **Pesquisa do SEBRAE aponta queda de faturamento dos pequenos negócios com a pandemia.** 10 de abril de 2020a. Disponível em: <http://www.ma.agenciaSEBRAE.com.br/sites/asn/uf/MA/pesquisa-do-SEBRAE-aponta-queda-de-faturamento-dos-pequenos-negocios-com-a-pandemia,46c9cc29a0eb1710VgnV-CM1000004c00210aRCRD> . Acesso em 1 de junho de 2022.

SEBRAE. **Conheça características importantes para o comportamento empreendedor.** 11 de agosto de 2022. Disponível em [https://www.SEBRAE.com.br/sites/PortalSEBRAE/artigos/conheca-caracteristicas-importantes-para-o-comportamento-em-](https://www.SEBRAE.com.br/sites/PortalSEBRAE/artigos/conheca-caracteristicas-importantes-para-o-comportamento-em)

preendedor,638b5d27e8fdd410VgnVCM1000003b74010aRCRD .
Acesso em: 11 de outubro de 2022.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA. **Instrução Normativa/UEPB/GR/001/2020**: disciplina o uso facultativo de tecnologias digitais para ministração de conteúdos vinculados a componentes curriculares de natureza teórica. Campina 2020a. Disponível em: <http://proreitorias.uepb.edu.br/prograd/instrucao-normativa-disciplina-uso-facultativo-de-tecnologias-digitais-para-ministracao-de-conteudos-pedagogicos/> . Acesso em: 05 nov. 2020.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA. **RESOLUÇÃO/UEPB/CONSEPE/0229/2020**: Estabelece normas para a realização de componentes curriculares, bem como outras atividades de ensino e aprendizagem, orientação, pesquisa e extensão, por meio de atuação não presencial, na graduação, pós-graduação e no ensino médio/técnico, excepcionalmente durante o período de suspensão das atividades acadêmicas presenciais por causa da pandemia da COVID- 19. Campina Grande, 2020b. Disponível em: <http://transparencia.uepb.edu.br/download/portaria-0018-2020-alteracao-doscalendarios-de-editais-vigentes/> Acesso em: 20 nov. 2020.

VALLE, Paulo Dalla; MARCOM, Jacinta Lucia RizzI. **Desafios da prática pedagógica e as competências para ensinar em tempos de pandemia**. In: PALÚ, Janete (org.) Desafios da educação em tempos de pandemia. Cruz Alta: Ilustração. 2020 p. 139-153.

PLANO DE CLASSIFICAÇÃO DO ARQUIVO DA EECI COMPOSITOR LUIZ RAMALHO-JOÃO PESSOA/PB

Viviane Barreto Motta Nogueira¹
Aline Cristina da Silva²

Introdução

Assim como a humanidade vem sofrendo uma evolução constante nos seus processos e atuações profissionais, não tem sido diferente com a arquivologia onde as mudanças ao longo dos anos, têm sido positivas. Na antiguidade, os arquivos em guardas eram para reivindicação de direitos, no entanto com a evolução do tempo, mais especificamente, entre os séculos XVIII e XIX, os arquivos ganharam valor histórico e imprescindível para as organizações públicas e privadas.

De acordo com Bottino (1994), ainda na antiguidade, os arquivos surgiram quando os indivíduos passaram a registrar seus atos e informações necessárias à sua vida social, política e econômica. Com o crescimento e evolução da escrita e da vida social, o ser humano passou a compreender melhor o valor da informação e, por conseguinte, o valor dos documentos.

Arquivos são locais destinados à guarda ordenada de documentos criados por instituições ou pessoas, no decorrer de suas atividades, buscando a preservação desta documentação como um conjunto e não como unidades isoladas, pois estes na sua maioria servem de prova

-
- 1 (Coordenador) Departamento de Administração e Economia – DAEC Campus I – Campina Grande - Plano de Classificação do Arquivo da Escola Estadual EECI Compositor Luiz Ramalho – João Pessoa/PB (COTA 2020/2021)
 - 2 (Bolsista) Discente do Arquivologia -Campus V – João Pessoa

de transações documentais realizadas e estão relacionados com os direitos e deveres destas instituições ou pessoas (LOPES, 2004, p.1).

A Pandemia da Covid-19 tem imposto ao mundo e às instituições, formas de pensar e se articular em novas rotinas de vida pessoal e convívio social, dessa forma, este estudo se justifica através da importância da aplicação dos conceitos da gestão documental e plano de classificação para ser implantado na Escola Estadual EECE Compositor Luiz Ramalho, reforçando a perspectiva de proporcionar a organização do arquivo escolar e facilitar o acesso aos documentos, pois a ausência do mesmo na sua estrutura administrativa influencia diretamente na tardia resposta às demandas de seus usuários.

A gestão documental qualificada, dentro do ambiente escolar que é grande produtora de documentos, é de extrema importância, sendo necessário buscar meios precisos na gestão de documentos, esclarecer aos órgãos responsáveis sobre a importância do profissional arquivista nesse processo cuja finalidade é promover uma gestão otimizada desses documentos, nos locais que necessitam desta prática.

Outra vertente a ser adotada diz respeito a classificação de documentos que tem que ser pensada no âmbito geral da estrutura escolar visando a organização dos documentos produzidos e recebidos pela Instituição em suas atividades desde a produção até sua recuperação. O objetivo principal da classificação de documentos é a organização e acesso do arquivo, transformando o manuseio desses documentos e sua acessibilidade para que responda de forma eficaz e eficiente aos usuários e conscientizando os órgãos responsáveis, sobre a importância da adoção de um plano de classificação para um bom desempenho funcional, seja ele administrativo, probatório ou histórico.

A necessidade de gestão do ciclo de vida dos documentos, as questões relacionadas com a acumulação documental e o problema

imperativo de determinar qual o destino a dar aos diferentes tipos de documentos, conduzem-nos a considerar a classificação como um elemento fundamental para a definição de prazos de conservação de toda a informação produzida e recebida pelas instituições (GAIATO, 2012, p.14).

A questão central que norteia este estudo se deu junto à Escola Estadual EECI Compositor Luiz Ramalho na busca de soluções para os problemas encontrados dentro dos arquivos da Escola, que foram: a ausência de normas, métodos e procedimentos que resultaram no acúmulo desordenado de documentos desvalorizando-os e transformando-os em meros depósitos. Considerando que o papel da Universidade está voltado para o tripé educacional (ensino, pesquisa e extensão), proporcionando o desenvolvimento das comunidades locais, por meio do binômio: teoria x prática, o objetivo do projeto é implantar um plano de classificação para o arquivo da Escola Estadual EECI Compositor Luiz Ramalho.

O projeto de extensão supracitado foi coordenado e orientado pela autora e contou com uma aluna bolsista e discentes voluntários do curso de Arquivologia (Campus V), que mesmo diante das dificuldades enfrentadas pela Covid – 19, no que concerne ao distanciamento social, desenvolveram um diagnóstico junto a Escola Estadual EECI COMPOSITOR LUIZ RAMALHO, situada no bairro de Mangabeira João Pessoa/PB, através de encontros remotos e presenciais com os gestores a fim de atingir o objetivo proposto, permitindo aos discentes do curso de arquivologia a aplicação dos conceitos assimilados na sala de aula com a prática arquivista, contribuindo para uma melhor formação acadêmica.

Fundamentação teórica

Arquivo Escolar

Segundo Ferreira (2019), constitui-se como Arquivo Escolar o acervo formado pelo conjunto de documentos produzidos e recebidos em decorrência das atividades das unidades escolares, exercidas pelos professores, funcionários, alunos, equipes multidisciplinares, estagiários, pais de alunos e todos aqueles que de alguma forma participam da comunidade escolar. Também são espaços de cultura, memória, conhecimento, ou seja, unidades de informação, que custodiam documentos repletos de informações relevantes e pesquisáveis, que podem construir conhecimento.

A gestão da documentação escolar, dentro do ciclo de vida dos documentos, possibilita a disponibilização da informação corrente, ao mesmo tempo que viabilizam a preservação da memória, testemunho da trajetória do estabelecimento escolar, e comprovam o efeito de suas atividades-fim em determinada comunidade. Os Arquivos Escolares são espaços de memória, fontes de informação, espaços de pesquisa, recursos informacionais produzidos pelo trabalho da equipe escolar (FERREIRA, 2019, p.11).

A gestão documental é realizada baseando-se no ciclo vital dos documentos, mais conhecida como teoria das três idades, na qual são: a corrente, a intermediária e a permanente. Nessas fases ou idades, cada documento terá uma função ou objetivo, ficando assim em cada arquivo por um determinado período e após a passagem desse tempo, passa-se de uma idade para outra. O documento corrente é aquele que é emitido durante o ano vigente, seguindo o calendário oficial. Ao final de cada ano, a secretaria escolar vai transferir os documentos para o nível intermediário, reabrir a numeração de

novas séries correntes. O documento intermediário é aquele que já cumpriu sua função mais imediata, permanecendo em custódia da secretaria escolar, para consulta e função probatória.

Cada tipo de documento possui um período de guarda, determinado pela legislação que rege a atividade documentada. No caso dos documentos escolares, a duração da idade intermediária é de até oito anos após a emissão para séries e até oito anos após a última consulta para prontuários. A partir do final da idade intermediária, os documentos perdem sua função principal, ou seja, seu efeito social e probatório, e passam a configurar a documentação permanente.

Recolhidos ao Arquivo Permanente Escolar, na situação ideal, os documentos passam a ter cuidados especiais, para a proteção de seus suportes originais. A sua ordenação, organização, invólucro e arranjo vão privilegiar a melhor conservação, mas também vão viabilizar a recuperação de cada documento e da informação documental. Os recursos das Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC) apoiam a gestão documental do Arquivo Escolar Permanente, por meio de procedimentos que visam dinamizar a sua consulta, ao mesmo tempo que apoiam a preservação do suporte em papel, que será menos manuseado e melhor armazenado, sendo necessário, portanto o conhecimento voltado para a classificação dos documentos.

Plano de Classificação de Documentos

Conforme Bernardes e Delatorre (2008), em um programa de gestão documental, deverá existir normas para que seja feito uma produção, tramitação, classificação, avaliação de maneira técnica durante todo ciclo de vida do documento (corrente, intermediário e permanente) com prazos estabelecidos em sua guarda e sua destinação final.

O plano de classificação de Documentos de arquivo apresenta os documentos hierarquicamente organizados de acordo com a função,

subfunção e atividade (**classificação funcional**), ou de acordo com o grupo, subgrupo e atividade (**classificação estrutural**), responsáveis por sua produção ou acumulação. (BERNARDES; DELATORRE, 2008, p. 14, grifo nosso)

Ainda de acordo com as autoras, a classificação é um conjunto de operações técnicas que visam agrupar os documentos de arquivos, relacionando-os ao seu órgão produtor e que o instrumento resultante da classificação é o plano de classificação de documentos.

Dessa forma, conforme as autoras (op. cit.), os benefícios e objetivos da classificação: organização e arquivamento correto; recuperação da informação ou do documento; recuperação do contexto original de produção; divisibilidade das funções, subfunções e atividades; padronização de denominação das funções, atividades e tipos/séries documentais; controle do trâmite; atribuição de códigos numéricos; subsídios para o trabalho de avaliação e aplicação da tabela de temporalidade.

Na classificação dos arquivos é necessário que o arquivista tenha conhecimento organizacional dos locais produtores permitindo uma ligação entre setores de maneira orgânica incentivando um melhor desempenho nas equipes de trabalho, racionalizando a produção de documentos. Existem algumas dificuldades encontradas em algumas instituições devido à falta de uma gestão de documentos adequada e a falta de profissionais capacitados na área, ocasionando atraso e dificultando o processo de classificação, organização e destinação, causando uma gestão totalmente equivocada.

No final do século XX, com o avanço da tecnologia, a arquivologia teve que buscar uma renovação na gestão de documentos, e no ciclo vital, sendo preciso avançar nas práticas exercidas. O uso da tecnologia causou um efeito avassalador nas organizações, promovendo desafios aos arquivistas, mudança de seus paradigmas e a busca por atualizações nas novas formas e processos de classificação documental.

Processo de Classificação Documental

O processo de elaboração de planos de classificação não é uma tarefa simples, requer o estudo do histórico, desenvolvimento funcional e estrutural, características dos documentos da instituição ou pessoa produtora e acumuladora dos arquivos e exige a escolha de um método eficaz de classificação arquivística, pelo qual será refletida a forma como os documentos devem ser organizados dentro de uma estrutura, que pode ser funcional, estrutural ou por assunto.

Padilha e Spudeit (2014, p. 132 e 133) afirmam: [...] que os métodos funcional, estrutural e por assunto, são os mais comuns a serem utilizados, sendo que o método funcional é o que parece ser o mais adequado para os variados contextos dos arquivos, por ser flexível e por abrir margem para novas classes a cada nova função e/ou atividade. De uma forma geral, o método funcional é o mais indicado, pois permite uma identificação mais ampla e nele pode-se identificar as séries, subséries e tipos documentais oriundos das atividades.

Na realidade da administração pública, a classificação é feita através do conhecimento empírico, ou seja, àquele que não é feito por arquivistas e consiste basicamente por ato de recebimento e expedição de documentos. É uma prática comum na maioria das instituições públicas e na visão do arquivista é complexa, pois faltam informações que caracterizam a qual função pertence o memorando expedido, qual a sua finalidade, entre outros aspectos a serem considerados na classificação dos documentos.

Mediante esses métodos descritos, percebe-se que a forma “organizada” não corretamente, cabe ao arquivista apresentar os benefícios de uma classificação correta visando possibilitar: automação no procedimento de destinação de documentos; padronização da denominação das funções, atividades, tipos documentais e séries documentais; recuperação do contexto original de produção dos documentos; organização lógica e correto arquivamento

dos documentos; e, agilidade na recuperação da informação ou documento.

A avaliação de documentos de arquivo permite identificar os documentos a serem eliminados de forma criteriosa para que não haja um acúmulo desnecessário, possibilitando a liberação de espaço físico, preservação dos documentos de guarda permanente, estimulando a pesquisa e uso de dados retrospectivos.

Dessa forma, entende-se que o método de classificação do documento escolhido deve ser o mais eficiente, econômico e adaptado para cada instituição, além de ser o mais simples, de fácil compreensão para os usuários, flexível e que permita expansibilidade de incorporação de novas classes e subclasses.

O fator de escolha do método possibilita dentre outros benefícios: fácil compreensão e entendimento pelos usuários quando da recuperação das informações; valorização das funções e necessidades operacionais dos setores aos quais se prestam serviço; separação e segurança para as informações que requerem proteção especial.

Assim, de acordo com Campos (2014), os processos classificatórios dos documentos podem ser definidos como:

- **classificação**, facilitando a identificação e auxiliando na construção de esquemas para agrupar os documentos a partir de princípios estabelecidos;
- **ordenação**, método adotado para agrupar os tipos documentais dentro de suas divisões estabelecidas no esquema de classificação;
- **arquivamento**, é a ação física de colocar em caixas ou pastas orientadas pelo esquema de classificação e ordenação;
- **codificação**, é a posição nos documentos, símbolos correspondentes ao método de arquivamento adotado e, por fim;
- O instrumento utilizado é o **plano de classificação**.

O processo classificatório é dividido em duas partes: intelectual e física. O intelectual refere-se à classificação, ordenação e codificação. A parte física em arquivamento dos documentos onde é determinado pela classificação e ordenação do local a serem arquivados os documentos, resultando em um plano de classificação.

Aspectos metodológicos

Este estudo se classifica quanto à abordagem qualitativa, no que se refere aos propósitos, é de natureza exploratória e em relação aos objetivos é de natureza descritiva, sendo classificado também como uma pesquisa documental. Dessa forma, trata de documentos oficiais, contratos, filmes e fotografias, além de relatórios de pesquisa, relatórios de empresas, tabelas estatísticas, entre outros.

Vale salientar que se procurou descrever a realidade observada e estudada da forma como ela se apresenta, buscando compreendê-la a partir daqueles que se envolveram ou se envolvem no processo documental, para então se chegar a alguma conclusão.

Partindo desses pressupostos, o trabalho desenvolvido iniciou com a revisão da literatura sobre gestão documental e plano de classificação de documentos e a partir do 2º semestre/2020, foi iniciado o levantamento de dados para traçar o diagnóstico dos documentos da Escola Estadual EECI Compositor Luiz Ramalho, por meio informações obtidas através de entrevistas semiestruturadas remotas com o gestor da escola, realizadas pela aluna bolsista e discentes voluntários, evitando a exposição direta dos discentes no período de distanciamento social.

O instrumento utilizado para coleta de dados, durante os anos 2020/2021 junto a Escola Estadual EECI Compositor Luiz Ramalho seguiu o modelo de Campos (2014), cujas etapas compreendem: classificação, ordenação, arquivamento, codificação, resultando no plano de classificação, apresentado nos resultados e discussões.

Cenário do Estudo

O cenário escolhido para as ações extensionistas do projeto foi a Escola da Rede Estadual de Ensino da Paraíba EECI Compositor Luiz Ramalho, inserida na Secretaria de Estado da Educação e da Ciência e Tecnologia, há 36 anos situada no Bairro de Mangabeira I, construindo sua história e contribuindo para a formação de cidadãos críticos e conscientes de seu papel numa sociedade que passa por constantes transformações.

A Escola já ofertou os anos finais do ensino fundamental (à época: 5^a à 8^a série [6^o ao 9^o ano] – 1^o grau) e o Ensino Médio completo (à época: 2^o grau [1^o ao 3^o ano]), o ensino era Regular de forma que os estudos eram em meio período escolar. Atualmente, oferta apenas o Ensino Médio Integral, pois a Instituição passou por uma reformulação, com a criação das Escolas Cidadãs Integrais (ECIs) por meio da Medida Provisória Nº 267 DE 07 DE FEVEREIRO DE 2018.

A Instituição junto com a comunidade escolar lança todos os anos um plano de ação, monitorado bimestralmente, a fim de obter os melhores resultados e também elevar o padrão de qualidade do ensino, buscando sempre atender da melhor maneira possível os alunos. Através de seu histórico pode-se perceber a quantidade de documentos produzidos em uma escola desse porte, por isso, optou-se pela mesma para realizar ações extensionistas e tentar manter o seu contexto de produtividade de documentos devidamente organizados.

Resultados e discussões

Para melhor compreensão das atividades realizadas durante o projeto de extensão (COTA 2020/2021), esta seção foi dividida em 2 partes, onde na primeira serão apresentadas a parte relativa à gestão documental dos arquivos da Escola EECI Luiz Ramalho e as ações desenvolvidas no ano de 2020 e, em seguida, a descrição da

proposta e implantação do plano de classificação documental realizada em 2021.

Parte 1 - Gestão Documental (2020)

Inicialmente, foi plantada uma semente positiva junto aos gestores da escola quanto a importância de um arquivo organizado, classificado e estruturado, ressaltando a importância de ser respeitado a ordem da produção dos documentos e a hierarquia das funções dentro de uma escola, e como consequência, mudando um paradigma que existe dentro de uma mentalidade ultrapassada que arquivos são meros papéis velhos e esquecidos.

O diagnóstico do arquivo é a análise básica das informações contidas nos documentos. Isso significa não apenas analisar do que se trata o arquivo em si, mas, sim, saber o seu estado físico, localização, condições em que eles se encontram nos setores e a frequência de consulta dessas informações. (ACERVO, 2022, p.1)

Nesta etapa inicial, Oliveira e Melo (2010), corroboram com a importância que os gestores devem ter com os documentos e arquivos das Instituições:

Com a gestão de documentos pode-se observar os benefícios proporcionados à organização e à recuperação dos documentos produzidos e recebidos com o fluxo da massa documental controlada, evitando acúmulo de documentos sem valor de guarda, que serão eliminados do acervo. (OLIVEIRA; MELO, 2010, p.1).

Mesmo diante da situação pandêmica vivenciada por toda a humanidade no ano de 2020, as ações de extensão definidas para

serem aplicadas na Escola Estadual EECI Compositor Luiz Ramalho, foram redefinidas pela coordenadora do projeto junto aos discentes (bolsista e voluntários), por meio de encontros remotos, e, portanto, pode-se desenvolver as ações elencadas abaixo:

- Levantamento de dados, estrutura, funções e atividades desenvolvidas na Escola, visando construir um diagnóstico situacional dos arquivos, onde foram traçados o perfil do arquivo; verificado a existência ou não de um plano de classificação de documentos; constatado o uso da tabela de temporalidade em toda a instituição; verificado o processo de avaliação documental utilizado; identificado as condições físicas de armazenamento dos documentos no arquivo.
- Análise dos dados coletados junto aos gestores e arquivos da Escola a fim de criar uma proposta de classificação dos documentos e arquivos da escola e, posteriormente, sua implantação.
- Criação de estratégias para realização de um plano de limpeza e separação da documentação da Escola, observando os critérios de classificação e utilizando equipamentos de proteção individual-EPI's, como: máscaras, toucas, batas e luvas.
- Elaboração de planilhas para controle dos arquivos, considerando todos os critérios de organização e controle.

Após a realização das ações extensionistas durante o ano 2020, a equipe do projeto (coordenação, bolsista e voluntários do Projeto), realizou uma reunião avaliativa, sendo unânime a necessidade de se propor e implantar um plano de classificação para os documentos da Escola Estadual EECI Luiz Ramalho.

Implantação do Plano de Classificação (2021)

A partir da reabertura de algumas escolas por parte dos municípios e estados, durante o ano de 2021, os alunos (extensionistas), puderam realizar visitas técnicas *in loco* no setor de arquivo da Escola, utilizando os equipamentos de proteção individual - EPIs necessários, a fim de coletar dados sobre: a organização documental, a tipologia e função dos documentos e, assim implantar, por meio da gestão documental, o plano de classificação para melhoria da massa documental e arquivos da Escola Estadual EECI Compositor Luiz Ramalho.

Corroborando com esse pensamento, ESESP (2018, p. 5), afirma:

O Plano de Classificação é a representação lógica da estrutura e do funcionamento da organização. Por isso, o arquivo organizado de acordo com a classificação proposta assemelha-se a um espelho que reflete a imagem da organização com toda fidelidade. (ESESP, 2018, p. 5)

As ações de extensão realizadas pelos discentes, continuaram sob a coordenação da docente, autora do projeto, tendo avanços significativos e, considerando os protocolos de segurança, foi dado prosseguimento às atividades de extensão junto a Escola Estadual EECI Compositor Luiz Ramalho, seguindo a ordem de classificação já pré-determinada, onde foi possível realizar atividades como:

- Limpeza do ambiente onde se encontra arquivo intermediário da instituição.
- Criação de um plano para limpeza e separação da documentação
- Separação das caixas arquivos e limpeza individual da documentação.

- Retirada de grampos, criação de cintas, separação em menor quantidade para manter a integridade dos documentos e armazenamento nas caixas arquivos.
- Ordenação dos documentos seguindo as normas de classificação.
- Implantação do plano de classificação dos arquivos da Escola Estadual EECI Compositor Luiz Ramalho.

As etapas acima desenvolvidas, corroboram com as autoras Bernardes e Delatorre (2008), quando afirmam que a classificação é um conjunto de operações técnicas que visam agrupar os documentos de arquivos, relacionando-os ao seu órgão produtor e que o instrumento resultante da classificação é o plano de classificação de documentos.

O método utilizado possibilitou fácil compreensão e entendimento pelos usuários no que concerne a recuperação das informações; valorização das funções e necessidades operacionais dos setores aos quais se prestam serviço; separação e segurança para as informações que requerem proteção especial. Como se pode perceber, a aplicação da teoria sobre gestão documental escolhida neste estudo, buscou ser a mais eficiente, econômico e adaptado para organização, possibilitando a implantação de um plano de classificação para o arquivo da Escola Estadual EECI Compositor Luiz Ramalho de fácil compreensão para os usuários, flexível e que permite expansibilidade de incorporação de novas classes e subclasses.

Pode-se demonstrar para a Escola Estadual EECI Compositor Luiz Ramalho que, embora exista uma massa documental excessiva no ambiente estudado, manuseadas de forma desnecessárias, devido à falta de capacitação dos atuais responsáveis pelo setor de arquivo da escola, a gestão documental é imprescindível para a execução de um plano de classificação eficiente dentro de um arquivo, com um retorno estrutural, financeiro e sustentável eficaz, tendo

em vista que um arquivo bem estruturado, traz benefícios diretos para a Instituição, e para seus usuários.

Espera-se, que o plano de classificação adotado pela escola, seja acessível e incentive os gestores a zelar pela documentação escolar, transformando o arquivo escolar permanente em uma unidade de informação viva, ativa e disseminadora da memória institucional na comunidade servida e entre os pesquisadores, estudiosos, gestores e dirigentes da Educação.

Deseja-se que este plano de classificação seja o ponto de partida para a busca de uma gestão de arquivos escolares eficientes na instituição e disponibilize informações com qualidade, garantindo pleno acesso aos documentos públicos, destaque o papel da administração pública e dos gestores escolares como atores na construção de arquivos escolares capazes de preservar a memória da sociedade, favorecendo a tomada de decisões e a boa gestão das instituições pública escolares, além de diminuir a distância entre o cidadão e a escola, aumentando a confiança da sociedade no serviço público.

Considerações finais

O objetivo deste projeto de extensão foi implantar um plano de classificação para o arquivo da Escola Estadual EECI Luiz Ramalho. É válido ressaltar que o referido plano permitirá aos discentes do curso de Arquivologia a aplicação dos conceitos assimilados na sala de aula com a prática arquivística e, conseqüentemente, contribuirá para uma melhor formação acadêmica.

Durante as atividades de extensão desenvolvidas no biênio 2020/2021, foi possível conscientizar os gestores, arquivistas, técnicos em arquivologia e estagiários da Escola Estadual EECI Compositor Luiz Ramalho, sobre a importância e benefícios da implantação do plano de classificação dos arquivos escolares, considerando que uma administração planejada, organizada, dirigida e controlada, faz com que os documentos sejam manuseados

corretamente e seu acesso seja garantido tanto para os usuários internos, quanto para os externos sem complicações.

Apesar das limitações e adaptações sofridas nas ações de extensão, provenientes basicamente da pandemia da Covid-19, a exemplo do fechamento das escolas e distanciamento social, pode-se afirmar que foi possível realizar a gestão documental e a implantação do plano de classificação para os arquivos da Escola Estadual EECI Compositor Luiz Ramalho com êxito, proporcionando uma conquista e visão prática para os gestores da Escola e discentes do curso de Arquivologia da UEPB.

Este estudo representou uma tentativa de ampliar a discussão na comunidade científica para que o direito de acesso aos documentos de arquivos públicos escolares seja assegurado. O que pressupõe arquivos organizados, pessoal qualificado, recursos financeiros, legislação adequada e específica que conservem os documentos escolares, além de programas de preservação de documentos.

Como sugestão para estudos futuros, deve-se realizar um estudo específico que trate da destinação/eliminação dos arquivos da referida escola, com a atuação de arquivistas e técnicos, bem como de estagiários do curso de Arquivologia, a fim de desenvolver e promover a gestão documental integrada dentro do ambiente escolar como um ato de utilidade pública, beneficiando os usuários e facilitando o acesso de forma rápida, fator extremamente importante para o controle dos arquivos no âmbito geral das instituições de ensino públicas.

Referências

ACERVO. **Você Sabe o que é e como é feito o Diagnóstico do Arquivo?** Disponível em: <https://acervonet.com.br/>. Acesso em: 28 fev. 2021.

BERNADES, Ieda Pimenta; DELATORRE, Hilda. Arquivo Público do Estado de São Paulo **Gestão de Documentos Aplicada**. São Paulo: 2008.

BOTTINO, Mariza. Interface arquivologia diplomática: alguns aspectos para discussão. In: **CONGRESSO BRASILEIRO DE ARQUIVOLOGIA**, 10., 1994, São Paulo. Anais... São Paulo, 1994, 21 p.

CAMPOS, Michael Marinho. **Classificação Arquivística em Estudo: uma Análise do Código de Classificação da Tabela de Temporalidade relativos às Atividades-Fim das Instituições Federais de Ensino Superior - IFES**. Monografia (Curso Superior de Bacharel em Arquivologia) - Universidade Federal Fluminense, Faculdade de Arquivologia, Niterói, 2014. 108p.

ESESP. **Elaboração de Plano de Classificação e Tabela de Temporalidade**. Apostila 2018. Disponível em: <https://esesp.es.gov.br>. Acesso em: 20 dez. 2020.

FERREIRA, Shirley dos Santos. **Manual de gestão documental de arquivo escola permanente** / Shirley dos Santos Ferreira; orientadora Profa. Dra. Valéria Aparecida Bari - São Cristóvão, 2019.

GAIATO, Susana Helena Corraleira. **Desenvolvimento de um Plano de Classificação Funcional para Instituições de Ensino**. Lisboa, 2012. Disponível em: https://repositorio.ul.pt/bits-tream/10451/10161/1/ulfl130722_tm.pdf. Acesso em: 12 nov. 2020.

LOPES, Uberdan dos Santos. Arquivos e a Organização da Gestão Documental. **Rev. Acb: Biblioteconomia em Santa Catarina**, Florianópolis, v. 1, n. 9, p.113-122, jan. 2004. Disponível em: <https://revista.acbsc.org.br>. Acesso em: 23 nov. 2020.

OLIVEIRA, Adriana Simplício. MELO, Denise Gomes Pereira de. A Importância da Gestão Documental para as Instituições. **Rev. Biblionline**, v.6, n. 2, jul./dez. 2010. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/>. Acesso em: 15 maio. 2020.

PADILHA, Tamara de Souza; SPUDEIT, Daniela Fernanda Assis de Oliveira. Plano de classificação de documentos: análise das metodologias utilizadas por instituições brasileiras. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, v. 10, n. 2, 2014. Disponível em: <https://brapci.inf.br/>. Acesso em: 08 dez. 2021.

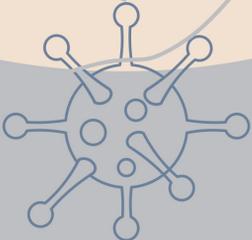
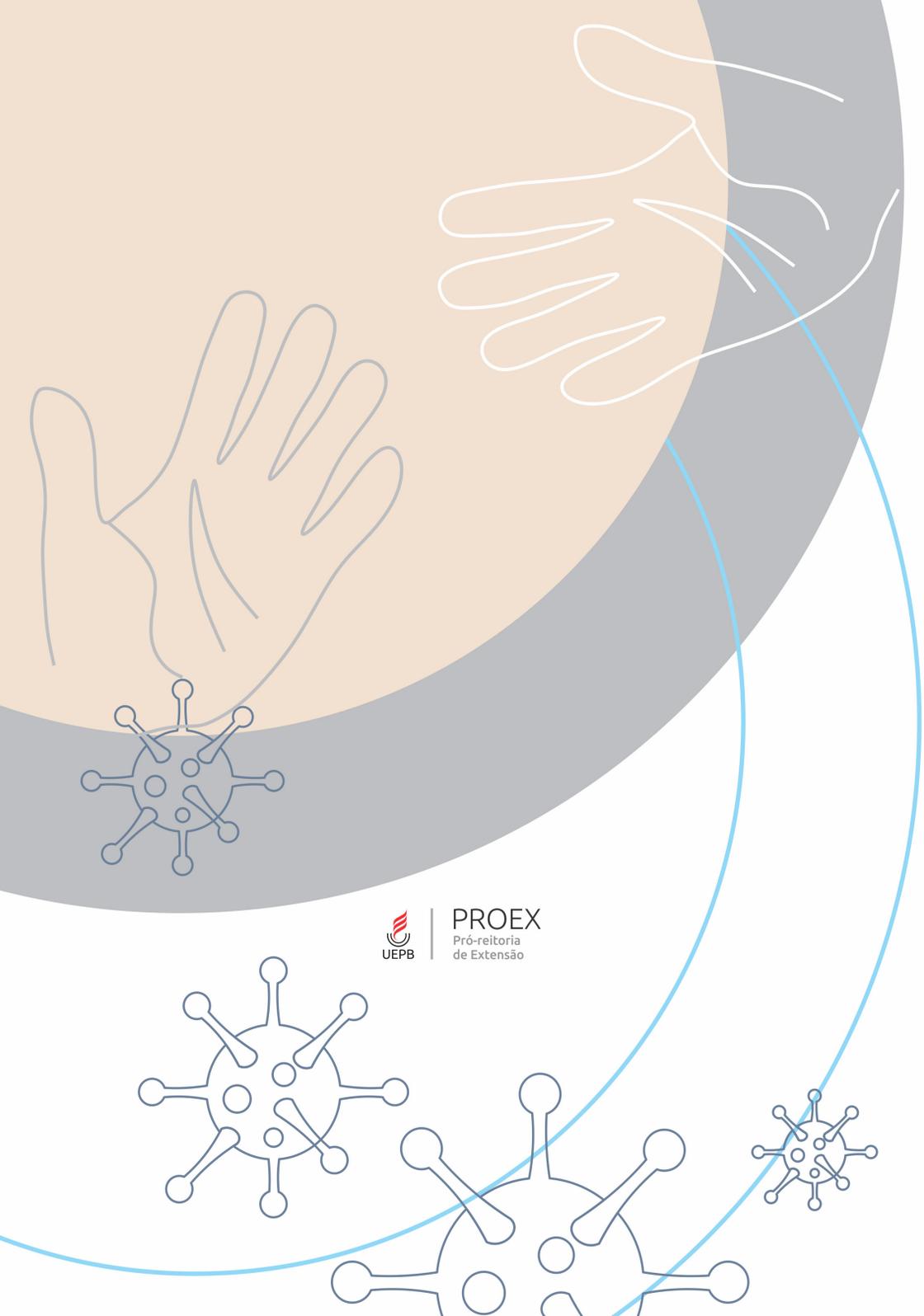
Sobre o livro

Projeto Gráfico e Editoração Leonardo Araújo

Formato 15 x 21 cm

Mancha Gráfica 11 x 16,8 cm

Tipologias utilizadas Caladea 11 pt



PROEX
Pró-reitoria
de Extensão

